



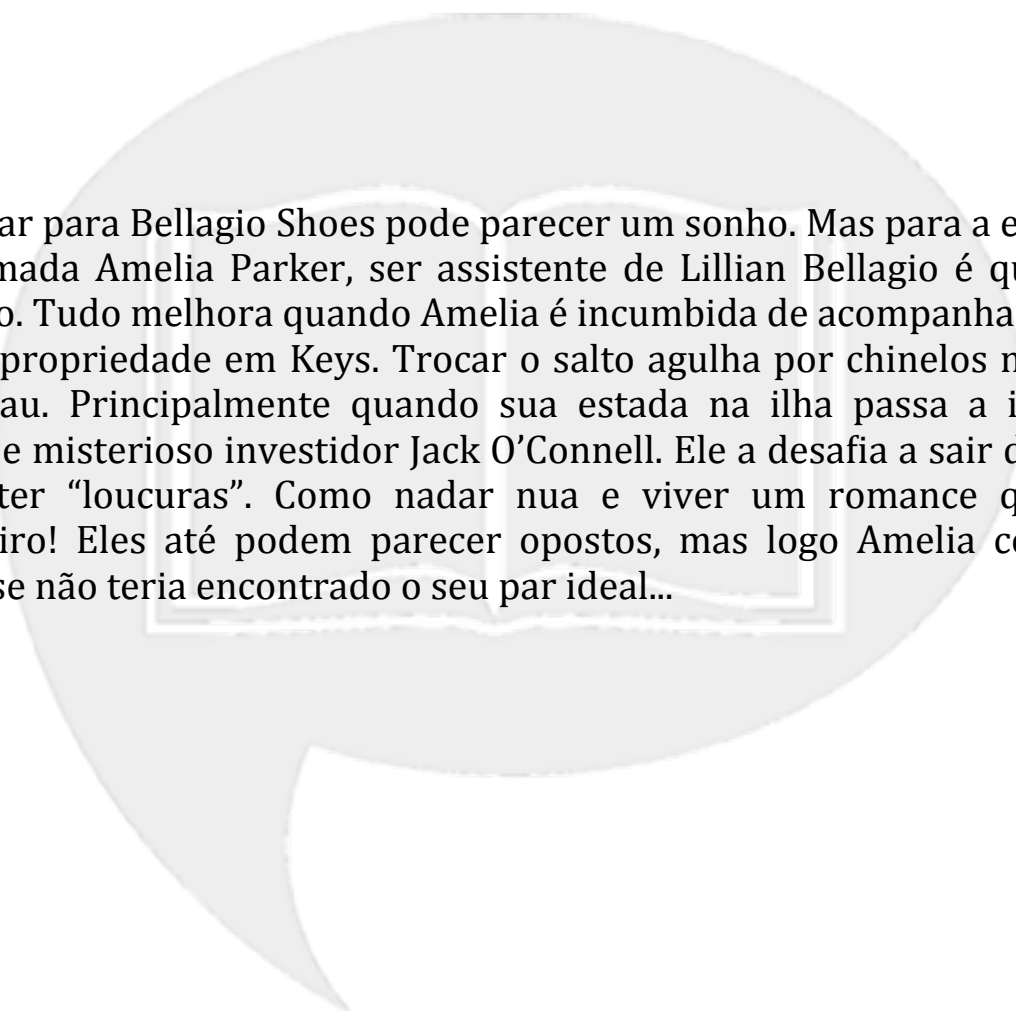
PAR IDEAL

Leanne Banks

Autora Bestseller
do *USA TODAY*







Trabalhar para Bellagio Shoes pode parecer um sonho. Mas para a exausta e subestimada Amelia Parker, ser assistente de Lillian Bellagio é quase um pesadelo. Tudo melhora quando Amelia é incumbida de acompanhar a chefe até sua propriedade em Keys. Trocar o salto agulha por chinelos não seria nada mau. Principalmente quando sua estada na ilha passa a incluir o sensual e misterioso investidor Jack O'Connell. Ele a desafia a sair da rotina e cometer "loucuras". Como nadar nua e viver um romance quente e passageiro! Eles até podem parecer opostos, mas logo Amelia começa a pensar se não teria encontrado o seu par ideal...

CAPÍTULO 1

Definição segundo o dicionário:

Salto (substantivo) – Porção saliente acrescentada à sola dos calçados sob o calcanhar.

Definição segundo Amelia Parker:

Salto (substantivo) – Movimento brusco que se faz para fugir de um cara desprezível que rouba seu coração e o parte em mil pedaços.

AMELIA SENTIA-SE tão eufórica que mal podia respirar. Muito menos desfrutar do delicioso jantar que compartilharia, em breve, com Will, o chefe dele e a esposa, no fabuloso restaurante em Buckhead.

Seu ex-noivo, William, estava prestes a se tornar seu noivo outra vez, e o mundo voltaria a ser maravilhoso. Desejou poder passar algum tempo a sós com ele antes do jantar, mas Will viria direto do aeroporto.

Mais tarde teriam tempo para uma doce reconciliação. Já havia planejado tudo. Lutando contra o frio que sentia na barriga, desceu a escadaria da mansão histórica que pertencia à sua senhoria, que se casara há pouco tempo, Aubrey Carter Elizabeth Roberts Gordon.

– Está linda, querida. Ele vai se arrepender de cada minuto que passou sem você – disse a mulher. – E, se não o fizer, Harold vai...

– Dar uma surra nesse rapaz como ele nunca levou na vida – concluiu Harry.

Aubrey tentou demonstrar um ar de reprovação, mas um sorriso escapou de seus lábios. Mesmo sendo completamente opostos um do outro,

o casal de meia-idade era uma fonte constante de divertimento e incentivo para Amelia. Harry era um homem tosco e astuto que enriquecera vendendo trailers, e Aubrey era a quintessência da perfeição, uma mulher refinada, nascida e criada em Atlanta. Quem poderia imaginar que os dois se apaixonariam e se casariam um mês após se conhecerem? E, se Harry e Aubrey conseguiram dar certo, então o mesmo poderia acontecer com ela e Will.

– Está tudo pronto? – perguntou Aubrey.

Amelia assentiu.

– Velas esperando para serem acesas. Assei a torta preferida dele, comprei o vinho de que ele gosta e coloquei o CD com sua música country predileta no aparelho de som.

– Vai deixá-lo boquiaberto – assegurou Aubrey.

– A torta está cheirando bem. Tem certeza de que não quer que eu a prove? – perguntou Harry.

Aubrey deu um tapinha de brincadeira no marido.

– Pare de provocá-la. Não vê que ela está nervosa?

– Estou mesmo com boa aparência? Este é o vestido preferido dele. E estou usando seu perfume favorito também. Ele sempre disse que gostava do meu cabelo deste jeito. – Amelia levou a mão ao cabelo cuidadosamente alisado.

– Você está linda – disse Harry, afagando-lhe a mão. – E mais importante do que cabelo ou perfume é o fato de você ser uma excelente companhia. Lembre-se disso.

– Obrigada.

– Estaremos na outra ala da casa – informou Aubrey. – Portanto, não se preocupe em fazer apresentações se Will vier para cá esta noite. Podemos deixá-las para depois.

Sentindo uma onda de gratidão, Amelia cedeu ao impulso de abraçar Aubrey.

– Muito obrigada – agradeceu mais uma vez e partiu para o restaurante.

Sua mente girava a mil por hora durante o trajeto. Não sabia ao certo como sobrevivera os últimos 45 dias sem Will. Mal conseguia se lembrar de uma época em que ele não fizera parte de sua vida. Ele a havia pedido em casamento no playground, quando cursavam a escola primária, e desde então jamais se separaram.

Assistindo a tantos casais romperem ao longo daqueles anos, sempre se sentiu como se vivesse um conto de fadas. Ela e Will se conheceram tão jovens! Era um alívio ter esse aspecto de sua vida bem resolvido.

Amelia sentiu uma pequena onda de mal-estar com o pensamento, mas recusou-se a valorizá-la. Will havia terminado com ela duas vezes nas últimas seis semanas, então se arrependera e lhe pedira para aceitá-lo de volta. E ela o fizera. Havia duas semanas, porém, ele lhe dissera que queria dar um tempo no relacionamento dos dois, e mais uma vez tudo deixara de fazer sentido.

Estava preparada para pôr as coisas nos eixos outra vez. Seu único pesar era que teria que se demitir da empresa de designer de calçados Bellagio, Inc. Perderia seus novos amigos. No entanto, aprendera, há muito tempo, que o verdadeiro amor exigia sacrifícios.

Amelia parou o carro no estacionamento do famoso restaurante e se dirigiu à entrada, na esperança de ver William na porta, mas ele não estava lá. Ao se aproximar, falou com o *maître* e foi levada a um salão nos fundos do restaurante, onde um casal e Will, mais belo do que nunca, se encontravam sentados em uma pequena mesa redonda. Will olhou para ela e se levantou.

– Amelia, aí está você – disse ele, mal a tocando nas costas. – A sra. Fitzgerald está morrendo de vontade de conhecê-la. É uma ardorosa fã dos calçados Bellagio.

Amelia sentiu uma estranha sensação se intensificar em suas terminações nervosas quando Will a apresentou simplesmente como Amelia Parker, não como Amelia Parker, sua noiva. Ele não a beijou nem lhe tocou a mão durante a refeição. Embora educado, parecia distante.

Mesmo sentindo um aperto no peito, ela conseguiu manter uma conversa amigável. Ao término da refeição, no entanto, não conseguia parar de se perguntar por que Will agia de modo tão frio, quando insistira tanto para que ela comparecesse àquele jantar. Alegara ser importante para ele, então, é claro, ela não poderia deixar de vir.

Ouvindo cada tique-taque do relógio, Amelia recusou a sobremesa e desejou saber se deveria pedir licença e sair. A sra. Fitzgerald salvou-a do dilema ao receber um telefonema da babá, dizendo que seu filho estava com febre. O casal depressa se desculpou e partiu, deixando-a sozinha com Will. Finalmente.

– Deixe-me levá-la até seu carro – disse Will. Seu silêncio enquanto a acompanhava até o estacionamento fez o peito dela apertar ainda mais. Amelia mordeu o lábio.

– Eu não sabia onde você planejava ficar esta noite.

Ele deu de ombros.

– Reservei um quarto em um hotel no centro da cidade, já que passarei apenas esta noite aqui. Acho que devemos conversar – disse ele, ao lhe abrir a porta do carro.

Amelia teve uma súbita sensação de pavor, a mesma, podia apostar, de uma pessoa sendo levada à guilhotina. Experimentara essa sensação quando ele terminara com ela antes. Não podia se enganar por mais tempo. Will a deixaria de uma vez por todas. *Talvez não*, seu lado ingênuo esperançoso argumentou de modo inconsistente.

Mas, no fundo, ela sabia. Receberia o maior fora de sua vida e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ela afundou cegamente no assento do motorista. Will deslizou para o banco do passageiro e se virou de frente para ela. Em seguida, suspirou. Aquele suspiro sempre fora um mal sinal.

– Não sei como lhe dizer, mas não a amo mais.

Amelia sentiu o coração cair nos pés. Não. Na verdade, parecia estar abaixo do chão. Will jamais havia colocado as coisas daquela forma antes. Ela sacudiu a cabeça, abriu a boca, mas não conseguiu encontrar as palavras.

– Não sei como aconteceu, mas me apaixonei por outra pessoa – continuou ele.

O cérebro de Amelia parou de modo abrupto.

– O quê? Existe outra pessoa?

Ele deu de ombros.

– Não pretendia deixar de amá-la, bicho-papão – disse ele, o apelido carinhoso de repente irritando os nervos tensos de Amelia. – É que conheci a Sidney e me apaixonei. Ela é tudo que você não é.

Amelia sentiu como se alguém estivesse mudando suas engrenagens internas sem o benefício de uma embreagem.

– Ela é tudo que eu não sou – repetiu, confusa. – Pensei que eu fosse tudo o que você queria.

– Não sei explicar. Ela é ambiciosa como eu, sempre faz algo que me surpreende. É impulsiva, geniosa, mas me faz sentir vivo a cada minuto.

Amelia sentiu dificuldade para digerir aquelas palavras. Não podia acreditar no que Will estava dizendo.

– Será que não reparou que arrumei meu cabelo do jeito que você sempre disse que gostava? – perguntou. – Coloquei o vestido que mais o agradava. Você não percebeu? Estou usando seu perfume favorito.

Ele meneou a cabeça.

– Desculpe, Amelia. Simplesmente não sinto mais nada por você. – Ele exalou outro suspiro. Ela odiava aqueles suspiros. – Querida, acho que eu amadureci.

Amadureceu. O medo cedeu lugar à fúria. Um pouco de orgulho e autopreservação irromperam de seu desespero. Ela havia feito sacrifícios por Will. Trocara uma bolsa de estudos em uma universidade de prestígio por uma em uma faculdade estadual, onde Will teria chance de ser admitido, também. Cortara e tingira o cabelo para agradá-lo, vestira-se de acordo com os gostos dele, colocara suas ambições profissionais no banco de espera por ele. Concordara em adiar o casamento para que pudessem ter uma situação financeira mais estável.

Pela primeira vez, experimentava o desagradável sentimento de que fizera sacrifícios demais.

– Importa-se de me dar uma carona até o hotel? – perguntou ele. – Sei que precisa de tempo para pensar sobre tudo que lhe falei. Pode ir em frente e me devolver o anel, também – acrescentou em um tom casual. – E, bicho-papão, sempre seremos amigos.

Amelia sentiu algo mudando em seu interior. Quase podia ouvir o som de pedras raspando umas contra as outras. Foi monumental. A maior parte de sua vida baseou-se no plano de que ela e Will ficariam juntos para sempre. Esse plano acabara de ser cancelado definitivamente. Após seis semanas de enrolação, ela podia dizer que Will não a queria mais, mesmo tendo se esforçado ao máximo para que ele a amasse.

Para ser honesta, já sabia disso há algum tempo, mas admitir a aterrorizava. Tudo havia mudado. Tudo seria diferente. Mas seu coração estava batendo. Continuava a respirar. Seu cérebro continuava trabalhando. Ainda estava viva. Riu aliviada. Talvez a antecipação tivesse sido pior do que a realidade.

Amelia olhou para Will, realmente o fitou, sem o véu do amor lhe toldando os olhos. Ele tinha uma conversa boba, mastigava com a boca

aberta e a apressava durante o sexo. Escolhera o anel de noivado com base em seu gosto, não no dela, e era avarento.

Retirou o anel de noivado do dedo e o entregou a ele.

Em seguida, ligou o motor do carro.

– Procure outra carona e arrume outra amiga.

– Mas...

– Sem mas – disse ela. – Saia do meu carro.

Fitando-a como se ela tivesse uma terceira cabeça, Will obedeceu.

Ainda atordoada, Amelia voltou para a suíte na casa de Aubrey, onde quebrou o CD favorito de Will em milhões de pedaços, derramou a garrafa de seu vinho predileto na privada e deu a torta a um comovido, mas agradecido, Harry.

AMELIA PRESERVOU sua raiva o quanto pôde. Raiva, decidiu, era bem melhor que tristeza. Raiva tinha energia e a impedia de ficar chorando pelos cantos. Raiva era poderosa, ardente e brilhante. Enchia suas entranhas perplexas como fogos de artifício no céu negro em um Quatro de Julho.

O problema era que nunca fora capaz de conter a raiva por muito tempo. Sempre lhe pareceu um desperdício estúpido de energia. Então, quatro dias após Will jogar a grande bomba sobre ela, a dor substituiu a raiva em seu interior. Sentia-se vazia e triste.

Sua mãe sempre dizia que a melhor maneira de lidar com o sentimento de tristeza era assar uma torta para alguém. Concentrar-se em outra pessoa ajudava a se sentir melhor sobre si mesma. Até a própria Bíblia pregava: é melhor dar do que receber.

Muito mais fácil, também, Amelia decidiu, e começou a assar algumas tortas. Assou tortas por trinta dias seguidos, até sua chefe e amiga, Trina Roberts, chamá-la em um canto e gentilmente encaminhá-la a um psiquiatra.

O bom homem calvo a ouviu, meneou a cabeça e disse-lhe que ela precisava experimentar mais. Amelia realmente não entendeu o que aquilo significava.

Durante a visita seguinte, o psiquiatra disse que ela precisava ser benevolente consigo mesma.

– Você não poderá amar verdadeiramente outra pessoa sem se amar primeiro – aconselhou-a sabiamente. – Parece que você se esqueceu de

quem realmente é ao se esforçar tanto para agradar Will. – Ele ainda citou um trecho da Bíblia. – *Ame ao próximo como a si mesmo*. Isso significa que você precisa amar a si mesma, também.

Embora Amelia soubesse que seu pai tacharia o psiquiatra de maldito liberal, aquele conselho fazia um pouco de sentido.

Quando não conseguiu descobrir como amar a si mesma, o psiquiatra a orientou. Precisava escrever sobre o que ela gostava e o que não gostava, coisas que queria experimentar. Foi assim que começou a lista. O primeiro item era viver na praia em algum momento. E, estudando o que havia escrito, decidiu que estava na hora de começar uma vida, a própria vida. Finalmente.

CAPÍTULO 2

Três semanas depois.

BEBENDO A segunda cerveja, Jack O'Connell observou a pequena loira na outra extremidade do bar, enquanto ela escrevia em um guardanapo e tomava goles de uma bebida com um guarda-chuva colorido.

Em meio às beldades bronzeadas, que expunham centímetros de pele, ela parecia um peixe fora d'água, puxando a alça do vestido para cima. Sua pele era branca como alabastro. Pobrezinha, pensou ele, provavelmente torraria ao sol.

A determinação com que escrevia naquele guardanapo o deixou curioso, o que só tornou mais evidente o tempo que ele tinha sobrando. Férias o deixavam nervoso. Sempre imaginou que, se tirasse alguns dias de folga, sentiria falta de algo. Mesmo estando ali para preparar o caminho para o maior negócio da sua vida, dispunha de bastante tempo vago para preencher.

Olhou para a loira outra vez, imaginando qual seria a sua história. Então, notou uma carteira no chão próximo aos pés dela e se perguntou se pertenceria a ela. Cedendo à curiosidade, caminhou em sua direção, pegou a carteira e sentou no banquinho ao seu lado.

– Isto é seu?

Ela olhou para cima, os olhos azuis arregalados de surpresa.

– Ah, meu Deus! Sim, obrigada.

– Jack O'Connell – disse ele, apresentando-se.

– Amelia – respondeu ela, hesitante.

– Amelia – repetiu ele e sorriu, gostando do modo como o nome soava em sua boca. Ela lembrava uma magnólia branca. – O que uma jovem bonita do Sul, bem-educada como você, está fazendo em um tiki bar de Florida Keys sozinha?

– É a primeira vez que tive a chance de sair. E este é meu primeiro hurricane – acrescentou ela, apontando para a bebida.

– E o que achou?

– Tem gosto de ponche de frutas. Com algumas doses extras de rum. Ele riu.

– Esse ponche é 75,5 por cento puro álcool. E o guardanapo? É uma nova emenda à Constituição que está escrevendo? Parece muito importante.

Jack observou com surpresa e alegria um tom de rosa inundar as bochechas dela. Um rubor. Não conseguia se lembrar da última vez que vira uma mulher adulta corar.

– Bem, uma parte é uma lista de presentes de aniversário que preciso comprar e colocar no correio para minha sobrinha e sobrinho, porque não estarei em casa no aniversário deles.

– E a outra parte?

– É uma, hã... lista de coisas diferentes a fazer – disse ela e tomou um gole da bebida. – Minha vida sofreu uma reviravolta nos últimos tempos, e por essa razão estou fazendo uma lista.

– Parece uma boa ideia. E beber o seu primeiro hurricane consta da lista?

Ela hesitou. Em seguida, seus lábios se curvaram lentamente em um sorriso.

– Acho que na minha lista mental.

– Deveria colocá-lo na lista escrita, também. Porque depois poderia marcá-lo como cumprido. E, a cada vez que marca algo como cumprido, experimenta um sentimento de realização. É verdade – acrescentou ele diante do seu olhar curioso. – Faço listas também. A mais recente inclui observar o sol se pôr quantas vezes for possível e não o ver nascer, porque me diverti horrores na noite anterior. Aumentar meu repertório de letras decoradas de Jimmy Buffet e estabelecer um novo recorde pessoal sobre quantos minutos mantenho uma cerveja na mão durante 24 horas.

O sorriso de Amelia se alargou.

– Não sei se posso colocar tudo isso na minha lista porque não estou de férias.

– Está trabalhando *aqui*?

Ela assentiu com a cabeça.

– Trabalho para a Bellagio, a empresa de confecção de calçados, e estou aqui como assistente temporária de Lillian Bellagio. Ela é a viúva de um dos fundadores da empresa.

A menção da palavra Bellagio fez a frequência cardíaca de Jack disparar. O nome sempre tinha esse poder. Que irônico ela trabalhar lá. E que... oportuno.

– Parece um trabalho agradável.

– Sim e não. A sra. Bellagio é conhecida como uma mulher inovadora e, às vezes, exigente. Foi por esse motivo que me enviaram para cá. Antes de me tornar funcionária efetiva da Bellagio, trabalhei como temporária em quase todos os departamentos da empresa. Sempre me mandam apagar o incêndio mais recente.

– Então, aposto que sabe bastante sobre o funcionamento interno da Bellagio.

Amelia deu de ombros e tomou um longo gole do hurricane. Jack percebeu que o copo estava quase vazio. Fez um gesto em direção ao barman para lhe trazer outro e terminou de beber sua garrafa de cerveja.

– Se decidiu trabalhar na Bellagio em tempo integral, deve gostar deles.

Ela assentiu com a cabeça.

– Gosto das pessoas de lá. Eles realmente investiram bastante em mim. É um alívio saber que, mesmo minha vida pessoal estando um lixo, ainda posso me realizar profissionalmente.

– Um lixo? – repetiu ele. – É essa a razão para a lista?

Ela o fitou insegura.

– Acho que sim.

– O que escreveu aí?

Ela segurou o guardanapo de modo protetor.

– Ainda está em fase de elaboração.

– Ora, vamos. Dê-me algumas dicas. Talvez eu possa ajudar.

Amelia lançou-lhe um olhar cauteloso e tomou um gole da bebida recém-servida.

– Por favor, não me leve a mal. Foi muita gentileza da sua parte me pagar uma bebida, mas eu não o conheço.

– E está com medo de que eu a embebede e me aproveite de você.

As bochechas dela coraram outra vez.

– Eu não disse isso.

– Amelia, quer saber a verdade?

Ela assentiu com a cabeça.

– Estou entediado. Você parecia a pessoa mais interessante no local.

Amelia olhou ao redor, em seguida reencontrou o olhar dele.

– Há algumas moças muito bonitas aqui.

– Sim, mas não parecem interessantes. Você é bonita e interessante.

Ela hesitou, ainda visivelmente insegura.

– Ouça – disse ele. – Você está em Keys. Não há problema em se divertir um pouco.

Amelia exalou um suspiro profundo e ele ouviu a tensão ser liberada como o ar escapando de um pneu furado.

– Quero um carro diferente – disse ela, endireitando os ombros. – Quero viajar. Começar a pagar uma aposentadoria privada. Fazer um corte de cabelo diferente, talvez mudar a cor, comprar algumas roupas diferentes.

– Tudo tem que ser diferente? Que tipo de carro você tem?

Quando ela revelou a marca, ele perguntou:

– O que há de errado com ele?

– Meu ex-noivo escolheu.

– Ah – disse Jack e se repreendeu por não descobrir antes. Ela estava se recuperando de um rompimento. Os sinais clássicos eram evidentes: bebida alcoólica, vestido frente única, desconfiança em relação ao sexo oposto. – Não é um carro ruim.

– Eu sei. É econômico, não dá muito problema, tem um bom valor de revenda.

– Prático demais para você? É uma mulher mais prática ou gosta de correr riscos?

Ela exalou outro suspiro e franziu a testa.

– Até agora, tenho sido muito prática.

Não parecia feliz com a revelação.

– Está tocando Van Morrison – disse ele. – Quer dançar?

Amelia pareceu surpresa com o convite, depois hesitante e, em seguida, um pouco ousada.

– Sim, eu gostaria, obrigada.

Jack a conduziu até a areia que servia de pista de dança e a guiou no ritmo da música. Ela tropeçou algumas vezes, rindo de si mesma. O som excitante despertou algo dentro dele. Os seios macios de Amelia roçavam em seu peito e ele sentiu o sangue aflorar na virilha.

Levá-la para cama seria fácil. Ela parecia vulnerável, e ele contava com seu charme irlandês. Outro hurricane e algumas danças lentas seriam o suficiente.

Jack era um tubarão nos negócios, mas não tinha o hábito de tirar proveito de amadoras de olhos arregalados e corações partidos. No entanto, embora Amelia aparentasse ser inocente, também parecia determinada a entrar na água. E, com seu conhecimento sobre a Bellagio, poderia ser útil. Era algo que ele não podia resistir a explorar. Mas sua vulnerabilidade era notável. Logo, ele seria cuidadoso, mas extrairia tudo que pudesse dela.

Após mais algumas danças e metade de outro hurricane, Amelia soltou a língua. Diante de sua insistência gentil, acabou lhe fornecendo um novo panorama dos jogadores, mais importantes e menos importantes, da Bellagio. A cultura corporativa, a atitude geral e o humor dos funcionários. Arquivando as informações no fundo da mente para uso futuro, Jack verificou o que ela havia rabiscado no guardanapo.

- Esta lista precisa ser aprimorada.

Amelia tentou pegar o guardanapo, mas ele o afastou.

- Isso deveria ser particular.

- Não se preocupe. Sou apenas um cara anônimo que você conheceu em um tiki bar. Serei seu escritor fantasma. Se realmente quer fazer algumas mudanças, então precisa ousar.

- Mudanças como?

- Vou começar com as menores. Nadar nua – disse ele, pegando a caneta e escrevendo no guardanapo.

Ela arregalou os olhos.

- Eu não acho...

- Não é tão drástico quanto fazer sexo na praia, mas também podemos acrescentar isso, se você...

- Não, e...

- Que tal dirigir um conversível com a capota arriada? Já dirigiu algum?

- Não.

- É algo maravilhoso de se fazer, pelo menos uma vez. Paraquedismo?

- De jeito nenhum.

E assim prosseguiu. Ele sugeria. Ela negava. Incitá-la a expandir sua lista lhe proporcionou uma diversão que há muito não experimentava.

DUAS HORAS mais tarde, após Amelia terminar o terceiro hurricane e Jack ter extraído as informações sobre Marc Waterson, aparente herdeiro da Bellagio, ele agiu como um cavalheiro, acompanhando-a à propriedade de Lillian Bellagio. Durante o breve trajeto de carro, ela encostou a cabeça no ombro dele e cochilou.

O pensamento ocorreu-lhe, mais de uma vez, que seria muito fácil levá-la para a casa de praia onde estava hospedado. Ela não iria protestar. Parecia um cordeirinho sem qualquer proteção. Os lobos a devorariam em segundos se não reforçasse suas defesas. Ao mesmo tempo, porém, seria uma pena vê-la se fortalecer. Aquela inocência era rara e atraente.

Ao parar do lado de fora da propriedade, ele deu-lhe um aperto suave.

– Amelia, chegamos. Hora de acordar.

Ela abriu os olhos e o fitou confusa.

– Jack.

– Sim. Chegaremos ao portão dentro de um minuto. Você será capaz de andar até a casa?

Ela assentiu com a cabeça.

– Claro – respondeu e se endireitou, piscando.

– Tem certeza?

– Sim, obrigada. – Ela o fitou. – Você foi muito gentil.

Jack sentiu uma pontada de desconforto por ter se aproveitado de seu estado, influenciado pelo hurricane, para obter informações confidenciais sobre a Bellagio.

– Foi uma noite divertida.

Amelia o estudou por um longo minuto.

– Você é muito bonito. Poderia me fazer mais um favor?

– O quê? – indagou ele, um pouco cauteloso.

– Eu poderia beijá-lo? Nunca beijei um cara no primeiro encontro.

Ele sentiu um choque de surpresa.

– Está na sua lista?

– Humm. Acho que sim.

– Tudo bem – disse ele, inclinando-se em sua direção.

Amelia espalmou a mão no peito dele.

– Não. *Eu* tenho que beijá-lo.

Acostumado a tomar a iniciativa, Jack sentiu um surpreendente ímpeto de euforia. Caramba, quem poderia imaginar...

Com os olhos abertos, Amelia se inclinou sobre ele, pressionou os lábios aos dele e roçou-os de um lado para outro. A textura suave de sua boca e o movimento sensual lhe provocaram uma excitação que há muito não experimentava.

Estava acostumado a conseguir o que queria. Claro, conhecia as formas de sedução, mas eram um meio para chegar a um fim.

Amelia entreabriu os lábios e ele sentiu um pingo de antecipação vibrar na parte mais sensível de sua anatomia. Podia perceber a hesitação dela. Provar ou não o seu gosto. Lutou contra o instinto de assumir o controle e mergulhar a língua naquela boca macia, mas as tentativas de exploração eram deliciosas demais.

Jack abriu a boca e quase lhe roçou os lábios para incentivá-la, sem guiá-la. Ela repetiu o movimento e recompensou-o, deslizando a língua para dentro de sua boca.

Uma onda de desejo o invadiu. Queria devorá-la, enterrar o rosto em seus seios e penetrar a carne macia entre as suas coxas, até que nenhum dos dois conseguisse andar normalmente. Não conseguia se lembrar de sentir tamanha excitação desde os 16 anos.

Amelia prolongou a tortura, esfregando apenas a ponta da língua na parte interna do lábio dele. A seguir, se afastou, e ele lutou mais uma vez contra a vontade de envolvê-la nos braços e beijá-la até fazê-la ofegar.

Algo, no entanto, o impediu. Descobriria mais tarde o que foi.

Amelia olhou para ele, os olhos azuis enevoados com uma pitada de excitação, e sorriu.

– Obrigada.

Além das batidas do coração, ele retribuiu o sorriso.

– Obrigado *digo eu*.

Jack dirigiu até o portão e parou novamente. Em seguida, saiu e abriu a porta.

– Tem certeza de que vai ficar bem?

– Tenho – respondeu ela, com a voz determinada, erguendo-se e parando por alguns segundos, como se tentando se equilibrar.

Ele encontrou um papel velho no console e escreveu o número do seu celular.

– Ligue-me – disse, entregando-o a ela.

Amelia olhou para o papel, mas apenas sorriu enigmática.

– Mais uma vez obrigada.

Jack a observou caminhar e desejou saber por que se sentia como se tivesse sido ele o atingido por um furacão.

CAPÍTULO 3

CERTO, TALVEZ tomar três hurricanes não tivesse sido uma boa ideia, pensou Amelia, na manhã do dia seguinte, quando o som do despertador raspou em seu crânio como mil lâminas de barbear. De imediato, sentiu uma compaixão renovada pelo estado da Flórida, que era atingido por furacões quase todos os anos.

Imagens da noite anterior povoaram-lhe a mente. Ela começara uma lista. Começara de forma sensata, mas depois aquele rapaz atraente fizera algumas sugestões. Teria de fato beijado o homem que conhecera na noite passada? Envergonhada, cobriu a cabeça com o lençol. Como era mesmo o nome dele? Algo começando com J. John, Jim. *Jack*. Era tão ardente, tão bonito e tão sexy, e ela podia apostar que não tinha interesse nela. Fora uma sorte ele não querer tirar proveito da situação.

Ou talvez não, pensou, com um impulso repentino de ousadia. A vantagem de ser seduzida era não ter que assumir a responsabilidade por seu comportamento devasso. Ao lembrar a textura daqueles bíceps sob seus dedos e os olhos claros de Jack, em contraste com a pele bronzeada, fechou os próprios olhos e reviveu o prazer secreto de se sentir desejável. Perguntou-se então o que seria necessário para tomar coragem para ter um caso com um homem assim.

Uma avalanche de protestos lhe assaltou a mente. Começava a pensar que a atração sexual era como um músculo que precisava ser trabalhado.

Poderia estar pronta dentro de alguns meses, disse a si mesma, e empurrou o lençol de volta para baixo.

A ressaca não a impediria de enfrentar Lillian Bellagio no escritório. O único motivo que a impediu de desabar durante seu rompimento com Will

foi a certeza de ser uma boa profissional. Era capaz de instituir ordem em um caos em qualquer dia da semana que terminasse com “a”. O amor de sua vida podia tê-la abandonado, mas o pessoal da Bellagio a achava o máximo. Sua chefe, Trina Roberts, lhe confidenciara que vários supervisores haviam se envolvido em pequenas disputas para mantê-la em seus departamentos.

Com cuidado, ergueu a cabeça do travesseiro, saiu da cama e caminhou até o banheiro, desejando poder tomar uma injeção de ibuprofeno.

Olhou-se no espelho e viu o mesmo velho rosto pálido olhando para ela. O cabelo loiro se rebelou contra seus esforços de domá-lo com a prancha no dia anterior, apontando para todas as direções representadas na bússola. Will o preferia liso. E isso era fácil quando ela era jovem, mas, após atingir a puberdade, seu cabelo se tornou ondulado e mais rebelde.

Fez uma careta para seu reflexo. Devia cortar o cabelo e tingi-lo de preto. Pintar os lábios com batom preto, colocar vários piercings e parecer uma adolescente rebelde.

Desgostosa com sua indecisão, tirou a camisola e entrou no box. Após ensaboar o cabelo, o corpo e enxaguá-los, observou as unhas dos pés pintadas de rosa-choque com um olhar de aprovação. Um pequeno passo para a independência, pensou.

Will preferia que ela usasse um esmalte neutro. Mas Amelia percebera que as unhas dos pés pintadas com aquele tom forte lhe davam um pequeno estímulo. Uma pergunta sobre suas preferências respondida. Agora só restava mais um milhão de perguntas sobre si mesma para responder.

Trinta minutos mais tarde e três xícaras de café ingeridas, com o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo, vestiu uma saia, uma blusa de algodão e caminhou em direção ao escritório de Lillian Bellagio na ala sul da casa.

Ciente de que a mulher demitira as últimas três assistentes em um tempo recorde, não permitiu que o clima ameno e a suntuosa propriedade dos Bellagio a iludissem. Embora a agenda de Lillian estivesse repleta de reuniões e almoços no clube de jardinagem, a dama de ferro da Bellagio possuía tolerância zero com colaboradores preguiçosos, tanto em casa quanto no trabalho.

Após se certificar de que o desjejum habitual de Lillian era composto por chá com creme, bolinhos de pêssego e uma pequena taça de frutas frescas, Amelia ligou o computador e conferiu os e-mails de Lillian em busca de lembretes e avisos. Em seguida, esquadrinhou as próprias mensagens e

respondeu ao e-mail diário da mãe, juntamente com uma carta de uma das irmãs. Imprimiu o roteiro provisório para a próxima reunião da diretoria e fez uma lista das mais recentes solicitações da presença de Lillian ou da presença de seu dinheiro.

Quinze minutos antes da hora prevista para a reunião das duas, naquela manhã, Lillian adentrou o escritório, o cabelo branco perfeitamente penteado em um corte reto que Amelia sabia que era capaz de desafiar os ventos mais fortes. A mulher chegava cada vez mais cedo todas as manhãs. Isso a levou a se questionar se estaria tentando pegá-la desprevenida. Depois de cuidar de vários desastres da Bellagio, não estava disposta a deixar o mais exigente, inconstante e meticuloso membro da diretoria intimidá-la psicologicamente. Era uma questão de orgulho.

– Bom dia, Amelia.

– Bom dia, sra. Bellagio. Como vai?

– Muito bem, obrigada. Já pediu o meu chá?

– Sim. Pedi para que servissem apenas quando a senhora chegasse para que não esfriasse. Com licença – disse e apertou o botão do interfone. – Beatrice, traga o desjejum da sra. Bellagio, por favor?

– Sim, senhora – respondeu a assistente de cozinha. – Subirei em um minuto.

– Obrigada – agradeceu Amelia e caminhou até uma cadeira na área onde Lillian preferia planejar seu dia.

– Você é a assistente mais diligente que já tive – comentou a mulher.

– Obrigada, sra. Bellagio.

– É diferente das outras – continuou Lillian, e agradeceu a Beatrice quando ela lhe entregou a bandeja de café. Em seguida, preparou o chá. – Mantém a barriga coberta e não vejo nenhuma tatuagem. É bastante eficiente. Gosto disso. Um pouco antiquada. Eu era assim na sua idade. Talvez até um pouco mais. Soube que você saiu ontem à noite. Contanto que não interfira em seu trabalho, deve fazê-lo mais vezes.

Amelia sentiu um frio na barriga. Quanto Lillian saberia? A mulher teria espiões em todos os lugares?

– Está tudo bem – prosseguiu Lillian, procurando o rosto dela. – Sei que a única razão pela qual foi designada para mim é porque sou considerada um tormento e você, uma mágica. É uma pena que não possa mantê-la comigo. Mas lhe garanto que está destinada a coisas maiores. – Ela fez uma pausa. – Fiquei sabendo sobre o rompimento do seu noivado. Para bom entendedor

meia palavra basta. Nunca corra atrás de um ônibus ou de um homem. Outro surgirá dentro de dez minutos. Logo, pode se divertir enquanto estiver aqui.

Amelia olhou para a mulher, surpresa. Nos últimos dez dias, Lillian se mostrara educada, mas reservada e impessoal. Agora era quase como se ela, Amelia, tivesse passado em algum teste invisível.

A sra. Bellagio sorriu.

– Posso ver que deve ter acreditado nos rumores. Minha reputação é notória. O que serve como uma luva, às vezes. Você pode imaginar quantos desses Bellagio machistas iriam deitar e rolar sobre uma velha senhora se ela não causasse um pouco de barulho de vez em quando?

Intrigada, Amelia sorriu com cautela.

– Entendo seu ponto de vista.

– Ótimo – disse Lillian. – Suspeito que eu e você nos daremos muito bem, mas, se contar a Alfredo ou a qualquer um dos outros que não sou uma megera, direi a eles que você é uma mentirosa. – O sotaque sulista açucarado não enganava Amelia. Podia apostar que Lillian era capaz de abater qualquer animal que lhe causasse problemas, incluindo um macho humano.

A mulher levou a xícara de chá aos lábios.

– Tenho um hóspede chegando na próxima semana. Gostaria de lhe oferecer uma pequena recepção. Está em cima da hora. Você pode planejar isso?

Amelia sentiu uma onda de entusiasmo. A recepção representava um pequeno desafio, mas ela adorava conseguir o impossível. Quando confrontada com uma crise profissional, seu cérebro começava de imediato a lhe fornecer uma gama de soluções. Planejar uma recepção em um prazo tão curto não era diferente.

– Precisarei de uma lista de convidados com números de telefone e endereços, o seu orçamento, as preferências alimentares ou alergias e o clima que você gostaria de criar. Posso lhe apresentar uma prévia esta tarde.

Lillian assentiu com a cabeça em aprovação.

Amelia ficou feliz por ter uma desculpa legítima para não precisar lidar com a situação calamitosa em que se encontrava sua vida pessoal. Poderia planejar todos os eventos sociais de Lillian para o próximo ano em menos

de uma semana, mas sabia que consertar a própria vida seria como construir uma casa com um tijolo de cada vez.

A RECEPÇÃO foi um enorme sucesso, com os convidados da sra. Bellagio implorando para que ela lhes emprestasse Amelia. Lillian negou e, em vez disso, lhe deu dois dias de folga como recompensa por sua eficiência.

A perspectiva de enfrentar 48 horas vazias quase lhe provocou uma crise alérgica. Por que era muito mais fácil gerir a vida de outra pessoa do que a sua própria?

Após tomar banho, Amelia passou protetor solar FPS 50 e trocou de roupa três vezes porque não conseguia pensar no que fazer durante o tempo *livre*. Por fim, se decidiu por um maiô, que cobriu com uma saia e uma blusa de alcinhas. Pegou uma bolsa de palha, um boné, uma toalha e colocou um par de óculos na ponta do nariz.

Olhou para o guardanapo com a lista que havia começado na noite em que tomara três hurricanes e se sentiu incitada a agir. Os rabiscos ousados de Jack contrastavam com sua caligrafia mais suave. Olhou para algumas das contribuições dele à lista e notou um traço em comum. Todas envolviam nudez. Sem saber se ria ou entrava em pânico, pegou o guardanapo e o enfiou na bolsa.

Caminhou pouco mais de meio quilômetro na estrada até uma praia pública e estendeu uma toalha na areia. Reclinada ao sol, inalando o ar marinho e ouvindo o som sucessivo das ondas, sua mente se desviou para Will e a lua de mel na Europa que haviam planejado. Recusara a oportunidade de ser aluna de intercâmbio na Itália por um semestre porque Will queria que a primeira vez deles na Europa fosse juntos.

– Pare com isso – murmurou para si mesma. A regra número dois para esquecer o amor de sua vida era substituir pensamentos sobre ele por outros. Além do mais, estava ali para relaxar e clarear a mente.

Remexeu-se na toalha e suspirou. Por que relaxar era um trabalho tão árduo? Virando-se de bruços, pegou um livro na bolsa de palha.

Passados 15 minutos, decidiu caminhar na praia. A faixa estreita de areia, que ela agora sabia ser comum em Keys, tornava a caminhada mais lenta, de um lado a outro, repetidas vezes.

Preocupada com a pele, desistiu da praia e rumou para o pequeno centro da cidade, para passear nas lojas. Comprou alguns livros para a sobrinha e

o sobrinho aniversariantes, enviou um cartão-postal para a mãe e, por fim, parou em uma famosa lanchonete.

Quando nenhum garçom apareceu para atendê-la, ela considerou a ideia de partir. Após observar um pouco mais, ouviu a proprietária, uma mulher extenuada, mas amigável, com cabelo branco, desculpando-se. A cozinheira adoecera e ela estava fazendo todo o serviço sozinha até conseguir ajuda extra.

– Posso ajudá-la a servir café e água, se você quiser. – Amelia se ofereceu e, depois de alguns protestos indiferentes da proprietária, ela começou a preparar rodadas de bebidas.

Vinte minutos mais tarde, colocou um copo de água na frente de outro cliente, que percebeu, pelo canto do olho, tratar-se de um homem.

– Bom dia. A garçonete virá dentro de poucos minutos anotar o seu pedido. Quer um pouco de café?

Seguiu-se um silêncio. Então, ela ouviu:

– Claro. Novo emprego?

Amelia piscou, dando uma primeira boa olhada no cliente. Com divertidos olhos azuis, emoldurados por uma franja de cílios escuros que harmonizavam com seu cabelo, ele poderia ser um ladrão de corações. Se ela tivesse um coração para ser roubado.

Jack. Reconhecendo-o da noite dos hurricanes, Amelia sentiu uma onda de inibição.

– Na verdade, não. A proprietária se encontra em um pequeno beco sem saída. Estou de folga hoje; logo, não me custava nada servir água e café.

Jack parecia à vontade consigo mesmo, usando camiseta e short. As pernas musculosas bronzeadas e os chinelos sugeriam que ele não tinha nenhum problema em deitar e relaxar. Amelia o invejava por isso.

– Vai tirar folga o dia todo?

Ela assentiu com a cabeça, vertendo o café em sua xícara.

– E amanhã, também.

– Quer fazer um passeio depois de terminar seu turno aqui? – perguntou ele, com um meio sorriso. – A propósito, meu nome é Jack.

– Eu lembro. E eu sou...

– Amelia – disse ele, antes que ela pudesse falar. Seu sorriso se alargou.

Amelia hesitou por alguns segundos. Na realidade, não o conhecia. Mas, se ele não se aproveitara da situação na noite dos hurricanes,

provavelmente era confiável. Houve um beijo, ela se lembrava. Mas fora apenas um beijo. Um beijo ardente de fato, mas...

Sacudiu a cabeça para banir o debate absurdo da sua mente. Se passasse a tarde com Jack, não teria que inventar vinte coisas mais para fazer naquele dia.

– Obrigada. Parece uma boa ideia.

Ele riu.

– Não quer saber para onde vamos?

– Oh, sim. Para onde?

– Key West. A celebração do pôr do sol na praça Mallory Square.

– Nunca assisti a uma – disse ela.

– Podemos mudar esse quadro – proferiu ele, tomando um gole de café. O modo como a fitou por sobre a beirada da xícara fez algo dentro dela estremecer, o que a surpreendeu. Bem, talvez não estivesse morta, depois de tudo.

Outro funcionário apareceu depois de trinta minutos, então Amelia entregou o bule de café e o jarro de água a ele. A proprietária agradeceu-lhe efusivamente e lhe prometeu futuros almoços grátis na sua casa.

Resistindo à vontade de voltar à propriedade dos Bellagio para trocar de roupa, ela se refrescou no banheiro do restaurante.

A umidade fez seu cabelo apontar para vinte direções diferentes. Sem uma prancha, teria que sair com o cabelo assim, o que a deixou apavorada. Alisava-os com a chapinha há tanto tempo que realmente não sabia como aparentariam se os deixasse ao natural.

Suspirando, meneou a cabeça. Afinal, não estava tentando impressionar ninguém. Só queria preencher o tempo livre.

Jack jogou algumas notas sobre a mesa e se ergueu, enquanto ela caminhava em sua direção.

– Pronta para irmos?

Amelia assentiu, colocou os óculos de sol e o seguiu até o estacionamento.

Jack parou diante de um carro conversível e puxou a capota para a frente.

– Pode querer usar isto. Com a capota arriada, é bem capaz que você fique queimada em apenas cinco minutos de passeio.

– Tente três – retrucou cínica. – Não me lembro deste carro.

Jack riu e abriu a porta para ela.

– Não sei se você estava em condições de se lembrar de muita coisa. Pertence a um amigo meu. Quando o visito, ele me deixa ficar em sua casa e usar o carro.

– Que amigo legal – disse ela, deslizando para o banco do passageiro.

– É verdade.

– Você veio de onde?

– Agora, de Chicago.

Um andarilho, concluiu ela. O que não a surpreendeu. Jack parecia o tipo que viajava com pouca bagagem. Se estivesse à procura de um relacionamento sério, isso a teria desencorajado, mas não estava, logo não a incomodava.

– O que você faz para viver?

Ele lançou-lhe um sorriso que a fez se lembrar de um tubarão.

– Tudo o que seja rentável – respondeu, sem revelar nada.

– Lícito? – pressionou ela, porque tinha os seus limites.

– Totalmente – disse ele, mas seu silêncio a fez pensar que ele não lecionava em um jardim de infância. Jack ligou o motor e deixou o estacionamento. – Então, como é trabalhar para a dama de ferro da Bellagio? Ela finalmente a deixou sair do porão?

– Empurrou-me para fora – murmurou Amelia. – Ela não é tão ruim quanto... – Fez uma pausa, lembrando como Lillian havia insistido que queria manter sua reputação. – Ela é uma mulher admirável.

– Uma mulher admirável – repetiu Jack. – Ela a conquistou ou você está sendo educadamente vaga?

– É mais ou menos como “tudo o que é rentável” – devolveu ela.

Jack a fitou surpreso e olhou de volta para a estrada, sorrindo.

– Então, o doce pêssego da Geórgia tem escondido um espírito aventureiro.

Amelia nunca imaginou possuir qualquer espírito aventureiro. Na verdade, sempre deixara a cargo de Will planejar toda a diversão. Ela ajeitou o boné.

– Quem sabe?

– Quanto tempo você disse que namorou seu “ex”?

Ela estremeceu, imaginando o quanto havia revelado durante aquela noite de muitos hurricanes.

– Bastante tempo – respondeu sucinta.

– Não foram 12 ou 13 anos?

– Legal da sua parte me lembrar.

Ele sacudiu a cabeça.

– Aposto que está apenas começando a descobrir quem você é.

Sua percepção a surpreendeu.

– Talvez, mas uma das coisas que aprendi é que não gosto de falar de mim.

– A menos que já tenha ingerido alguns hurricanes – disse ele.

– Um cavalheiro não traria esse assunto à tona.

– Não sou esse tipo de cavalheiro – retrucou ele em um tom divertido.

– Você foi, naquela noite em que eu estava...

– Bêbada – concluiu ele. – Foi só dessa vez. Todos vivem de acordo com as próprias regras. Uma das minhas é aproveitar tudo que cruza meu caminho. Sou um bastardo.

Amelia digeriu aquelas palavras. Ele era uma mistura estranha. Parecia descontraído. Mas, às vezes, não. Não podia afirmar se ele era um vigarista ou um parasita.

– Significa que não devo contar com você se eu beber muitos hurricanes de novo?

– Eu a levaria para casa, mas pode rolar uma esticadinha, primeiro – disse ele com a voz jovial, mas com uma nota sexy no tom.

Amelia sentiu um nó no peito. Olhou para as mãos grandes de Jack, uma no volante e outra no câmbio. O vento lhe desalinhava o cabelo escuro e lhe açoitava a camisa, fazendo-a tremular. Seus ombros eram largos e os músculos do peito e braços pareciam trabalhados por algum tipo de exercício. O abdome era chapado, as pernas longas e as coxas aparentavam ser fortes. Ela olhou um pouco mais acima e virou o rosto envergonhada com a direção dos próprios pensamentos.

Jack era um bocado atraente, então por que se aproximara dela? Não conseguiu conter a curiosidade.

– Havia pelo menos uma meia dúzia de mulheres naquele tiki bar que aparentavam estar disponíveis e eram muito bonitas. Ainda não entendi por que não as abordou. – Ela fez uma pausa. – Ou talvez tenha abordado e eu simplesmente não percebi.

Ele riu.

– Não. Eu já lhe disse que me aproximei de você porque era a mulher que parecia mais interessante no salão.

Parecia mais interessante. Amelia estreitou os olhos. Aquilo poderia ser um elogio. Ou não.

– É como uma “mulher admirável”?

– Não. Você não se parecia com o restante das mulheres no bar.

– Elas eram bronzeadas, bonitas e muito esbeltas – disse ela em um tom firme.

– Você parecia real e bonita. E eu queria saber o que estava escrito naquele guardanapo.

– Bem, agora você sabe. A lista – disse ela.

Jack assentiu.

– Já realizou outro item?

– Não – respondeu ela, sentindo-se fraca e culpada.

– Talvez precise de um empurrãozinho inicial.

Amelia ajustou os óculos de sol e sentiu outro pequeno frio na barriga. Suspeitava que Jack não era o tipo de homem que fornecia apenas um empurrãozinho inicial. Parecia mais um detonador ambulante.

– Talvez – disse tímida.

– Eu poderia lhe fazer inúmeras sugestões – disse ele em um tom irônico e sexy. – Mas depende do que você quer. Então, o que você quer, Magnólia?

Magnólia? Ela pausou por um longo momento e suspirou.

– Essa é uma parte do problema. Eu não sei.

– Tudo bem. A lista é sobre experimentação.

– Eu realmente não gosto de experimentar, a menos que seja algo relacionado ao meu trabalho.

– Então, quer apenas continuar fazendo o que está acostumada? Não precisa de uma lista para isso.

A perspectiva de ficar presa à posição atual para sempre lhe deu ímpetos de gritar.

– Não. Você está certo. Preciso experimentar. Mas não sei como começar.

– Tem certeza de que não quer saltar de paraquedas?

Amelia sentiu um frio na barriga.

– É um pouco drástico, mas voo de parapente parece interessante.

– Coloque-o na lista. O que mais?

– Sempre quis sentar na primeira fila em um show – admitiu.

– Alguma banda em especial?

– Sou eclética.

– Escreva aí. Quer escalar uma montanha?

– Não, isso é aventura para homens. Mas sempre desejei saber como seria ser alguém totalmente diferente.

– Então gostaria de mudar de identidade.

– Não para sempre.

– Por um dia. – Ele sorriu. – Escreva também.

– Mas como eu conseguiria isso?

– Incorpore uma pessoa que você gostaria de ser. Vista-se como ela, fale com ela, coma como ela. Faça o que ela faria naquele dia. É apenas uma versão expandida do Dia das Bruxas.

– Você, com certeza, acha que sou louca.

– Não. É divertido fazer parte da sua evolução.

– E a sua própria evolução?

– Estou muito além de você. Eu sei o que quero.

– E o que é?

– Restringir meus compromissos, estar sempre preparado para dar o próximo passo e não perder tempo olhando para trás.

– Soa um pouco frio. Você nunca olha para trás?

– Só quando é rentável – respondeu ele, com aquele sorriso afiado. – Ouvi uma analogia sobre futebol que diz que você só pode realizar um jogo de cada vez. Se pensar em um jogo anterior ou em uma partida futura, não estará focado no que precisa fazer no momento.

– Humm. Você jogou futebol?

Ele negou com a cabeça.

– Não contava com dinheiro suficiente na infância para fazer algo assim, além de trabalhar depois da escola. Minha mãe não era exatamente uma sábia planejadora financeira.

– E seu pai?

– Não estava por perto. Deixe-me adivinhar a sua situação familiar. Mamãe e papai se sentavam com os filhos para jantar todas as noites. Você tirava férias com a família no verão, visitava os avós no Natal e nasceu e cresceu na mesma casa.

Aquela exatidão a irritou. Era tão transparente assim? Tão previsível?

– Meu pai não estava presente no jantar todas as noites, porque trabalhava fora da cidade, às vezes. De vez em quando, meus avós iam nos visitar. Nós nos mudamos uma vez – disse ela.

– Aposto que estudou algum instrumento, também – disse ele.

– Piano – admitiu ela.

– E você?

– Guitarra imaginária – respondeu ele, com uma risada. – Sem dinheiro para isso, também. Acredite, Magnólia, não tive a experiência da família Norman Rockwell. Deixe-me adivinhar mais uma vez. Você não é filha única.

– Acertou, eu tenho...

– Não. Não me diga. Irmãs – disse ele.

Ela o fitou um pouco assustada.

– Sim, três. Sou a segunda de quatro. Como sabia que eu tinha irmãs?

– Você é uma jovem feminina e não parece confortável com os homens. A avaliação deixou-a com o queixo caído.

– Você não sabe se me sinto confortável ou não com os homens.

– Não se sente confortável comigo – ressaltou.

– Bem, isso é porque você é... – Ela pausou porque, se expressasse o próximo pensamento que lhe veio à mente, soaria ridícula.

– Eu sou o quê?

– Nada. Você está certo. Sou uma jovem feminina com irmãs. Minha mãe nos ensinou a cozinhar, costurar e nos colocou em um curso de etiqueta para que pudéssemos andar e falar como damas.

– E teve alguma serventia?

– Bastante. Minha irmã mais velha está casada e tem filhos. Minha irmã mais nova é casada. E não me surpreenderia se a caçula ficar noiva em breve.

– Então você é a dissidente.

– Não imaginei levar um fora do meu namorado e me tornar uma dissidente.

– Vi pessoas cometerem algumas loucuras após um rompimento – disse ele. – Danação, inclusive os tribunais tendem a ser lenientes com uma mulher de coração partido quando ela enlouquece.

– Não tenho nenhuma intenção de enlouquecer.

– Tenho certeza que não, mas, se acontecer, contará com uma desculpa socialmente aceitável.

– Não estou enlouquecendo – repetiu ela, tanto para si quanto para ele. – E, para seu conhecimento, Norman Rockwell foi casado três vezes. Divorciou-se da primeira mulher, portanto nem tudo eram flores para ele, também.

– Eu devia ter imaginado. Se parece bom demais por fora, provavelmente há algo suspeito por dentro.

– Isso soa muito cético.

– Lições difíceis que me serviram muito bem – respondeu ele e parou no acostamento da estrada. – Acho que dirigir um conversível consta da sua lista.

– É? – disse ela, enquanto ele desligava o motor.

– Sim – respondeu Jack e saiu do carro. Amelia olhou para o câmbio. Ele abriu a porta do passageiro com expectativa.

– Até hoje só dirigi carros automáticos.

– Outra coisa para colocar na sua lista e marcar como realizado. Pense nisso como um test drive. Você disse que queria um carro diferente.

– Mas este carro nem é seu. E se eu deixar o carro morrer no meio da estrada? É um automóvel de luxo.

– Ian não vai se importar. Ele me deve alguns favores. Para fora, Magnólia. O segredo para dirigir um carro com câmbio manual é a embreagem. Nada de mais.

Amelia saiu e, bastante apreensiva, sentou no banco do motorista, ajustando-o para acomodar as pernas mais curtas.

Jack colocou a mão sobre a dela para familiarizá-la com a posição da mudança das marchas.

Amelia precisou se esforçar para se concentrar nas explicações, em vez de pensar no modo como aquela mão engolia a sua de uma forma suave, mas firme. O deslocamento da engrenagem rígida, com uma cabeça arredondada, lembrou-a de... Bem, algo além de uma mudança de marcha.

Jack orientava-a com uma voz suave, e sua mente seguiu um caminho paralelo. Desejou saber como a voz dele soaria quando estivesse excitado. O que seria necessário para deixá-lo excitado? Seu olhar periférico perscrutou a lateral daquelas coxas firmes. Estava convencida de que desmaiaria antes de ter a chance de descobrir o que seria preciso para deixá-lo excitado.

Sentindo-se quente e não apenas pelo sol, tirou a mão do câmbio por um segundo, para afastar uma mecha de cabelo para trás da orelha. Então, respirou fundo e segurou a alavanca novamente.

– Certo, este é o ponto morto, está é a ré, ponto morto, primeira, segunda, terceira e quarta. Piso na embreagem e solto devagar depois de mudar de marcha ou parar.

– Quando parar, pise na embreagem até estar pronta para acelerar novamente. Caso contrário, o motor vai morrer.

– Tudo bem, mas, se você precisar de um colar cervical depois disso, não venha reclamar comigo.

– Vá em frente – disse ele, sorrindo.

Amelia ligou o motor e, depois de nove tentativas, conseguiu passar do ponto morto para a primeira marcha com apenas algumas trepidações e solavancos. Emocionada com seu feito, olhou para Jack.

– Eu consegui! Eu consegui.

– Excelente. Agora passe a segunda.

Amelia fez o que ele mandou, e logo estavam voando pela estrada em direção a Key West embalados pelo som dos Rolling Stones. Escolha dele, mas ela não podia culpá-lo. Com Jack ao seu lado e Mick instruindo-a naquele CD, Amelia sentiu como se estivesse seguindo pela estrada da perdição. Sentia-se bem melhor do que deveria.

CAPÍTULO 4

ÚTIL E divertida. Essa foi a análise que Jack fez de Magnólia. Enquanto deixava Lillian Bellagio aguardando por sua resposta ao convite que lhe fizera, queria reunir o máximo de informações possíveis sobre a dama de ferro da Bellagio. Claro que, quando sua mãe estava viva, só tinha coisas negativas a lhe dizer sobre Lillian. Embora soubesse que fora influenciado pela amargura que ela carregara consigo até morrer, ele seguira em frente.

Ter uma mãe viciada em metanfetamina lhe ensinara desde cedo o que as drogas eram capazes de fazer a alguém. Em vez de ficar se drogando depois da escola ou praticando algum esporte, arrumara um emprego. Queria se manter afastado da influência dos maus vizinhos, longe do desespero, e ficaria feliz em trabalhar 365 dias por ano, se necessário, para alcançar seu objetivo.

Mais de uma vez, antes de se formar e sair de casa, a mãe se apossara dos seus ganhos. Levara quatro anos para ganhar dinheiro suficiente para comprar o primeiro negócio. Oito meses depois, ele o vendera com um lucro de 123 por cento. Dentro de um ano, chamou a atenção de Gig Marlin, um capitalista, reservado, mas altamente produtivo, disposto a partilhar seus conhecimentos, e Jack começou a ganhar muito dinheiro.

Ao longo do caminho, ouviu falar da Bellagio e procurou se informar sobre o ramo de calçados.

De tempos em tempos, a sorte lhe sorria, mas a maior parte do seu sucesso resultava da falta de previsão ou inépcia de alguém sobre um negócio e de sua capacidade de comprar tal negócio e vendê-lo para a ganância de outra pessoa. Descobriu que fraqueza e ganância faziam o

mundo girar. Agora, Lillian Bellagio, por certo, estava transpirando de medo do que ele poderia fazer contra ela e o nome da Bellagio.

Jack olhou para Amelia enquanto ela segurava o volante firmemente com as duas mãos, sempre preparada para pisar na embreagem.

Seu cabelo esvoaçava para todos os lados. Ela parecia tão concentrada na estrada que nem reparara que a saia subira, descobrindo-lhe os joelhos. O vento soprava naquela direção, proporcionando a Jack uma visão privilegiada daquele par de coxas brancas. A parte superior dos joelhos dela se encontrava rosada, talvez pela exposição ao sol. A pele aparentava ser incrivelmente sedosa. Um pouco mais abaixo, ele avistou as unhas de seus pés pintadas em um tom pastel e sandálias que ostentavam um girassol rosa.

Podia imaginar sua refinada educação para o lar guerreando com a ambição e o desespero, agora que seus planos de casamento haviam caído por terra.

Jack sabia exatamente do que ela precisava. Precisava se livrar da calcinha, ficar excitada e se divertir um pouco. Desse modo, não se sentiria tão triste por causa do noivado fracassado. Poderia ajudá-la nesse quesito em troca de informações sobre os Bellagio. Contanto que ela não fizesse muitas perguntas, como acontecera antes, ambos poderiam se beneficiar do processo.

Percebendo que se aproximavam de Key West, ele fez um sinal com a mão.

- Encoste, Speed Racer. Eu dirijo daqui para frente.
- Por quê? Estou adorando – protestou ela. – Posso continuar.
- Pode não gostar quando encontrarmos tráfego, Magnólia. Será obrigada a usar a embreagem com muito mais frequência.

Com a percepção estampada no rosto, ela franziu a testa.

- Nesse caso, pode assumir – concordou, parando no acostamento da estrada.

Jack saiu do assento e se alongou, enquanto caminhava para o lado do motorista. Amelia também saiu do carro e cambaleou um pouco. Ele estendeu as mãos depressa para ampará-la.

- Epa! O que está acontecendo?

Ela sorriu, a alegria inundando-lhe o rosto.

- Foi tão legal!

Com os olhos brilhando e as bochechas coradas, ela umedeceu os lábios com a língua. Parecia que havia acabado de fazer sexo realmente bom, pensou Jack, e a tentação o invadiu. Desejou saber como enlouquecê-la na cama. Mas só poderia descobrir depois que conseguisse todo o resto que queria dela.

Para familiarizá-la com o ritmo de Key West, Jack comprou-lhe uma margarita em um bar ao ar livre, onde eles se sentaram e ficaram apreciando o movimento. Em seguida, resolveram ir visitar o museu Audubon House.

– Relógios são proibidos por aqui – comentou ele, apontando para o relógio de pulso dela, enquanto Amelia demorava na loja de suvenires. – Mas não queremos perder a celebração do pôr do sol.

– Está bem. Só vou comprar alguns destes para o meu pai. Ele ama pássaros – disse ela e comprou vários cartões-postais.

Em seguida, se uniu a ele em uma rápida caminhada rumo à Mallory Square, passando pelos sons da música cubana e rhythm and blues que vinham dos bares. Barracas de comida ofereciam sorvetes, bebidas e cachorros-quentes. Uma miríade colorida de feições lotava a Mallory Square, incluindo a estátua viva de um homem de lata, um malabarista e ambulantes vendendo de tudo, desde pulseiras de cânhamo a serviços de rastafári.

– Parece uma quermesse – disse ela, lançando um segundo olhar ao avistar um rapaz com trancinhas até os quadris.

– Sim – concordou Jack. – Com certeza nada parecido com a elegante casa da sua patroa. Não há sanduíches de pepino aqui.

Amelia sorriu com a comparação.

– Ela pode parecer durona, mas no fundo não é apenas a dama de ferro.

– O que a faz pensar assim?

– Algumas coisas que ela disse. Não vou negar que Lillian exige um determinado nível de desempenho e boas maneiras, mas, se você estiver à altura dessas exigências, tenho a impressão de que ela pode ser uma pessoa amorosa.

– Amorosa? A madame Bellagio? – repetiu Jack, incrédulo.

– Não devia ser tão preconceituoso. Na realidade, Lillian sente muita falta do filho e quase nunca chega a vê-lo. Não quer se intrometer na vida dele, mas posso afirmar que o fato de ele viver tão longe e não a visitar com frequência a magoa. Só porque é rica e se casou com um dos fundadores da

empresa de calçados de maior sucesso não significa que seja totalmente arrogante.

– Não? – perguntou ele, tentando, de modo nítido, sufocar o riso, enquanto lhe esfregava a ponta do nariz com o dedo indicador.

– Não, não é. Já ouviu dizer que as pessoas são como um arco-íris? Possuem mais de uma cor? Algumas cores mais fortes do que as outras?

– Não – respondeu ele. – Aprendeu isso na Escola Dominical ou no Clube das Escoteiras?

Ela revirou os olhos.

– Oh, esqueça. Você é impossível.

– Impossível, mas estou certo – disse ele, deslizando a mão em torno do cotovelo dela e guiando-a em direção à grade de ferro forjado que cercava a praça. – Fileira da frente, em pé, mas vale a pena.

Inclinando-se contra a grade alta, em silêncio, ela observou a bola alaranjada mergulhar no horizonte. Suspirou diante de tanta beleza.

– Foi lindo – murmurou, olhando para Jack. – Obrigada.

– Há um costume. É como na véspera de Ano-Novo à meia-noite. Você deveria beijar no pôr do sol.

Olhando rapidamente ao redor, Amelia observou que ninguém mais estava se beijando e lançou-lhe um olhar desconfiado.

– E você também possui alguns terrenos no pântano e vai me vender um com desconto?

Ele riu.

– Eu precisava tentar. – Ele roçou-lhe o pulso com o polegar e o indicador. – Vamos, Magnólia. Vamos ver se podemos acabar com um pouco da sua tensão.

– Eu não disse que estava tensa.

– Confie em mim, doçura, seu corpo está gritando isso.

Amelia fez uma careta.

– Estou vestida com um traje praiano e bastante informal.

– Mas sua calcinha está se contorcendo e você mal pode andar.

Ela sentiu as bochechas arderem.

– Isso não é nada bom.

– Não é nada terminal. – Ele assegurou-lhe e a conduziu para um bar. – O que gostaria de beber?

– Já bebi uma margarita – respondeu ela, com sua precaução interna piscando diante do brilho pecaminoso nos olhos de Jack.

– Então, que tal uma limonada? Não preciso de ajuda de álcool para deixá-la a fim.

Amelia abriu a boca em surpresa, mas não conseguiu pensar em uma resposta. A expressão no rosto dele roubou-lhe o ar.

– Limonada – conseguiu dizer por fim, bem mais ofegante do que pretendia.

Jack pediu duas limonadas e ambos ouviram a banda ao estilo Lynrd Skynrd por algum tempo. Em seguida, ergueram-se para explorar um pouco mais. Clientes em um bar abarrotado se aglomeravam na rua. Ela ouviu gritos e vaías.

– O que está acontecendo?

– Pode ser demais para você – respondeu Jack.

Amelia franziu o cenho.

– Demais? – repetiu e caminhou até a beirada da multidão. No interior do bar, cinco mulheres jovens com seios fartos eram pulverizadas com água, transformando suas camisetas em tiras transparentes de algodão.

– Eu avisei – disse Jack e tapou-lhe os olhos.

Com uma curiosidade mórbida, ela afastou as mãos dele e olhou para o espetáculo.

– Elas não se importam que todos possam ver...

– Pelo visto, não – disse Jack.

– Temos uma vencedora! – gritou um homem, que se uniu às mulheres sobre a mesa. Ele ergueu a mão de uma morena opulenta.

– Sidney de Maryland!

– Sidney – repetiu Amelia, a amargura lhe oprimindo a garganta ao recordar o nome da mulher por quem Will a trocara.

– Você a conhece? – perguntou Jack surpreso.

– Não – respondeu ela, sacudindo a cabeça, querendo banir os súbitos e incômodos sentimentos de inadequação e descontentamento. – Acho que vou aceitar uma margarita agora. Existe outro bar por aqui?

– Cerca de uns trinta. Vai me dizer o que aconteceu?

– Não é nada. Uma moça não pode tomar uma margarita? – perguntou, fitando-o nos olhos.

– Claro. Só que você é uma péssima mentirosa.

– Significa que eu deveria praticar?

Jack negou com a cabeça.

– Não. Vamos. Será que tem algo a ver com o seu “ex”? – indagou ele, enquanto caminhavam.

– Não quero falar sobre esse assunto. Aqui parece ser um bom lugar – acrescentou, entrando em outro bar.

– Ei, espere – chamou Jack, mas ela desapareceu na multidão.

Dando de ombros, ele imaginou que Amelia precisasse de um pouco de espaço, embora não soubesse como ela o encontraria ali. O lugar estava lotado.

Encostando-se ao balcão, pediu uma cerveja com limão. Enquanto assistia a um pouco do jogo de beisebol na televisão, olhava ao redor do bar, vez ou outra, para ver se a avistava. Algumas belas jovens queimadas de sol se aproximaram e ele se distraiu, conversando com elas por alguns minutos.

No entanto, continuou olhando ao redor na esperança de ver Amelia. No momento em que começou a se perguntar se ela estaria passando mal no banheiro feminino ou algo do gênero, ele a avistou, do outro lado do bar, cercada por dois rapazes. O cara com a cabeça raspada tocava-lhe o cabelo. O outro parecia estar apressando-a a terminar a bebida.

Quando ela tentou se afastar, os dois a encurralaram. Uma surpreendente onda de protecionismo o invadiu e ele abriu caminho no bar lotado na sua direção.

– Ei, querida – chamou. – Estava com medo de ter perdido você. É melhor pegarmos a estrada em breve.

Um dos rapazes o fitou e sacudiu a cabeça.

– Dormiu no ponto, perdeu. Temos direito a esta aqui – proferiu, em um tom arrastado.

O outro rapaz assentiu.

– É isso aí.

– Na verdade, estou com ele – disse Amelia, e tentou se mover na direção de Jack. O primeiro rapaz bloqueou-lhe a passagem mais uma vez.

– Mas, querida, estávamos apenas começando. Bo e eu lhe dizíamos o quanto poderíamos nos divertir.

– Ela não está interessada, Curly e Bo. Então, deixem-na em paz.

O careca o encarou.

– Cai fora. Se ela queria ficar com você, então por que estava sozinha?

Sentindo-se impaciente com aqueles dois, Jack estalou os dedos atrás das costas. Já havia abatido mais de um bêbado e sabia que poderia se livrar

daqueles dois, mas aprendera que, em geral, era melhor evitar brigas, se possível. Era sempre menos dispendioso.

– Querida, você não está bebendo álcool, está? Sabe o que o médico falou a respeito disso – disse ele a Amelia, e observou o rosto dela ficar pálido.

Os dois homens o fitaram confusos.

– Sei que ainda não está aparecendo, mas dentro de um mês ou dois estará, e você não deve beber álcool grávida – continuou ele, desejando, em silêncio, que ela não o desmentisse.

– Grávida? – repetiu Curly, parecendo um pouco nauseado.

Bo olhou para Amelia.

– Você não parece grávida.

Encontrando o olhar de Jack, Amelia colocou a mão sobre o ventre.

– Gêmeos – disse ela. – Não somos sortudos?

O sujeito careca abafou um palavrão.

– Gêmeos – repetiu enojado. – Você devia usar uma placa de advertência ou algo assim. Vamos embora, Bo.

No momento em que os homens foram engolidos pela multidão, Jack segurou-a pelo pulso e puxou-a em direção à porta.

– Acho melhor irmos andando antes que eu precise sujar minhas mãos.

– Grávida – disse ela com um sorrisinho. – Minha mãe ficaria horrorizada.

– Que bom que ela não está aqui. Como se envolveu com aqueles dois?

Amelia sacudiu a cabeça.

– Tudo que fiz foi sair do banheiro das mulheres e eles me cercaram.

Jack suspirou, parando no meio da rua.

– É a sua aparência.

– O que quer dizer?

– Doce, crédula, educada demais para dizer não – esclareceu ele.

– Eu disse “não, preciso ir” repetidas vezes.

Jack deu de ombros, olhando para o rosto rosado, os olhos azuis e o cabelo loiro angelical.

– Terá que aprender a ser mais incisiva, ou ninguém acreditará em você.

– Não preciso aprender a lutar kickboxing para declarar minha vontade – respondeu ela.

– Não, mas a história da gravidez pode não funcionar o tempo todo. E alguns caras são estúpidos demais para compreender que um não educado

é um não. Dói-me dizer isso, Magnólia, mas um dos itens que você precisa colocar na lista é aprender a ser um pouco vil quando a ocasião pede.

Amelia ergueu o nariz irritada.

– Sei que não sou tão experiente quanto você, mas a polidez tem me servido muito bem.

– Como hoje à noite?

Ela franziu a testa.

– Esta noite foi uma exceção.

– A vida não é um filme da Disney com classificação livre. Se há alguém que precisa saber disso, esse alguém é você. Veja o que aconteceu com o seu “Felizes para Sempre”. Se quiser dar um passo para fora de seu pequeno casulo, vai conhecer pessoas que gosta e outras que não. Será mais fácil se estiver preparada para lidar com as mais desagradáveis.

Jack olhou para ela por um longo minuto, sentindo aquela sensação desagradável de protecionismo dominá-lo novamente. Ele percebeu que havia acabado de proferir um sermão. Xingando, meneou a cabeça.

– Ei, desculpe. Não sou seu pai. Faça o que quiser. – Deu uma risada breve. – Talvez eu devesse ter deixado você sozinha com Curly e Bo.

– Não – disse ela, e desviou o olhar. – Acho que eu teria conseguido sair daquela situação, mas estava ficando incomodada. Gostei de... você ter me ajudado. Obrigada.

– De nada. Então, quem vai ajudá-la quando eu a incomodar?

Amelia esboçou um leve sorriso.

– Oh, Jack. Você se entregou. Você é um cavalheiro.

Ele meneou a cabeça.

– Nunca me fizeram essa acusação antes, então eu não contava com isso.

Amelia apenas continuou a sorrir, deixando-o irritado.

– Vamos – murmurou ele. – Quer ir para outro bar?

Ela negou com a cabeça.

– Podemos ir a algumas lojas? Sei que “loja” significa apenas uma palavra de quatro letras para a maioria dos homens.

– Posso aguentar – disse ele. – Se tiver sorte, posso ver você fazer uma tatuagem em um lugar especial.

– Não esta noite – respondeu ela, e caminhou para uma loja de praia com camisetas estampadas com sugestões apimentadas.

Rindo de seus olhos arregalados e bochechas vermelhas após ler algumas, Jack a seguiu para fora da loja.

– Não viu nada interessante?

– Não, obrigada – respondeu Amelia, estudando cuidadosamente a vitrine da loja ao lado, antes entrar.

– É seguro – disse ele, incapaz de disfarçar a nota zombeteira na voz.

Revirando os olhos, ela entrou e olhou as joias. Jack achara a loja anterior muito mais divertida; então, depois de cinco minutos, pediu licença e foi até o bar em frente ao hotel, onde podia assistir a um pouco mais do jogo na televisão. Após metade do primeiro tempo, ele voltou à loja, surpreso de encontrá-la ainda estudando as joias.

– Você ainda está aqui? Já podia ter comprado uma dúzia de piercings.

Amelia mordeu o lábio.

– Estou apenas olhando. É a primeira vez que saio para comprar joias sem considerar o que Will pensaria.

A revelação causou um nó no estômago de Jack. E ele não sabia dizer por quê.

– Do que *você* gosta?

– Sempre quis ter uma tornozeleira, mas não sei se iria usá-la.

Ele deu de ombros.

– Não se trata do diamante Hope. Compre-a, experimente-a. Se não gostar, o prejuízo não será tão grande.

– Não sei.

Sua hesitação mexeu com algo dentro dele.

– Quais são as suas três favoritas?

– Hum, aquela lá. – Ela apontou para uma corrente de prata esterlina com pequenas contas. – Aquela com as conchas de moluscos e a outra com as margaridas.

– Muito bem – disse ele, chamando a atendente da loja. – Eu gostaria de comprar algumas tornozeleiras.

– O quê? – Amelia o encarou. – Você não pode comprá-las para mim.

– Sim, posso. Não ficarei com saldo negativo no banco – disse ele.

– Mas... mas...

– Relaxe, Magnólia. Não é um anel de noivado. Assim é mais rápido. Considerando o tempo que você leva para se decidir, não sairemos daqui nem amanhã à noite.

– Então ficarei apenas com a das margaridas – disse ela à vendedora.

– Vamos levar as três – corrigiu Jack, e entregou várias notas à mulher. – Tem certeza de que não quer fazer a tatuagem hoje à noite? Posso

supervisionar.

– Não vou fazer uma tatuagem. E não me sinto confortável com você me comprando estas tornozeleiras. Não é apropriado para uma mulher aceitar presentes de um homem que mal conhece.

Jack levou alguns segundos, mas depois entendeu a razão do desconforto dela. Amelia receava que ele estivesse trocando as tornozeleiras por sexo com ela.

– Não acha que uma noite de sexo desenfreado com você vale mais do que 45 dólares? – perguntou em voz baixa.

Ela ofegou chocada.

– Estou contando com isso – disse ele.

– Eu não disse que faria sexo com você – murmurou ela.

Olhando para os seus olhos azuis e doces lábios de maçã entreabertos, ele tomou uma decisão. Magnólia seria sua. Em algum momento, de alguma forma, e de todas as formas que pudesse imaginar.

– Mas fará – afirmou ele, porque naquelas circunstâncias considerava justo alertá-la de suas intenções.

– É muita arrogância da sua parte.

– Autoconfiança. Há uma grande diferença – retrucou ele, pegando a sacola e guardando o troco. – Obrigado – agradeceu ao caixa e se virou para Amelia. – Entenderá depois que começar a me conhecer melhor.

– E se eu decidir que não *quero* conhecê-lo melhor? – perguntou ela enquanto deixava a loja.

Jack parou e a fitou nos olhos.

– Está dizendo que não quer?

Amelia abriu a boca e fechou-a, franzindo a testa.

– Só porque o acho interessante não significa que queira ir para a cama com você.

– Você vai. Mas não se preocupe. Não será esta noite.

DURANTE A viagem de volta à propriedade dos Bellagio, o cérebro de Amelia não parava de girar. Esperava que o vento fresco lhe clareasse a mente e reduzisse o impacto de Jack sobre ela, mas não conseguia parar de olhar para as mãos dele e, de vez em quando, quando inalava o ar, sentia o perfume penetrante de sua loção pós-barba.

Jack era muito cético e muito seguro de si. Se isso fosse tudo o que pensava sobre ele, poderia facilmente dispensá-lo, mas a maneira como ele a desafiava ora a incomodava, ora a fascinava. Como podia ser tão errado e tão certo ao mesmo tempo?

– Você está tão quieta – disse ele.

– Estou apreciando o passeio.

– Está irritada – concluiu Jack, mas não pareceu muito preocupado.

– Não estou irritada – corrigiu ela. – Sinto-me desconfortável.

– Com medo do que eu vou fazer? Ou do que você vai fazer?

Uma imagem sexy daquelas mãos acariciando-a explodiu no cérebro de Amelia. Ela fechou os olhos e tratou de bani-la da mente.

– Nenhum dos dois. – Ela se inclinou para a frente e ligou o leitor de CD.

– Stones para salvar a situação – disse ele, quando a voz de Mick Jagger soou nos alto-falantes.

Mas apenas por pouco de tempo, pensou Amelia, e tentou ignorar todos os tipos de problemas em que podia se envolver com Jack.

No momento em que ele parou o carro junto ao portão da propriedade dos Bellagio, ela sentiu como se estivesse em um estado de estupor induzido pelo vento do conversível. Inconsciente.

Jack desacelerou, parou e olhou para ela.

– Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça.

– Antes de ir, me dê o seu pé – disse ele.

Amelia pestanejou.

– O quê?

– Quero vê-la usando uma dessas tornozeleiras e não sei quanto tempo mais ficarei na cidade.

O peito de Amelia apertou e ela sentiu uma pontada ímpar de aflição.

– Você vai embora?

Ele deu de ombros.

– Depende do andamento do negócio em que estou trabalhando. Vamos, me dê seu pé.

Relutante, mas compelida, Amelia virou-se na sua direção e ergueu o pé. Jack pousou-o sobre a coxa, chamando sua atenção para a virilha dele. Ela se esforçou para desviar o olhar e o observou retirar a correntinha do saco de papel.

Jack prendeu a corrente de prata de conchas em torno de seu tornozelo e olhou para ela.

– Lindo – murmurou. – Gostou?

A visão daquela mão bronzeada sobre sua pele clara a fez sentir um frio na barriga.

– Hã, é muito bonito. – Ela o fitou nos olhos. – Obrigada.

Jack pousou o tornozelo dela sobre a perna mais uma vez e segurou-lhe a mão, puxando-a para mais perto.

– Não pode culpar os hurricanes esta noite. Vai me beijar? – Ele roçou-lhe o queixo com a ponta do dedo. – Vai beijar um insensível, cético e bastardo como eu?

– Você não é totalmente insensível.

– Mas sou um bocado cético – disse ele, seu olhar firme.

– Sim, você é – admitiu ela, aquela proximidade roubando-lhe o oxigênio dos pulmões.

– E sou um grande bastardo – continuou Jack, deslizando o polegar pelo pescoço dela até lhe alcançar a clavícula.

Amelia sentiu a boca seca.

– Eu não teria escolhido esse termo.

Ele riu e, em seguida, baixou a cabeça.

– Eu a excito, Magnólia?

Ela mordeu o lábio.

– Você me excita.

Amelia achou aquilo difícil de acreditar.

– Por quê? – A pergunta escapou antes que ela pudesse detê-la.

– Gosto da sua boca – murmurou ele, puxando-lhe o lábio com o polegar.

– É rosa. Gosto do seu corpo. Você é cheia de curvas.

– Não sou magra.

– Quero vê-la nua. Quero ver seus seios. Quero ver a cor dos seus mamilos e provar o sabor deles.

A temperatura de Amelia subiu tão rápido que ela sentiu como se tivesse entrado em combustão.

– Gosto da cor da sua pele.

– Sou muito branca.

Jack meneou a cabeça.

– Não para o que eu tenho em mente. – Ele abaixou a cabeça novamente, seus lábios apenas a alguns centímetros dos dela. – Eu a deixo em brasa,

não é?

Amelia tentou se afastar, mas o corpo não obedecia a suas débeis instruções mentais.

– Quando vai tomar o que você quer?

O fato de Jack não a pressionar, mas se mostrar tão disponível, estava deixando-a louca. Era como ter um sundae de chocolate na sua frente. Tudo que precisava fazer era pegar a colher e a deliciosa sobremesa estaria em sua boca.

Uma colherada não a mataria, pensou, e ergueu o rosto. Em seguida, roçou os lábios contra os dele e o envolveu pelo pescoço com os braços. Com a ponta da língua traçou o contorno do lábio inferior dele e Jack reagiu de imediato, emoldurando-lhe o rosto entre as mãos e inclinando a boca para um lado para lhe facilitar o acesso.

Massageando-lhe a mandíbula com leves carícias, ele sugou-lhe os lábios e invadiu sua boca com a língua. Ela teve a impressão de estar sendo sensualmente devorada, como se as posições tivessem se invertido, e ela fosse o sundae de chocolate e ele quisesse mais do que uma simples colherada.

Amelia sentiu os mamilos enrijecerem. Jack correu uma das mãos sobre a coxa dela, provocando-lhe uma onda de tensão.

Incapaz de resistir ao impulso de se contorcer, ela o ouviu emitir um murmúrio de aprovação.

– Oh, você é tão quente. Tocá-la é tão bom.

Jack correu a ponta do dedo, provocando-lhe a pele do pescoço e clavícula, então desceu um pouco mais até o colarinho aberto da blusa que ela usava. Tocou-lhe a alça do maiô ao mesmo tempo que escorregou a outra mão mais para cima, ao longo da sua coxa, durante todo o tempo roubando-lhe o ar e a sanidade com beijos que se tornavam cada vez mais profundos e ardentes.

Seus dedos se aproximavam mais e mais dos seios dela. Se ele não lhe tocasse os mamilos, Amelia tinha a impressão de que morreria de desejo. Arqueou o torso em sua direção, mas ainda assim Jack não se rendeu.

Envolvendo-o pela nuca, ela o beijou sofregamente. Por fim, os dedos dele lhe tocaram os mamilos, arrancando-lhe um gemido. Ele tocou-a de novo e ela estremeceu. Nesse momento, Amelia o sentiu deslizar a outra mão por entre as suas coxas. A seguir, introduziu o dedo por baixo da beirada do maiô e o enterrou em sua carne macia.

– Caramba, você está úmida. – Ele esfregou o dedo dentro dela, fazendo-a sentir o coração latejar na cabeça. – Quero mergulhar no seu corpo e...

A combinação de palavras eróticas e o modo como Jack a acariciava levou Amelia a uma dimensão diferente. A tensão em seu interior se intensificava com uma velocidade chocante e, quando ele lhe tocou o clitóris, ela chegou ao ápice em uma explosão extenuante que a pegou de surpresa.

– Ah, meu Deus... – sussurrou, ofegando aflita por um pouco de oxigênio.

Jack abafou um palavrão.

– Nossa, você é sensacional. Se não tivéssemos a desculpa de estar em um carro, eu lhe arrancaria as roupas agora mesmo.

Aos poucos, Amelia se deu conta de que havia acabado de experimentar o clímax mais intenso de sua vida, na calçada, em um carro, com um homem que ela conhecia havia apenas alguns dias. Uma onda de constrangimento a invadiu.

– Não sei o que dizer. Não esperava isso. Apenas...

– Não se desculpe, Magnólia. A recompensa será o paraíso.

CAPÍTULO 5

JACK RECEBEU o segundo convite real da rainha da Bellagio, em pessoa, dois dias depois. Era quase como se ela soubesse que ele não estava disposto a esperar mais tempo para encontrá-la. Quando ela cancelara o primeiro encontro com a promessa de reagendá-lo, ele cogitou voltar para Chicago, mas então decidiu lhe dar mais alguns dias. Afinal, vinha esperando por esse momento havia 31 anos. Era capaz de conduzir seus negócios de qualquer lugar, e a dama de ferro da Bellagio poderia lhe ser útil.

Lillian não o convidou para sua casa ou para um restaurante na cidade. Não. Ela ainda não queria que o público tomasse conhecimento da existência de Jack, mas ele não se incomodava com isso. Estava acostumado a ser um segredo sujo.

Jack pesquisou o endereço que ela lhe forneceu e descobriu se tratar de um chalé de propriedade de Lillian. Ela permitira que uma amiga de longa data transformasse o local em uma pequena pousada.

Jack usava um terno que se ajustava com perfeição ao seu corpo devido às exigências de seu obstinado alfaiate, sapatos Bellagio e um relógio de ouro. Tudo em sua aparência denotava sucesso. Ele sabia por que o obtivera, o comprara e pagara por ele.

Chegando cinco minutos mais cedo para o seu compromisso, se permitiu ser conduzido para dentro por uma mulher magra, de cabelo grisalho e vagos olhos cinzentos. Ela ofereceu-lhe chá, café ou limonada, mas ele educadamente recusou e caminhou até a varanda dos fundos, onde uma mesa se encontrava posta com uma toalha branca, porcelana fina, cristais e prata esterlina.

Não pôde deixar de pensar que as toalhas de plástico que a mãe comprava em um bazar estavam a anos-luz de distância daquelas. *Ele* estava a anos-luz de distância de tudo aquilo.

Descendente ilegítimo de italianos e irlandeses, Jack fora um garoto magricela, com uma mãe que favorecia o tráfico de drogas ilegais em troca de alimentos e roupas para o filho.

Abafando um palavrão, diante das cercas vivas bem cuidadas que forneciam privacidade, sentiu um súbito aperto no peito, uma sensação sufocante que o acometia com muita frequência na infância.

Olhou para o relógio e, observando que a sra. Bellagio estava agora 15 minutos atrasada, decidiu partir. O saco velho teria que se divertir manipulando os cordões de outra marionete. Dirigiu-se à frente da casa a tempo de ouvir a porta de um carro se fechar. Pela janela, avistou a mulher de cabelos grisalhos e a senhora Bellagio trocando um abraço.

A cena o surpreendeu. Pelo que ouvira falar dela, a bela do Sul que capturara o coração e a conta bancária de Dario Bellagio devorava suas crias. Talvez fosse por esse motivo que o filho dela se mudara para a costa oeste, para seguir uma carreira em pesquisa e educação. Em vez de aderir ao império de calçados da família, o filho precioso de Lillian virara o nariz à ideia de trabalhar para a Bellagio, para decepção e desgosto dos pais.

– A vida é uma cadela – murmurou Jack baixinho. – E estou me preparando para enfrentar a maior de todas elas.

Jack voltou para a varanda, nos fundos, e sentou-se. Dentro de instantes, Lillian, com todos os fios de cabelo branco no lugar e trajando um vestido azul-marinho, sapatos e bolsa da mesma cor, caminhou em sua direção.

Ele se ergueu, mas esperou que ela falasse primeiro.

– Jack, sou Lillian Bellagio. – Ela estendeu a mão. – Por favor, perdoe-me o atraso. Precisei cuidar de um assunto inesperado em casa.

Jack aceitou sua mão e apertou-a suavemente, fitando-a nos olhos. Parecia mais afetuosa do que ele esperava. Sua mãe sempre lhe dissera que ela era fria.

– Perdoadada – disse ele, porque o atraso era o menor de seus pecados. – Estava ansioso para conhecê-la.

Lillian fez um leve aceno de cabeça, como se não soubesse ao certo se poderia dizer o mesmo.

– Por favor, sente-se. Margaret vai nos trazer um chá. Ou prefere café?

– Café, obrigado – disse ele, sentando-se.

– Margaret, querida, poderia trazer um café para o sr. O’Connell? Gostaria de cappuccino ou latte?

– Puro para mim está bem – disse ele, estudando-a. Lillian possuía uma graça fluida natural e, ao mesmo tempo, emanava energia e refinamento. Apesar de estar impecavelmente arrumada, suas feições não pareciam rígidas. Era capaz de apostar que ela podia ser bastante envolvente se desejasse.

Também sabia que a bela dama poderia se tornar bastante hostil para defender seu território. Conversar com Amelia lhe conferira uma grande vantagem. Conhecia o ponto fraco de Lillian, sua terrível decepção com o fato de o herdeiro que ela gerara para a Bellagio ter virado a cara para a empresa da família e se mudado para o Oeste. Pior ainda: segundo Amelia, Junior apenas visitava a mãe a cada dois anos, no máximo.

Margaret trouxe café, chá e bolos em uma bandeja.

– Obrigada, querida – disse Lillian, e se serviu de uma xícara de chá. – Ainda deve estar quente demais – murmurou e, em seguida, o fitou e respirou fundo.

Jack sentiu o olhar dela percorrer-lhe o cabelo, as sobrancelhas, demorar-se em seus olhos, bochechas e nariz, até lhe alcançar a boca, o queixo e os ombros. Sua expressão era fria e avaliadora.

– Você tem o cabelo, os olhos e a boca dos Bellagio. – Seus lábios se curvaram em um meio sorriso. – Mas excede seu pai no quesito altura.

– O irmão e o pai da minha mãe mediam mais de um metro e oitenta.

Ela fez um gesto de assentimento com a cabeça.

– Suponho então que você deva agradecer a ela por esses genes.

– Um pouco tarde para isso, já que ela está morta.

Lillian assentiu mais uma vez com a cabeça, o sorriso desaparecendo, a boca se contraindo.

– É verdade. Por favor, aceite minhas condolências.

– Até poderia – disse ele, sentindo uma pontada de impaciência. – Se eu achasse que estava sendo remotamente sincera.

Surpresa, ela entreabriu os lábios antes de se recuperar.

– Minha falta de afeição por sua mãe é compreensível.

Ele meneou a cabeça.

– É compreensível que você tenha me impedido de conhecer meu pai?

Lillian baixou o olhar por um longo momento.

– Compreensível, talvez. – Ela pegou a xícara e tornou a pousá-la. – Perdoável, não.

Foi quando Jack soube que a tinha sob controle. Lillian Bellagio se sentia culpada e precisava aliviar essa culpa. Ele sabia exatamente como ajudá-la.

Ela tomou um pequeno gole de chá.

– Pelo que ouvi dizer, parece que você herdou um pouco do tino comercial de Dario.

– Não entendo muito sobre herdar, sra. Bellagio, mas entendo de trabalho árduo.

– Jack, muitas pessoas trabalham duro. Poucas alcançam o seu nível, sobretudo os provenientes das mesmas circunstâncias que você. Antes de levar a proposta de Marc Waterson à diretoria para a Bellagio concordar com a sua oferta de fornecer capital de risco para o redesenho da linha de calçados esportivos masculinos, dei alguns telefonemas. Sei tudo a seu respeito. O seu patrimônio líquido, os negócios que fez, quem são seus sócios, amigos e inimigos e quantos imóveis possui.

– O que a fez decidir votar a favor de me aceitar como o homem do dinheiro da Bellagio?

– Porque sei que não é tão desinteressado quanto quer parecer. Comprou e vendeu uma empresa de calçados sul-americana, e eu suspeito de que tenha sido para efeitos de aprendizagem. Comprou uma linha de acessórios que tem o potencial para complementar os produtos existentes da Bellagio.

– Ela sorriu. – Também participou de um seminário sobre como confeccionar calçados. Como ficaram os seus?

Jack não se surpreendeu com aquela investigação meticulosa sobre ele.

– Nada mal. Eu os uso em casa. Você também descobriu quantas cáries eu tive?

– Se os deuses dos genes foram bons e você escovou os dentes quando criança, provavelmente não foram muitas. Os Bellagio têm bons dentes. Não sinto nenhum pesar por investigar você e o seu passado.

– Você sente pesar de quê?

Lillian olhou para baixo, e a vida pareceu escoar de seu rosto.

– Poderia sentir pesar por você não ter se beneficiado da quantia de um milhão de dólares que dei a sua mãe para ela desaparecer. Pensei que ela ia dá-lo para adoção.

– Um milhão? – repetiu, incrédulo. Sabia que a mãe recebera uma quantia pela imprudência de Dario, mas nunca soube o valor exato. Lembrava

vagamente de se mudar de uma bela casa para um apartamento. Alguns anos mais tarde, eles se mudaram para um bairro pior.

– Ela gastou a maior parte do dinheiro nos primeiros três anos, não é? – perguntou Lillian.

Ele assentiu.

– Acho que sim. Tinha alguns vícios.

– Como conseguiu se manter afastado desses vícios?

– Eu a vi arrasada pelas drogas com frequência suficiente para saber que não queria fazer parte disso.

– Podia ter tornado público quem era o seu pai há muito tempo. Por que esperou? Por que o sigilo?

– Porque quero ser mais do que um zero à esquerda nas reuniões da diretoria.

– Você quer respeito – concluiu ela.

Jack deu de ombros, porque havia bem mais envolvido do que apenas respeito, mas não era algo que diria em voz alta.

– Estou preparada para aceitar as consequências do fato de que meu marido era o seu pai.

– Tem certeza? As perguntas, as fofocas e a especulação.

Lillian ergueu a xícara de chá e tomou um gole.

– Não passo muito tempo em Atlanta, atualmente. Além do meu trabalho beneficente e de participar das reuniões da diretoria, passo a maior parte do tempo aqui.

– E quanto à sua reputação?

Ela deu um sorriso de mulher sábia.

– Você é muito jovem para entender, mas manter uma reputação pode se tornar uma pressão, às vezes.

Naquele momento, Jack quase simpatizou com ela. Quase.

– Por que nunca contou ao seu marido sobre mim?

– Eu era jovem e estava assustada. Era incrivelmente egoísta. Não conseguia enxergar além do meu medo. Em alguns aspectos, a visão melhora com a idade. – Ela o fitou nos olhos. – O que você quer de mim?

Parte dele queria dizer “nada” e deixar que ela amargasse sua culpa pelo resto da vida. Mas essa atitude não serviria ao seu propósito, e Jack aprendera, por meio da observação e experiência, que tudo corria melhor para ele quando deixava a lógica em vez da emoção governar suas escolhas.

– Quero uma chance. Você tem a reputação de permitir que diferentes membros da diretoria votem em seu nome, dependendo do seu humor. Imagino que Marc Waterson ou Alfredo Bellagio telefonem para você e a deixem a par da situação em questão e então você decide em qual direção deve enviar seu voto. Eu quero uma chance de ganhar o seu voto.

Lillian o fitou por um longo momento.

– Justo. Você terá sua chance.

HOUVE UM distúrbio doméstico na propriedade dos Bellagio e seu nome era Brooke Tarantino. A patricinha, naquele momento, se encontrava no banheiro, sofrendo os efeitos de vários sermões e uma terrível ressaca.

Antes de sair, Lillian havia deixado instruções com Amelia.

– Vigie-a. Certifique-se de que ela não se machuque.

Amelia olhou para o relógio. Não ouvira nenhum gemido durante alguns minutos.

Não estava certa sobre a maneira adequada de abordar uma herdeira, quando ela estava no banheiro. Então, bateu devagar na porta.

– Vá embora, Lillian! – Brooke gritou do outro lado da porta. – Se eu ouvir mais um sermão de um Bellagio sobre ser a vergonha da família, vou envergonhar todos vocês ainda mais, saltando pela janela.

Whoooo, baby, pensou Amelia. A patricinha com certeza estava viva.

– Desculpe – disse Amelia. – Não é a Lillian. Só vim me certificar de que está tudo bem.

Seguiram-se alguns instantes de silêncio, então a porta se abriu, e Brooke, com o cabelo loiro emaranhado, rímel borrado sob os olhos e a pele pálida, fitou-a de cima a baixo, a expressão aborrecida suavizando um pouco.

– Desculpe, pensei que fosse Lillian.

Amelia assentiu.

– Posso lhe trazer algo para comer ou beber?

Brooke fez uma careta.

– Não quero comer tão cedo.

– Algumas garrafas de água gelada, então? Pode ajudá-la a se sentir melhor. Provavelmente está desidratada.

Brooke assentiu.

– Isso soa bem.

– Se você lavar o rosto e escovar os dentes, ajudará também – disse Amelia.

– Quem é você? Algum tipo de Mary Poppins designada para cuidar de mim, a criança endiabrada dos Bellagio?

– Na verdade, sou funcionária da Bellagio. Estou trabalhando como assistente temporária de Lillian. Ela me pediu para me certificar de que você não morreu.

Brooke sorriu.

– É claro que ela pediu. Não é bom para a imagem dela que sua sobrinha-neta morra enquanto estiver sob seus cuidados. – Ela lançou outro olhar curioso a Amelia. – Você tem cara de boa samaritana. Está no mercado procurando marido?

– Na verdade, não. – Amelia se perguntou se deveria se sentir ofendida. – Eu e meu noivo terminamos há pouco tempo.

– Oh! Parabéns – disse Brooke. – Ouvi dizer que é sempre melhor descobrir que o cara é um perdedor antes de dizer “eu aceito”.

Amelia piscou. Aquela era a primeira vez que a felicitavam por ter sido abandonada.

– Vou pegar sua água.

– Obrigada. Vou lavar o rosto, escovar os dentes e colocar o pijama.

Amelia desceu para pegar algumas garrafas de água na geladeira. A governanta apareceu e lançou-lhe um olhar cauteloso.

– Posso preparar alguma coisa para ela, mas não levarei ao quarto. A última vez que ela esteve aqui, jogou uma bandeja em cima de mim.

– Ela não está com fome – disse Amelia, desejando saber sobre o incidente com a bandeja, mas quase com medo de perguntar.

– Ela também não estava com fome naquela vez. Resolveu fazer greve de fome porque o pai não comprou um resort no México para um rapaz que ela conheceu nas férias de primavera. Disse que iria contribuir de forma positiva para a economia global. E você sabe que ela deixou o noivo no altar. Um jovem muito bonito, também. Se quer saber, ela é uma maluca.

– Uau – disse Amelia, e fez um aceno vago. Sabia tudo sobre Brooke ter deixado Walker Gordon no altar porque trabalhara com Trina, a nova noiva de Walker. Tinha a impressão de que nem Walker nem Trina guardavam rancor de Brooke. Ambos pareciam apenas gratos por terem encontrado um ao outro.

Após também ter sido abandonada, Amelia sentia muita simpatia por Walker, mas ele não parecia tão infeliz com o rumo que sua vida tomara. Levou as garrafas de água para o andar superior e entrou na suíte de Brooke para encontrar a socialite esparramada na cama com o controle remoto da televisão na mão. Sem um pinga de maquiagem no rosto e usando um pijama, parecia uma jovem adolescente cercada por bichos de pelúcia.

– Aqui está – disse Amelia, entregando uma das garrafas de água a Brooke.

– Sente-se – disse Brooke, dando um tapinha na cama. – Estão reprisando os cinquenta piores momentos do tapete vermelho. Podemos zombar de todas as estrelas.

Amelia se mostrou indecisa.

– Ah, vamos – insistiu Brooke. – Encare como enriquecimento educacional. Nunca se sabe quando a sua fotografia estampará uma revista de fofocas.

Amelia afundou na cama um pouco hesitante.

– Tenho certeza de que nunca precisarei me preocupar com isso.

Brooke bebeu um pouco de água.

– Bem, eu preciso. Foi por esse motivo que me enviaram para cá, para a cidade dos aposentados – disse, com a expressão fechada. – Mais de uma centena de mulheres fazendo topless na praia, no Rio, mas aquele fotógrafo tinha que me encontrar. Tinha que colocar minha foto na capa daquela revista de fofocas espanhola. Não se falava em outra coisa quando estamparam meus seios na primeira página. – Brooke olhou para Amelia e revirou os olhos. – Oh, não me diga que ofendi sua sensibilidade porque fiz topless em uma praia na América do Sul.

Brooke vivia em um mundo tão diferente do seu que Amelia não sabia como responder. Escolheu a abordagem racional, já que suspeitava que a jovem sofria de uma deficiência nessa área.

– Em primeiro lugar, nunca fiz topless na praia. Em segundo, não tenho certeza se gostaria de fazê-lo, porque me queimo como o diabo.

– Diabo – repetiu Brooke e sorriu. – Gosto disso. Diabo. – Ela voltou a atenção outra vez para a televisão. – Oh, olhe. Agora *há* um modelo para todas as mulheres que tomaram um fora – disse ela, apontando para a estrela na tela. – Ouvi dizer que ela foi abandonada pelo namorado e começou a namorar um modelo dentro de duas semanas. Qual é a lição?

Amelia não fazia a menor ideia.

– Namorar modelos?

– Não. Se você levar o fora de um namorado, agarre o primeiro bonitão que encontrar. Restabelece a ordem natural do universo.

Amelia abriu a boca, mas não conseguia pensar em uma resposta adequada. Brooke bebeu as duas garrafas de água e ofereceu vários discursos tranquilizadores até que, como uma criança que precisava de uma soneca, abraçou um travesseiro extra contra o peito e adormeceu.

Amelia recolheu as garrafas vazias, desligou a televisão e deixou o quarto em silêncio. Após descartar as garrafas plásticas, a voz de Lillian a deteve.

– Boa noite, Amelia.

– Boa noite, sra. Bellagio – respondeu ela, virando-se para sua chefe temporária.

– Brooke causou problemas esta tarde?

– Não, senhora. Não comeu nada, mas eu a convenci a beber algumas garrafas de água. Ela assistiu a um pouco de televisão e adormeceu.

Lillian suspirou e esfregou a testa.

– Não sei o que faremos com essa jovem. Parece que ela não entende as responsabilidades de ser uma Bellagio. Quando ficou noiva, esperávamos que tomasse juízo, mas isso não aconteceu.

– Ela é muito gentil – disse Amelia, sentindo necessidade, por alguma razão desconhecida, de dizer algo positivo sobre Brooke.

– Ela não a insultou? – perguntou Lillian surpresa.

Amelia supôs que poderia ter sido insultada pelos comentários do topless ou de ter cara de boa samaritana, mas estava ocupada demais tentando se manter neutra.

– Ela foi amigável. Convidou-me para ver televisão com ela.

– Tenho certeza de que foi enriquecedor – disse Lillian em um tom seco. – Se ela fosse um pouco mais sensata e prática como você, acho que não se meteria em tantos problemas. – Ela estudou Amelia por um longo momento. – Talvez, se você pudesse passar algum tempo com ela... Ensiná-la...

– Ensiná-la? – repetiu Amelia, seus instintos de autopreservação inflamando-se. – Não acho que eu seria uma boa pessoa para essa tarefa. Não sei se teria o que lhe ensinar. De qualquer forma, ensinar sugere que o aluno deseje de fato aprender algo com o mentor. Além disso, Brooke é muito mais experiente do que eu.

– Mas isso é parte do problema. Ela precisa de uma perspectiva diferente. Precisa conviver com pessoas diferentes, pessoas sensatas.

– A senhora preenche esses requisitos – retrucou Amelia. – É a tia-avó dela. É a pessoa perfeita para isso.

– Em outras circunstâncias. Mas Brooke acha que sou uma velha chata sem importância.

– Depois de nosso primeiro encontro, não creio que ela também me atribua qualquer importância.

– Vou lhe dar uma bonificação – disse Lillian.

– O quê?

– Vou lhe dar uma bonificação se você ajudar a Brooke.

A mulher parecia desesperada. Amelia suspeitava que Lillian Bellagio raramente se desesperava. Mas também tinha ciência das próprias limitações.

– Senhora Bellagio, por mais que eu quisesse ajudá-la, de modo algum gostaria que o futuro da minha carreira na Bellagio fosse afetado ou determinado por Brooke Tarantino. Eu ficaria muito preocupada que ela fizesse algo durante o meu horário de trabalho que aborrecesse a senhora e o restante da família.

– Que tal apenas levá-la para almoçar algumas vezes, passar uma hora ou mais com ela durante algumas tardes? Não vou responsabilizá-la por nada que ela fizer – prometeu Lillian. – Será apenas uma parte de suas atribuições e vou me certificar de lhe dar umas folgas extras. Pronto, assim é muito melhor, não é? Podemos discutir esse assunto mais a fundo amanhã de manhã. Durma bem, querida.

Amelia inspirou o leve aroma do perfume de Lillian quando a mulher se virou e saiu. Enquanto caminhava com passos lentos em direção à própria suíte, não pôde deixar de sentir um nó bem grande de medo na barriga.

Era óbvio que todos os Bellagio sabiam que Brooke não era apenas uma bomba-relógio. Era um caminhão repleto de bombas-relógio, uma caravana de caminhões de bombas-relógio.

Talvez aquele show em Florida Keys não tivesse sido uma boa ideia, afinal. Ela entrou no quarto e fechou a porta. Ao olhar para a cômoda, viu uma luz piscando no telefone celular. Pegou-o e ouviu a mensagem.

– É Jack. Ainda continuo na cidade se quiser me encontrar. Ligue-me.

Seu coração pulou ao som da voz dele. O modo como Lillian a descreveu ecoou em sua cabeça. *Sensata e prática.*

Uma mulher que se encaixava nessa descrição jamais retornaria a ligação de Jack.

Amelia contou até dez para testar sua sensatez. Em seguida, discou o número dele.

CAPÍTULO 6

– **D**ECIDI QUE eles são uns alienígenas – disse Amelia a Jack, enquanto caminhavam pela praia particular artificial na parte externa do condomínio onde ele estava hospedado. Sentia-se ridiculamente feliz por ele não ter partido e quase precisou amarrar as mãos atrás das costas para evitar passar os braços em torno do pescoço dele e abraçá-lo, quando ele foi buscá-la na propriedade dos Bellagio. Sem dúvida, ele a teria fitado como se *ela* fosse a alienígena.

Jack riu.

– Quem? Os Bellagio?

Amelia fez um gesto.

– Aparentam ser humanos, normais, até mesmo bonitos por fora, mas por dentro são alienígenas. O que devo fazer com Brooke Tarantino que alguém já não tenha tentado?

– Não sei. Ensinar-lhe algo que ela não aprendeu.

– Ela é uma herdeira. O que posso ter feito que ela não?

– Manter-se afastada de problemas. Viver com um orçamento limitado.

Amelia lançou-lhe um olhar sombrio.

– Ela não parece interessada em aprender nenhuma dessas coisas.

– Bem, e todas as prendas domésticas que sua mãe lhe ensinou? Cozinhar, ser cortês, tricotar. – Ele estalou os dedos. – Vou lhe dizer o que pode ensinar a Brooke que ela ainda não aprendeu: como manter um perfil discreto.

Amelia pensou por um momento.

– Não sei. Tricotar... Acha mesmo que seria uma boa ideia colocar instrumentos perfurantes na mão daquela mulher?

– Medo de a alienígena resolver atacá-la? – brincou ele.

– Ou atacar Lillian. Elas se odeiam.

– Sério? – perguntou Jack. – Ódio é uma palavra pesada.

– Talvez não ódio, mas com certeza não sinto carinho entre as duas. É mais como se houvesse ressentimento da parte de Brooke e desespero da parte de Lillian.

– Desespero?

– Eu sei. Jamais deveria ter associado essa palavra a ela, mas vi esse sentimento em seus olhos. Quase desejei poder ajudá-la, mas sem sombra de dúvida está além da minha capacidade.

– Vai acabar descobrindo alguma forma. Então, o que mais assinalou naquela lista desde a última vez que a vi?

– Nada, para ser honesta – admitiu relutante. – Mas parece que com frequência assinalo várias coisas quando estou com você.

– Então, sou sua fonte inspiradora – disse ele, parando para fitá-la. O desejo estampado no rosto dele fez o peito de Amelia apertar.

– Não sei se eu teria escolhido essa descrição.

Jack se inclinou.

– Que descrição escolheria?

Amelia respirou fundo, olhando para a sua boca, querendo, mas resistindo.

– Acho que meu pai o rotularia de mau-caráter.

– Ele ficaria ofendido porque minhas intenções em relação a você não são boas – disse ele, curvando a boca com a leve sugestão de um sorriso perverso.

– Alguma vez já teve boas intenções com uma mulher?

– Boa pergunta. Mas esse assunto não tem nada a ver com a sua lista. Falando nisso... Não há ninguém por perto. A noite está perfeita – disse ele, olhando na direção do oceano.

Para quê? Ela mordeu a língua para evitar a pergunta.

– As nuvens estão ocultando as estrelas – continuou Jack. – O que proporciona ainda mais privacidade. Noite perfeita para um mergulho nua.

Ela piscou.

– Tem certeza de que isso consta na minha lista? Talvez esteja na sua.

Ele meneou a cabeça.

– Você escreveu. Nadar nua.

– Sim, mas você saiu acrescentando a palavra “nua” em tudo. Além do mais, devo ter escrito esse item após o segundo hurricane.

– Amarelado?

O orgulho de Amelia aflorou.

– Não posso nadar no oceano. Sou uma isca para os tubarões. Estou usando uma tornozeleira. Veja! – Ela ergueu o tornozelo. – Tubarões gostam de objetos brilhantes. Um deles poderia morder meu pé.

– É simples, tire a tornozeleira. Mas, se tem medo de tubarões, podemos ir para a piscina na casa do meu amigo. É particular.

Meia dúzia de desculpas esfarrapadas desfilaram pela mente de Amelia.

– A menos que esteja com medo – disse ele. – Ou de fato não queira experimentar coisas novas. Prefere continuar fazendo o habitual.

– Certo, eu farei. – Ela suspirou. – Mas apenas por cinco minutos. E se houver luzes você terá que desligá-las. E tem que jurar que é particular.

– Cinco minutos não são suficientes. Você mal vai se molhar. Tem que ser 15.

– Dez – argumentou ela.

– Fechado – concordou Jack e segurou-a pela mão. – Vamos.

No segundo seguinte, Amelia se arrependeu de concordar com aquela ousadia.

– Não seria mais fácil depois de uma pequena taça de vinho?

Jack puxou-a para fora da praia e rumou para um bangalô.

– Não. Você não quer usar o álcool como desculpa cada vez que tentar algo novo.

– Mas não posso sequer culpar a lua cheia por essa atitude – disse ela, seguindo-o através de um portão lateral ladeado por árvores e arbustos. No interior, vislumbrou uma pequena piscina. A água rebrilhava azul e convidativa, e toda a área em volta, lembrando um oásis, se encontrava iluminada como o Natal. – As luzes estão acesas, Jack. Não posso fazer isso.

– Vou desligá-las. Sorria e relaxe. Considere como uma experiência de crescimento.

Jack se afastou e Amelia olhou para a piscina; em seguida, para suas roupas. Estava usando uma saia de algodão, um conjunto rosa de suéter e cardigã, um sutiã branco e uma calcinha da mesma cor. Havia deixado as sandálias na praia. Mordeu o lábio, tentando descobrir como se despir em tempo recorde e pular na piscina. Então, se livrou do cardigã. As luzes se

apagaram e, segundos depois, Jack voltou, fitando-a com um olhar expectante.

– Bem, você não pode ficar me olhando – disse ela. – Tem que se virar.

– Amelia...

– Tem que se virar.

– Assim não tem graça – murmurou ele, se virando.

– Não tem graça para você – respondeu ela, recuando alguns passos e retirando a calcinha por baixo da saia. – Não tem que ser divertido para você, lembra? A ideia é ser uma experiência de enriquecimento para mim.

Amelia desabotoou o sutiã e retirou a peça, contorcendo-se um pouco para manter o suéter. Em seguida, caminhou até a beirada da piscina. Respirando fundo, puxou o suéter pela cabeça, empurrou a saia para baixo e saltou.

A água produziu um efeito de seda morna em sua pele nua. Com o manto da escuridão protegendo-a, ela suspirou.

– Oh, uau, isso é bom.

– Você parece surpresa. Não se trata do Lago Michigan – disse ele, virando-se.

Amelia aproximou-se da borda lateral da piscina para ocultar o corpo.

– Fique onde está. Esta é a minha pequena aventura.

– Não precisa ser tão egoísta. – Jack tirou a camiseta, expondo o peito impressionante.

– Oh, não, você não vai pular. Não foi o combinado.

– Considere como uma gratificação – disse ele, e baixou as mãos para o cós da bermuda.

Soltando um palavrão, Amelia fechou os olhos. Ele parecia totalmente à vontade em se despir na frente dela.

– Não sei por que está se dando a esse trabalho. Não ficarei aqui por muito tempo – argumentou ela. – E já se passaram pelo menos três minutos.

– Tente outra, Magnólia.

Amelia ouviu um respingo e sentiu um leve ondular na água. Então, virou o corpo, por completo, para a lateral da piscina.

– Eu estava quase começando a gostar desta brincadeira, até você entrar na piscina.

– Tenho oito minutos para fazê-la mudar de ideia – disse ele, com a voz muito próxima. Postando-se a seu lado, apoiou os braços na borda.

Amelia respirou fundo e o fitou.

– Não vou fazer sexo com você na piscina.

– Tudo bem – concordou ele, e passou um dos braços ao redor da cintura dela, fazendo-a ofegar. – Podemos apenas nadar um pouco.

– Mas...

– Na sua lista dizia “nadar nua” – lembrou-a, soltando os dedos da beirada da piscina. – Você não nadou quase nada. Deveria desfrutar um pouco mais.

– Eu estava, antes de você se juntar a mim.

Ela sentiu a mão dele escorregar de modo suave e sensual pela sua nuca. Então... ele...

Afundou o rosto dela na água.

Amelia inalou a água da piscina e gaguejou, levantando a cabeça e sacudindo-a. A água queimou sua traqueia. Tossiu tão forte que seus olhos se encheram de lágrimas.

– Ei, você está bem? – perguntou Jack, aproximando-se.

Ela continuou a tossir, mas conseguiu jogar água nele.

– Não, graças a você. Era para ser uma experiência boa, tranquila – argumentou ofegando, tossindo de novo e olhando para ele. – Nadar. Não me afogar.

– Você não devia ter respirado a água – respondeu ele gentilmente.

– Ah, não enche – retrucou ela, ainda tentando normalizar a respiração.

Jack olhou para baixo, e, de repente, Amelia percebeu que esquecera que estava nua e ele havia acabado de ser agraciado com uma excelente visão dos seus seios.

Cruzando os braços sobre o peito, agachou-se na água e fez-lhe uma careta.

– Você é um... – Ela franziu a testa e balançou a cabeça, incapaz de encontrar o insulto adequado.

– Ora, vamos – persuadiu Jack, a voz baixa e repleta de sedução, enquanto movimentava os braços e as pernas em frente a ela. A água sobre seus ombros largos cintilava ao luar. Jack tinha um torso forte, sem exageros. Ela olhou para baixo, para seu abdômen liso.

Entrelaçando uma das mãos à dela, ele a puxou para si.

– Tarde demais. Eu já vi. Lindos seios, Magnólia. – Ele abaixou a cabeça e beijou-a.

Amelia sentiu o contato da boca morna de Jack, enquanto ele lhe acariciava as costas. A tentação daquela pele nua de encontro à sua era demais. Soltando as mãos, permitiu que ele a puxasse mais para perto. O peito musculoso roçando-lhe os seios nus a fez sentir como se fosse um sorvete, derretendo em uma tarde quente de julho.

Mergulhando seus corpos mais fundo na água, Jack prosseguiu com as carícias. Sem afastar os lábios dos dela, deslizou as mãos até seus quadris e ergueu-lhe as coxas, enroscando-as ao redor de sua cintura.

– Assim está melhor – murmurou de encontro aos lábios dela.

A escuridão e a água, morna e relaxante, fizeram tudo parecer certo, seguro. Aquele contato era tão bom que Amelia quase podia esquecer que ambos estavam nus. Ou talvez já não se importasse tanto com esse detalhe.

No instante seguinte, percebeu que ele a encostara na lateral da piscina, sem parar de beijá-la, fazendo-a sentir-se como uma espécie de poção mágica que ele estava sorvendo.

Então, ela o sentiu roçar a manifestação física do seu desejo de encontro ao corpo dela. Uma emoção ilícita a invadiu e ele a intensificou ao escorregar uma das mãos para o calor úmido entre as suas coxas, tocando-a intimamente.

– Oh, você é maravilhosa... – murmurou, penetrando-a com o dedo. Amelia teve a impressão de afundar em uma espécie de torpor sensual. A língua dele se enroscou à sua, ao mesmo tempo que ele lhe provocava a intimidade.

Jack ergueu a outra mão e tocou-lhe um dos mamilos. De repente, tudo parecia mais quente, a água, seu corpo, ela. Amelia sentiu algo crescendo em suas entranhas mais e mais...

– Ei, Jack! – Uma voz masculina chamou da varanda que dava para a piscina. – É você?

O pânico atingiu-a com o impacto de um iceberg.

– Ah, meu Deus... – Ela engoliu um grito e abaixou-se mais fundo na água. Jack se virou.

– Sim, Ian, sou eu. Desculpe, não sabia que você viria.

– Que diabos? Você está com alguém...

– Sim, e ela é um pouco tímida.

Ian riu.

– Desculpe. Estou na cidade para um concerto beneficente. Esqueci de avisá-lo. – Ele clareou a garganta. – Eu vou, hã... deixá-lo terminar.

– Sem chance de isso acontecer – murmurou Jack. – Até mais tarde, cara – disse ele e, em seguida, fez uma pausa. – Pode levantar agora, Magnólia. Ele já foi.

Amelia estava tão mortificada que sentia vontade de sumir.

– Talvez seja melhor eu me afogar e acabar logo com isso.

– Não é tão grave assim. Ele nem acendeu as luzes.

Amelia gemeu.

– Ele teria nos visto nestas condições. Ah, meu Deus, perdi a cabeça. Essa lista é a coisa mais estúpida que já...

– Ei, ei, você estava indo muito bem, antes dessa pequena interrupção.

– Pequena? – repetiu ela, olhando para as roupas e desejando que estivessem ao seu alcance. – Meus dez minutos terminaram, então eu gostaria que você se comportasse como um cavalheiro, virasse o rosto e...

Ele riu e balançou a cabeça.

– Eu vou me vestir. Sinta-se livre para assistir. – Sem lhe dar chance de abrir a boca, Jack saiu da piscina, expondo as costas largas e o traseiro estreito aos olhos dela.

Quando ele se virou de frente, Amelia sentiu a traqueia se fechar e não conseguiu desviar o olhar. Jack vestiu a camisa com movimentos lentos, deixando os quadris, as pernas musculosas e a impressionante virilidade expostos. Então, por fim, colocou a cueca, a bermuda e acenou com a cabeça na sua direção.

– Um minuto, Magnólia. – Ele bateu as mãos e, em seguida, virou-se de costas. – É melhor começar a agir.

– O que quer dizer com “um minuto”?

– Quero dizer que só ficarei de costas por um minuto enquanto você se veste.

– Esse tempo não é o suficiente – protestou ela, subindo na lateral da piscina.

– Cinquenta segundos.

Ela pegou a saia.

– Isso não é jus...

– Quarenta e cinco.

Com a fisionomia tensa, ela pelejou com o fecho do sutiã. Tudo era mais difícil porque sua pele estava molhada.

– Isso é ridículo – resmungou, enquanto vestia o suéter.

– Trinta segundos.

Ela pegou a calcinha e a deslizou pelos pés molhados.

– Vinte segundos.

Amelia sentiu uma onda de alívio. Pelo menos as partes cruciais estavam cobertas. Inclinou a cabeça para o lado e escorreu a água do cabelo.

Jack se virou, olhou para ela e sorriu.

– Muito bom. Estou impressionado. Desapontado, mas impressionado.

– Alguns segundos extras não fariam mal algum – disse ela.

Ele emitiu um gemido de desgosto.

– Está brincando? Cada segundo foi como uma facada no meu... – Pausou e deixou a insinuação no ar.

Embora fosse tentador, Amelia decidiu não entrar no jogo dele. Havia cometido loucuras suficientes por uma noite.

– Tenho certeza de que vai se recuperar. Preciso voltar.

– Para os alienígenas?

Ela assentiu com a cabeça.

– Sim.

Segurando-a pela mão, Jack conduziu-a da área da piscina até a rua.

– Sou muito mais divertido do que os alienígenas.

Amelia não conseguiu conter o riso.

– Tenho certeza que sim.

– Você podia ficar comigo esta noite – disse ele, enquanto se aproximavam do carro.

O coração dela disparou.

– Você e seu amigo – respondeu, lembrando a ele e a si mesma.

– Droga! Esqueci. – Jack abriu a porta do passageiro para ela. – Para um músico, Ian tem um péssimo sincronismo.

Talvez, pensou Amelia. Talvez o amigo dele a tivesse salvado de mais do que um simples mergulho nua.

Jack se acomodou no banco do motorista e girou a chave na ignição. O motor rugiu para a vida e ambos seguiram em direção à propriedade dos Bellagio. Ele parou cerca de um quarteirão antes do portão, estacionou e se virou para ela, fitando-a por um longo momento.

– Eu não sabia que seu cabelo era tão ondulado.

Odiando imaginar em como estava sua aparência, Amelia passou a mão sobre o cabelo em uma tentativa vã de alisá-los.

– Estou lutando contra a umidade e ela está vencendo.

Ele sorriu.

– Então pare de lutar. – Jack se inclinou e curvou a cabeça, roçando-lhe a boca com os lábios. – Deveria nadar nua com mais frequência.

Ela riu ofegante.

– Se eu repetir esse feito mais uma vez nos próximos 25 anos, será mais do que frequente.

– Diga a verdade, você gostou.

– Não gostei de ser surpreendida.

– Mas estava gostando antes.

– A escuridão era agradável e a água estava mais quente do que eu imaginava. – E também adorara o modo como ele a beijara.

– De nada – disse Jack.

– Eu não disse obrigada.

– Mas vai dizer.

– Por quê? – perguntou ela, achando-o demasiadamente arrogante.

– Porque, embora eu vá perder a oportunidade de dar uma boa gargalhada, não permitirei que entre na propriedade da sua chefe com a saia do avesso.

Amelia olhou para a saia e percebeu com horror que ele estava certo.

– Por que não me avisou quando estávamos na piscina? – Ela abriu o zíper. – Você ia me deixar passar vergonha na frente de Deus e todo mundo.

– Lillian Bellagio pode ser poderosa, mas não é exatamente um Deus – corrigiu Jack.

Ela fez uma pausa.

– Você vai virar o rosto?

– Não.

Deixando escapar um gemido de desgosto, Amelia tirou a saia, endireitou-a e vestiu-a outra vez.

– Você é obrigada a admitir que, se entrasse lá com a saia pelo avesso, a rainha Lillian, com certeza, mudaria de ideia sobre empurrar Brooke para cima de você.

– No momento, não sei qual dos dois é pior, você ou ela.

Jack sorriu.

– Aposto que eu beijo melhor.

CAPÍTULO 7

Definição segundo o dicionário:

Vamp (substantivo) – Parte superior do sapato ou bota cobrindo principalmente a parte dianteira do pé e se estendendo até os dedos ou para trás até a costura da parte superior.

Definição segundo Amelia Parker:

Vamp (substantivo) – Mulher que age e se veste de uma forma sedutora com o objetivo de provocar um caos hormonal em um cara sexy, que poderá resultar em diversão ou problemas.

– **E**U GOSTARIA que você levasse Brooke para almoçar hoje – disse Lillian, após Amelia trabalhar por algumas horas planejando um almoço beneficente. – De preferência um lugar tranquilo, longe de bares e estúdios de tatuagem. Se ela voltar para casa dos pais com outro piercing, serei obrigada a ouvi-los falar sem parar.

Amelia olhou para a mulher.

– Pensei que a senhora quisesse se aproximar dela.

Lillian arregalou os olhos um pouco surpresa.

– Não está insinuando que eu não cuido direito da minha sobrinha-neta, não é?

– Não, de modo algum. Apenas pensei que parte da razão para ela estar aqui fosse ficar sob sua orientação e influência.

A risada de Lillian soou como copos tilintando um contra o outro.

– Brooke não aceitará a minha orientação ou influência. Foi enviada para cá porque se torna mais difícil para ela se meter em apuros. Temos a esperança de que se acalme após algumas semanas aqui na Vila dos Idosos. Não, não posso influenciá-la, mas aposto que você pode.

Amelia negou com a cabeça.

– Realmente não me julgo capacitada para essa tarefa.

– É claro que é. Você é o tipo de mulher que eu apoiaria para se tornar membro na nossa Associação de Caridade.

Amelia não sabia se isso era um elogio.

– Não sou perfeita. E depois do meu recente... – Ela hesitou em dizer a palavra. – Rompimento, posso querer me divertir um pouco também.

– Acredite em mim – disse Lillian. – Sua ideia de diversão está longe de ser a mesma de Brooke. Se puder mantê-la fora da prisão e dos tabloides, já ficarei satisfeita. – Ela abriu uma pequena caixa de arquivo e tirou um cartão. – Aqui está. É um restaurante adorável para um almoço. Tenho certeza de que vai gostar.

DUAS HORAS depois, Amelia foi almoçar com Brooke. Mal haviam saído, ela descobriu que estava em apuros.

– Vamos parar para tomar uma margarita – disse Brooke.

– É apenas uma hora da tarde – protestou Amelia.

– E daí? Nunca ouviu falar que são cinco horas em algum outro lugar? – argumentou Brooke.

– Vamos manter nossas reservas – disse Amelia, e continuou em direção ao restaurante.

– Oh, pelo amor de Deus, não me diga que vai tratar isto como uma viagem de campo para um aluno de jardim de infância – reclamou Brooke e a estudou. – Ótimo – murmurou. – Ela já envenenou você contra mim.

– *Envenenou* é um exagero.

– E que nome você daria a isso?

Amelia pensou com diplomacia e, em seguida, decidiu que Brooke apreciaria mais a honestidade.

– Atração por problemas. Ela não usou essas palavras, mas é do que eu chamaria.

– Eu apenas gosto de me divertir. O que há de errado nisso?

– Infringindo a lei e fazendo a alegria dos tabloides?

– Não infrinjo a lei – protestou Brooke. – Não na maioria das vezes, de qualquer maneira. Não mais do que muitas outras pessoas.

– Essas pessoas não têm o seu sobrenome.

– Não me diga que vai me dar um sermão sobre a minha responsabilidade como membro da família Bellagio.

– Não. Mas, se você quer se divertir, então realmente precisa ser mais discreta. A maneira como se comporta e se veste chama muita atenção.

– Gosto de chamar atenção. Não tive o suficiente quando era criança – respondeu Brooke com um tom debochado, mas Amelia percebeu uma nota de verdade por trás da brincadeira.

– A menos que queira continuar irritando a sua família, precisa fazer uma escolha entre chamar atenção e se divertir. Não pode ter os dois ao mesmo tempo.

– Então, o que está dizendo é que preciso de um disfarce.

– Não foi exatamente o que quis dizer, mas é por aí.

Os olhos de Brooke reluziram.

– Vamos fazer compras para o meu disfarce.

– Vamos almoçar – disse Amelia.

– Por quê?

– Porque sua tia-avó vai querer confirmar que estivemos aqui e, ao contrário de você, eu preciso de um emprego.

– Desculpe. Aposto que esse lugar é uma droga.

Ao entrarem no restaurante que combinava os estilos sofisticado e informal, Amelia foi envolvida pela ambiência distinta de garçons atenciosos, música clássica e uma variedade de opções no menu de dar água na boca.

– Este lugar é tão chato que me dá vontade de morrer – reclamou Brooke.

– Eu amei. É tranquilo e maravilhoso. Relaxe, aproveite a comida e ouça a música.

– Música de harpa? – disse Brooke, despedaçando um muffin de milho. – É o tipo de música que tocam quando você morre.

– Brooke, você está presa. Já cometeu o crime, agora tem que cumprir a pena. Basta fazer o melhor para amenizá-la.

– Vou morrer de tédio.

– Já considerou que essa é uma oportunidade para que possa desfrutar de algumas atividades tranquilas, como praticar ioga ou ler? Pode, inclusive, exercitar seu lado artístico.

Brooke revirou os olhos.

– Vamos falar sobre o meu disfarce. Se preciso aparentar ser mais comum, devo me parecer com você?

Amelia, que mordida um bolinho, parou e engoliu em seco.

Brooke levou um minuto para perceber que a havia ofendido.

– Oh, desculpe. Não quis criticá-la. Você apenas tem um pouco daquela aparência da mulher perfeita de Stepford. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Com um corte de cabelo diferente, maquiagem diferente e roupas novas, aposto que pararia o trânsito. Ei, talvez você possa me mostrar como abandonar um pouco do meu chamariz e eu possa ajudá-la a conseguir um pouco dele. – Ela sorriu. – Ideia fabulosa, não é?

Fabulosa não foi a primeira descrição que veio à mente de Amelia.

– Realmente não tenho problemas com a minha aparência – respondeu. – É profissional, talvez um pouco conservadora, mas...

– Um pouco? – repetiu Brooke com uma risada. – Você tem namorado?

Amelia fez uma pausa. Will não era mais seu noivo. Jack não era realmente nada.

– Tinha. Terminamos.

O olhar de Brooke suavizou e ela estendeu a mão para afagar a mão de Amelia.

– Uma nova aparência e um cara gostosão iluminarão seu espírito. Acredite em mim, eu sei o que estou dizendo. Já dei o fora em um monte de caras.

Amelia mordeu o lábio. A jovem não fazia ideia.

– Eu estava apaixonada. Eu lhe contei outro dia, lembra? Ele me deu o fora.

Os olhos de Brooke se arregalaram.

– Ohhhh! Então, é necessário um pouco mais. Uma nova aparência e *dois* caras gostosões.

– Vamos apenas aproveitar nosso almoço – sugeriu Amelia, quando o garçom serviu as entradas. – Adoro bolinhos de siri.

– Você pode comer bolinhos de siri a qualquer hora – argumentou Brooke, e se virou para o garçom. – Gostaríamos de algumas caixas desses bolinhos para viagem e a conta, por favor.

Amelia olhou para ela.

– Ainda não – disse em um tom firme e, em seguida, virou-se para o garçom. – Vamos comer primeiro, mas levaremos os bolinhos de qualquer

maneira.

O garçom se afastou e Brooke começou a reclamar.

– Estamos perdendo tempo.

– Sua tia-avó vai descobrir se sairmos daqui. Quer lidar com as consequências? Quer ficar presa no quarto por mais tempo? Coma o seu almoço. E deixe-me comer o meu em paz.

Assim que o garçom voltou com a conta, Brooke pegou o cartão de crédito e sorriu.

– Por minha conta.

Com Brooke chutando-lhe o pé o tempo todo, Amelia mal havia terminado de ingerir o bolinho de siri, quando a garota se ergueu.

– Certo, podemos ir agora? – perguntou.

Amelia desejou saber onde estava se metendo, enquanto Brooke a orientava a dirigir até um pequeno centro comercial.

– O shopping aqui realmente é uma porcaria, a menos que você se vista como uma velha de 80 anos, mas pode ser que possamos encontrar algo. Se não, talvez você possa falar com Lillian para ela nos deixar ir a Miami.

Amelia sacudiu a cabeça enquanto estacionava o carro.

– Não creio que exista alguma chance de Lillian deixá-la ir a qualquer lugar próximo de uma das dez melhores praias de topless, segundo a Forbes, em South Beach.

Brook revirou os olhos.

– Quanto tempo vai demorar para eles esquecerem aquelas fotos?

– Isso ainda vai render bastante – murmurou Amelia. Até Brooke fazer algo ainda mais chocante. – Talvez devêssemos deixar isso para outro dia.

– Não, não. Você está aqui. Eu estou aqui e ansiosa para aprender como ser chata. Você pode me ensinar.

Amelia parou e desligou o motor.

– Brooke, você realmente precisa ler *Como conquistar amigos e influenciar pessoas*.

Brooke fitou-a com uma expressão vazia e, em seguida, fez uma careta.

– Eu a ofendi de novo? Você não é chata. Apenas não quer se envolver em problemas. Você é *prudente*.

Amelia pensou no recente episódio na piscina e sentiu as bochechas arderem de vergonha.

– Eu não teria tanta certeza disso.

– Bem, você não se envolve em problemas mesmo quando não está sendo prudente – disse Brooke. – E é isso o que importa. Vamos procurar a minha RD.

– Roupas de disfarce – murmurou Amelia para si mesma, enquanto observava Brooke sair do carro, jogando a cabeleira ruiva para o lado. Ela usava uma calça branca justíssima, blusa turquesa com um decote profundo, saltos altíssimos e bijuterias com tanto brilho que podiam causar queimaduras de córnea. Amelia sabia que ela era boa, mas não tinha certeza se era *tão* boa.

Ambas foram a duas lojas que Brooke considerou “muito sóbrias”. Começando a ficar impaciente, Amelia tomou a dianteira e fez uma lista.

– Você precisa de um jeans.

– Eu já tenho sete calças jeans. São ótimas. Cintura superbaixa com apliques de cristais e que deixam o meu piercing no umbigo à mostra.

Amelia meneou a cabeça em uma negativa.

– Jeans mais conservadores, que não deixem o corpo à mostra – disse, vasculhando uma prateleira e pegando duas. – E camisetas – continuou ela, dirigindo-se à outra prateleira.

– Eu uso tamanho extrapequeno, no máximo pequeno – protestou Brooke, quando Amelia pegou camisetas tamanho médio e grande.

– Não para o seu disfarce – argumentou Amelia, e pegou uma jaqueta jeans tamanho médio.

– Eca. Você realmente está tentando me enfear, não é?

Com os braços cheios de roupas, Amelia olhou para Brooke.

– Precisamos dar um jeito no seu cabelo e sapatos. Você precisa abandonar, definitivamente, essas bijuterias e óculos escuros de grife.

Brooke parecia chocada.

– Mas eu amo estes óculos de so... – Sua expressão foi de desapontamento, e ela suspirou. – Ok, mas não vou cortar o cabelo e não usarei sapatos de velha.

Amelia pegou um cinto elástico, um boné e um par de tênis. Em seguida, empurrou-a para um provador.

Momentos mais tarde, depois que Brooke vestiu as roupas, olhou-se no espelho desanimada.

– Ah, meu Deus, pareço a imagem “anterior” à renovação.

Amelia aprovou a transição.

– Esse visual não é chamativo. Esconde um pouco o seu corpo e...

– Um pouco? – repetiu Brooke com uma careta.

– Ainda precisa se livrar dos anéis e pulseiras – acrescentou Amelia.

Brooke a fitou incrédula.

– Está dizendo que não posso mostrar um pingô de estilo ou até mesmo um centímetro de carne?

– Para compor o seu disfarce, não.

Brooke suspirou outra vez.

– Teremos que fazer alguns ajustes.

– Ou você pode apenas continuar fazendo o que sempre fez e continuar recebendo o que sempre obteve.

– Problemas – concluiu Brooke irritada. – Está bem, vou levar tudo, menos esses tênis horrorosos. Isso eu não admito.

– Uma autêntica Bellagio – disse Amelia, e sorriu para Brooke no espelho.

– Talvez – disse ela, retribuindo o sorriso. – Agora vem a parte divertida. Vamos lhe conferir todo o brilho que tiramos de mim.

Amelia negou com a cabeça.

– Oh, não acho que seja uma boa...

– Nada de voltar atrás – disse Brooke, tirando a roupa nova. – Você me ajudou, agora vou ajudá-la. Acho que devemos começar com um piercing no umbigo.

– De jeito nenhum – contestou Amelia. – Tenho uma imagem profissional a zelar.

– Quando está trabalhando – retrucou Brooke. – Preciso levá-la a algumas lojas de roupas maneiras.

Amelia sentiu um nó de resistência na barriga.

– Eu realmente acho que não...

Brooke estalou os dedos na porta do provador.

– Eu gostaria de ajuda, por favor? Quero comprar estas peças. – Ela se virou para Amelia. – É mais do que justo. Estou comprando todas essas roupas horríveis. O mínimo que pode fazer é deixar-me escolher algumas coisas para você.

– Mas eu não pedi a sua ajuda.

– Não significa que não precise dela – retrucou Brooke, e empurrou as roupas para os braços de uma vendedora da loja. – Não me disse por que seu noivo rompeu com você. Ele a achava conservadora demais?

– Eu era conservadora porque ele queria assim. Estava tentando agradá-lo. – Amelia deixou escapar, surpreendendo a si mesma.

Brooke a fitou por um longo momento.

– Então ele decidiu que queria algo um pouco mais ousado, certo? Bem, está decidido. Você precisa de um visual mais chamativo e fazê-lo se arrepender por tê-la deixado.

– Ele não vive mais em Atlanta.

– Mas vem de vez em quando, não é?

– Sim, mas...

– Lá vem você – disse Brooke.

– Mas eu não sou ousada – disse Amelia. – Não mesmo.

– Todo mundo é um pouco ousado. Todos nós começamos dessa maneira, então nossos pais tentam nos acovardar.

– Não posso afirmar que ouvi essa filosofia antes. Já parou para pensar que nossos pais apenas tentam nos proteger?

– Eu tenho razão. Namorei um jogador de beisebol. Ele me disse que você nunca consegue chegar à segunda base se sempre jogar de forma segura.

Amelia olhou para a excêntrica e experiente herdeira. Droga, havia uma semente de sabedoria no pensamento de Brooke.

NA TARDE do dia seguinte, Jack lhe deixou uma mensagem na caixa postal de seu celular, informando que a levaria para sair naquela noite e pedindo para que o esperasse do lado de fora do portão. Seu lado feminista se irritou por ele se achar no direito de lhe dar ordens. Por outro lado, ela o achava atraente demais para resistir. O fato de não saber se aquela seria a última vez que o veria a fez relutar em dizer não.

Com Lillian fazendo uma breve viagem noturna a Atlanta, Brooke deitada, em segurança, assistindo TV e sofrendo de cólicas menstruais, Amelia se sentiu segura para sair de casa e encontrar Jack às 19h30. Estava usando a roupa que Brooke a convencera a comprar no dia anterior: uma saia de seda de cintura baixa, uma blusa verde-água frente única e sandálias de tiras.

Ao passar pelo portão, uma picape reduziu a velocidade e parou. O motorista se inclinou sobre o assento do passageiro e baixou a janela.

– Posso levá-la aonde você quiser.

– Obrigada – disse ela. – Mas estou esperando pelo meu, hã...

– Aposto que eu lhe proporcionaria uma carona inesquecível – continuou o homem.

Incomodada, Amelia voltou para a entrada da propriedade dos Bellagio e acenou, mandando-o embora.

– Não, realmente, eu...

Nesse instante, ela ouviu uma buzina soar e virou a cabeça para ver um carro desconhecido.

– Magnólia. – A voz de Jack chamou do veículo. Amelia sentiu uma onda de alívio e correu naquela direção. Ele saiu do carro para ajudá-la, mas ela abriu a porta e deslizou para dentro, antes que ele tivesse a chance. Ele voltou, olhou para ela e soltou um assobio baixo.

– Disposta a parar o trânsito?

– Não é verdade – disse ela, torcendo uma mecha de cabelo. – Só vim aqui para fora um pouco mais cedo. Maldita mania de ser diligente.

– Você está linda – elogiou Jack, surpreso com a mudança do visual dela. A saia se aderiu aos quadris e as sandálias de salto alto deixavam-lhe as pernas mais esbeltas. Ele sentiu curiosidade de saber se Amelia estava usando um sutiã por baixo da blusa. O cabelo parecia uma cascata de ondas e a expressão era insegura, talvez até um pouco nervosa, como se não estivesse certa de que fora uma boa ideia se vestir daquela maneira.

– Essa roupa parece nova.

Ela respirou fundo.

– Obrigada. É nova. Eu meio que fui convencida a comprá-la, mas é uma longa história. Sabe, vai totalmente de encontro às regras da boa educação um homem dar uma ordem a uma mulher para sair com ele.

Ele sorriu.

– Se é verdade, então o que está fazendo aqui? – Ele decidiu salvar o ego dela. – Já sei. Estava entediada e não tinha mais nada para fazer.

Amelia deu de ombros.

– E talvez um pouco curiosa.

Jack gostava daquele aspecto da personalidade dela, uma mistura de curiosidade e moderação, a inabilidade de ser fria e distante. Seu calor, por consequência, acabava extravasando.

– Mas ainda assim não deve pensar que vou seguir suas ordens.

Jack percebeu uma nota de dor em sua voz, e suspeitou que o “ex” dela costumava lhe dar muitas ordens. Estava começando a não gostar dele.

– Certo, quer dar as ordens o restante da noite?

Ela piscou surpresa.

– Eu?

– Não há mais ninguém aqui – disse ele. – Eu tinha algo em mente, mas...

– O quê? – perguntou ela.

Ele sufocou o riso.

– Tenho assentos na primeira fila do concerto beneficente de Ian esta noite. – Diante de seu olhar vago, ele acrescentou: – Ian “Cobra” Grant. Lembra-se da casa de praia naquela noite? Foi ele que quase nos pegou em flagrante.

Amelia corou.

– Está me dizendo que Ian “Cobra” Grant quase me viu nua? – Ela fechou os olhos por um momento. O homem era uma lenda no mundo da música. – E que está hospedado na casa dele?

Jack sorriu.

– Claro que estou. Posso até levá-la hoje à noite ao camarim se prometer não se atirar nos braços dele.

Ela arregalou os olhos e lançou-lhe um olhar sorrateiro.

– No camarim de Ian “Cobra” Grant?

Ao ouvir a nota de admiração na voz de Amelia, Jack meneou a cabeça desgostoso.

– Não sei o que faz as mulheres enlouquecerem por um sujeito com um violão.

– É a fantasia de pensar que ele está cantando só para você. Mesmo em meio a uma multidão de mulheres loucas por ele, você é a pessoa por quem ele está apaixonado.

– Quer dizer que vai babar por ele, quando eu o apresentar a você?

– Claro que não, mas gostaria de conseguir um autógrafo.

– Nos seios ou no traseiro? – zombou ele. – Deveria ter lhe pedido naquela noite, se era o que desejava.

Ela suspirou.

– Nenhuma dessas possibilidades me ocorreu.

Ele riu, apreciando sua indignação.

– Mas agora que você mencionou... Como é que vocês dois se tornaram amigos?

Jack lembrou-se dos acordos que fizera para Ian e do patrocinador que conseguira para uma de suas primeiras turnês.

– Fiz-lhe alguns favores quando ele ainda era desconhecido. Ele é o tipo agradecido.

– Isso é bom.

– Sim, ele é um bom sujeito.

– Não, eu quis dizer o fato de você lhe fazer favores – corrigiu ela.

A sinceridade nas palavras de Amelia penetrou em um espaço sensível em seu interior, que Jack mantinha bem protegido.

– Ele acabou por ser rentável.

– E esse é o objetivo, não é? – perguntou ela, a admiração em sua voz desaparecendo. – A lucratividade.

– Sim, mas rentável não precisa somente ter a ver com dinheiro. Embora geralmente é o que acontece.

– Se isso é verdade, em que sentido é rentável para você despende tempo comigo? – perguntou ela.

Jack sentiu uma leve pontada de desconforto, mas disfarçou.

– Você é divertida. É o que basta. Para sermos justos, já que lhe ordenei para sair comigo, você pode dar as ordens o restante da noite.

– Não tenho muita experiência em dar ordens.

– Considere um treinamento. Prevejo que vai acabar em um cargo em que precisará dar uma infinidade de ordens.

Jack percebeu o olhar de Amelia em silêncio e olhou para ela.

– Acho que isso foi um elogio – disse ela. – Se assim for, obrigada.

– De nada. Pense no que quer fazer depois do concerto. Você dá as ordens. Eu as acato.

– Você não passa a impressão de ser um homem que acata ordens.

– Experimente e verá.

CAPÍTULO 8

AMELIA GOSTAVA do modo como Jack olhava para ela. Gostava do modo como a tocava, envolvendo-lhe a mão de leve, ao lhe oferecer um copo de vinho. Ao se sentarem à mesa, ele posicionara a cadeira ao lado da sua, deixando-a ciente de seu perfume e de cada movimento que fazia. A camisa entreaberta a fez lançar um olhar furtivo na direção do peito dele e recordar o contato eletrizante de tê-lo pressionado contra os seus seios nus. A partir de sua visão periférica, ela o viu tomar um gole de vinho e se lembrou de como ficava zonzinha quando ele a beijava.

O som do violão e a voz sensual de Ian acrescentavam outra dose de sedução. Mas, mesmo Ian sendo o centro das atenções, a atenção de Amelia se concentrava em Jack.

Coisas estranhas não paravam de pipocar em sua mente. *Seja boa para si mesma. Curta o bonito.*

Dê-me as ordens e eu as acato.

Esse último pensamento se repetia em seu cérebro e, a cada vez, ela sentia uma injeção de adrenalina. A atmosfera era densa, úmida e excitante. Nesse instante, a multidão aplaudiu, arrancando-a de seu devaneio, e ela instintivamente se juntou aos aplausos, também.

Jack aproximou os lábios do seu ouvido.

– Esta canção faz parte do repertório do novo álbum dele. Você gostou?

Amelia assentiu com a cabeça, olhando para ele.

Jack estudou-a por alguns segundos.

– Qual é o nome da música?

Ela hesitou.

– Não faço a mínima ideia.

Sorrindo, ele segurou-lhe a mão e entrelaçou os dedos aos dela.

– Onde está essa cabecinha esta noite, madame?

O coração de Amelia acelerou ainda mais. Ela pegou o vinho. Não estava disposta a responder àquela pergunta. Não naquele momento, de qualquer maneira. Desejou saber se teria capacidade de reunir coragem para responder mais tarde.

Ian tocou outra canção e ela se permitiu voltar aos seus devaneios. A escuridão parecia lhe dar permissão para se encostar em Jack. Ele reagiu de imediato, passando o braço ao redor dos seus ombros e afagando-lhe o cabelo.

Amelia fechou os olhos e suspirou. Um segundo depois, sentiu-o falando outra vez ao seu ouvido:

– Você cheira tão bem – sussurrou ele.

– Você também.

– É tão bom tocar em você.

– Em você também – disse ela, e cedeu ao impulso de lhe beijar o pescoço.

Jack soltou o ar dos pulmões com um gemido. Escorregando a mão ao longo do braço dela, segurou-lhe a mão e pousou-a em cima da própria coxa.

Não era o toque mais íntimo, mas um calor, que lembrava um laser, se apoderou do corpo de Amelia. Sentia os seios pesados, a região entre as coxas inchada e uma imensa vontade de devorá-lo.

A música terminou e todos aplaudiram, exceto os dois. Jack fitou-a nos olhos e ela viu a fome de prazer flagrante em seus olhos.

Amelia queria rasgar as roupas. Queria tê-lo dentro do corpo, o mais breve possível. O desejo era como um atizador em brasa apontado em sua direção.

Se fosse uma pessoa diferente, poderia fazê-lo. Poderia dar as ordens. Poderia dizer: *faça sexo comigo agora*. Através da névoa densa de luxúria, percebeu que ainda havia uma possibilidade. Bastava não ser Amelia. Naquela noite, seria outra mulher, uma mulher capaz de se entregar sem reservas. Uma mulher como ela nunca fora antes.

A ideia a aterrorizou e a libertou ao mesmo tempo. Decidiu não pensar mais. Ergueu os lábios, aproximando-os do ouvido dele.

– Agora – disse.

Jack se afastou um pouco para olhar para ela.

– Agora o quê?

Reunindo coragem, ela respirou fundo.

– Quero ir agora.

Arregalando os olhos por uma fração de segundo, Jack tomou um pequeno gole de vinho, ergueu-se e puxou-a com ele, sem parar, até se encontrarem distantes do palco. Estreitando-a nos braços, tomou posse de sua boca, entrelaçando a língua à dela.

– Tem certeza? – perguntou, afastando-a alguns centímetros.

– Você tem um preservativo?

– Sim.

– Então tenho certeza.

– Quer ir para a casa da praia?

– Não quero esperar tanto tempo.

O olhar de Jack escureceu e ele abafou um palavrão. Olhando ao redor, segurou-a pela mão com força e puxou-a com ele.

O coração de Amelia batia tão acelerado que ela não conseguia pensar. Nem sabia para onde ele a estava conduzindo, até se ver subindo uma escada que levava à pequena casa que servia de sede para os organizadores do evento.

Jack exibiu um passe para os bastidores a um homem na porta, que lhes permitiu entrar. No interior, ambos caminharam por um corredor até outra escada, que dava em outro corredor escuro. Ao tentar abrir uma porta que parecia trancada, ele tirou um cartão do bolso e destrancou-a. A seguir, levou-a para dentro, fechou a porta e trancou-a, antes que Amelia sequer tivesse tempo para olhar ao redor.

– Como sabe usar esse cartão para...

– Mais tarde eu explico – disse ele, movendo-se na direção dela, até encostá-la à parede. – Tem certeza?

– Você já me fez essa pergunta.

– Sem arrependimentos? Não é elegante – alertou ele. – Não é o seu estilo habitual, Amel...

Ela tapou-lhe a boca com a mão.

– Não me chame de Amelia. Nem de Magnólia. Não esta noite.

Jack levou alguns segundos para entender.

– Sua irmã gêmea do mal – disse, por fim. – Qual é o nome dela?

Amelia fechou os olhos e tentou pensar.

– Não sei. Algo perverso. Jezebel – respondeu.

– Certo, Jez, me dê uma ordem.

Ela respirou fundo e se lembrou das palavras de Brooke.

– Possua-me agora.

Jack de imediato apossou-se de sua boca. Ela sentiu a saia e a calcinha sendo empurradas para baixo e caindo no chão. Enquanto ele a beijava com ardor, desabotoou-lhe a blusa e cobriu-lhe os seios com as mãos.

Amelia suspirou e entregou-se às sensações. Os dedos ardentes lhe esfregavam os mamilos, tornando-os rígidos e provocando-lhe arrepios que se irradiavam pelo corpo todo.

Com movimentos nervosos, Amelia começou a lhe abrir a camisa, atrapalhando-se um pouco com os botões. Segundos depois, sentiu uma onda de alívio quando, por fim, percorreu com a mão a pele nua do peito de Jack.

O alívio, porém, desapareceu, quando ele a tocou entre as coxas e a encontrou úmida e inchada.

– Você é como uma flor ao amanhecer. Úmida e macia... – Ele não perdeu tempo e introduziu o dedo na fenda morna, arrancando-lhe um suspiro de prazer.

Amelia abriu o botão da calça dele e conseguiu deslizar o zíper para baixo. Quando a mão delicada o acariciou intimamente, ele gemeu.

Com o equilíbrio comprometido pelos beijos e carícias, ela não se deu conta de ter sido conduzida para longe da porta. Em poucos segundos, se viu deitada de costas sobre uma superfície dura, enquanto Jack tirava algo do bolso e se livrava da calça e da cueca. A camisa desabotoada se abria sobre o peito largo como um convite explícito.

– Tem certeza de que é o que você quer?

Amelia fechou os olhos e a mente para quaisquer outros pensamentos.

– Já respondi a essa pergunta.

Ao ouvir o som da película de celofane rasgando, ela abriu os olhos e encontrou seu olhar.

– E não se importa com o fato de estar em uma mesa? – insistiu ele.

– Faça-me esquecer ou gostar desse detalhe.

Jack colocou o preservativo, afastou-lhe as coxas e penetrou-a com um movimento firme. Amelia sentiu um pequeno choque com a invasão e, por certo, seu semblante deixou transparecer.

– Fui muito bruto? – perguntou.

– Não – respondeu ela, inalando o ar enquanto seu corpo se ajustava ao dele. – Eu só... – Uma risada borbulhou em sua garganta. – Não esperava que você fosse tão...

– O quê?

– Grande, eu acho.

Ele deu uma risada.

– Para mim você está na medida certa, Jez – acrescentou como uma reflexão tardia e estabeleceu um ritmo pulsante, que a provocava de todas as formas certas.

Quando Jack escorregou a mão por entre seus corpos para acariciá-la na intimidade, ao mesmo tempo que a penetrava, Amelia percebeu que estava vibrando. Tudo que sentia era ele, tudo que ouvia era o som de gemidos e respirações. Seus ou dele?

Ao notar que ela se aproximava do êxtase, Jack tomou-lhe os lábios, absorvendo seus gemidos com um beijo.

Após um breve momento, Amelia sentiu-o enrijecer e gemer de encontro à sua boca. Ele afastou os lábios e afundou o rosto no ombro dela, respirando com dificuldade.

– Você é maravilhosa. É uma pena que as pessoas, lá fora no corredor, possam nos descobrir aqui a qualquer minuto.

Amelia piscou, prendendo a respiração e tentando ouvir além das batidas desenfreadas do coração. Conseguiu escutar vozes no corredor. Ela estava nua com um homem entre suas pernas.

– Ah, meu Deus! Levante-se. Preciso me vestir.

– Isso significa que Amelia está de volta? – perguntou em um tom divertido.

Ela empurrou-lhe o peito.

– Ajude-me a me vestir. Olhe para você. Está praticamente vestido. E eu? Estou nua.

Jack ergueu-se e ela ficou de pé, tentando localizar as roupas no escuro.

– Procurando por isto? – perguntou, recuperando as peças do chão.

Com as mãos trêmulas, Amelia vestiu a calcinha. Jack firmou-a quando ela ameaçou perder o equilíbrio, ajudou-a a puxar a saia para cima e a vestir a blusa pela cabeça.

– Nem me lembro de ter me despido – murmurou ela.

– Agradeça a mim – disse ele. – E, apenas para o seu conhecimento, você não ficou totalmente nua. Ainda estava usando as sandálias. E, querida, vai

levar um bom tempo antes que eu esqueça como é ver suas pernas brancas e sexies erguidas com essas sandálias sensuais. Eu...

– Já basta – sussurrou ela, sentindo o corpo inteiro corar. Devia estar parecendo um tomate ambulante. Graças a Deus por estar escuro ali dentro. Mas não tão escuro que ela não pudesse ver o quão impecável Jack estava. Não parecia que havia acabado de fazer sexo em uma mesa.

Amelia passou os dedos pelo cabelo tentando, sem êxito, domá-lo.

– Acabei de ter relações sexuais em uma mesa com um homem que não amo. Sou oficialmente uma despudorada ninfomaníaca.

– Estou devastado – disse Jack com a voz inexpressiva. – Quer dizer que fui apenas uma aventura? Além do mais, *você* não é uma despudorada ninfomaníaca. Jezebel é.

Amelia sentiu uma estranha sensação de alívio aliada a outro sentimento. Algo em que teria que pensar mais tarde.

– É tão fácil para você. Tão fácil falar com naturalidade sobre o que aconteceu. – Ela o encarou e não conseguiu conter mais a curiosidade. – Você é um gigolô?

Jack a fitou incrédulo, depois soltou uma sonora gargalhada.

– Está brincando. – Ele fez uma pausa. – Oh, você não está... – acrescentou, tapando a boca enquanto ria a valer. Ele balançou a cabeça. – Não sei o que é mais lisonjeiro, eu ser maior do que você esperava ou você pensar que sou um gigolô. Posso afirmar, honestamente, que jamais tive meu ego tão afagado antes por alguém que não estivesse tentando me influenciar a tomar uma decisão de negócios.

O comentário a deixou curiosa.

– Uma decisão de negócio?

Jack assentiu com a cabeça.

– É uma história muito longa. Precisamos sair desta sala antes que um dos seguranças nos encontre aqui. O corredor está em silêncio. Vou na frente. Se eu não bater na porta depois que sair, você sai. Certo?

Por uma fração de segundo, ela se sentiu estranhamente relutante em deixar a sala. Mesmo bombardeada por uma dúzia de emoções, em que predominava o constrangimento, Amelia havia ousado naquela noite de uma maneira que só imaginara em sonhos.

Olhou ao redor da sala, iluminada apenas pela luz do luar que se infiltrava pela janela. Era um pequeno escritório apertado com uma grande mesa que fora bagunçada por Jack. Incapaz de lutar contra o desejo de

deixá-la organizada outra vez, pegou um maço de papéis e o colocou em uma das extremidades. Avistando um bloco de anotações a poucos passos de distância, curvou-se para pegá-lo. Jack inclinou-se também.

– O que está fazendo?

– Fizemos uma tremenda bagunça. Só estava tentando arrumar um pouco as coisas – explicou ela, colocando o bloco de anotações sobre a mesa. – Você acha que devemos limpá-la ou algo do gênero?

Jack segurou-a pela mão e conduziu-a até a porta.

– Relaxe. O preservativo protegeu a mim, a você e a mesa. Lembre-se, se eu bater, não saia. Caso contrário, saia bem rápido.

Amelia assentiu com a cabeça e o observou sair. Esperou, contando até dez, pela sua batida. A porta se abriu e ele estendeu a mão.

– Vamos – chamou, e ela o seguiu pelo corredor, ajeitando o cabelo.

– Está muito ruim? Pareço uma bruxa despudorada?

Jack se virou para olhar para ela e passou um dedo sob cada um dos seus olhos. Rímel, deduziu Amelia. Ele esfregou o polegar sobre a parte superior do lábio dela e estudou-lhe o cabelo.

– Gosto do seu cabelo assim. Deve sempre deixá-lo encaracolado.

Ela deu de ombros.

– Will gostava dele liso.

– Will estava errado. Você está bonita. Pare de pensar no que fez e talvez possa parar de corar – disse ele, e baixou a voz. – Mas esse rubor é realmente sexy.

Amelia sentiu o rosto aquecer ainda mais.

– Pare – murmurou. – Você não está ajudando.

– Tudo bem. Deixe-me apresentar-lhe Ian. Mas lembre-se de não babar. Sei que ele tem um violão e sabe cantar, mas eu tenho outros talentos que também podem fazê-la vibrar.

Amelia não conteve o riso e de fato apreciou a capacidade de Jack de lhe amenizar o embaraço.

– Não vou babar. Minha boca está seca demais.

– Vamos dar um jeito nisso – disse ele, e conduziu-a pelos degraus. Seus ombros largos faziam o espaço na escada parecer menor, e ela se lembrou novamente do poder do seu corpo... e da sua personalidade.

Ao final da escada, ele a segurou pela mão e se dirigiu aos fundos da casa, onde percorreram outro corredor. O burburinho de vozes se propagava por todo o prédio.

– O concerto deve ter terminado – disse Jack. – Não quero ficar no final da fila dos fãs. – Ele mostrou a credencial a um segurança musculoso, do lado de fora de uma sala, onde uma fila de pessoas aguardava para entrar.

– Diga a ele que Jack está aqui.

O sujeito fitou-os com um olhar duro, entrou no camarim e retornou um minuto depois.

– Podem passar.

De repente, uma mulher surgiu ao lado dela.

– Amelia! Quem é o cara que está com você? Não é o máximo nos esbarrarmos por aqui?

Amelia lançou um segundo olhar à jovem de calça e jaqueta jeans surrados.

Nas orelhas usava brincos de pingente, mas um boné esportivo lhe cobria parcialmente a cabeleira ruiva, que se encontrava presa em um rabo de cavalo. Ela levou três segundos para reconhecê-la.

– Brooke, o que está fazendo aqui?

Brooke puxou-a de lado.

– Shh. Não me chame de Brooke. Chame-me de Anna. Soube que Ian ia se apresentar aqui e não podia perder essa oportunidade. Sempre tive vontade de conhecê-lo pessoalmente.

– Como conseguiu sair de casa? Você deveria estar na prisão domiciliar.

Brooke deu de ombros.

– Travesseiros na cama. Não foi difícil. Lembre-se, Lillian está viajando e os empregados pensam que sou candidata a um exorcismo.

– Brooke – disse Amelia, sentindo o prenúncio de um desastre feio.

– Anna – corrigiu ela. – Vamos. Tenho vontade de conhecer esse cara há anos. Você não vai cortar o meu barato, vai?

– Amelia, vamos. – Jack a chamou. – Quero apresentá-la a Ian. – Ele olhou para Brooke. – Quem é a sua amiga?

– Anna – respondeu Brooke, estendendo a mão. – Legal conhecer você. Eu trabalho na loja de frozen iogurte, na praça.

– Jack – apresentou-se ele, apertando a mão de Brooke e estudando-a por mais um segundo. A seguir, se virou para Amelia. – Devemos convidar Anna para se juntar a nós?

CAPÍTULO 9

AMELIA OLHOU para Brooke e sentiu um frio na barriga. Sabia que a jovem tinha uma habilidade infalível para arranjar problemas, e ela, com certeza, não queria fazer parte de outra explosão estilo Brooke.

Percebendo sua evidente hesitação, Brooke esboçou um amplo sorriso e puxou-a para o lado.

– Amelia, por favor. Só quero conhecê-lo. Ele é um músico incrível.

– E é por isso que quer conhecê-lo – disse Amelia com ceticismo. – Porque ele é um músico incrível. Luciano Pavarotti é um músico incrível. Você também quer conhecê-lo?

– Certo, Ian é um gato e não é chegado a badalações. Escreve letras inteligentes e não é convencido. Isso não é raro? Ora, Amelia, você precisa me ajudar. O gostosão que está com você está olhando para nós.

– Você tem que jurar que não vai arrancar as roupas nem burlar as leis – disse Amelia. – *Jure*.

– Eu juro – prometeu Brooke, um pouco cordata demais para o conforto de Amelia. – Vamos.

– Tudo bem? – perguntou Jack, fitando Amelia nos olhos.

Ela assentiu com a cabeça e ele conduziu ambas as mulheres a uma pequena sala, que se encontrava repleta de fãs se acotovelando para se aproximar de Ian.

– Talvez isso não seja uma boa ideia – murmurou Amelia, ao ver uma jovem de salto alto subir em uma mesa e começar a cantar uma das músicas do ídolo.

– Jack – chamou uma voz masculina inconfundível além da multidão. – Jack, você está aqui?

– É o Ian – disse ele, e puxou Amelia através do aglomerado de pessoas até onde a estrela do rock estava, atrás de uma mesa, dando autógrafos freneticamente e posando para as lentes das câmeras. A seu lado havia outro segurança, impedindo que as dezenas de fãs se atirassem sobre ele.

– Ei, Ian – chamou Jack.

Ian olhou para cima com uma expressão ansiosa no rosto e fez sinal para ele se aproximar.

– Eles parecem animais. Era para ser um concerto beneficente civilizado. Meu empresário contratou o serviço de segurança com alguém que não apareceu e o representante do evento ficou doente. Salve-me, por favor.

– É o preço da fama – retrucou Jack. – Tenho duas amigas que gostariam de conhecê-lo. Amelia Parker e Anna... – Ele fez uma pausa. – Sinto muito, não sei seu sobrenome.

Brooke olhava fixamente para Ian, sem palavras.

– Jones. – Amelia inventou e deu uma leve cutucada em Brooke. – Anna Jones.

Brooke piscou e sacudiu a cabeça, mas ainda parecia incapaz de emitir um som.

– Amelia – pronunciou Ian, estendendo a mão e estudando-a por um longo momento. Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso. – Seria a tímida convidada de Jack na piscina naquela noi...

Jack deu-lhe uma cotovelada.

Amelia corou.

– Desculpe – disse Ian depressa. – Assunto delicado, suponho. – Sorrindo meio sem jeito, fitou-a nos olhos e acrescentou: – Adorável. – Em seguida, voltou a olhar para Jack. – O que ela faz com um bastardo como você?

Jack riu.

– Ela consegue enxergar além da minha destemperada vida pregressa.

– Direto em seu coração de pedra – disse Ian, e estendeu a mão para Brooke. – Prazer em conhecê-la.

Brooke olhou para a mão e apenas assentiu com a cabeça. O barulho na sala se intensificou e Ian fez uma careta.

– Tenho que continuar com os autógrafos. Jamais sairei daqui. Mas, se conseguir, vou matar o meu empresário.

O instinto de Amelia de pôr tudo em ordem começou a se agitar.

– Gostaria que o ajudássemos?

– Como? – perguntou Ian. – A situação está fora de controle.

– Acho que nós conseguimos dar um jeito – disse Amelia, já com um plano em andamento no cérebro.

– Nós? – repetiu Jack. – Pensei que tínhamos outros planos para o resto da noite.

– Não seria bom deixar o seu amigo sozinho aqui neste caos.

– Gosto dela – disse Ian. – Se você acha que consegue melhorar a situação, então ponha a mão na massa.

Jack suspirou.

– Tudo bem, Mary Poppins, o que tem em mente?

– Formaremos grupos de quatro pessoas que só permanecerão aqui três minutos no máximo. Apenas precisamos obter a atenção...

Jack deu um assobio alto. Mais um e a multidão se aquietou.

– Ouçam. Se quiserem conhecer Ian pessoalmente, terão que seguir as instruções. Caso contrário, serão escoltados para fora da sala.

Houve alguns resmungos baixos e, em seguida, Jack olhou para Amelia.

– Agora o show é todo seu.

– Vocês vão conhecer Ian em grupos de quatro. Por favor, deixem suas câmeras preparadas, juntamente com um item a ser autografado. Jack e Anna vão dividi-los em grupos de quatro.

Brooke desviou o olhar de Ian e olhou para Amelia.

– Caramba! Você é demais.

– Vamos ver – murmurou Amelia, mas trabalhando em conjunto os três conseguiram pôr ordem na sala dentro de uma hora. Duas horas mais tarde, Ian assinou o último autógrafo e se reclinou para trás na cadeira. O único contratempo ocorreu quando Jack precisou ajudar um dos seguranças a expulsar dois universitários embriagados que, ao que parecia, estavam com ciúmes porque suas namoradas queriam que Ian autografasse seus seios.

Ian olhou para Amelia.

– Diga o seu preço. Preciso de você.

Amelia piscou.

Brooke suspirou.

Jack deu um passo à frente.

– Mas nem em um milhão de anos. Ela é amada por todos na empresa onde trabalha e todo mundo sabe que você muda de relações-públicas como uma cobra troca de pele.

Ian franziu o cenho.

– Eu teria apreciado uma analogia diferente. Pretendia remunerá-la muito bem. Por que não cala a boca e deixa que a bela jovem responda por si mesma?

Jack, Brooke e Ian olharam para Amelia em expectativa.

Ela pigarreou.

– Não tenho formação técnica para esse tipo de emprego. Sinto-me lisonjeada, mas estou muito feliz na minha empresa atual. Posso ficar com seu cartão, caso esse cenário venha a mudar?

Ian suspirou e tirou um cartão do bolso.

– Que refinamento. Claro que pode ficar com o meu cartão. Onde diabos você a conheceu? – perguntou ele a Jack.

– Fazendo uma lista em um tiki bar enquanto bebia um hurricane – respondeu Jack, com a expressão irritada. – Eu a ajudei com a lista.

– Lista – repetiu Ian e meneou a cabeça. – Tenho certeza de que há uma história por trás disso.

– Não vale a pena contar – disse Amelia, sentindo as bochechas corarem. – É chata, muito chata.

– Onde foi que disse que trabalha? – perguntou Ian.

– Ela trabalha para a Bellagio – informou Brooke. De modo surpreendente, sua língua solta habitual parecia paralisar sempre que Ian lhe dirigia o olhar, como naquele momento.

– Bellagio?

– Calçados – respondeu Brooke, com uma nota de censura e surpresa por ele não conhecer o nome. – Os calçados Bellagio são os melhores calçados que o dinheiro pode comprar.

Ian a encarou.

– Então por que nunca ouvi falar deles?

Amelia podia praticamente ver uma reação química ocorrendo entre os dois e desejou saber o que Brooke diria em seguida.

A jovem jogou o cabelo para o lado.

– Porque esteve ocupado demais sendo obscenamente talentoso e produtivo, criando músicas incríveis e evitando as armadilhas da fama.

Os lábios de Ian se contorceram.

– Talvez, mas soa como se eu precisasse de um novo par de sapatos.

– Panquecas seria uma escolha mais acertada no momento – retrucou Brooke. – Conheço um ótimo lugar.

Menos de uma hora depois, a garçonete entregou as travessas de panquecas com cobertura de mirtilo, maçã, manteiga e chips de chocolate. Cada um deles elogiou o seu sabor favorito e o festival de carboidratos foi devidamente devorado.

– Vou precisar correr um quilômetro extra na próxima semana, mas valeu a pena – disse Ian.

– Ah, a vida de um astro do rock. Seu público não quer ver gordurinhas saltando do seu jeans, não é? Sujeitos comuns como eu têm a liberdade para sair da linha.

– Comum? – repetiu Amelia incrédula. – Pensei que eu fosse a única pessoa comum na mesa, e terei que correr três quilômetros por dia para tirar isso do meu... traseiro – concluiu, em um tom tão delicado quanto possível.

– Seu traseiro está muito bem do jeito que é, e não há nada de comum em você – disse Jack.

Amelia se emocionou com o elogio. Sempre se sentira incrivelmente comum.

– Pois eu não me considero comum nem na média. Bem, tirei uma nota média em química no colegial – comentou Brooke.

– Eu também – disse Ian. – E fui reprovado em espanhol na terceira série.

– Eu não – respondeu Brooke. – Espanhol era uma aula a que eu não faltava. O professor era um gato.

– E você só tirava nota A – disse Jack a Amelia, desafiando-a a negar.

– Vez ou outra tirava um B – respondeu ela. – Mas não no boletim.

Ian ergueu a xícara de café.

– Um viva aos desajustados. Quando você não se encaixa, tem mais tempo para estudar, praticar violão ou ganhar dinheiro.

Amelia percebeu que Ian olhou para Jack ao proferir a última frase e ficou curiosa. Desejou saber exatamente o que Jack fazia para viver. Ele insistia em dizer que era lícito, mas evitava falar a respeito.

Nesse momento, um grupo de adolescentes invadiu a casa de panquecas.

– Lá está ele!

– Fomos descobertos – disse Ian, com um desapontamento óbvio.

Jack olhou ao redor.

– Dirija-se à saída de emergência. Vou pagar a conta.

– Fico lhe devendo.

– Você está sempre me devendo – respondeu Jack.

– Eu vou com você. – Brooke se ofereceu.

– Ótimo – respondeu Ian.

Amelia sentiu uma pontada aguda de pânico.

– Lembre-se de seu juramento, Anna.

– Sim, sim. Lembrarei. – Brooke lançou um olhar a Jack. – Lembre-se de que você não fez o mesmo juramento e não se esqueça da regra sobre os gostosões.

Ian e Brooke correram para a saída, decepcionando a turma de adolescentes. Como prometido, Jack pagou a conta. Em seguida, conduziu Amelia até o carro.

– Que juramento é esse? E de que se trata a regra sobre gostosões?

– Nada, na verdade – respondeu Amelia, quando ele abriu a porta e ela entrou, grata que a escuridão encobrisse seu rubor.

– Mentira – disse Jack, após se acomodar no banco do motorista.

– É coisa de mulher – argumentou ela, na esperança de encerrar o assunto.

– Então vamos tentar uma abordagem diferente. O nome do meio de Brooke Tarantino é Anna? – perguntou ele, ligando o carro.

Amelia mordeu o lábio.

– Como sabe?

Jack dirigiu para fora do estacionamento.

– Vi as fotos dela em algumas revistas. Mas, ao que parece, ela se vestiu com mais discrição esta noite.

– É o traje de disfarce.

– Quase funcionou, mas os penduricalhos de diamantes nas orelhas não combinaram. Nem os sapatos de salto alto da Bellagio.

– Tentei convencê-la a usar tênis, mas ela não quis me ouvir.

– E o juramento?

– Ela deve se vestir com discrição e não violar as leis – disse Amelia, cheia de dúvidas.

– Boa sorte – murmurou ele com a voz rouca de tanto rir. – E qual é a regra dos gostosões?

– Eu já disse, é coisa de mulher.

– Por favor, explique-me.

Ela suspirou.

– Brooke tem a filosofia de que depois que uma mulher leva um fora, precisa arrumar um cara gostosão. Assim o mundo volta a entrar nos eixos.

Jack ficou em silêncio por alguns instantes e, em seguida, disse:

– Acho então que o mundo entrou nos eixos, já que eu fiz amor com você em uma mesa, esta noite.

Amelia fechou os olhos invadida por uma onda de constrangimento.

– Se você concordar com a ordem do universo de Brooke Tarantino – disse ela.

– Você concorda?

– Claro que não. – Mas a completa negação teve o mesmo efeito de uma pedra em seu sapato. – Tudo bem, por trás de algumas coisas que ela diz, há um bizarro filamento de verdade.

Jack parou em frente à propriedade dos Bellagio e virou-se para ela.

– Foi muito rápido hoje à noite.

Amelia anuiu com a cabeça devagar. Tentou não pensar no que significara aquela transa rápida e ardente. Ou no que não significara.

– Não fique envergonhada – disse ele.

– Não estou – respondeu ela. – Certo, talvez um pouco. Nunca fiz algo assim.

Jack se inclinou em sua direção e roçou a bochecha de encontro à dela.

– Podia jurar que a mulher que estava comigo disse que se chamava Jezebel.

Amelia sorriu pelo lembrete, pela forma lúdica de deixá-la à vontade. Jack se curvou e lhe deu um beijo longo e vagaroso.

– Se uma vez não foi suficiente para restabelecer a ordem natural, continuarei tentando até o universo voltar a entrar nos eixos.

Aposto que ele consegue, pensou Amelia. Porém, quando Jack a beijou novamente, ela sentiu seu senso de gravidade virar de cabeça para baixo.

AMELIA ESTAVA tão exausta que adormeceu assim que colocou a cabeça no travesseiro, apesar de algumas persistentes preocupações com Brooke. Onde estaria? Será que acabaria nas manchetes dos jornais matutinos? Será que a polícia ou o corpo de bombeiros seriam chamados?

O último pensamento que lhe veio à mente, antes de adormecer, foi que recebera uma oferta de emprego de Ian, logo não ficaria desempregada, caso fosse demitida.

Amelia despertou quando algo pulou em sua cama.

– O que...

– Sou eu – disse Brooke. – Acorda! Temos que conversar.
Amelia olhou para o relógio e gemeu.
– Brooke, são 4h30 da manhã.
– Eu sei, mas estou agitada demais para dormir. Eu e Ian caminhamos na praia e conversamos por horas.
Amelia afastou o cabelo dos olhos, que se recusavam a abrir.
– Diga-me que não tirou a roupa.
– Não, apenas conversamos e conversamos...
– E não fumaram nada ilegal – disse Amelia, apoiando-se em um cotovelo.
– Não! Amelia, isso é importante – disse Brooke, agarrando-a pelo braço.
– Tenho que contar a alguém ou vou estourar.
– O quê? – perguntou ela, tentando disfarçar o temor da voz.
Amelia afundou no travesseiro e gemeu.
– Que ótimo! Eu a ajudei a conhecer um astro do rock e você acha que está apaixonada por ele.
– Eu não *acho* apenas. Tenho intuições sobre essas coisas – insistiu Brooke.
– Quantas vezes já teve essas intuições?
– Algumas – admitiu Brooke. – Mas nunca como esta.
– Brooke, você acabou de conhecer o Ian. Não pode estar apaixonada por ele. Pode estar encantada. – Amelia tinha a desagradável impressão de que também se referia aos próprios sentimentos por Jack. – Mas não pode estar amando. O amor leva tempo.
– Certo, bem, talvez não seja como a quintessência do amor, mas acredito que você sabe quando encontra sua alma gêmea. Posso afirmar que Ian adorou conversar comigo tanto quanto eu adorei conversar com ele. Ele gostou do meu verdadeiro eu, o eu que não precisa se vestir de forma chamativa.
Amelia esfregou a testa.
– Espere um minuto. Pensei que este fosse o visual de disfarce de Brooke Tarantino. O seu verdadeiro eu gosta de roupas chamativas. E o seu verdadeiro eu é um Bellagio.
Brooke bateu na cama frustrada.
– Não deveria ter lhe contado. Ninguém acredita que posso ter um relacionamento sério. Ninguém.

– Não foi isso que quis dizer – argumentou Amelia, sentindo uma pontada de compaixão pela herdeira. – Só não quero que você se machuque ou se decepcione. Não há problema em esperar um pouco para conhecer alguém, antes de mergulhar de cabeça, não é?

– Talvez. – Brooke suspirou. – Mas tenho a sensação de que Ian é um cara que só aparece uma vez na vida e não quero perdê-lo. Fique feliz por mim, por favor?

Amelia suspirou e sorriu.

– Está bem. Vou me esforçar para ficar feliz por você. Basta lembrar de manter suas roupas em público, não infringir nenhuma lei e tentar ficar afastada dos tabloides. Evite câmeras de vídeo a todo custo. Pense com moderação.

– Tudo bem – disse Brooke, assentindo com a cabeça. Então, ergueu-se da cama e girou pelo quarto. – Ian me convidou para almoçar, antes de partir para Nova York. Você se importa de me acobertar, já que Lillian deverá estar de volta esta tarde?

– Brooke... – começou Amelia.

– Oh, por favor. Não será tão difícil. Você pode dizer a ela que está me levando para almoçar e depois pode ir ao shopping ou se encontrar com o gostosão do Jack.

Problemas. Amelia podia sentir o cheiro de problemas no ar. Gemeu e enfiou a cabeça embaixo do travesseiro, esperando que o sono afugentasse aquele súbito mau pressentimento.

CAPÍTULO 10

LILLIAN BELLAGIO ligou para Jack outra vez, desculpando-se por lhe pedir para encontrá-la tão em cima da hora. Ele concordou, imaginando não ter nada a perder, além de um pouco de tempo.

O local combinado foi o mesmo do encontro anterior. A mesma mulher o cumprimentou e lhe serviu uma xícara de café na varanda dos fundos. Dessa vez, porém, Lillian não o deixou esperando muito tempo. Juntou-se a ele dois minutos após a sua chegada.

– Desculpe mais uma vez por não ter marcado com mais antecedência. Obrigada por ter vindo – disse ela, colocando uma pasta de couro sobre a mesa, quando Jack se levantou e lhe estendeu a mão.

– Não tem problema, sra. Bellagio. É um prazer revê-la. Como tem passado?

Lillian fez uma pausa e suspirou.

– Um pouco cansada da viagem, mas estou bem. Obrigada. Por favor, sente-se. Não quero tomar muito o seu tempo – disse ela, sentando-se e retirando um envelope da pasta. – Ocorreu-me que, como você não conheceu seu pai, gostaria de ver algumas fotos dele e se inteirar mais sobre os problemas de saúde comuns na família Bellagio. Acrescentei um DVD sobre a vida pessoal e profissional de Dario. – Ela entregou-lhe o envelope. – A maior parte é autoexplicativa, mas adicionei algumas observações.

Surpreso, Jack olhou para ela. Lillian parecia mais nervosa do que da última vez, menos à vontade.

– Por que fez isso?

Ela deu de ombros.

- Pensei que estivesse interessado. Estava errada?
 - Não, estava certa. Mas o meu interesse é antigo. Por que só agora?
- Ela fez uma pausa.
- É o correto a fazer.
 - E não era vinte anos atrás?

Lillian enrugou os lábios e olhou para longe, tamborilando com as unhas bem cuidadas no tampo da mesa.

– Tive dificuldades para engravidar. Sentia-me ameaçada pelo caso do meu marido com a sua mãe. Receava que ele me abandonasse para ficar com ela, mesmo depois de termos um filho.

Durante uma fração de segundo, Jack imaginou uma jovem esposa assustada.

- Você o amava?

Ela sorriu.

– Foi ele quem me perseguiu primeiro. Sempre pensei que as coisas continuariam desse modo. Mas em algum lugar ao longo do caminho me apaixonei loucamente por Dario, e nosso relacionamento passou de ele precisando me perseguir para se tornar o centro da minha vida, recebendo toda a minha atenção. A conquista terminou para ele e sua mãe representava um novo desafio, novas emoções. Eu já havia sido conquistada.

- E como foi quando você descobriu o caso dos dois?

– Discuti, esbravejei e chorei. Ele não parou de vê-la até eu fazer minhas malas e partir. – Lillian fechou os olhos. – Foi a decisão mais difícil que precisei tomar na vida. A segunda foi sair da cama depois que ele morreu. – Ela mordeu o lábio. – Dario chegou à conclusão de que preferia a mim. Negociamos e eu voltei.

– As negociações incluíam mandar minha mãe embora – disse Jack, sem rodeios.

Ela assentiu com a cabeça.

– Com uma remuneração mensal ao longo de um período de dez anos. O objetivo era amparar a criança sem...

– Atrapalhar a vida familiar perfeita de vocês dois ou fazê-los sujar as mãos com um filho ilegítimo.

– Não se deixe enganar. Nossa vida familiar estava longe de ser perfeita. Dario teve muitas amantes. Apenas passou a ser mais cuidadoso, mais discreto. Era temperamental e, às vezes, seu humor era insuportável.

– Por que continuou casada? Para manter as aparências?

– Não. Eu o amava. Sim, sei que é loucura, mas eu o amava. Amava o modo como sua personalidade se destacava em qualquer ambiente. Sua risada era tão intensa que estremecia as paredes, e sua paixão podia aquecer uma mulher pelo resto da vida. Ele era o pai do meu único filho. Não foi fácil permitir que Damien tivesse uma relação próxima com o pai e protegê-lo ao mesmo tempo. Por fim, não sei se consegui o melhor equilíbrio. Ele está na Califórnia e raramente vem me visitar.

– Ele está empregado? Sustenta-se sozinho? Parece feliz?

– Sim.

– Então você deve ter feito um bom trabalho.

Os lábios de Lillian se curvaram em um meio sorriso.

– Então por que ele não vem me visitar?

Jack deu de ombros.

– A maioria dos caras não se liga muito nesse papo de visitar as mães. Talvez ele tenha sentido que seria melhor mudar para o outro lado do país por causa do pai dominador e o excesso de zelo da mãe. Mas você pode ir visitá-lo.

– Não gosto de me intrometer na vida dele.

Jack deixou escapar uma risada breve.

– Eu teria dado tudo para a minha mãe se intrometer na minha vida... quando ela não estava tentando me tirar dinheiro para alimentar seu vício sujo.

– É incrível como você acabou tão bem.

– Genes Bellagio? – perguntou ele irônico.

Lillian inclinou a cabeça para o lado.

– Talvez. O gene da obstinação pode ter lhe servido muito bem, mas sinto que há algo mais em você, embora tente disfarçar. Coração. Você o combate, talvez até mesmo o negue, mas tem coração.

Jack sentiu como se a mulher bem-penteada que lhe povoava os pesadelos estivesse olhando bem fundo em seu interior. Era ridículo, mas ela conseguira o amor e a devoção final de Dario Bellagio. Teria sido um tolo se esperasse uma pessoa indolente. Era óbvio que ela adoraria ser absolvida, mas não se sentia disposto a perdoá-la ainda.

– Obrigado. Vou dar uma olhada neste conteúdo hoje à noite. Sonhava com isso quando tinha 8 anos. Costumava fantasiar que meu pai ia aparecer e me resgatar da vida que minha mãe escolhera levar.

Lillian estreitou o olhar pesarosa.

– Sinto muito pela sua infância. Não posso corrigir o que passou. Tentei garantir que você ficasse amparado.

Jack esboçou um sorriso.

– Sou uma complicação dos diabos, não é?

Lillian o fitou por um longo momento, como se ainda não tivesse decidido se ele era uma complicação boa ou má.

– Sim, você é. Preciso voltar para casa. – Ela se levantou. – Caso me lembre de algo mais que você precise saber, eu telefono para você.

Levantando-se também, Jack pegou o envelope.

– Obrigado, sra. Bellagio.

– De nada. – Ela fez uma pausa. – Tem certeza de que não quer que os membros da diretoria saibam que é um Bellagio? Eles pensam que você pretende ser um membro figurativo da diretoria. Não ficarão felizes ao saber que pretende participar ativamente.

– Eu a aviso se mudar de ideia. Estou preparado. Venho me preparando para isso há anos.

Ela assentiu com a cabeça.

– Boa sorte.

– Obrigado mais uma vez. Eu entrarei em contato.

Jack deixou-a sair primeiro, porque suspeitava que ela preferia assim. Observou-a se afastar, pousou o café, quase intocado, na mesa, pegou a pasta e caminhou devagar até o carro.

O envelope era como uma moeda no bolso de uma criança em uma loja de doces. Embora possuísse a própria coleção de fotografias e alguns vídeos do pai, mal podia esperar para ver o arquivo de Lillian.

No caminho de volta à casa de praia de Ian, parou em uma loja de bebidas para comprar um bom uísque irlandês. Não bebia com muita frequência, mas, de vez em quando, a ocasião pedia.

Ao chegar, usou o controle remoto para abrir a porta da garagem e viu o carro de Ian estacionado. O amigo havia lhe dito que planejava almoçar e, em seguida, solicitar um carro com chofer para transportá-lo até o aeroporto. Logo ficaria sozinho em casa. Poderia ver as fotos em total privacidade.

Após trocar o terno e a gravata por um short e uma camiseta, pegou o envelope, o laptop e se dirigiu ao jardim dos fundos. Olhou as fotos primeiro.

Nunca perdera tempo pensando se o pai tinha boa aparência ou não, mas, com base nas fotos, podia afirmar que ele fora um homem bonito. Com cabelo ondulado vasto e escuro, olhos azuis expressivos e poderosa estrutura óssea, Dario Bellagio era o tipo de homem que chamava a atenção de homens e mulheres. Os homens o reverenciavam pelo poder e carisma que exalava. As mulheres se sentiam atraídas pelo seu poder e o apelo sexual. Não aparentava ser muito alto, mas era musculoso.

Nos retratos formais, Dario olhava direto para a câmera como se estivesse falando com a pessoa. Na foto do casamento com Lillian, parecia vaidoso, quase arrogante, como se dissesse: *olha o que eu consegui*. Outras fotos o mostravam no escritório, em pé ao lado de uma mesa de mogno maciço, no campo de golfe com o governador, cumprimentando o presidente Reagan. A escolha de fotografias de Lillian deixava claro seu orgulho por Dario.

Jack desacelerou o ritmo diante da visão da foto do pai com o filho bebê no colo e Lillian, que havia passado um dos braços em torno do marido e outro em torno do filho. Ela era o elo que mantinha o pequeno círculo familiar unido. Ele bebeu ao ver a foto de Dario com o filho, jogando futebol, praticando com um taco de beisebol, velejando. Sentiu uma sensação de aperto em algum lugar entre o ventre e o peito. E esfregou o local distraído.

O filho deles cresceu e se tornou um adolescente magro, com óculos e aparelho nos dentes, pousando para a foto com o pai, segurando um pouco desajeitado um taco de golfe. Embora Dario aparentasse ser mais pesado, ainda exibia a mesma fisionomia vaidosa ao lado de Damien, recebendo um diploma. Em seguida, outro diploma...

Jack não podia deixar de pensar no quanto teria gostado de ter um pai que jogasse beisebol e futebol com ele. Sua mãe sempre trazia pretensos tios para casa. Ao contrário de seu verdadeiro tio Thomas, um paramédico da marinha, que o visitava sempre que possível, mas que na maioria das vezes se encontrava ausente, de vez em quando um tio fingia jogar bola ou assistir a um jogo de futebol com ele. Normalmente, porém, estavam mais interessados em sexo, maconha e as drogas do momento da mãe. Homens decentes não ficavam por perto muito tempo.

Folheou mais fotos, notando o surgimento de mechas grisalhas no cabelo de Dario. O maxilar se tornara mais suave, mas os olhos não haviam perdido o fogo ou a intensidade.

Na última página, duas pequenas fotografias esmaecidas chamaram a atenção de Jack. Ficou curioso para saber onde Lillian as teria encontrado. A mãe dele, ainda jovem, com olhos claros e longo cabelo ruivo, aparecia com várias outras pessoas atrás de Dario em um escritório. Em outra fotografia, os dois pareciam conversar entre si. Sua mãe, usando um vestido de festa e salto alto, ficara da mesma altura de Dario, fitando-o olhos nos olhos. A química entre os dois era quase palpável.

Jack sentiu um aperto no peito. Ela parecia tão jovem, tão bonita. Thomas sempre lhe dissera que Sara era uma mulher extremada. Um pouco rebelde. A vida não parecia acontecer rápido o suficiente para ela.

Retirando a tampa da garrafa de uísque, Jack verteu a bebida em um copo e a ingeriu de um só gole, desejando que o ardor substituísse a dor. Ele era o resultado de um caso ilícito, e a mãe o usara como um tíquete-refeição.

Parte de si sempre se perguntou e, às vezes, secretamente temeu ser uma semente do mal. Sua mãe costumava dizer que ele fora o melhor erro que ela havia cometido, mas Jack nunca tivera certeza se era o seu coração ou o dinheiro falando.

Serviu-se de outra dose de uísque e engoliu, olhando em volta. A inquietação começou a dominá-lo. Incapaz de ficar parado, ergueu-se e caminhou ao redor do jardim. Havia um pequeno galpão em uma das extremidades mais distante. Necessitava de reparos. E ele precisava de algo para fazer. Por sorte, encontrou as ferramentas que queria ali mesmo no galpão.

Retirou as madeiras podres e substituiu-as por novas; em seguida, se preparou para pintá-las. Entre as demãos, comeu metade de uma pizza, inseriu o DVD no laptop e viu o pai ganhar vida.

As fotos não lhe faziam justiça, pensou Jack. O homem possuía um carisma tão grande que poderia ter sido presidente. Sua personalidade era tão forte e poderosa que parecia iluminar como velas a todos na sala.

Jack desejou saber como teria sido sua convivência com o pai. Talvez nada fácil. Talvez até bastante intimidante. *Mesmo assim eu gostaria de ter tido essa oportunidade*, pensou ele, e tomou outro gole de uísque.

Ligou para Amelia na esperança de se distrair, mas ela não atendeu. Deixou uma mensagem, assistiu ao DVD mais uma vez e bebeu outra dose de uísque.

Por sorte, estava começando a sentir os efeitos do álcool. Fechou o arquivo, desligou o laptop, se plantou na frente da TV e mergulhou em um sono sem sonhos.

AMELIA FRANZIU a testa ao olhar para o telefone celular pela quinquagésima vez em dez minutos. Jack lhe deixara duas mensagens, mas sua voz soara irreconhecível em ambas. Ela havia ligado de volta, mas não obtivera resposta.

Ele não era problema dela. Não passava de uma aventura.

Mas Amelia estava preocupada.

Deveria ter subido para se recolher uma hora atrás. Já que Brooke havia lhe roubado preciosas horas de sono com a conversa sobre ter encontrado sua alma gêmea em Ian, decidiu se deitar cedo. Também estava cansada, mas sabia que não conseguiria dormir.

Ainda trajando saia e blusa de seda, conjecturou ir até a casa onde Jack estava hospedado. Mas e se ele estivesse iniciando alguma jovem nas maravilhas da natação sem roupa?

A perspectiva lhe causou um aperto no peito.

Jack soara tão estranho ao telefone, tão deprimido, quase perdido. Quase como se precisasse dela? *Ridículo*, pensou.

Olhou para o relógio e franziu o cenho. Estaria quebrando pelo menos cinco regras, indo à casa de um homem depois das 10h da noite sem ser convidada.

Bem, talvez só fosse até lá para se certificar de que ele estava bem. Talvez nem fosse necessário sair do carro, que Lillian colocara à sua disposição.

Era loucura até mesmo considerar a possibilidade de ir ver Jack. *Loucura* total. Ela enfiou o celular na bolsa e desceu a escada para pegar as chaves do carro na guarita de segurança.

Ignorando o som de advertência na voz da mãe que lhe cruzou a mente, dirigiu até a casa da praia e passou em frente ao local várias vezes. Sem poder se certificar de que algo estava errado, estacionou o carro, decidindo saltar no fundo do poço da insanidade e bater na porta.

Bateu de leve, mas não obteve resposta. Mordendo o lábio, bateu outra vez e contou até dez. Quando chegou a 15, Jack abriu a porta e a fitou com uma expressão vazia e sonolenta.

– Amelia?

– Não posso explicar sem soar como uma pessoa estranha, mas você não parecia bem nas mensagens que me deixou. Eu não... – Ela fez uma pausa, sentindo-se uma idiota. – Soava como se algo estivesse errado.

Jack olhou para ela em silêncio por um longo momento.

Sentindo-se mais idiota do que nunca, ela deu de ombros.

– Posso ver que você está bem, então já vou indo. Desculpe por incomod...

Ele estendeu a mão e segurou a dela.

– Não – disse, e fez uma pausa. – Você pode entrar um pouquinho?

Amelia assentiu com a cabeça devagar.

– Claro. – Seguiu-o até o interior da casa, decorada em um estilo informal praiano. Um ventilador de teto girava na sala da frente e o som de uma televisão vinha dos fundos.

Jack a conduziu a uma saleta ao lado de uma pequena cozinha e apontou para o sofá.

– Sente-se. Não tenho muito a oferecer. Cerveja, refrigerante, água. Desculpe, não tenho vinho.

– Água está ótimo.

– Oh, e uísque – disse ele, com um sorriso irônico ao lhe trazer a água. – Consumi quase uma garrafa inteira esta tarde.

Amelia estudou-o, notando manchas de tinta em sua camisa e braços. Ela tocou-lhe a mão. Aquilo era sangue?

– Que diabos andou fazendo?

Jack olhou para baixo e soltou um palavrão.

– Esqueci. Sequer tomei banho. Trabalhei um pouco no galpão de lan esta tarde. Acho que arranhei os braços algumas vezes.

– Espero que os pregos não estejam enferrujados. Está em dia com a vacina de tétano?

– Acho que sim – respondeu ele, dando de ombros.

– Onde está o kit de primeiros socorros?

– São apenas arranhões. Não precisa bancar a Florence Nightingale comigo.

– Alguém precisa. Onde está o kit?

– Na cozinha, embaixo da pia, mas...

– Sente-se. Eu volto já – disse ela, e foi buscar o kit. Abriu algumas gavetas, pegou um pano limpo e o umedeceu na torneira da pia. Em seguida, retornou à saleta.

- Muito bem, me dê sua mão.
- Amelia...
- Estou falando sério, me dê sua mão.

Jack exalou um suspiro e cedeu.

- Isso não é nada.

– Talvez, mas pode vir a infeccionar. – Ela limpou os arranhões ensanguentados com delicadeza e, a seguir, abriu o kit de primeiros socorros.

Jack a observou passar pomada antibiótica nos ferimentos e colocar um curativo sobre o mais grave deles. De repente, lhe ocorreu que não conseguia se lembrar da última vez que alguém cuidara dele com tanta dedicação.

Amelia ergueu o rosto e ele percebeu sua expressão interrogativa.

- O que aconteceu hoje que o perturbou tanto?
- Nada.

Ela continuou a fitá-lo em expectativa, como se não acreditasse naquela resposta.

– Se nada aconteceu, então por que soou daquele modo ao telefone? Por que bebeu quase uma garrafa de uísque? E por que machucou as mãos?

Sua perspicácia o confortou e incomodou ao mesmo tempo.

– Não aconteceu nada. Já seguiu caminho por uma memória que deveria ter evitado?

Amelia fez uma pausa e anuiu com a cabeça.

– Mais de uma vez nos últimos tempos, mas existem estradas, vales, desfiladeiros, crateras. – Ela fez uma pausa. – Buraco negro.

Jack sentiu um aperto no peito e desviou o olhar.

– Minha mãe não era casada quando eu nasci. Era jovem e rebelde. Estava sempre à procura do próximo grande barato. Morreu de overdose. Sempre me perguntei se poderia ter feito algo para ajudá-la. Houve momentos em que tentei. Encontrava a bolsinha onde ela carregava a droga e a queimava quando ela não estava por perto. Ficava imaginando se poderia ter feito algo mais para fazê-la parar, ou se eu era a razão para ela ter começado.

Amelia tocou-lhe a mão enfaixada com suavidade.

– Você era um bebê, depois uma criança, não o Super-Homem. Não quero denegrir a memória de sua mãe, mas aposto que ela estava à procura do grande barato muito antes de você nascer.

– Sim – concordou ele. – Talvez. – Olhou para as roupas sujas de tinta. – Estou um trapo. Importa-se se eu for tomar um banho rápido? Você pode ficar um pouco mais?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Posso.

Jack viu algo profundo nos olhos dela, algo que não estava acostumado a ver.

– Obrigado – disse e se dirigiu ao banheiro, surpreso consigo mesmo por lhe pedir para ficar. Em geral, evitava encarar aquelas memórias, mas, quando pensava no passado, preferia a solidão. Havia muitos sentimentos estranhos a respeito da sua educação para que ele conseguisse ordená-los. O importante era que desde cedo tomara a decisão de não trilhar o mesmo caminho que sua mãe, e que não seria pobre.

Jack ligou a ducha e tirou as roupas. Enquanto a água aquecia, tentou clarear a mente. Entrando na banheira, inclinou o rosto na direção da água. Após um minuto ou mais, ensaboou-se da cabeça aos pés.

Ao sentir uma lufada de ar fresco lhe atingir as costas, olhou em volta e quase caiu sentado.

Amelia, completamente despida, entrou na banheira junto com ele.

– Pensei que gostaria de companhia – disse ela, a expressão um pouco insegura.

O corpo de Jack reagiu de imediato.

– Ótimo pensamento – respondeu ele, e segurou-a pela mão. – Mas vai ficar toda molhada, Magnólia.

– Tudo bem.

Jack puxou-a para si e gemeu ao sentir os seios dela de encontro ao seu peito. Inclinando a cabeça para frente, pressionou-lhe a boca e mergulhou a língua por entre seus lábios. Então, sentiu-a erguer os braços e envolvê-lo pelo pescoço. Foi uma reação tão doce que o fez enrijecer por fora e gemer de dor por dentro.

Excitado, deslizou a coxa por entre as dela e Amelia aprofundou o beijo, dando-lhe a impressão de o estar devorando. Seus corpos molhados e escorregadios deslizavam sensualmente um de encontro ao outro.

Imerso naquela atmosfera sensual, Jack queria possuí-la de todas as formas e desejava que ela fizesse o mesmo com ele. Espalmando a mão em seus seios, esfregou-lhe os mamilos molhados e baixou a cabeça para

fechar os lábios em torno de um, enquanto baixava a mão, avançando para a parte interna das coxas dela, onde a tocou.

Sem hesitar, Amelia envolveu-lhe a ereção intimamente, distraíndo-o, e moveu a mão, escorregadia pela água morna, em um ritmo de parar o coração.

– Hã... Amelia – começou ele.

Quando ela se ajoelhou e substituiu a mão pela boca aveludada, Jack deixou todos os pensamentos de lado. A sensação de sua boca sobre ele era um misto insano e sedutor de céu e inferno. Céu, porque ela era maravilhosa. Inferno, porque ele não podia fazer tudo de uma vez.

Permitindo-se sentir mais algumas carícias da língua de Amelia, afastou-a com suavidade, desligou o chuveiro e puxou-a para fora com ele. Na sequência, pegou duas toalhas na prateleira, envolveu uma em torno dela e conduziu-a pelo corredor até o quarto.

Jack deitou-a na cama e lambeu-lhe o pescoço. Amelia ofegou e ele deslizou a ponta da língua, lambendo cada centímetro daquele corpo maravilhoso, até atingir o centro de sua feminilidade. A carne era tão suave quanto uma pétala de rosa de encontro aos seus lábios, e os gemidos cada vez mais excitados que ela deixava escapar fizeram algo primitivo irromper dentro dele.

Amelia era doce, morna, desejável, e estar com ela o fazia se sentir... melhor, como se um pouco da bondade dela pudesse anular sua maldade.

Jack percebeu que ela estava no limite e ergueu-se, então pegou um preservativo da mesa de cabeceira e a penetrou.

– Oh...

Ambos suspiraram ao mesmo tempo. Permitindo-se mergulhar no olhar dela, ao mesmo tempo que afundava em seu corpo, ele sabia que não podia se conter por muito tempo. Quando Amelia ergueu a mão para lhe afagar o rosto, a ternura o pegou de surpresa, levando-o ao êxtase. Rolando sobre o colchão, puxou-a mais para si e envolveu-a com a toalha extra.

– Você ainda está molhada – murmurou. – E eu destruí seu cabelo.

– Você não deveria reparar nisso.

Jack sorriu, mas lutou contra uma estranha combinação de sentimentos. Estava saciado, mas sentia algo mais que ele não conseguia identificar. Era muito estranho. Sentia-se confortado? Amado? Tomado por uma crescente onda de desconforto, meneou a cabeça para si mesmo.

– Eu deveria estar falando com Jezebel? – perguntou ele, beijando-lhe os ombros. Quando Amelia não respondeu, ele a enlaçou pela cintura. – Constava da sua lista seduzir um homem no chuveiro?

– Não – respondeu ela, após alguns segundos de silêncio. – Não constava da minha lista. E esta não foi Jezebel. Fui apenas eu.

O peito de Jack apertou com outro sentimento estranho. Droga, aqueles sentimentos eram tão inquietantes quanto se encontrar no meio do tráfego de Chicago às 5 horas da tarde!

– Então devo dizer-lhe que foi uma transa incrível.

Amelia se virou ligeiramente e o fitou nos olhos.

– Eu poderia dizer o mesmo.

– Só que não usaria a palavra transa.

Ela riu.

– Se eu de fato quisesse, poderia colocá-la em minha lista.

– Certifique-se então de proferi-la na minha frente. Quero ouvi-la e vê-la ficar vermelha como uma cereja.

Amelia lhe socou o braço de leve, então se virou e se aninhou ao seu peito.

– Cale a boca e me abrace.

Jack a estreitou mais para si e a sentiu suspirar. Abraçar Amelia não era uma tarefa árdua. Nem um pouco árdua.

CAPÍTULO 11

AMELIA CONSEGUIU retornar à propriedade dos Bellagio pouco depois de uma manhã, agradecendo às suas estrelas da sorte por não ter esbarrado com ninguém acaminho do quarto. Após ter se unido a Jack no chuveiro, sua aparência ficara arruinada. Antes de deixar a casa da praia, havia limpado o rímel borrado e prendido o cabelo rebelde em algo semelhante a um ninho de pássaro abandonado, na parte de trás da cabeça.

Na manhã seguinte, o despertador torturou-a, arrancando-a de um sono pesado. Tomou um banho e teria adorado voltar para a cama, mas se recusava a se atrasar, sobretudo com Lillian. Prendendo o cabelo em uma trança francesa, tão retesada que quase a fez lacrimejar, aplicou um corretivo e um pouco de blush extra, na esperança de conferir um pouco de vitalidade à pele.

Dando uma olhada final no espelho, franziu a testa e esfregou o blush extra, o que a fez parecer mais febril do que saudável.

Embora nervosa, engoliu uma xícara de café a caminho do escritório de Lillian. Não fora feita para aventuras. Não era o tipo de pessoa feita para viver um tórrido caso de amor sem compromisso. Estava uma pilha de nervos.

Não sabia como as outras mulheres conseguiam ficar nuas com um homem e viver um relacionamento íntimo, sem se envolver emocionalmente.

Tentando deixar de lado os pensamentos e sentimentos indesejados sobre Jack, sentou-se em sua cadeira no escritório e pediu o café da manhã de Lillian. Em seguida, ligou o computador e respondeu aos e-mails da mãe

e da irmã, Valene. Na sequência, verificou os e-mails da sra. Bellagio para ver se havia convites e assuntos mais urgentes a tratar.

Lillian entrou na sala.

– Bom dia, Amelia. Quero lhe agradecer mais uma vez por passar algum tempo extra com Brooke. Sei que ela pode dar trabalho, mas pelo visto você já lhe causou um bom impacto. Ela parece bem mais calma do que quando chegou.

Porque Brooke aprendeu a manter um perfil mais reservado, pensou Amelia, sentindo uma pontada de culpa.

– Não mereço os créditos. Acho que o fato de Brooke ter sido afastada da vida que levava a fez se sentir um pouco mais tranquila. No fundo, acho que ela tem um bom coração.

Lillian olhou para Amelia incrédula.

– Brooke? Coração? – A mulher riu. – Você está enxergando algo que eu nunca vi. Brooke sempre fica cega pelo que deseja no momento. Um novo namorado. Dinheiro. Viagens. – Ela acenou com a mão. – Mas chega desse assunto. Algo urgente para mim?

Amelia a atualizou sobre os e-mails e outras correspondências que haviam chegado nos últimos dois dias, enquanto o desjejum era servido.

Com uma expressão distante no rosto, Lillian mexeu o chá.

– Eu estava pensando... Há alguma emergência ou algum evento da empresa Bellagio a ser realizado em breve na Califórnia?

Amelia percebeu o tom estranho na voz da mulher.

– Não sei lhe informar no momento, mas tenho certeza de que posso descobrir. Tem algo específico em mente?

Lillian tomou um gole de chá.

– Na verdade, não. Estava apenas curiosa. – Ela deu de ombros. – Não se preocupe. Não é nada importante.

Mas Amelia sentiu que era.

– Tudo bem. Mas vou enviar um e-mail para Trina, do Departamento de Relações Públicas, e logo teremos informações, se a senhora mudar de ideia.

Lillian fez um aceno distraída.

– Nesse meio-tempo, pensei um pouco sobre a sua sugestão de que eu deveria passar algum tempo com Brooke. Então, decidi levá-la para almoçar. E, depois, vamos visitar o museu dos artistas locais.

Amelia piscou, imaginando a falta de entusiasmo de Brooke com o passeio. Mas mordeu a língua. Quem sabe? Talvez as duas passassem uma ótima tarde juntas.

– A que horas quer sair?

– Não muito cedo. Por volta das 11h30 está bom. Por favor, faça reservas no The Pelican Café.

– Sem problemas – respondeu Amelia, pensando que seria necessário despertar Brooke, já que a jovem raramente levantava a cabeça do travesseiro antes de 11 horas da manhã. – Algo mais que eu possa fazer?

– Um dos meus grupos de bridge se reunirá aqui na próxima terça-feira. Gostaria que você planejasse um menu leve com sanduíches, frutas e legumes e algumas sobremesas fabulosas. Feito isso, pode tirar folga esta tarde. Você merece.

Ao meio-dia, após persuadir Brooke a deixar a cama e sair com Lillian, Amelia tomou as providências necessárias para o jogo de bridge de Lillian e verificou seu correio de voz no celular. Havia uma mensagem de Jack. Ele queria encontrá-la naquela tarde.

JACK SE ergueu da cadeira do café ao ver Amelia transpor a porta de entrada. Ela usava uma saia vaporosa alguns dedos acima dos joelhos. Quase sempre usava saia. Ele gostava disso. Claro, gostava de olhar para as suas pernas e seus esbeltos tornozelos, mas a feminilidade dela também o atraía.

Uma doce e excitante garota do Sul. Amelia era demasiado doce para seu conforto. Naquele instante, ele a viu virar o olhar e procurar o rosto dele. Os dois haviam se envolvido mais do que deveriam. Por sorte, ele estava de partida.

Amelia caminhou até a mesa, rodeou-lhe os ombros com um dos braços e roçou os lábios em sua bochecha.

– Você está bem?

Resistindo ao impulso de puxá-la para si, Jack se afastou e fez um gesto em direção a uma cadeira.

– Sim. Estou apenas com um pouco de pressa.

Acomodando-se no assento, ela cruzou as pernas e ele avistou uma das torneleiras que lhe dera de presente. Sentiu uma sensação estranha no peito e esfregou o local.

Amelia o fitou em expectativa.

Jack experimentou a mesma sensação de quando recusava um pedido de prorrogação em uma de suas ofertas. Mesmo tendo sido transparente como vidro sobre o fato de que acabaria partindo e não haveria nada entre eles, sabia que ia magoá-la, e sentiu um gosto amargo na boca. Era melhor acabar logo com aquilo.

– Aconteceram alguns imprevistos e terei que voltar para Chicago.

– Ah – murmurou ela, fitando-o nos olhos. – Quando?

– Esta noite.

Amelia arregalou os olhos.

– Oh, uau. Isso é logo. – Desviou o olhar e cruzou as mãos. – Bem, obrigada por me avisar. Espero que faça uma boa viagem de volta. – Fazendo outra pausa, olhou para ele e forçou um sorriso. – E, hã... – Ela mordeu o lábio, parecendo procurar as palavras. – Foi... – Clareou a garganta. – Foi uma aventura passar o tempo com você. – Com essas palavras, ergueu-se da cadeira. – Cuide-se.

Jack encarou-a boquiaberto. Esperava choque, mágoa, lágrimas, talvez uma acusação. Mas não um *“cuide-se”*.

– Ei – disse, erguendo-se também. – Ainda tenho tempo para tomar um café. – Ele viu um lampejo de hesitação em seus olhos, mas em seguida ela negou com a cabeça.

– Não. Tudo bem. Obrigada, de qualquer maneira.

Amelia se virou para partir. Sentindo como se tivesse acabado de levar um gancho de direita, mas precisando se erguer antes de o sino tocar, ele a seguiu.

– Amelia – chamou, segurando-a pela mão. – Você ficou zangada?

Ela o fitou surpresa.

– Não. Por que deveria ficar zangada? Eu sabia que você partiria a qualquer momento. Já esperava por isso.

Jack sentiu um fio de suspeita percorrê-lo.

– Esse é o discurso de despedida que você ensaiou?

Ela hesitou.

– Gosto de estar preparada.

– Então *foi* uma resposta planejada – concluiu ele. – Bom trabalho. Educada, breve, nem um pouco pegajosa. – Devia se sentir grato e aliviado. Mas não se sentia. – Só por curiosidade, onde está me colocando em sua gaveta de arquivo?

– Na letra “T” de temporário – respondeu ela sem pestanejar. Em seguida, esboçou um sorriso suave e irônico. – Obrigada por me ajudar com a minha lista. – Inclinando-se, beijou-o na bochecha. – Não seja tão exigente consigo mesmo. Você tem sentimentos bons dentro de si – murmurou.

Se Amelia soubesse, pensou Jack, sentindo uma ligeira pontada de culpa, que depressa baniu. Ao mesmo tempo perguntou-se como podia ter se preparado tão bem para dizer-lhe que a estava deixando e tão despreparado para ouvi-la dizer o mesmo. Que estranho!

Desejou saber o que ela pensaria quando retornasse à sede da Bellagio e o encontrasse lá. Não seria bonito, concluiu, mas não o impediria de fazer o que havia planejado. Passara muito tempo se preparando para aquele momento, para deixar que uma pequena e doce magnólia do Sul se intrometesse em seu caminho.

CAMINHANDO COM altivez, Amelia deixou o café com o orgulho intato. Não se lamentou, nem pediu a Jack para lhe ligar, ou até mesmo chorou, o que considerava inadmissível. O pensamento a fez se encolher. Talvez estivesse se aprimorando na arte de levar um fora.

Suas mãos estavam frias e trêmulas, apesar de a temperatura no exterior passar dos 26 graus. Ao abrir a porta do carro e escorregar para dentro, sentiu o coração disparar. O peito apertado a impedia de respirar fundo o ar tão necessário para manter sua mente clara. Sentia-se como um pequeno barco em águas agitadas. Havia começado a nutrir sentimentos em relação a Jack. Preferia morrer a lhe contar, mas não podia deixar de gostar da criança perdida dentro dele.

Fechando os olhos, por fim recuperou o fôlego, determinada a não se afogar. Não havia vilões naquela história. De certa forma, sentia-se grata por Jack partir, antes que se apegasse a ele ainda mais.

Mudando o telefone celular para o modo silencioso, Amelia passou o restante da tarde passeando no shopping. Comprou um par de brincos, uma blusa e um anel para o dedo do pé, e pensou seriamente em fazer uma tatuagem. Por pelo menos 38 segundos.

Depois de parar na mercearia, voltou à propriedade dos Bellagio e subiu para o quarto. Brooke bateu à sua porta, no exato momento em que ela vestia o pijama.

– Entre – disse, pendurando a saia no armário.

Brooke entrou no quarto.

– Onde você estava?

– Na rua. Fazendo compras – acrescentou Amelia.

– Por que não me levou? – exigiu a jovem. – Preciso de distração na ausência de Ian.

– Na verdade, não saí para fazer compras. Jack vai partir hoje.

Os olhos de Brooke se arregalaram.

– Oh! Então você está devastada, também?

– Não completamente. Eu sabia que se tratava de um romance temporário. Que não era um relacionamento de verdade. Quero dizer, nem mesmo sei o que ele faz para viver. Não sei onde ele mora em Chicago. Nem ele sabe onde eu moro em Atlanta.

Brooke inclinou a cabeça para o lado.

– Está tentando convencer a mim ou a si mesma?

Amelia exalou um suspiro.

– Não preciso me convencer. Só estou me lembrando. Ele era temporário, transitório.

Brooke assentiu.

– O objetivo era ele colocar o seu mundo nos eixos outra vez, lhe proporcionando ótimo sexo. Será que Jack cumpriu esse propósito?

Amelia não conteve o riso.

– É, acho que sim.

– Então você está melhor do que eu – concluiu Brooke com um beicinho.

– Não sei. Estou um pouco desapontada – admitiu. – Mas tenho uma solução temporária, contanto que eu não me empolgue.

– O que é? Tequila?

– Não. Torta – respondeu, dirigindo-se à porta do quarto e saindo para o corredor. Ela ouviu os passos de Brooke atrás dela.

– Vamos comer uma torta?

– Assar – corrigiu Amelia. – Vou assar uma torta. Minha mãe tem a seguinte filosofia: quando você se sentir para baixo, asse uma torta e a dê de presente a alguém.

Brooke franziu a testa.

– Por que não podemos apenas comê-la nós mesmas?

Amelia desceu a escada na frente.

– Porque a teoria é que, se você fizer algo de bom para alguém, se sentirá bem consigo mesma.

– Depende do tipo de torta que vamos fazer – disse Brooke. – Se for de chocolate, a caridade começa em casa, comigo.

TRÊS SEMANAS depois, Amelia acordou no horário habitual e cumpriu sua rotina de pedir o café da manhã de Lillian e priorizar a correspondência.

– Bom dia, Amelia – disse Lillian.

– Bom dia, sra. Bellagio. Como se sente?

– Deprimida.

Amelia lançou-lhe um segundo olhar.

– Sinto muito. Existe algo que eu possa fazer?

– Sim, mas não deveria – respondeu ela. – O pessoal ligou ontem. Insistem que você é mais necessária na Bellagio do que aqui. Querem que volte para assumir um cargo criado para você. Especialista em Suporte Executivo. Para começar, você terá uma assistente.

Amelia fitou-a boquiaberta.

– O que vou fazer?

– Algumas tarefas que já fazia antes. Apagar incêndios iniciados por incompetentes. Quando não estiver resolvendo os problemas mais recentes, treinará o pessoal de apoio para realizar tarefas de forma mais eficiente. Ah, e seu salário será... – prosseguiu Lillian, pegando um pedaço de papel e escrevendo um número que fez Amelia piscar várias vezes.

– Ah, meu Deus, não posso acreditar!

– Bem, então posso dizer a eles que você aceitou.

– Sim! – Ela se levantou. – Claro que sim. Quando devo partir?

Lillian contraiu os lábios.

– Francamente, Amelia, eu apreciaria uma pequena demonstração de pesar da sua parte.

Oops. Amelia se sentou outra vez.

– Não quero que pense que estou sendo ingrata. Trabalhar aqui é o emprego dos sonhos. Viver em Keys, em uma bela propriedade.

– Você estava se sentindo entediada – disse Lillian.

Amelia franziu o cenho.

– Eu não estava entediada. É que você é uma pessoa tão organizada que não sobra muito para eu fazer.

Lillian assentiu.

– Que ótima desculpa.

– Não é desculpa. É a verdade.
– Bem, sentirei sua falta. Brooke ficará devastada. *Eu* ficarei devastada se precisar entretê-la.

Amelia estudou Lillian por um longo momento.

– Estou pensando se não seria bom para Brooke fazer uma viagem com você.

– Comigo? Eu não vou dançar em mesas de bares ou fazer topless na praia.

– Não, mas vocês duas se interessam por moda e gostam de fazer compras. Poderia mostrar-lhe outras coisas que despertassem o interesse dela.

– Mas para onde?

– A Califórnia seria uma boa opção. Daria uma oportunidade ao pessoal da Bellagio, da costa oeste, de passar algum tempo com você, e tenho certeza de que eles iriam adorar. E Brooke poderia conhecer outra parte da empresa.

Lillian olhou para ela por um longo momento de indecisão.

– Vou pensar no assunto.

A mulher precisaria de outro incentivo, pensou Amelia, e soube exatamente o que fazer. Enquanto arrumava a mala, após o almoço, Brooke entrou em seu quarto.

– Lillian acabou de me contar. Sua traidora. Está me abandonando aqui com ela. Morrerei de tédio e será quase impossível sair para me encontrar com Ian se você não estiver por perto. Como pôde fazer isso comigo?

Amelia não conseguiu conter uma risada.

– Obrigada por me parabenizar pela minha promoção.

Brooke fez uma careta.

– Parabéns. Agora, que diabos devo fazer para ir embora daqui? Pensei que eles me deixariam partir logo, pelo menos há uma semana, mas meu pai não concordou. – Ela se sentou na cama. – Está planejando me manter aqui até eu fazer 80 anos.

– Pensei sobre o assunto e tenho algumas sugestões, mas você precisa de fato estar motivada para sair.

– Estou motivada – disse Brooke. – Estou desesperada.

– Desesperada o suficiente para agir? – perguntou Amelia. – Agir como adulta?

– Sim.

– Arrume um emprego.

Brooke praguejou.

– Não posso. Como posso acompanhar Ian durante as turnês se estiver empregada?

– Arrumar um emprego é uma atitude adulta, Brooke. Convenceria o seu pai de que você mudou e que não cometerá mais nenhuma loucura.

Brooke suspirou e meneou a cabeça.

– Não vejo como eu poderia acompanhar o Ian, se arrumasse um emprego. E estar com Ian é o mais importante para mim.

– Há outras possibilidades.

– Quais?

– Acho que você deveria tentar convencer Lillian a levá-la em uma viagem para a Califórnia.

– Por que diabos eu ia querer fazer isso?

– Porque o filho de Lillian vive lá e, como não a visita com frequência, ela sente muita falta dele.

Brooke cruzou as pernas, movendo o pé para cima e para baixo.

– É como aquela história da torta? Fazer algo de bom para alguém?

– É mais ou menos por aí – respondeu Amelia. – Acho que ela pode vê-la com outros olhos se você fizer algo de bom. E, se ficar grata a você, então...

– Pode falar com meu pai para me deixar ir embora daqui.

– Sim, mas seria bom se você pensasse em algo que gostaria de fazer após deixar a casa de Lillian.

– Eu já sei. Quero ficar com Ian.

– É o que vai dizer a seu pai? Que quer sair da casa de Lillian para viver com um astro do rock?

Brooke franziu o cenho.

– Acho que não pegaria muito bem. Preciso de uma missão secundária.

– Se não quer arrumar um emprego, talvez possa fazer trabalhos voluntários.

– Você está certa – disse ela, batendo-lhe na coxa. – Se eu fizer trabalhos voluntários, posso programar os meus horários, e não deixar a cargo de outra pessoa.

– Sim – disse Amelia lentamente. Brooke ainda não captara. Ainda não havia entendido que estava na hora de começar a agir como adulta. Ainda estava evoluindo, pensou ela. Mas, afinal, não era o que acontecia com todas as pessoas?

DOIS DIAS mais tarde, com abraços e votos de felicidades de Brooke e Lillian, Amelia deixou a propriedade dos Bellagio. Sentiria falta das sandálias de dedo e da praia, mas estava preparada para trabalhar em sua lista. A primeira resolução que tomou após fazer o check-in no hotel que a Bellagio lhe reservara foi fazer um rápido tour com um corretor de imóveis. No dia seguinte, encontrou um apartamento com dois dormitórios para alugar. A empresa arcaria com os custos da mudança, então ela providenciou o transporte da pouca mobília que possuía para o novo local.

Passou os próximos dias renovando o guarda-roupa para se adequar ao seu novo cargo na Bellagio, comprando móveis para a sala de estar e para o quarto e se familiarizando com o apartamento.

Na segunda-feira, o primeiro dia de volta aos escritórios da Bellagio, recebeu calorosas saudações enquanto caminhava pelo corredor. Após cuidar da papelada necessária, foi informada sobre seu novo cargo pela gerente de recursos humanos. Sentia-se no topo do mundo, confiante, forte e pronta para desfrutar de seu novo trabalho e de sua nova vida.

Com as mãos repletas de arquivos de cerca de três departamentos em crise, dirigiu-se ao elevador para rumar para o seu novo escritório. Assim que as portas começaram a se fechar, a mão de um homem as deteve.

– Espere – disse uma voz familiar.

Amelia observou em choque quando Jack entrou no elevador. O espaço exíguo encolheu ainda mais. Ela inalou o vertiginoso perfume de sua colônia pós-barba, pensando que a mente estava lhe pregando alguma peça. Não. Ele podia não estar usando uma camiseta e um boné, mas a atitude arrogante estava lá, envolta no que parecia ser um terno de grife, que se moldava com perfeição ao corpo atlético.

– Amelia.

– Jack. – As portas se fecharam e ambos falaram ao mesmo tempo.

– O que está fazendo aqui? – Ela deixou escapar.

– Gostei do seu cabelo – disse ele. – Está bonito.

Ela havia jogado a prancha no lixo.

– Obrigada, hã...

– E como está se saindo com a sua lista? – perguntou ele, a boca se curvando com um sorriso sexy que evocava imagens pecaminosas do que haviam compartilhado.

Amelia sentiu as bochechas arderem.

– Bem, mas... – Ela meneou a cabeça. – O que está fazendo aqui?

– Agora faço parte da diretoria.

Confusa, ela esperou o restante da piada... ou da história.

– Novos membros da diretoria não costumam aparecer do nada. Como?

– Eles precisavam de capital para uma reformulação na linha de calçados esportivos. Forneci esse capital. Meu cargo era parte do negócio.

As portas se abriram no andar em que ela precisava sair, mas seus pés pareciam ter criado raízes no chão.

– Só não entendo como... – Uma terrível constatação causou-lhe um calafrio. – Você sabia sobre isso quando nos conhecemos?

Jack fez uma pausa.

– Sim, sabia. Desculpe. Simplesmente não podia lhe contar.

Amelia tremia tanto por dentro que se fosse uma garrafa de vinho teria arrebentado a rolha.

– Você o quê?

As portas começaram a se fechar e Jack estendeu a mão novamente para impedi-las.

– Este é o seu andar?

Ela assentiu com um aceno vago.

– Eu e você poderíamos sair. Eu lhe explico tudo e podemos trabalhar na sua lista.

Naquele instante, duas pessoas entraram no elevador. Amelia o fitou incrédula. Jack a usara para conseguir informações confidenciais e estava se oferecendo para trabalhar na lista dela, sua maneira de dizer que gostaria de levá-la para a cama.

Ela fez que não com a cabeça.

– Não concordo – respondeu, sem rodeios. – Não, a menos que eu acrescente assassinato à lista.

CAPÍTULO 12

AMELIA ESTAVA tão aborrecida que pensou que fosse explodir. Sentia o estômago agitado e a cabeça latejando.

– Um acidente vascular cerebral – murmurou para si mesma. – Se eu não me acalmar, vou sofrer um acidente vascular cerebral.

Obrigando-se a respirar fundo e pausadamente, abriu a porta que dava para o seu novo escritório.

– Surpresa! – exclamou Trina Roberts, erguendo um prato de bolinhos.

Diante da visão da amiga e ex-chefe, seu humor melhorou de imediato. Apressou-se na direção de Trina e a abraçou. Então sorriu ao avistar o cartaz de boas-vindas do outro lado da janela, pendurado na parede dos fundos, os balões e as flores.

– Que amor!

– Eu queria que você se sentisse bem-vinda, embora jamais vá perdoá-la por não voltar a trabalhar para mim – disse Trina. – Mas conte-me. Como foi trabalhar com a senhora Bellagio? Ela é realmente o diabo no paraíso?

– Ela pode ser exigente – respondeu Amelia, lembrando que Lillian queria manter sua reputação. – Mas eu me dei bem com ela.

– Você está ótima. – Trina segurou-lhe ambas as mãos. – Por favor, me diga que não passou o tempo todo trabalhando. Conseguiu se divertir um pouco, não é?

Amelia pensou em Jack e sentiu um gosto amargo na boca.

– O lugar é lindo. Fui à praia me bronzear, bebi alguns hurricanes, dirigi um conversível...

– Sente-se melhor sobre o...

– Will. – Amelia esboçou um sorriso. – Sim. Bem melhor. Comecei a viver.

– Conheceu algum homem? Apenas para se divertir?
– Ninguém de quem valha a pena me lembrar – respondeu ela, cerrando os dentes. – E você? Como está Maddie? E o Walker?

– Maddie já está andando, que Deus me ajude! Ela é maravilhosa. Walker é maravilhoso. Vamos nos casar depois do feriado de Ação de Graças.

Amelia viu a alegria nos olhos de Trina e se sentiu feliz pela amiga. Trina passara por muitas adversidades na vida.

– Isso é fabuloso.

– Minha mãe quer organizar o casamento. Eu preferia fugir. Ela disse que eu já fiz isso e não posso repetir a dose.

– E Walker?

– Ele diz que me aceita do jeito que eu quiser. Apenas quer se manter distante de qualquer reality show, se possível.

Amelia riu.

– Pelo menos ele tem senso de humor sobre ter sido abandonado por Brooke Tarantino em rede nacional.

– Ele se sente como se tivesse se esquivado de um tiro.

Amelia assentiu com a cabeça, pensando em como Brooke ainda precisava aprender algumas lições.

– Não posso discordar. Ela foi visitar Lillian enquanto eu estava lá e parece que ainda não aprendeu a agir como adulta. A favor dela, só tenho a dizer que, quando você nasce uma princesa e é supermimada, a visão de si mesma e do mundo tende a ser deturpada.

– É verdade – concordou Trina, e franziu a testa. – Ela estava visitando Lillian? Não faz o gênero dela. Talvez South Beach, mas não um lugar tranquilo em Keys.

– Tenho a impressão de que se tratava de uma visita forçada – disse Amelia.

Trina arqueou as sobrancelhas.

– Oh! Os problemas recomeçaram?

– Ela parece ter um talento natural nesse sentido. Nenhuma novidade por aqui que eu deva saber?

Trina deu uma risada breve.

– Só a guerra dos mundos. – Ela passou além de Amelia e fechou a porta.
– Sabia que a linha de calçados esportivos precisou ser redesenhada?

Amelia anuiu com a cabeça, sentindo um aperto no peito, e desejou saber o que havia feito, sem querer, para a Bellagio, ao passar informações

confidenciais sobre a empresa a Jack.

– Bem, o orçamento está temporariamente apertado, então os diretores decidiram conseguir algum dinheiro extra com um investidor em fundos de capitais de risco. Ouvi dizer que fizeram um excelente negócio. Em troca, o rapaz quis um cargo na empresa e uma cadeira na diretoria. Disse que com essas duas condições ficaria satisfeito, então ninguém ficou preocupado – explicou Trina. – Até ele aparecer, exigir um escritório e começar a frequentar as reuniões. Marc Waterson está um pouco apreensivo com essa atitude. Um pouco não, totalmente apreensivo. Pobre Jenny! – acrescentou, referindo-se à esposa de Marc. – Além do mais, o novo cara não é estúpido e parece ter *muitas* informações confidenciais sobre a Bellagio. Algumas pessoas temem que haja um espião na empresa, e a paranoia está aumentando. É um pouco assustador. Esse sujeito sabia até detalhes sobre mim.

Posso explicar isso, pensou Amelia. A espiã sou eu, mas eu não sabia o que estava fazendo.

Ela mordeu o lábio.

– Parece estranho. Alguém sabe o que esse cara quer? Será que pretende assumir a Bellagio?

– Ninguém sabe. E é por esse motivo que estamos todos assustados. Em especial Marc. Além do mais, Alfredo teve que tirar um tempo de folga para tratar de problemas cardíacos.

Amelia ficou alarmada.

– Alfredo? Eu achava que ele era supersaudável.

Trina assentiu com a cabeça, a boca se curvando de tristeza.

– Eu também. Ele era arrogante, mas bem-intencionado. – Ela suspirou. – Não sei o que vai acontecer. Marc fica andando de um lado para outro como se fosse explodir a qualquer minuto. Quando ele e o novo diretor estão na mesma sala, parece que estamos olhando para dois deuses gregos se preparando para lançar bolas de fogo e relâmpagos na direção um do outro. E o estranho é que eles são até parecidos.

– Não, não se parecem – retrucou Amelia de modo automático. Não havia semelhanças entre Jack e Marc, exceto o cabelo escuro e a altura. Pensando bem, os dois possuíam uma constituição física similar. Na verdade, não estudara a fisionomia de Marc atentamente como estudara a de Jack. Além do fato de Marc ser casado, ela não sentia nenhuma vontade de estudar o

rosto dele. Ao notar o olhar de Trina observando-a, percebeu seu erro. – Quero dizer, eles são parecidos?

Trina assentiu.

– Os deuses da Bellagio podem me matar por ser desleal, mas o cara é um gato. Se ele não fosse considerado o protótipo do filho do Satanás por aqui, eu lhe diria para dar uma olhada nele.

– Não parece fazer o meu tipo.

– Ele faz o tipo de qualquer mulher.

Amelia empinou o queixo.

– É por esse motivo que não faria o meu.

– Diga isso depois de dar uma boa olhada nele. Mas conte-me como é a sensação de ser uma superespecialista com o próprio escritório? Deve se sentir feliz por eles terem criado um cargo para você em meio a todo esse alvoroço.

– Pergunte-me no final da semana – disse Amelia, sentindo um enxame de borboletas no estômago.

AMELIA DECIDIU não pensar em Jack porque, toda vez que uma pequena imagem ou pensamento sobre ele lhe invadia sorratamente um canto da mente, arruinava o seu humor. Aquele era para ser um dia fabuloso. Havia recebido uma promoção e estava dando grandes passos em direção a ter uma vida própria.

A decisão poderia ter funcionado se Jack não tivesse irrompido em seu escritório, após uma batida superficial, quando ela se preparava para sair.

Parado no limiar, extremamente sexy com aquele terno, ele a deixou sem fôlego ao fechar a porta e se aproximar.

– Ei. – Ele olhou ao redor. – Legal. Gosto dos balões.

Amelia tentou não lembrar que o viu de short e camiseta.

– Foi Trina que me deu.

– Pensei que poderíamos sair para beber algo depois do trabalho.

Ela sentiu o sangue começar a aquecer novamente.

– Desculpe, estou ocupada.

– Que tal amanhã à noite?

– Também estarei ocupada. – Hesitou uma fração de segundo e decidiu falar o que pensava. Algo que sempre sentiu dificuldade em fazer com Will, lembrou ela. – Na verdade, Jack, não quero sair com você, mesmo que

dispusesse de tempo. Não quero conversar. Você me usou para obter informações sobre a Bellagio.

Ele sorriu.

– Soa como se eu tivesse colocado varas de bambu sob as suas unhas ou o soro da verdade em sua bebida. Você parecia mais do que disposta a falar sobre a empresa.

Era verdade, mas ela estava tão furiosa que mal conseguia se conter. Não teria lhe falado nada se ele tivesse deixado transparecer qualquer pista sobre suas intenções.

– Você não me disse que planejava se envolver com a Bellagio.

– Por que está chateada, Amelia? Porque me subestimou e pensou que eu era um gigolô?

Ela engoliu a vontade de gritar.

– Toda vez que eu lhe fazia uma pergunta, você me dava uma resposta vaga – acusou ela, sabendo que estava atropelando as palavras. – Não me deu a chance de fazer algo, além de tentar adivinhar. Você me enganou para que eu pudesse falar.

– Está fazendo uma tempestade em um copo d’água. Não me contou nenhum segredo de Estado. Contou-me sobre personalidades dentro da empresa e alguns pontos de conflito. Já parou para pensar que eu poderia melhorar as coisas por aqui, com base no que você me disse?

Não. E ainda se sentia traída.

– Eu confiei em você. – Seus olhos se encheram de lágrimas, assustando-a. – Preciso ir – disse, pegando a bolsa, uma pilha de arquivos e se dirigindo à porta. – Por favor, feche a porta ao sair.

JACK SENTIU uma lufada de ar quando Amelia bateu a porta com força. Caramba! Magnólia estava enfurecida. Bastou vê-la para sentir como se tivesse sido acordado com um esguicho de água fria. Ficara surpreso com a quantidade de vezes que pensara nela, a quantidade de vezes que desejou pegar o telefone e ligar apenas para ouvir sua voz. Inferno, algumas vezes ligara para o celular dela em horários estranhos só para ouvir a sua mensagem no correio de voz. E considerava isso um tremendo absurdo.

Resmungou consigo mesmo e passou a mão pelo cabelo. Jamais precisou se esforçar para conseguir a atenção de uma mulher. Na verdade, tinha até

problemas para se livrar delas, quando algumas decidiam querer algo mais duradouro.

Inalando os resquícios persistentes do perfume de Amelia, Jack caminhou até a escrivaninha e olhou para os porta-retratos já dispostos sobre o tampo. Família. Lembrou de ter visto as fotos da mãe, do pai e das irmãs dela, juntamente com alguns sobrinhos e sobrinhas, quando ela deixara cair a carteira no tiki bar. Notou então uma fotografia recente de Amelia com Lillian Bellagio e Brooke Tarantino. Meneou a cabeça. Droga, se ela era capaz de fazer aquelas duas viverem em harmonia, talvez devesse ser encarregada de negociar a paz no Oriente Médio.

Podia apostar que Lillian odiara a partida de Amelia. Brooke, também. Criar aquele cargo para ela fora uma de suas poucas recomendações aceitas pelos membros da diretoria, e ele o fizera em segredo com a gerente de recursos humanos.

Ao refletir sobre quantas vezes havia pensado em Amelia desde que partira de Keys, se sentiu apreensivo. Saiu do escritório, fechou a porta e se dirigiu aos elevadores. As portas se abriram e ele viu Marc Waterson ao lado da mulher, Jenny, uma das melhores designers da Bellagio. Marc fez um breve aceno de cabeça. Jenny sorriu desconfortável e desviou o olhar para o marido.

– Olá. Como vão vocês? – perguntou Jack.

– Muito bem, obrigada – murmurou Jenny. – E você?

– Bem – respondeu ele. – O dia para mim ainda não terminou. E acredito que para vocês tampouco.

– Alfredo me pediu para levar os últimos relatórios a respeito dos novos modelos à casa dele esta noite – comentou Marc, ajeitando a gravata e dirigindo o olhar à porta do elevador.

– É muito gentileza de sua parte – disse Jack. – Acha que é uma boa ideia ele se envolver tanto com os negócios, enquanto estão tentando programar o tratamento previsto para o seu problema cardíaco?

Marc lançou-lhe um olhar frio.

– Alfredo é tão forte quanto um touro. A única razão pela qual concordou em tirar um breve período de licença é porque a mulher ameaçou transportá-lo para a Itália.

Jack deu de ombros.

– Por favor, envie-lhe meus votos de pronto restabelecimento. A propósito, Jenny, andei dando uma olhada nos seus mais recentes modelos

de calçados para bodas. São tão bons que não poderão atender à demanda. Excelente trabalho.

Ela sorriu.

– Obrigada. Estou sempre tentando me aprimorar em relação aos trabalhos anteriores.

– E conseguiu desta vez.

– Como sabe? – exigiu Marc. – Você só está aqui há alguns meses.

– Como é do conhecimento de todos, venho estudando a empresa há anos. Jenny, eu adoraria ver a Bellagio lançar uma versão de seus modelos a preços mais populares, para o comprador convencional que não pode pagar por nossos sapatos de alta-costura.

– Como Isaac Mizrahi – disse ela, incapaz de esconder sua excitação. – Sugeri o mesmo a Marc algum tempo atrás.

As portas se abriram e Marc estreitou o olhar.

– Jack já apresentou essa ideia inúmeras vezes. Nenhum membro da diretoria considera uma opção viável. Não queremos diluir o impacto da alta-costura.

– Só odeio ver todos os dólares da classe média americana correndo para outras empresas, e não para a Bellagio – argumentou Jack e saiu para o corredor. – Bom ver vocês dois. Cuidem-se.

Jack podia sentir Marc Waterson atirando adagas em suas costas, ao mesmo tempo que ouviu Jenny sussurrar:

– Precisava ser tão hostil?

Jack balançou a cabeça de modo irônico ao entrar em seu pequeno escritório. Embora tivesse pedido a palavra e anunciado sua intenção de participar ativamente dos negócios da Bellagio, Marc continuou tentando mantê-lo afastado do andar da diretoria.

Diante de sua insistência, ele lhe cedera um espaço pequeno e estreito, com uma pequena janela e mobília destoante. Jack suspeitava que já havia sido um depósito de arquivos. Esperava hostilidade e ressentimento, mas não naquele grau. Marc Waterson não lhe depositava a mínima confiança, e ele podia afirmar que o homem estava preocupado com a possibilidade de Jack assumir o controle da empresa.

O problema com a Bellagio era que algumas de suas práticas de negócios arcaicas minavam o potencial de lucro. Todos em cargos significativos de poder eram membros da família Bellagio ou se curvavam completamente às tradições da empresa. Além do mais, eram todos homens. Na verdade,

com exceção de Trina Roberts e da gerente de recursos humanos, todos os gestores eram do sexo masculino.

A administração da Bellagio precisava de um chute no traseiro, e ele era o cara que tomaria tal atitude.

Olhou para a mesa e ligou o laptop. Havia uma caneca com restos de café da tarde de um lado e vários processos empilhados na outra extremidade. Nenhum porta-retratos. Sem parentes, exceto o tio, que lhe enviava e-mails todos os meses. Era estranho. Esperara boa parte da vida para se unir aos membros da família Bellagio, por sentir que era bom o suficiente para contribuir com algo para a empresa. Mas, em vez disso, tinha a impressão de ser um intruso, alguém que não pertencia ao meio. Podia ter o sangue, mas não a história.

Banindo os pensamentos deprimentes, voltou-se para o computador e começou a trabalhar.

CAPÍTULO 13

COM TRABALHO, escritório e apartamento novos, não sobrava muito tempo para Amelia pensar em Jack e na sua deslealdade, então ela decidiu fingir que ele não existia. Não devia ser tão difícil. Trabalhavam em andares diferentes e não podia imaginar qualquer razão para interagir com ele. Exceto no elevador. E, aplicando a lei das médias estatísticas, isso não deveria acontecer com muita frequência.

Quase acreditou que o plano daria certo, até receber um buquê de flores, rosas de todas as cores. No cartão estava escrito: *Que cor você prefere?*

Nenhuma assinatura.

Parecia algo que o Jack da Flórida faria, mas, como não havia assinado o nome, ela não podia mandar as rosas para o escritório dele com um bilhete anexo: *Sente-se em cima disto. Espero que se espete no lugar mais sensível.*

Apesar das suspeitas, não pôde deixar de apreciar os lindos botões e o cheiro delicioso que exalavam.

Amelia passou a manhã revendo o arquivo para sua primeira missão caótica. A sala de correspondência interna estava um desastre.

No final da manhã, reuniu-se com os mensageiros, dois dissidentes universitários, que passavam mais tempo enviando mensagens de texto em seus telefones celulares do que cuidando da triagem da correspondência da empresa. Infelizmente, compartilhavam o mesmo supervisor com o departamento de expedição, o que significava que não eram supervisionados com muita frequência.

Após trabalhar com eles a tarde inteira, receou que teria mais êxito reciclando o Debi e o Loide. Decidida a lhes dar mais uma chance, disse a

ambos os funcionários para se prepararem para serem testados até a tarde do dia seguinte.

Conversou com a gerente de recursos humanos e o supervisor dos rapazes a respeito das avaliações de desempenho anteriores e foi informada de que os mensageiros eram parentes distantes de membros da família Bellagio que trabalhavam na empresa.

Amelia tomou um remédio para dor de cabeça que havia colocado na gaveta da mesa, para emergências, recolheu os arquivos e se dirigiu ao elevador.

Apesar da improbabilidade estatística, quando as portas do elevador se abriram, viu Jack no interior e hesitou.

– Você pode descer de escada – sugeriu ele com um sorriso malicioso que deixava claro que sabia que ela queria evitá-lo.

Instigada pelo comentário sarcástico, Amelia entrou na cabine e se posicionou no lado oposto ao dele.

– Tudo ficará bem se você não me dirigir a palavra.

Ele fez um gesto de assentimento com a cabeça.

– Sem problemas. Parece que o seu segundo dia de trabalho não foi uma viagem para a Disneylândia.

– Estou bem. Eu me sinto mais confortável com pessoas comprometidas com seu trabalho – retrucou ela, abraçando os arquivos contra o peito e rezando para que o analgésico fizesse efeito bem rápido.

– Os funcionários da Bellagio não se empenham para fazer um bom trabalho? – perguntou ele, com uma incredulidade fingida. – A Bellagio não deveria ter maus funcionários, tendo em vista que as decisões do departamento de recursos humanos são geralmente calcadas no velho método do “quem indica”.

Amelia se encolheu diante daquela avaliação precisa.

– Eu não disse isso na Flórida, não é?

– Magnólia, não importa se você disse ou não. A questão é: é verdade e é melhor para a empresa continuar dessa maneira?

As portas se abriram e ele fez um gesto para que ela saísse na frente. Perturbada com o que Jack dissera e com sua presença, ela praticamente correu em direção à saída. Na Flórida, ela o achara excitante. Ali, apenas irritante.

No dia seguinte, após passar uma manhã infrutífera com o sr. “Não Estou nem Aí” e o sr. “Não Estou nem Aí ao Quadrado”, ela redigiu um relatório,

recomendando a demissão dos dois. Sugeriu à Bellagio que os substituísse por candidatos qualificados ou terceirizasse o serviço de correspondência. Em seguida, deu uma olhada no arquivo seguinte e viu que envolvia o treinamento de uma recepcionista distraída, no departamento jurídico. Seu sobrenome era Bellagio.

Naquele dia, Amelia almoçou mais tarde em sua *delicatessen* favorita, a quatro quarteirões de distância do escritório. A caminhada lhe clareou a mente e ela pediu o prato predileto, um sanduíche de pão de centeio, cortado ao meio, acompanhado de uma porção extra de pepinos em conserva e batatas chips. A seguir se dirigiu aos fundos do estabelecimento, onde se encontravam algumas mesas dispostas para os clientes. Havia um casal sentado em uma delas e um homem lendo jornal em outra. Ela se dirigiu à última mesa vazia, sentou-se e deu uma grande mordida no delicioso sanduíche.

– A manhã deve ter sido movimentada, Magnólia. Por que está almoçando tão tarde?

A voz familiar de Jack fez a comida parar na garganta de Amelia. Ela engoliu em seco para ingeri-la e pestanejou.

– O que está fazendo aqui?

Ele sorriu e mudou-se para a mesa dela.

– Não se lembra? Você comentou a respeito deste lugar. Disse que faziam sanduíches maravilhosos aqui.

Amelia franziu a testa, tentando não notar o quanto ele ficava bem com aquele terno preto.

– Por que não foi para o restaurante italiano no final da rua com o restante dos chefões?

Os olhos de Jack brilharam brevemente.

– Além do fato de não ter sido convidado, sinto falta das minhas *delicatessens* favoritas de Chicago, e este lugar foi o mais parecido com elas que pude encontrar. Preparam, inclusive, cachorros-quentes ao estilo de Chicago.

Amelia imaginou que Jack devia estar se sentindo um peixe fora d'água em Atlanta e na Bellagio. Foi tomada por um sentimento de compaixão, que depressa descartou. Ele não era um peixe fora d'água. Era um tubarão.

– Parece que está sentindo muita saudade de Chicago. Por que não volta para lá?

Jack arregalou os olhos.

– Ei, onde está a famosa hospitalidade sulina?

– Hospitalidade significa acolher bem um hóspede. No seu caso, soa como se você se sentisse mais feliz em outro lugar. Precisa de uma carona até o aeroporto?

– Ai! Ainda guardando rancor de mim?

Amelia sempre fora aconselhada a não guardar rancor. Esse sentimento tornava as pessoas feias e amargas. Ela própria também pregava essa teoria de vez em quando, logo não queria pensar em si mesma como uma pessoa rancorosa.

– Ainda estou chateada por você ter me enganado. Não gosto de ser feita de boba.

– Sinto muito – disse ele, encontrando seu olhar. – Mas você não é boba, Amelia. É uma das mulheres mais inteligentes que já conheci.

Bajulação, pensou ela, reprimindo uma pequena e surpreendente onda de prazer. Ele só a estava elogiando para lhe extrair mais alguns segredos.

– Bajulação não vai funcionar.

Jack meneou a cabeça.

– E quanto ao meu pedido sincero de desculpas? O que vai fazer a respeito?

Seu olhar inabalável a incomodava.

– Vou pensar a respeito. Agora, gostaria de comer – disse ela, deixando claro que queria que ele se retirasse.

– Faça de conta que não estou aqui – retrucou ele em um tom jovial, inclinando-se para trás na cadeira e fitando-a. – Terminei minha comida dez minutos atrás.

– Eu gostaria de comer em paz – acrescentou Amelia. – Sozinha.

Jack fez uma expressão ofendida.

– Você expulsaria um visitante solitário de sua mesa, um homem que anseia por algumas migalhas de sua compaixão, para que possa sentir alguns minutos de contato humano em um ambiente hostil?

– Além do fato de você ter acabado de dizer um monte de besteiras – disse ela.

– Os irlandeses chamam de adulação – corrigiu ele.

– Seja o que for. Você cavou essa hostilidade.

– Na verdade, não cavei, mas é uma história para outra ocasião. Além de alguns caras do time de futebol do Atlanta Falcons, você é minha única amiga na cidade.

– Não sou sua amiga – afirmou ela, pensando nas duas declarações que Jack acabara de fazer.

– Certo, amante – admitiu ele.

Amelia sentiu o peito tremer.

– Não somos amantes – murmurou, olhando em volta para se certificar de que ninguém a ouviu.

– Nós éramos – disse ele.

– Tenho certeza de que você conseguirá encontrar companhia feminina, sem muita dificuldade.

– Obrigado. Mas prefiro você.

Amelia sentiu uma onda de exasperação. Se havia uma breve emoção em suas palavras, também, ninguém além dela precisava saber.

– Por quê?

– Confio em você. E gosto de você. É realmente pedir muito me deixar ficar em sua mesa enquanto come um sanduíche?

Amelia foi incapaz de desviar o olhar e de negar que ele não estava pedindo muito. Afinal, Jack não pedira para beijá-la ou fazer amor com ela. Não era o tipo que pedia. Era o tipo que tomava. *E dava*, lembrou-a uma vozinha interior. A corrente de prata fina em torno de seu tornozelo era prova disso.

Ela suspirou.

– Tudo bem, só desta vez. – Desviando o olhar, disse a si mesma que fingiria que ele não estava ali. Saboreou cada bocada de seu sanduíche, intercalando com as batatas fritas e os pepinos em conserva, que lhe provocaram uma sensação de ardência na boca.

Deixando algumas migalhas de pão no guardanapo da *delicatessen*, começou a comer a segunda porção de pepinos, as batatas fritas e tomou o suco. Lambia os lábios após cada bocada, até enfiar o último pedaço de pepino na boca.

Jack inspirou de forma audível, chamando sua atenção. Ela o fitou e o viu olhando para seus lábios.

– Tem maionese na minha boca?

Ele negou com a cabeça.

– Então, o que está olhando?

– Sabe o que estava parecendo enquanto comia esse pepino? Seus olhos fecharam... estava emitindo sons...

Levou alguns segundos até Amelia se dar conta do teor daquela insinuação. Ela sentiu as bochechas ardendo.

- Era apenas um pepino em conserva.
- Não parecia.
- Você tem uma mente suja.
- Você ajudou a sujá-la.

Amelia não conseguiu abafar o som de frustração que escapou de sua garganta.

– Foi você quem insistiu em ficar me observando comer. Tentei mandá-lo embora.

- Eu sei. Sinta-se livre para partir agora.

Ofendida com a súbita dispensa, ela fez uma careta.

- Grosso.

Jack se inclinou mais para perto.

– Estou dizendo para você sair antes de mim, porque levará alguns minutos até eu me livrar do estado de excitação em que me deixou.

Amelia pestanejou, sentindo uma onda conflitante de prazer e embaraço.

– Oh... – murmurou, desejando que seu olhar permanecesse acima dos ombros dele. – Está bem. – Pegando os restos de comida, ela se levantou. – Bem, hã... adeus.

– Adeus. – Ele fez uma pausa e, em seguida, acrescentou em voz baixa: – Senti sua falta.

Amelia percebeu o coração acelerar, mas aquela reação tão forte a desagradava. Não gostava que seu corpo reagisse sem a sua permissão.

– Acho que já extraiu a maioria dos segredos que eu poderia lhe contar sobre a Bellagio.

– Talvez – concordou ele sem pestanejar. – Mas gostaria de descobrir o restante dos segredos de Amelia Parker.

O olhar de Jack fez Amelia sentir o corpo em brasa. Queria lhe dar uma resposta ácida, mas seu cérebro parecia superaquecido, então resolveu lançar mão de uma frase que lhe ensinaram aos 2 anos de idade.

- Não, obrigada – respondeu e se afastou.

NAQUELA NOITE, Amelia estava tão determinada a tirar Jack da mente que colocou um DVD de ioga no aparelho e tentou meditar. O único problema

foi que o cenário para a aula era uma linda praia, e, quando ela pensava em praia, lembrava de Jack.

Na manhã seguinte, trabalhou com a recepcionista do departamento jurídico da Bellagio. Embora a jovem parecesse dispersa, Amelia acreditava que poderia melhorá-la.

Naquela mesma tarde, reuniu uma turma de treinamento para todos os cargos de apoio da empresa. Como o restante dos funcionários da Bellagio, ela também participou de uma reunião convocada por Marc Waterson.

Em pé atrás de uma plataforma elevada, Marc parecia à vontade em frente ao grande grupo.

– Sejam todos bem-vindos. Esta é a época do ano em que participamos da campanha de arrecadação de fundos para o hospital infantil. Como é do conhecimento de todos, esta campanha é a menina dos olhos de Alfredo, e ele estaria aqui pedindo doações pessoalmente, mas precisou tirar um período de licença. Fui incumbido dessa tarefa, então estou pedindo que não me deixem fazer feio na ausência dele.

Seguiu-se uma risada geral.

– Com o passar dos anos, tenho notado que as pessoas que trabalham para a Bellagio compartilham algumas grandes qualidades. Orgulham-se de seus trabalhos e da empresa. São trabalhadores esforçados. Persistentes. Não deixam o trabalho pela metade. E são generosos.

– Ele está desperdiçando talento. Deveria concorrer a um cargo político – comentou Jack logo atrás de Amelia, assustando-a.

Ela estremeceu, lançou-lhe um breve olhar por sobre o ombro e levou o dedo indicador aos lábios, mandando-o calar-se.

– A Bellagio contribuirá com vários itens para o leilão – prosseguiu Marc.
– Incluindo uma coleção completa de calçados, uma viagem de fim de semana para Jekyll Island e outra para a Itália, sede da primeira Bellagio.

– E o grande prêmio – sussurrou Jack.

– E este ano, pela primeira vez, estamos oferecendo um par de sapatos desenhados por Jenny Prillaman para quem der o maior lance – disse Marc, sorrindo orgulhoso.

A multidão aplaudiu.

– Que maravilha! – exclamou Jack.

– De quem está debochando? – Ainda batendo palmas, Amelia virou-se para encará-lo. – Isso é incrível. Jenny é excelente.

– Não estou discutindo o talento dela. Além do mais, ela parece ser uma boa pessoa.

– Ela é.

– Ao contrário do marido.

– Talvez você só tenha despertado o pior nele.

– Ou talvez ele não tenha me dado uma chance. Interessante que ele não tenha me perguntado se eu queria contribuir com algo para a campanha de arrecadação de fundos para o hospital.

Jack tinha um palpite. Alfredo seria capaz de esvaziar os bolsos da própria mãe para conseguir doações para o hospital infantil.

– Agora vou sortear os convites para o leilão formal. Apenas no caso de vocês não saberem, o evento está marcado para o próximo sábado à noite. Vou sortear quatro pares de convites e guardarei o último par para o funcionário que conseguir mais doações para a campanha de arrecadação de fundos, até a próxima quarta-feira. O primeiro vencedor é... – disse Marc, enquanto tirava um pedaço de papel em uma tigela. – Marylee Gearhart.

A multidão assobiou e aplaudiu quando uma das assistentes executivas avançou para pegar seu convite. Marc chamou os próximos dois vencedores e eles também foram pegar os cobiçados convites. Marc então retirou o último nome.

– Jack... – Ele hesitou e olhou para o fundo da sala. – O’Connell. – Marc riu, inquieto. – Jack, devo ter esquecido de lhe dizer. Todos os membros da diretoria já possuem convites. Vou pedir à minha assistente para lhe entregar o seu amanhã.

– Tem certeza? – perguntou Jack. – Esse leilão parece ser o evento da temporada, e eu odiaria perdê-lo.

Marc sorriu, mas parecia como se estivesse apenas mostrando os dentes.

– Tenho certeza. Vou sortear outro nome.

Enquanto Marc chamava o último sorteado, Amelia olhou para Jack, que agora se encontrava de pé a seu lado. Depois encarou Marc e sentiu uma estranha sensação no peito. Marc tentara esnobar Jack. A única razão que levava o vice-presidente da empresa a dar um convite a Jack fora o fato de ter sido forçado publicamente a fazê-lo.

Aquilo a incomodou. Não deveria, mas incomodou. Ela estudou Marc, o cabelo ondulado escuro, o perfil cinzelado, o porte alto, e notou, assim como Trina dissera, uma semelhança com Jack.

Jack exalava a mesma segurança, mas também possuía uma humildade que brilhava de vez em quando, surpreendendo-a cada vez que vinha à tona.

Marc dispensou o grupo e Amelia se viu deixando a sala ao lado de Jack.

– Parece que eu tenho convites para o leilão, o evento do ano. Você quer ir?

– Não com você – respondeu ela em um tom jovial.

Ele riu.

– Não reprima seus sentimentos, Magnólia. Diga-me como se sente de verdade.

– Marc é atualmente o homem mais poderoso da empresa e ele... – Ela pausou, relutante em usar palavras duras. – Parece não gostar de você.

– E você tem medo de se comprometer se for vista comigo.

– Eu não diria que estou com medo.

– Eu diria. Já estive nesse evento antes?

– Não.

– Outra primeira vez? Quer saber, vou lhe dar o convite sem impor condições. Se você aparecer, tomamos apenas uma bebida juntos. Tchau, Magnólia.

Dessa vez, ele se afastou, deixando-a para trás digerindo a sua oferta. E comendo sua poeira.

CAPÍTULO 14

– **N**OITE DAS meninas na quinta-feira. – Trina havia lhe dito. – Menos Maddie. Mais, Chad.

Amelia não perderia a oportunidade de beber e jantar no local mais badalado do momento com aquele grupo. Quando entrou no restaurante lotado em Buckhead, avistou Trina, Liz e Chad. Liz e Chad, amigos de longa data de Jenny, haviam introduzido Trina naquele círculo interno, por meio de Jenny. Trina oferecera uma festa chamada H.S.T.P., também conhecida como festa “os homens são todos uns porcos” para Amelia, na primavera passada, quando Will terminara com ela pela primeira vez. Liz a fizera experimentar sua primeira ressaca de margarita com uma solene sabedoria feminina: *O bom de uma ressaca, quando seu coração está partido, é que sua cabeça dói tanto que a distrai da outra dor.*

Liz e Trina sorriram e acenaram.

– Venha. Jenny está um pouco atrasada – disse Trina. – Liz já pediu uma bebida para você.

Liz ergueu-se para dar um abraço em Amelia.

– Você está com uma aparência ótima, menina. Ouvi dizer que finalmente se livrou do insosso do Will. Fico feliz com a notícia.

Amelia riu.

– Obrigada. Mas na verdade foi ele quem se livrou de mim. Mas estou quase recuperada.

– Quase? – perguntou Trina.

– Pelo menos 95 por cento.

– Que bom – disse Liz. – Só precisamos encontrar um cara bonito para ajudá-la com os últimos cinco por cento.

Amelia sentiu um pingo de nervosismo. Liz era uma mulher forte. Nada a intimidava. Se decidisse fazer algo, geralmente conseguia.

– Estou bem. Não tenho pressa em começar outro relacionamento errado. Chad – disse ela, voltando sua atenção para o belo homem sentado ao lado de Liz. – Não o conhecia pessoalmente, mas já ouvi falar muito de você.

– E eu de você – retrucou ele, sacudindo a mão. – Maneiras encantadoras. Uma verdadeira dama sulina. Também fiquei sabendo que você é ultraconservadora, mas não concordo. – Ele olhou para Liz. – Por que mentiu para mim?

– Bem, ela *era* conservadora. Não havia bebido mais do que uma margarita até a primavera passada.

– Só porque ela não é uma bêbada ou uma devassa, não significa que seja uma freira.

– Eu não disse que ela era – protestou Liz.

– Parem de discutir – disse Trina. – Vocês estão deixando Amelia sem graça.

Amelia sentiu os olhares de Liz e Chad se voltarem para ela em expectativa.

– Eu era muito ingênua quando Liz me conheceu. Passei a maior parte da vida fazendo de tudo para agradar o meu noivo, desde a forma como me vestia e arrumava o cabelo até o lugar onde morava e trabalhava.

– Gosto do seu cabelo assim – disse Liz.

– Joguei a prancha fora.

– Boa garota – elogiou Chad, e ergueu o martíni. – Então, todos concordam que estamos contentes por Amelia ter se livrado do noivo perdedor.

Amelia mordeu a língua para não o corrigir. Will havia lhe dado o fora e não era um perdedor.

– Um brinde a melhores dias – disse Trina.

– E a melhores namorados – acrescentou Liz com uma piscadela.

– Muito bem! – disse Amelia, e bebeu um gole de seu appletini.

Jenny correu em direção à mesa, dando a todos um abraço rápido.

– Desculpe o atraso. Os desenhos, a ausência de Alfredo e Marc. – Ela meneou a cabeça e tomou um gole da bebida na sua frente. – É uma loucura. Opa, esse era meu? – perguntou, olhando para o martíni.

– Não se preocupe, querida – disse Chad, colocando o braço em torno de Jenny de maneira reconfortante. – Liz graciosamente se incumbiu de pedir bebidas para todos. – Ele acenou para o garçom. – Outra rodada, por favor. Agora, que história é essa de Alfredo estar ausente? E o que poderia haver de errado com o perfeito Marc? Se você o deixar, eu o pego para mim.

Amelia não conseguiu sufocar uma risada. Trina lhe dissera que Chad era um adorável gay pedinchão, mas também incrivelmente leal. Ela o descrevera perfeitamente.

– Alfredo está com problemas cardíacos – explicou Trina. – Marc, com problemas na diretoria.

Jenny lançou um olhar cético a Chad.

– Eu sei por que está perguntando. Adora uma fofoca.

– Devia se envergonhar – disse ele, e olhou para Trina. – Problemas na diretoria. O que poderia ser?

– É aquele investidor de capital de risco que fez um acordo para ajudar com o design da linha dos novos calçados esportivos. Graças a Deus que não é responsabilidade minha – disse Jenny, e tomou outro gole de martíni.

– Como parte desse acordo, o tal investidor receberia uma cadeira temporária na diretoria. Marc pensou tratar-se apenas de fachada, até o sujeito aparecer e exigir um escritório. E ele é... – Ela fez uma pausa, procurando as palavras.

– Endemoniado – concluiu Trina. – O Marc é maravilhoso, mas ele é um demônio. E, se você repetir isso, Chad, nunca mais lhe pagaremos bebidas.

Chad fez uma careta.

– Nossa, ele parece delicioso. O que há de errado com esse sujeito?

– Ele é bonito e inteligente – respondeu Trina.

– Mas não é um Bellagio – acrescentou Jenny. – Marc não quer que ele estrague tudo. – Ela fez outra pausa. – E eu realmente deixei o Marc aborrecido outro dia, ao concordar com Jack que a Bellagio devia lançar uma linha de calçados mais acessível. Ele não falou comigo o restante da noite.

Trina estremeceu.

– Guerra de egos.

Chad olhou para Amelia.

– E você? Não trabalha para a Bellagio, também? Como é esse novo cara? É do bem ou do mal?

Ambos, Amelia pensou, mas não disse.

– Estive afastada de Atlanta durante os últimos três meses. Voltei na semana passada. – Ela decidiu mudar o assunto para um tema mais seguro. – Achei que o Marc se saiu muito bem na reunião de ontem. E a ideia de presentear o vencedor da campanha com um par de sapatos desenhados por Jenny foi brilhante.

Jenny sorriu.

– Obrigada. Foi ideia do Marc. – O sorriso desapareceu de seus lábios. – Mas ele ficou com um humor horrível quando foi praticamente forçado a se certificar de que Jack O’Connell receberia um convite para o leilão.

Chad ofegou.

– Esse é o evento mais quente na cidade. Estava contando com a ajuda de vocês para conseguir um ingresso – disse ele a Jenny.

Jenny meneou a cabeça.

– Marc e eu vamos, mas ele está muito econômico com os convites este ano. Ao que parece, recebemos menos do que o habitual, porque há menos espaço no novo local.

Chad olhou para Liz, que também fez que não com a cabeça.

– Sinto muito, querido, mas já comprei meu vestido. Consegui entradas para mim e para o meu querido marido, mas você não vai querer saber o que precisei fazer para obtê-las.

– Sim, quero – disse Chad, então olhou para Trina, que também negou com a cabeça.

– Desculpe. Walker e eu temos que ir.

Chad suspirou e olhou para Amelia.

– E você?

– Não recebi convites – disse ela e, em seguida, fez uma pausa. – Na verdade, fui convidada, mas acho que não vou.

Todos olharam para ela.

– Não gosto do homem que me convidou – explicou.

– Você não precisa engravidar dele – disse Liz. – Se ele for um chato, pode largá-lo no leilão.

Jenny franziu a testa.

– Não, isso não seria bom.

– Ele é tão ruim assim? – perguntou Trina.

Tentando não se contorcer sob os olhares expectantes, Amelia se esforçou para chegar a uma explicação adequada.

– Ele me faz lembrar o Will – deixou escapar, sentindo as bochechas corarem pela mentira.

– Oh! – murmurou Trina solidária.

– Um lixo – disse Liz.

– Talvez você pudesse me indicar como substituto – sugeriu Chad. – Sou uma companhia agradável. Pergunte a qualquer um.

Jenny revirou os olhos.

– Ele pode não querer ir com um homem, Chad.

– Nunca se sabe – respondeu ele.

– Esse não quer, eu o conheço – disse Amelia. Tinha experiência com as preferências de Jack.

Chad deixou escapar um gemido de desgosto e terminou o restante do seu martíni de um gole só.

– Bem, se eu não posso ir com ele, então você deve ir. Compre algo sexy e maravilhoso. Essa será a sua festa de retorno a Atlanta.

– Mas ele se parece com o “ex” dela – argumentou Jenny.

– Não importa se ele se parece com o Shrek. Trata-se de uma experiência que só acontece uma vez por ano, se não uma vez na vida. Então, anime-se e vá em frente. Posso cuidar do seu cabelo – ofereceu Chad.

– Agora você tem que ir, Amelia – disse Liz. – Ele é maravilhoso com cabelos.

Jenny assentiu.

– Deveria trabalhar como cabeleireiro.

– Sou um artista. Jamais poderia usar essa arte para ganhar dinheiro – alegou Chad. – Mas, se você se sentir compelida a me pagar, eu adoraria um bom jantar de lagosta, uma viagem para Versailles ou, quem sabe, Provence.

Amelia piscou.

– Acho que não posso arcar....

– Ele se contentará com uns mariscos se você lhe pagar alguns martínis qualquer noite dessas – assegurou Liz.

Chad sorriu.

– Sempre sonho alto. Preciso fazer o seu cabelo para esse evento. Já tenho uma ideia. *Você* ficará um delírio.

Aquilo soou um tanto assustador para Amelia, mas, a julgar pelas expressões de Trina, Jenny e Liz, o delírio de Chad deveria ser algo agradável.

- Obrigada – agradeceu, tímida.
- Ligue-me – ordenou ele, dando-lhe um cartão colorido com a própria foto.

PARA EVITAR Jack, Amelia deixou de ir à sua *delicatessen* favorita por cinco dias e passou a usar a escada. *Seria bom se eu ficasse com um belo traseiro depois de todo esse exercício*, disse a si mesma.

Na quinta-feira, foi escalada para outra missão com um parente distante de um funcionário da Bellagio, e sentiu necessidade de uma boa porção de pickles. Podia dispensar o sanduíche, mas os pickles não.

Chegando à *delicatessen*, olhou ao redor antes de fazer o pedido. Vendo que Jack não se encontrava no local, solicitou seu prato favorito com alguns pepinos em conserva extras e se dirigiu às mesas dos fundos.

Abocanhou um pepino e meio e metade do sanduíche, intercalando com o restante do pepino. No momento em que ia ingerir o último pedaço, um homem com pernas esguias, envoltas em uma calça preta, surgiu à sua frente. Ela não precisava olhar para cima ou para baixo da cintura para saber que era Jack. A probabilidade estatística não estava operando a seu favor.

– Estou começando a achar que você tem uma predileção por pepinos em conserva. Desconhecia esse detalhe a seu respeito.

– Não fizemos muitas refeições juntos – respondeu ela, fechando os olhos para não pensar no momento em que ele abriu a calça e a penetrou... Comeu mais um pedaço, determinada a desfrutar o restante do pepino.

– Por que não compra um frasco cheio deles e os devora?

– Tenho alguns frascos em casa, mas não é a mesma coisa que comer apenas um pickle no almoço. Dois seria considerado exagero e três, exorbitante.

– Quantos já comeu hoje?

Não é da sua conta.

– Este é o terceiro.

– Dia difícil?

– Não venho aqui há alguns dias. A privação me afetou.

– Melhor tomar cuidado. O que acontece se você se privar de algo além de pickles?

Amelia por fim fitou-o nos olhos e de imediato sentiu o peito tremer. Droga!

Jack tomou um gole de café.

– Apenas um palpite, mas estou apostando que você continua tendo problemas com os incompetentes parentes distantes dos funcionários da Bellagio, que foram contratados apenas por serem da família. – Ele tomou outro gole. – Mas não precisa confirmar ou negar.

– Não vou confirmar ou negar – retrucou Amelia, mas a curiosidade a venceu. – Não me diga que lhe falei sobre isso naquela noite que bebi demais.

Jack riu e fez uma negativa com a cabeça.

– Não. Marc está tão determinado a me manter afastado de seus projetos que me dá bastante tempo livre para observar. Incrível o que você pode descobrir em uma sala de trabalho ao fingir estar fazendo anotações ou trabalhando em seu laptop.

– Isso é desonesto – disse ela, com tanta desaprovação quanto conseguiu reunir.

Jack deu de ombros e se sentou em frente a ela.

– Estou à vista e falo a verdade.

– Às vezes.

– Quando sei que as pessoas podem lidar com ela – corrigiu ele. – Às vezes, elas não conseguem.

Amelia teria que pensar sobre aquela afirmação mais tarde. Embora Jack passasse a imagem de um homem egoísta e superficial, ela sabia que não era bem assim. Sabia que havia camadas. Seria muito mais fácil se pudesse pintá-lo como um total brutamontes, mas ela sabia demais. No entanto, ao mesmo tempo, sabia muito pouco.

– Como sabe quando deve dizer a verdade ou omiti-la?

– Instinto – respondeu Jack. – Na maioria das vezes estou certo. Raramente me engano.

Amelia mordeu o lábio.

– E comigo?

Ele suspirou e desviou o olhar.

– Foi uma decisão de momento. Jamais quis magoá-la. – Ele a fitou novamente. – Vai me encontrar no leilão de caridade sábado à noite?

– Ainda não decidi.

Ele assentiu.

- No eBay os convites estão sendo vendidos a um preço excessivo.
- Não me surpreende. Só gostaria de saber por que está insistindo tanto para que eu o acompanhe.

Jack se inclinou para a frente.

- Não sabe, Magnólia? Tenho uma terrível queda por você.

CAPÍTULO 15

Definição segundo o dicionário:

Flip-flop (substantivo) – Sandálias com sola de borracha e tiras que fazem o som de flip-flop ao caminhar.

Definição segundo Amelia Parker:

Flip-flop (verbo transitivo) – É o som que um cara realmente sexy provoca em seu coração.

JACK ESTAVA em seu escritório, antes conhecido como uma exígua sala de arquivo, comparando os calçados mais vendidos da Bellagio com os de outras marcas. A Bellagio era, sem dúvida, a vencedora no quesito calçados para ocasiões especiais.

Gostava da campanha publicitária, que utilizava o glamouroso tema *Desperate Housewives*, mostrando uma celebridade usando desde sapatos para ocasiões especiais a sapatos esportivos da Bellagio.

Para os homens era mais fácil. Todos queriam se sentir como se fossem o próximo grande jogador de basquete.

Nesse instante, ouviu uma breve batida e em seguida a porta se abriu. Marc Waterson entrou. Jack ficou bastante surpreso, mas não demonstrou. Em vez disso, se recostou na cadeira e fez um aceno com a cabeça.

– Olá.

– Olá – respondeu Marc, olhando para o computador de Jack e jogando dois convites sobre a mesa. – Aqui estão.

Jack viu que eram os convites para o leilão de caridade.

– Droga. Pensei que tivesse vindo me convidar para um jogo do Braves. – Marc lançou-lhe um olhar fulminante. – A que devo a honra de sua encantadora presença? – continuou Jack. – Poderia ter enviado a assistente da sua assistente ou o assistente do zelador para os entregar a mim.

– Eu gosto dessas pessoas. Por que iria querer estragar o dia delas? – devolveu Marc.

– Ei, posso ser um cara bastante agradável.

– Sei que está na empresa há pouco tempo, mas, com Alfredo de licença, as pessoas esperam de mim liderança e estabilidade. Não repita o que fez ontem na reunião.

– Se alguém tivesse me informado que os membros da diretoria recebiam convites automaticamente, eu não precisaria fazer o que fiz, não acha?

– Você criou um constrangimento desnecessário na frente de todos os funcionários.

– Não fui eu quem sorteou o meu nome.

A mandíbula de Marc enrijeceu.

– Mesmo assim, estou lhe pedindo para não voltar a fazer algo do gênero. Com essas palavras, se virou para sair.

– Contanto que você se certifique de me manter informado, isso não será um problema.

Marc parou com a mão na maçaneta da porta.

– Está sugerindo que devo me reportar a você?

– Estou sugerindo que deve me manter informado, como faz com os outros membros da diretoria. Se quiser fazê-lo através de sua assistente, via e-mail, fax, correio de voz ou telegrama falado, a escolha é sua.

Marc virou-se e estreitou o olhar.

– Se você não fosse tão imbecil, isso não seria muito difícil.

– Aí é que você se engana. Eu podia ser Deus, Madre Teresa, Donald Trump. Podia ser o cara mais legal do mundo, mas, não sendo um Bellagio, minhas ideias não valem nada e minhas sugestões são ridículas. Sou um intruso querendo aparecer. E você está com tanto medo que eu cause um mal terrível à Bellagio que sequer me dá ouvidos quando digo algo digno de ser considerado.

– Posso afirmar que suas intenções não são claras. Você enterrou várias empresas – argumentou Marc.

– Empresas que estavam falindo e precisavam de uma fusão ou consolidação, e nenhuma delas era tão grande quanto a Bellagio. Mas devo concordar que certo nível de paranoia é saudável.

– Você não sabe o que é construir uma empresa que irá durar até depois da sua morte. Tem se dedicado a fazer dinheiro. Isso é tudo. Dinheiro. Não vou permitir que entre e estrague o que levou gerações para ser criado. E, a propósito, não envolva a minha mulher em nossas discussões. Isso a perturba.

Jack inclinou a cabeça para o lado.

– Tive a impressão de que você ficou bem mais perturbado do que ela.

– Não perturbe Jenny – repetiu Marc, e saiu.

– E tenha um bom dia você também – disse Jack da porta. – Certo. Eu ficaria feliz em tomar uma cerveja com você qualquer hora dessas. – Riu de si mesmo pelo humor negro. Não fazia ideia do quanto eles o odiariam ao pôr aquele plano em ação. Voltando-se para o computador, tratou de esquecer a atitude de Marc e continuou trabalhando em seus números. Seria interessante ver se as notas verdinhas venceriam o sangue vermelho dos Bellagio.

EMBORA AMELIA tivesse atirado o convite que Jack deixara em sua mesa, na segunda-feira, no fundo da bolsa, o papel parecia ter se incendiado e cavado um buraco através do material até sua mão.

O leilão pedia traje de gala. Mulheres usariam vestidos longos. O champanhe iria fluir livremente. Sem dúvida seria a primeira vez que assistiria a um evento daqueles.

Havia comprado alguns vestidos formais para bailes de formatura, mas não para algo tão importante. A perspectiva a fez se sentir apreensiva e animada ao mesmo tempo.

Decidiu ligar para Chad para consultá-lo. Se pedisse para ele lhe arrumar o cabelo, por certo se sentiria como se estivesse impondo, mas pedir sua opinião não era abusar demais.

Ele lhe deu uma reprimenda do outro lado da linha.

– Ignore toda a timidez, o conservadorismo e a discrição. Só vão atrapalhar. Você precisa usar algo chocante. Chamativo não será suficiente. Mostrar a pele, o vale entre os seios, conseguir um vestido com uma fenda. E, pelo amor de Deus, se comprar algum traje preto, branco ou pastel, vou

queimá-lo antes de você sair pela porta. Estarei aí para fazer o seu cabelo às 5h da tarde no sábado. Vai ser muito divertido. Certifique-se de ter vodca em casa para prepararmos martinis.

Amelia saiu para fazer compras durante sua hora de almoço na segunda-feira, na terça-feira e na quarta-feira. Na quinta-feira, estava começando a ficar nervosa e reconsiderando seriamente sua decisão de ir ao leilão.

– Talvez eu não devesse ir. Não consigo encontrar nada para vestir, exceto preto – confessou ela a Chad. – Todo o resto é tão... – Ela meneou a cabeça. – Apenas tão...

Chad bufou em sinal de desaprovação.

– Ridículo. Tudo bem, acho que terei que dar um jeito nisso. Dê-me o seu manequim.

Ela piscou.

– O quê?

– O seu manequim – repetiu ele, impaciente. – Se vou tentar encontrar algo, preciso começar a trabalhar o mais breve possível.

Os lábios dela se moveram, mas não conseguiram emitir um som.

– Amelia, não precisa se preocupar. Não estou atrás do seu corpo. Só quero total e completa aprovação para transformá-la na mulher mais bonita do leilão. – Chad fez uma pausa. – E não me oponho a ganhar um jantar e alguns coquetéis no novo restaurante italiano em troca. – Ele esperou mais uma fração de segundo. – Portanto, esqueça a menina certinha do Sul e me diga logo o seu manequim e quanto você calça.

Sentindo como se estivesse prestes a saltar de um avião em movimento, Amelia fechou os olhos e disse-lhe suas medidas.

– Muito bem – proferiu ele em um tom vigoroso. – Terei o vestido ideal e acessórios para você no sábado.

– Mas e se esse vestido não for realmente ideal? – perguntou ela, já duvidando do seu voto de confiança.

– Vou levar uma seleção, mas o perfeito vai saltar aos olhos. *Ciao*, querida.

Amelia olhou para o receptor antes de desligar. O que havia acabado de fazer? Alguém teria colocado um pouco de alucinógeno em seu café naquela manhã? Atordoada, foi até o escritório de Trina.

– Você tem um minuto? Acabei de fazer algo muito louco – disse, ao entrar no escritório da relações-públicas guru da Bellagio.

Trina equilibrava a filha de cabelo ruivo no quadril.

– Estava me preparando para levar Maddie de volta ao berçário, mas tenho alguns minutos. – Ela olhou para a criança e sorriu. – Almoçamos com o papai no Burger King, não foi? – Maddie sorriu. E Trina também.

– Não sei dizer qual das duas parece mais feliz – comentou Amelia, pensando que a alegria de ambas era contagiante.

Trina riu.

– É um empate. Muito bem, conte-me sobre a sua loucura. Será que é tão deliciosamente sem vergonha que preciso tapar as orelhas de Maddie?

– Não. Só concordei em deixar Chad me vestir para o evento do leilão de caridade. Como posso ligar-lhe de volta e dizer: obrigada, mas eu estava temporariamente insana?

Trina meneou a cabeça.

– Não ligue. Sei que é assustador, mas Chad é incrível. Poderia ser um estilista profissional. Você vai ficar um arraso. – Ela fez uma pausa e franziu a testa. – Na verdade, estou com ciúmes. Por que ele está fazendo isso por você e não por mim? Será que vai vestir Jenny também? – meditou ela, e deixou escapar um gemido de desgosto. – Deixada de fora outra vez. Eu a verei no evento, mas tire algumas fotos. É algo que não vai querer esquecer.

– Tem certeza?

– Alguma vez já a enganei?

Amelia negou com a cabeça.

– Ótimo. Devo lhe confessar que eu não estava cem por cento convicta quando você foi morar uns tempos com a minha mãe, mas parece que deu tudo certo.

– Era o que eu precisava quando Will me deixou – disse Amelia. – A primeira, a segunda e a terceira vez.

Trina fez uma careta.

– Estou tão feliz por você ter terminado com ele.

Maddie começou a se contorcer e emitir ruídos.

– Oops, ela quer andar, e aqui no escritório não pode. Preciso ir. Desfrute de um tratamento de estrela com o Chad. E eu quero conhecer seu homem misterioso. Até logo – gritou, enquanto deixava a sala.

– Nunca, jamais – murmurou Amelia para as costas de Trina. A perspectiva de tentar explicar sobre Jack para a amiga a deixou ainda mais histérica do que permitir que Chad a vestisse para o maior evento que já havia participado.

SÁBADO CHEGOU e Amelia falou com a mãe e a irmã ao telefone. As duas estavam ficando impacientes, pedindo-lhe para ir passar um final de semana em casa. Não tivera oportunidade de visitá-las após o último rompimento com Will e temia que as lembranças e os sonhos que ambos haviam compartilhado a engolissem. Não queria ferir os sentimentos da família, mas simplesmente não se sentia preparada para enfrentar tudo aquilo. Sentia como se tivesse rastejado para fora de um buraco e estivesse curtindo o sol.

Pintou as unhas das mãos e dos pés com um tom de esmalte neutro, já que Chad se recusara a lhe dar uma dica sobre a cor do vestido. Ele chegou pontualmente às 5h, equipado com um recipiente plástico repleto de utensílios elétricos de cabelo, produtos para tratamento e penteado, e um kit de maquiagem.

Chad parou e estudou-lhe o rosto ao entrar no apartamento.

– Apenas lavado. Ótimo. Gosto de começar com uma tela em branco. Você hidratou, não é?

Amelia sorriu ao ouvir o tom arrogante enquanto ele acomodava o equipamento.

– Sim. Onde está o vestido?

– No devido tempo – respondeu ele, retirando frascos menores do recipiente e colocando-os sobre o sofá. A seguir, removeu a cúpula de um abajur e afastou as cortinas para os lados das janelas. – Luz, preciso de muita luz – disse, com a afetação de um verdadeiro artista.

Chad passou para o lado dela de novo, ergueu-lhe as mãos e soltou um gemido estridente.

– A cor das unhas está boa, mas sem dúvida podia ter aplicado um pouco mais de hidratante. Você faz algum bico lavando louça?

– Eu lavo as mãos demais. Minha mãe era exigente com a higiene.

– A Lady MacBeth do Sul – disse ele, e arqueou uma sobrancelha.

Amelia estudou-lhe o rosto, encantada com a perfeição de seus traços, os olhos sensuais e escuros e o cabelo preto. Chad era lindo.

– Que pena! – murmurou, consternada quando percebeu que expressara o pensamento em voz alta.

Ele sorriu, revelando uma fileira de dentes brancos.

– Sou um ótimo dançarino, também.

– Eu sei. Trina me disse. Você é perfeito.

Chad estufou o peito.

– Que bom que você reconhece isso. Sei como fazer com que cada indivíduo heterossexual naquele lugar deseje estar com você.

Amelia sentiu uma pontada de excitação e apreensão. E terror. Ela mordeu o lábio.

– Pare – disse ele. – É só por uma noite. Sinta e aprecie o poder.

Chad começou com as unhas dos pés, substituindo o tom neutro que ela havia escolhido por um coral avermelhado vibrante. Embora tivesse descoberto na Flórida que gostava de pintar as unhas dos pés com tons brilhantes, Amelia teve uma estranha sensação em relação à escolha da cor. Em seguida, ele se dedicou ao cabelo, usando um modelador de cachos para lhe privilegiar o ondulado. Deixou a maior parte dos fios soltos, mas prendeu algumas mechas com grampos de strass. Então passou à etapa da maquiagem e pintou-lhe o rosto todo, exceto a boca.

– Pausa para os martínis – disse em um tom jovial. – Apenas evite deixar escorrer a bebida pelo queixo. Onde está a vodca?

– Na bancada da cozinha – respondeu ela, e se dirigiu ao banheiro. – Quero ver o que você fez.

– Não. De modo algum. Não quero que se olhe no espelho até a transformação estar concluída. Totalmente. – Ele se dirigiu à cozinha. – Estou no clima para um lemon drop. Você tem limões frescos?

– Sim. Bebo chá gelado com limão.

– Vamos pular o vinho da casa do Sul esta noite – disse Chad.

Ela se juntou a ele.

– Vinho da casa?

– Chá gelado – explicou ele, abrindo a vodca. – Nada de cafeína para você. Quero-a bem relaxada.

Por quê?, perguntou-se Amelia. Por que precisava estar bem relaxada? Sentiu os nervos se moverem e vibrarem.

– Quero ver o vestido.

– Só depois de um lemon drop martíni. Vai fazer você contrair esses adoráveis lábios. – Chad umedeceu as bordas de dois copos de martíni, que ela comprara naquele dia, pegou o açucareiro e rolou-as no açúcar.

– Como ele é?

– Não posso lhe fazer justiça com palavras.

– Por favor, tente – insistiu Amelia.

Chad misturou a bebida, adicionou gelo e a sacudiu.

– Fascinante, belo e suntuoso. Um arraso.

– Pode ser um pouco mais específico? E os outros vestidos que você disse que ia trazer?

Chad meneou a cabeça e verteu o martíni na taça dela.

– Oh, eu não trouxe mais nenhum. Depois de ver aquele, sabia que todos os outros pareceriam desbotados em comparação.

Amelia sentiu sua ansiedade chegar ao telhado.

– Mas...

– Pegue – disse ele, entregando-lhe o copo de bebida. – Experimente. Diga que não amou.

Ela tomou um gole rápido e franziu os lábios ao sentir o sabor do limão.

– É azedo. Apenas um pouco doce. – E se a escolha de Chad fosse muito ousada e ela fosse obrigada a lhe dizer que não poderia usá-lo?

– Perfeito – disse ele, e preparou o outro martíni. Então olhou para ela e suspirou. – Você parece que está se preparando para enfrentar a guilhotina. Vai amar o vestido, mas deve trabalhar sua atitude de diva.

– Não tenho atitude de diva.

– Então finja. Beba – disse ele, apontando para o martíni.

Amelia tomou mais alguns goles.

– O suspense está me matando.

Chad revirou os olhos.

– Certo, vou buscá-lo, mas continue aqui bebendo e nada de espreitar.

Assim que ele saiu, Amelia considerou jogar o resto da bebida no ralo. Ele havia colocado duas doses de vodka? Em conflito, derramou um pouco na pia e sorveu mais alguns goles. Morrendo de curiosidade, correu até o banheiro e acendeu a luz.

Olhou-se no espelho, mas viu outra mulher com cabelo solto em uma combinação de ondas e cachos sensuais que evocavam a imagem de um anjo ou uma sedutora. Chad lhe aplicara uma leve camada de maquiagem. As bochechas rosadas com apenas um toque de brilho, as pálpebras pintadas com sombras furta-cor, os cílios com rímel preto. Uau, Trina tinha razão. Ele era maravilhoso.

Ao ouvir a porta da frente se abrir, ela correu para fora do banheiro, levando a taça de martíni em direção à sala.

– Vire-se de costas – instruiu ele. – Não quero que o veja aos poucos. É tudo de uma vez ou nada.

Amelia se virou e tamborilou os dedos no copo, ouvindo o farfalhar de plástico, enquanto Chad cantarolava um blues.

– Agora pode olhar – disse ele por fim.

Ela sorveu um último gole do martíni e se virou.

– Uau! – exclamou, piscando diante da cor, uma combinação de coral e vermelho. O tecido era mais suave do que cetim, com um toque de brilho. O corpete frente única, com um decote profundo, era drapeado, e a saia ostentava duas fendas na frente. As fendas poderiam classificar o vestido na categoria vulgar, mas as bordas apresentavam um discreto babado, produzindo um efeito bastante feminino. – É lindo!

– Eu sei – disse Chad presunçoso. – Agora termine seu martíni, escove os dentes com cuidado e vá ao banheiro. Depois vou lhe dar a cinta modeladora e você pode colocar o vestido.

– Cinta modeladora? – repetiu ela, imaginando uma cinta tipo corpete para disfarçar barriga, quadris e coxas.

Chad ergueu uma tanga.

– Aqui está.

CAPÍTULO 16

AMELIA PISCOU.

– Só isso? Que tal um sutiã?

– Não precisa – disse Chad.

– Mas...

– Vá se vestir. Não tenho a noite toda se pretendo dar um jeito de ir a esse evento.

Em dez minutos, Amelia colocou o vestido sobre o corpo quase nu e calçou as sandálias prateadas que Chad lhe trouxera. Ele aplicou-lhe batom nos lábios e lhe deu um gloss para futuros retoques. A seguir, conduziu-a até o espelho de corpo inteiro.

– Então?

– Você é incrível. Obrigada.

– De nada. Se conseguir o que pretendo, vejo-a mais tarde no leilão.

– Como fará para entrar?

Chad fez um acenou com a mão.

– Há sempre uma maneira. Você vai arrasar corações e causar torcicolos. Pense em todo o dinheiro que eu poderia ganhar das vítimas lesionadas amanhã de manhã, se fosse um quiroprático.

– Que exagero!

Chad balançou a cabeça.

– Você verá. *Ciao*, bela. Importa-se se eu levar a garrafa de vodca comigo?

AMELIA NÃO podia negar isso a ele. Sentia-se como Cinderela no baile. Pediu serviço de manobrista no estacionamento, para não precisar caminhar e

suar uma gota. Essa também era uma primeira vez. Will sempre fora sovina demais para utilizar estacionamento com manobrista.

Entrou no hotel de luxo e seguiu para a fila a fim de entrar no salão de baile. Ao chegar sua vez, o encarregado de recolher os convites, trajando um smoking, carimbou a mão dela.

– Sozinha? – perguntou.

– Mais ou menos – respondeu Amelia, porque Jack lhe dissera que ela só precisava tomar um coquetel com ele.

O homem sorriu.

– Mais ou menos? Significa que está esperando que a situação mude durante a noite?

– Na verdade, não.

– Bem, se eu tiver uma pausa depois, talvez possa fazê-la mudar de ideia. Divirta-se.

Piscando, Amelia entrou no salão de baile, incapaz de reprimir uma risadinha. Acabara de ser paquerada. Certo, fora divertido.

Um garçom carregando uma bandeja com taças repletas de champanhe passou por ela. Em seguida, fez uma pausa e a fitou.

– Champanhe?

– Sim, obrigada – disse ela, sentindo-se um pouco borbulhante com toda aquela atenção.

– Amelia! Ah, meu Deus, olhe para ela.

Amelia se virou ao som da voz da amiga. Trina estava acompanhada do noivo, Walker Gordon, Jenny e Marc Waterson.

Jenny e Trina se afastaram dos respectivos pares e correram em sua direção.

– Você veio! Onde está o cara?

– Não sei. Acabei de chegar – respondeu Amelia. – E ele prometeu que eu não precisaria passar a noite toda ao lado dele. Apenas tomaríamos uma bebida juntos.

– Bem, parece que ele está sendo bastante flexível – disse Trina, arqueando as sobrancelhas. – Um homem flexível não é nada mau.

– Vamos ver – proferiu Amelia em um tom vago. – Vocês estão lindas!

– Quem repararia em nós com você por perto? Você está um deslumbre! – disse Jenny. – Cabelo, vestido... – Ela assentiu com a cabeça, constatando. – Foi Chad quem a vestiu e maquiou, não foi? Ele não é incrível?

– Totalmente. Tenho a impressão de que ele sacudiu uma varinha mágica e me transformou. Não me reconheci no espelho.

– Não se subestime – repreendeu-a Trina. – Ele contava com o seu potencial para trabalhar. Você está linda.

Jenny assentiu, pegando duas taças de champanhe de um garçom que passava com uma bandeja.

– Obrigada – agradeceu ela com um sorriso. – Preciso ajudar o Marc agora no começo. Ele está uma pilha de nervos.

– Já pensou em colocar algum tipo de calmante na bebida dele? – perguntou Trina.

– Quer dizer, dopá-lo? – perguntou Amelia.

– Essa é uma colocação um pouco dura – disse Trina.

– Se ele não se acalmar em breve, um de nós, se não ambos, terá que ser hospitalizado – disse Jenny, sorvendo um gole de champanhe. – A simples presença de Jack O’Connell o deixa furioso.

Amelia parou por um segundo e, em seguida, cedeu à curiosidade.

– Jack é tão ruim assim?

– Não – responderam Trina e Jenny em uníssono.

– Mas você não ouviu isso de mim – disse Jenny.

– Nem de mim – acrescentou Trina. – Jack, na verdade, tem umas boas ideias.

Jenny assentiu.

– É verdade.

– Mas não é um Bellagio – comentou Trina.

– E os Bellagio não gostam de estranhos. São muito territoriais. Se Marc fosse um cachorro, urinaria no perímetro do edifício para demarcar seu território.

Amelia riu.

– É um problema que também ocorre no baixo escalão. Parentes são contratados, mas não são necessariamente qualificados ou motivados.

– Vem dizer isso para mim? – disse Trina. – Tive que lidar com uma assistente, ano passado, que era uma parente distante de um Bellagio. Fiquei aliviada quando ela pediu demissão.

Jenny fitou-as com um olhar desamparado.

– Eu gostaria de fazê-lo entender...

– Acho que você devia apenas tentar passar a noite e se divertir – disse Amelia.

Jenny suspirou.

– Acho que é a coisa mais doce que alguém já me disse em décadas. Eu deveria me apressar e oferecer a primeira taça de champanhe a Marc.

– Depois pode passar para as bebidas viris. Scotch, bourbon – sugeriu Trina, e virou-se para Amelia. – Acho que devo ir também. O leilão começará com as doações da Bellagio. O pessoal quer impressionar. Aproveite o status de mulher mais linda da noite.

Ela riu.

– Obrigada.

Amelia vagou por entre a multidão, vendo filas em várias mesas, onde os participantes esperavam para se registrar e receber uma placa com um número em formato de leque.

– Não vai oferecer um lance em algo? – disse uma voz masculina atrás dela.

O coração de Amelia saltou dentro do peito. Ela se virou para fitá-lo e foi imediatamente distraída da pergunta. Ele usava um smoking preto com uma camisa branca plissada, que se adequava ao seu físico com perfeição. O cabelo escuro contrastava com os olhos azuis.

Ela piscou.

– Hum, acho que a maioria dos itens está acima das minhas posses. – Ela olhou para o cartão que ele segurava. – Vejo que você está preparado.

– É por uma boa causa. – Ele fez uma breve pausa. – Você está de tirar o fôlego.

Amelia lutou contra a sensação vertiginosa, mas sentiu as bochechas arderem.

– Obrigada. O mérito é de Chad.

– Chad?

– É um amigo de Jenny Prillaman e Trina Roberts. Poderia ser um estilista profissional, mas se julga um artista.

– Você está linda. Vai deixar todos os homens a seguindo com a língua de fora e latindo como cães. Mas, lembre-se, eu notei sua beleza no momento em que a vi. – Jack segurou-lhe a mão por alguns segundos e roçou o polegar no interior de seu pulso, fazendo o sangue dela acelerar. – Vou lhe pagar aquela bebida mais tarde. Quero alavancar os lances pelos itens Bellagio, se necessário. Encontre-me no bar, do outro lado, após o final do lote das doações da Bellagio. Certo?

Jack se afastou e Amelia sentiu as pernas bambas. Esfregou a parte interior do pulso contra o vestido, tentando se livrar do efeito que ele lhe causou, mas assentiu com a cabeça.

– Certo – respondeu, e observou-o caminhar em direção aos assentos.

– Bem-vindos ao décimo segundo Leilão Anual em prol da Saúde da Criança – anunciou uma mulher de aparência benemerita no palco. – Tenho o prazer de apresentar o prefeito de Atlanta...

Começaram os preâmbulos. O prefeito encorajou a todos a serem generosos por uma boa causa. O chefe da comissão do leilão discursou, e, por fim, o leiloeiro, do sexo masculino, um senhor bem aparentado, usando um smoking, que não disfarçava a barriga de cerveja, apresentou o primeiro item, uma coleção completa de calçados Bellagio.

A oferta de lances começou em um ritmo vigoroso. Toda vez que começava a desacelerar, Jack erguia o cartão, dando início a uma nova rodada. A coleção, finalmente, foi vendida pelo equivalente a um pequeno carro zero quilômetro. Amelia observou e ficou feliz por não ter se inscrito para participar. Tudo naquele leilão, com certeza, estava acima das suas posses.

Afastou-se para provar alguns aperitivos, mas sem deixar de prestar atenção ao leilão. As ofertas para o par de sapatos exclusivos desenhados por Jenny dispararam. Amelia avistou Jenny, de pé, ao lado de Marc e viu o prazer em seu rosto quando o marido lhe deu um aperto de mão, parabenizando-a.

– Temos mais dois itens doados pela Bellagio. Entraram no último minuto. Homens, aqueçam seus motores. Senhoras, se quiserem dar ao homem de suas vidas o presente dos sonhos, aqui está. Dois ingressos para a temporada dos jogos dos Braves. Os assentos são atrás da linha de gol. Privilégios da sala VIP e uma refeição com um dos jogadores. Tudo que posso dizer é que alguém na Bellagio tem conhecimentos!

Amelia olhou para Jack, que estava encostado de modo casual contra uma coluna. Então, olhou para Marc, que olhava para Jack com os olhos semicerrados. Os lances começaram. Jack não precisava erguer a placa, pois os lances se tornaram, na sua humilde opinião, absurdos. Por fim, o vencedor insano dos ingressos deu um grito alto de alegria.

– Não fique chateado se não ganhou esse último leilão – disse o leiloeiro.

– Se é um fã de futebol americano, tenho um bom prêmio de consolação.

Ingressos para a temporada de jogos do Atlanta Falcons, assentos VIP em frente ao meio do campo e uma refeição com o quarterback do time.

Um rugido cruzou a multidão. Aquele item gerou ainda mais estragos do que o anterior, com o lance final chegando à estratosfera. Amelia caminhou em direção ao bar na extremidade do salão, preparada para cumprir o seu dever de beber algo com Jack.

Sentou-se em um banco nos fundos do bar semicircular, de modo a não ficar tão visível. Vários minutos se passaram e ela começou a se perguntar se Jack havia esquecido ou mudado de ideia. No momento em que se levantou para sair, ele entrou no recinto com uma expressão de desgosto e incredulidade.

- Uísque – pediu ao barman. – O melhor que tiver.
- Vai custar uns cinquenta dólares a dose – advertiu o homem.
- Provavelmente vou querer umas três. – Ele se virou para Amelia. – O que gostaria de beber, Magnólia? Hurricane? Margarita?
- Eu realmente... – Ela viu algo escuro e quase solitário nos olhos dele e se conteve. – Hã... um lemon drop.
- Está bem. Desculpe pela demora.
- Problemas?
- Marc Waterson veio me dar uma baita bronca por fazer doações ao leilão em nome da Bellagio sem consultá-lo.

O barman verteu a primeira dose de uísque e Jack a ingeriu de um gole só. A seguir, colocou o copo no balcão e fez um aceno de cabeça.

Amelia parecia confusa.

- Por que Marc não gostou que você fizesse doações em nome da Bellagio? É bom para a empresa, não é? E é por uma boa causa.
- Também penso assim – disse ele, e bebeu a segunda dose. – Mas ele não.

O barman colocou o drinque na frente de Amelia.

- Obrigada – agradeceu ela, observando-o encher o copo de Jack mais uma vez. – Quantas doses são precisas para começar a sentir seu efeito?
- Pelo visto, mais do que duas. Você não me disse que Marc Waterson era um lunático.
- Ele não era antes de você chegar. Bem – disse ela, fazendo uma pausa e lembrando alguns rumores que ouvira sobre os dias de Marc pré-Jenny. – Ouvi dizer que Jenny realmente o ajudou a amadurecer. – Ela tomou um gole do drinque e olhou para o uísque de Jack. – Que gosto tem isso, afinal?

Ele riu.

– Quer provar?

– Não sei. Será que devo?

– Outra primeira vez. Você pode dizer que tomou uísque, e do bom. – Ele lhe ofereceu o copo. – Beba.

Amelia tomou um gole rápido e engasgou, sentindo como se tivesse derramado fogo garganta abaixo. Empurrou o copo depressa na direção dele.

– É horrível. Como consegue beber isso? Deve estar com todas as papilas gustativas queimadas.

Ele riu.

– Não estou. É um gosto adquirido.

– Mas por que se preocupar? – Ela pensou em algo que Trina havia dito anteriormente. – Porque é uma bebida viril, certo?

Ele deu de ombros.

– Meu tio me apresentou ao uísque com moderação – disse ele. – Cara legal. Levava-me para assistir a alguns jogos de futebol, quando estava na cidade.

– Ele ainda é vivo?

Jack fez que sim com a cabeça.

– Tem uma família. Eu o vejo de vez em quando.

– Nos feriados?

– Não. Não quero me intrometer. Então, quantos homens já atraiu esta noite?

– Só três durante o leilão e quatro aqui no bar.

– Estou surpreso. Eu esperava vinte ou mais.

– Está me bajulando novamente – disse Amelia, mas sentiu o coração apertar dentro do peito ao perceber o modo como ele a olhava.

– Não. Não estou.

Seu olhar intenso, repleto com um misto de emoções, deixou-a confusa. Ela se forçou a virar o rosto.

– Jack? – chamou uma voz feminina familiar. – Jack O’Connell?

Amelia olhou para cima, chocada ao ver Jenny e Trina vindo na direção deles. Mordeu o lábio, desejando saber como explicaria o fato de estar ali sentada com Jack.

– Oh, oi, Amelia. Você ainda está linda – disse Jenny e, em seguida, virou-se para Jack. – Devo lhe pedir desculpas pelo comportamento do meu

marido. Ele está agindo como um tolo e eu disse isso a ele. O que você fez, doando os ingressos para os jogos da temporada, foi incrível e maravilhoso com...

– E quem é que você conhece? – interrompeu Trina.

– Tenho alguns conhecimentos. Amigos de amigos, essas coisas – disse ele, dando de ombros. – Eles me devem alguns favores.

Aquilo soava familiar, pensou Amelia. Ian também lhe devia alguns favores, recordou.

– Bem, se eu tiver extrema necessidade de um contato, vou procurá-lo – disse Trina.

Jack riu.

– E eu farei o que puder.

– Mas sinto muito pelo comportamento do Marc. Você fez uma boa ação – disse Jenny. – Eu gostaria que ele fosse racional em vez de estúpido.

Seguiu-se um silêncio.

Amelia teve uma ideia.

– Talvez você possa convidá-lo para assistir a uma partida de futebol. Assentos em frente ao meio-campo, privilégios na sala VIP.

– Isso é brilhante – concordou Jenny. – Só preciso fazê-lo beber o suficiente para dizer “sim”. Se você pudesse arrumar um encontro dele com Marcus Vick...

Trina lançou um olhar de soslaio a Jack.

– Aposto que você poderia conseguir com um amigo de um amigo.

– O único problema – disse Jenny e lançou um olhar mortal a Jack – é que, se você prejudicar Marc ou a Bellagio, vou procurá-lo, e algum dia em algum lugar alguém vai cortá-lo em pedacinhos e alimentar os peixes em algum rio imundo.

Jenny era tão graciosa que era difícil parecer ameaçadora, mas dessa vez seus olhos pareciam enlouquecidos.

– Considere-se advertido – acrescentou. – E, se decidir convidar Marc para um jogo, avise-me para que eu possa liberá-lo primeiro.

Trina de repente lançou um olhar curioso a Amelia.

– O que está fazendo aqui com o Jack?

– Não estou com o Jack – respondeu ela, pegando a taça de lemon drop. – Só queria ficar longe da multidão e ele também veio se sentar aqui. Aliás, já estou de saída. Foi um prazer conhecê-lo, Jack. Espero que aproveite o restante da noite.

Com os olhos repletos de malícia, o que a aterrorizou, ele segurou-lhe a mão e roçou o dedo indicador sobre seu pulso, como havia feito antes.

– O prazer foi meu. Desejo o mesmo para você.

Amelia tropeçou para trás e estremeceu, quase derramando o drinque.

Caramba, murmurou para si mesma, e deixou o bar, certa de que seu corpo inteiro havia corado. A pele provavelmente estava combinando com a cor do vestido, além de exibir algumas manchas.

– Acho que ele gostou de você – disse Trina, dando um passo ao lado dela.

Amelia negou com a cabeça.

– Não. Ele estava paquerando outra mulher pouco antes de vocês duas chegaram – mentiu, esperando não ser atingida por um raio.

– Acho que você está enganada. Não vi nenhuma outra mulher lá – argumentou Jenny.

– Você estava muito nervosa para perceber. Ela saiu antes que vocês duas chegaram – disse Amelia, sentindo-se ainda pior por adicionar detalhes à mentira. – Vocês já comeram alguma coisa? Há pequenos quiches de siri. Sabe se há algo de chocolate?

– Tem que ter chocolate – disse Trina.

– Não comi nada até agora por causa do modo como Marc vem agindo – disse Jenny. – Mas é o que vou fazer agora. Comer e beber.

– Perfeito – disse Amelia. – E eu vou comer mais um daqueles quiches de siri. – Ela se apressou em direção a uma das áreas de alimentos e engoliu metade do drinque. Em seguida, pousou a taça em uma bandeja. Tinha a impressão de que passara a noite bebendo a metade de tudo.

Respirando fundo algumas vezes, relaxou com mais uma quiche de siri, ainda se perguntando onde estariam os doces com chocolate. Um garçom se aproximou, carregando uma bandeja de champanhe, e ela fez que não com a cabeça.

– Obrigada, mas já bebi bastante por ora.

O homem entregou-lhe um guardanapo dobrado.

– Um senhor me pediu para lhe entregar isto.

Intrigada, Amelia abriu o guardanapo e leu a mensagem com uma caligrafia masculina escrita com tinta preta.

Encontre-me na varanda dos fundos, Magnólia. Você ainda me deve um drinque.

CAPÍTULO 17

ELA DEVERIA ignorá-lo. Mas não o fez. Amelia argumentou consigo mesma por um longo instante, até não conseguir suportar mais aquele debate interno.

Dirigindo-se à varanda, só conseguiu avistá-lo quando se afastou da entrada. Ele parecia isolado parado lá, sozinho, recostado contra uma coluna, observando a noite.

Amelia experimentou uma pontada de algo estranho e tentou, sem muito sucesso, ignorar a sensação.

– Não lhe devo um drinque. Você tomou dois e está quase no terceiro, e eu, apenas um.

Jack girou para fitá-la.

– Prazer em revê-la, srta. Amelia Parker – disse ele em um tom sardônico, meneando a cabeça. – Está com medo até mesmo de admitir que me conhece, diante de suas amigas?

O sentimento de culpa a penetrou como uma lâmina afiada.

– Tem mais a ver com meu trabalho. É óbvio que não ficará aqui para sempre, e se a notícia de que nós... – Amelia se calou, procurando as palavras certas.

– De que nós tivemos um caso ardente quando você estava em Keys e que acabou deixando escapar informações sobre a empresa onde trabalha...

– Porque eu não sabia que você estava planejando assumir o controle da empresa – lembrou ela, frustrada.

– Eu nunca disse que planejava assumir o controle.

– Não, mas é o que todos estão temendo.

– Inclusive você?

Amelia lhe sustentou o olhar, a mente contradizendo o instinto.

– Não sei. Não sei quanto do verdadeiro Jack conheci na Flórida.

Aquilo o fez parar para pensar.

– É justo. Então, por que veio até aqui, quando se sente envergonhada por qualquer relação que possa ter comigo?

Revirando os olhos diante do comentário sarcástico, Amelia se recostou à balaustrada.

– Não tenho vergonha de você.

– Não respondeu à minha primeira pergunta – disse Jack.

– Não sei – respondeu ela. – Se pensar demais no assunto, provavelmente me verei obrigada a voltar lá para dentro.

Jack escorregou as mãos pelas costas delicadas dela, puxando-a para perto e se apossando dos lábios macios com um beijo firme.

Amelia prendeu a respiração, com o coração disparado.

– Por que fez isso?

– Além do fato de desejar? – Ela gesticulou a cabeça com o que esperava ser uma afirmativa. – Para descontrá-la. Consegui?

O olhar de Jack parecia capaz de lhe fazer os ossos derreterem.

– Sim.

– Tem noção do quanto está linda esta noite?

Um sorriso curvou os lábios de Amelia.

– Sim, por acaso, tenho. Foi o que vários homens me disseram, a maioria desconhecidos. Recebi uma montanha de cartões de visita. Quer ver minha coleção? – perguntou, abrindo a bolsa de mão.

Jack deixou escapar uma risada ao mesmo tempo que pousava uma das mãos sobre a bolsa.

– Então, sou mais um na multidão.

Amelia desviou o olhar, quando se tornou mais difícil sustentar a brincadeira.

– Depende. Parabéns por suas contribuições para as doações da Bellagio ao leilão. Levantou a plateia. Foi um grande sucesso. Agora, conte-me como conseguiu esse feito.

Jack fez um gesto displicente com a mão.

– Eu lhe disse quando estávamos no bar. Amigos. Alguém para quem fiz um favor.

– Foi o que disse sobre Ian. O que fez? Investiu em um time de futebol?

– Algumas vezes – retrucou ele. – Faço investimentos diversificados. Geralmente, em algo que me dê retorno certo, mas, de vez em quando, invisto em negócios imprevisíveis. Também tenho fama de me associar a um investidor com algo que dê um bom lucro. Nesse caso, o sócio em questão fica agradecido.

Amelia sorriu.

– Está vendo? É por esse motivo que tenho a sensação de não o conhecer bem. Nunca me dá detalhes. Sequer um nome.

Jack deixou escapar um suspiro.

– Se quer mesmo me conhecer melhor, terá de passar mais tempo comigo.

Amelia ergueu o olhar para fitá-lo, incapaz de negar o quanto ele a fascinava. Jack podia ser um homem duro e frio, mas ela tivera um vislumbre de seu lado terno.

– Ainda estou esperando a resposta à minha primeira pergunta.

– Está bem. Ajudei um dos treinadores do Falcons com um bom investimento.

– Quanto?

– Digamos que o negócio lhe rendeu uma quantia de seis dígitos. Ele ficou muito grato. – Jack lhe segurou a mão e brincou com os dedos delicados. – Como está a gota do seu pai?

Amelia não deveria se surpreender com o fato de ele se lembrar daquele detalhe.

– Não tem reclamado ultimamente; portanto, deve estar bem.

– Por quanto tempo será capaz de evitar visitá-los?

– Não sei. Minhas irmãs e mamãe estão começando a formar um complô para me pressionar. Eu os amo e sinto saudades, mas ainda não estou em condições de enfrentar o desapontamento deles. Parece loucura, mas é quase como um divórcio. Minha família tinha um relacionamento com Will, também. Portanto, devem estar sentindo falta dele.

– E você?

– Nem tanto, agora. Às vezes, quando preciso tomar uma decisão, como por exemplo, qual cor de toalha escolher, descubro-me imaginando por qual ele optaria. Nesses momentos, tenho de parar e perguntar qual a cor da *minha* preferência.

– E qual a cor de toalha que Amelia prefere?

– Depende do meu estado de humor e da decoração do banheiro. Às vezes, sinto-me meio que paralisada quando tenho de tomar uma decisão. O que quero? E se não for bem aquilo que desejo? E se amanhã eu mudar de ideia? E a resposta é: tudo bem, se no dia seguinte eu pensar diferente. Por hoje, preciso apenas decidir o que quero neste momento.

Jack baixou a cabeça o suficiente para beijá-la.

– E o que deseja neste momento, Magnólia?

Amelia sentiu a garganta apertada.

– Pensei que estivéssemos nos referindo a toalhas.

– É isso que quer? Toalhas?

Aquele homem era tão prejudicial quanto chocolate, quanto sorvete com várias coberturas ou um drinque hurricane. Mas, às vezes, tudo que uma garota desejava era uma barra de chocolate, um sorvete calórico ou um drinque caprichado que a derrubasse.

Cedendo a uma ânsia igualmente prejudicial, Amelia ergueu os braços e puxou-lhe o rosto de encontro ao seu, unindo os lábios de ambos, enquanto escorregava as mãos pelo cabelo de Jack. Em seguida, lhe traçou o contorno da boca com a língua até que ele a entreabrisse e lhe permitisse se refestelar no equivalente masculino a um gigantesco brownie de chocolate.

– Vamos sair daqui – sussurrou ele contra os lábios dela.

A sensação de tocá-lo era extasiante. Jack exalava uma fragrância tão inebriante! Acariciando-lhe as costas, puxou-a para si.

– Não sei se é uma boa ideia.

– Vamos para o meu carro – sugeriu ele, fazendo-a experimentar um *frisson* diante da ideia ousada.

– *Sei* que não é uma boa ideia.

– Por quê? Está com medo? Pense nisso como mais uma primeira vez. Aposto que nunca fez sexo dentro de um carro.

– Na verdade, sim – retrucou ela, inclinando a cabeça para trás.

Jack a observou, surpreso.

– Ora, maldito Will.

Ela mal conseguiu suprimir uma risada diante do tom desconcertado de Jack.

– Aposto que eu faria melhor.

Amelia concordava, mas não verbalizaria aquela opinião.

– Não vou arriscar amarranhar minha roupa ou meu cabelo por alguns minutos de sexo selvagem no banco traseiro do carro.

– Teve um ataque de puritanismo?

Na verdade, o que ela experimentava era uma onda de excitação que a deixava perturbada, mas sabia que não devia enveredar por aquele caminho com Jack.

– É melhor eu entrar.

Ele anuiu.

– Está bem. – Jack enfiou a mão no bolso à procura de alguma coisa. Em seguida, inclinou-se na sua direção, segurou-lhe a mão e lhe pressionou uma chave contra a palma, enquanto a beijava. – Eu lhe enviarei uma mensagem de texto com meu endereço.

Amelia recuou, ofendida.

– Se está pensando que irei ao seu apartamento como uma garota de programa, está muito enganado.

– Não está me deixando muita escolha. Já que não quer ser vista em público comigo, preciso providenciar um local privativo. Quero me encontrar com você, desfrutar de sua companhia. Estou sendo o mais sincero possível, Magnólia. É capaz de usar da mesma honestidade? – Amelia entreabriu os lábios, mas não conseguiu proferir uma palavra sequer. – O que posso fazer para ter sua atenção?

Aquele pedido soara extremamente sexy, mas ao mesmo tempo mexeu com algo no íntimo de Amelia. Jack era uma complicação desnecessária, embora impossível de resistir.

– Você é um cara criativo. Pensará em algo – disse ela, antes de girar e se afastar.

LILLIAN BELLAGIO chegou ao escritório na manhã de segunda-feira. Do seu pseudoescritório, Jack a observou cruzar o corredor em direção à ala dos executivos, imaginando o que lhe passava na mente. Segundo os rumores, nunca se sabia se as visitas de Lillian eram sociais ou relacionadas aos negócios, até que ela deixasse claras suas intenções.

Dez minutos após a chegada de Lillian, o telefone de Jack tocou. Era a assistente de Marc o convocando a comparecer ao escritório do chefe.

Jack esfregou a boca com a mão, experimentando uma pontada de divertimento. Aquilo seria, no mínimo, interessante. Vestiu o paletó e ajustou o nó da gravata, ciente de que Lillian apreciava a boa aparência. Em seguida, se encaminhou ao escritório de Marc. A assistente comunicou a

presença dele ao chefe e abriu a porta do espaçoso escritório, mobiliado com requinte.

Jack entrou, cumprimentou primeiro Lillian e, em seguida, Marc com um aceno de cabeça.

– Olá, sra. Bellagio. Marc.

– Bom dia, sr. O’Connell – respondeu Lillian. – Pensei que seria uma boa ideia tomar uma xícara de chá com vocês esta manhã. Deverá chegar dentro de alguns... – Naquele instante, soou outra batida na porta. – Oh, deve ser o chá. Importa-se de abrir a porta, sr. O’Connell?

Ele obedeceu e dois serventes, carregando bandejas com sanduíches, bolinhos e chá adentraram o escritório. Jack arriscou um olhar a Marc, que consultava o relógio e suspirava, com uma expressão sofrida estampada no rosto.

Jack suspeitou que aquela cortesia improvisada havia atrapalhado toda a agenda de Marc para aquele dia e decidiu saborear cada minuto da reunião.

– Está parecendo delicioso – disse ele em tom animado, regozijando-se com o olhar incrédulo que lhe lançou o outro homem.

– Muito bem, escolha o sabor do seu chá e eu o servirei – disse Lillian.

Jack nunca havia participado de um chá formal, portanto fez o mesmo que em várias outras ocasiões. Esperou que Lillian tomasse a iniciativa e a seguiu. O chá estava aguado e insípido, os sanduíches e os bolinhos, mais ressecados do que o Saara, mas ele resistiu bravamente.

– Ouvi dizer que vocês não estão se entendendo – disse Lillian. – Por quê?

Com uma expressão desgostosa, Marc engoliu em seco e tomou um gole de chá. Em seguida, olhou para Jack e adotou o mais inocente dos semblantes.

– Não posso imaginar por que alguém diria que não estamos nos entendendo. Quase não nos vemos, já que tenho uma agenda atribulada e ele não tem nenhuma outra função, senão comparecer às reuniões do conselho administrativo que o interessam.

– Isso mesmo – concordou Jack, solícito. – Ofereci meus conhecimentos técnicos a Marc, mas ele os recusou. Designou-me um escritório do outro lado do prédio. Eu poderia lhe mostrar...

Marc clareou a garganta, censurando-o com o olhar.

– Está tudo bem entre nós.

Lillian franziu o cenho, parecendo confusa.

– Mas ouvi dizer que Jack quase não conseguiu ingressos para o leilão em benefício das crianças.

– Foi um pequeno mal-entendido. Minha assistente se esqueceu de entregá-los ao Jack. – Marc se justificou, recostando-se para trás no assento.

– Jack, tive notícias de sua doação de última hora de ingressos para a temporada de beisebol. Achei muito generoso de sua parte – elogiou ela, dirigindo o olhar a Marc em seguida. – Concorda?

Marc anuiu, mas Jack percebeu que aquele pequeno gesto quase o matou.

– Muito generoso. Portanto, como pode ver, não há nenhum problema entre Jack e...

– O único problema que posso imaginar é o fato de Marc não aprovar minha ideia de introduzir uma linha de calçados populares para conquistar uma maior fatia de mercado. – Jack o interrompeu, recusando-se a perder aquela oportunidade.

– É mesmo? – perguntou Lillian. – E por que não a aprova, Marc?

O vice-presidente da Bellagio clareou a garganta.

– Nossa empresa sempre representou uma marca sofisticada para compradores seletivos. Não queremos macular a imagem que nos esforçamos tanto para construir.

Lillian franziu a testa.

– Posso entender, mas não poderíamos dar outro nome à linha? Comercializá-la de forma diferente, como estamos fazendo com os calçados esportivos?

Marc deixou escapar um suspiro.

– Suponho que sim, mas Alfredo também não gostou dessa ideia.

– Mas chegou a analisar os números? – perguntou Jack. – Ou descartou a discussão na fase de idealização, sem nem ao menos pesquisar?

– Nossas decisões são, em sua maioria, fundamentadas em pesquisa, certo, Marc? – questionou Lillian. Marc assentiu com um gesto lento de cabeça. – Não me recordo de ver essa discussão na pauta de decisões da diretoria. Talvez devêssemos introduzi-la na agenda.

– Mas Alfredo...

– Eu sei – interrompeu Lillian. – É triste, mas Alfredo talvez precise se submeter a uma cirurgia. Esperamos que não seja necessário, mas acho que ele não está bem. Nesse caso, todos devemos nos certificar de manter a Bellagio em curso. Deveríamos considerar a ideia de Jack. – A expressão de

Lillian se iluminou. – Ora, essa não foi uma excelente ideia? Chá é sempre bem-vindo.

– Não poderia estar mais de acordo – retrucou Jack, tomando outro gole da bebida morna e insípida.

Lillian percorreu sobre trivialidades por mais alguns minutos e Jack percebeu Marc lançando olhares sub-reptícios ao relógio de pulso.

– Adorei nossa reunião – disse ela por fim. – Deveríamos repeti-la qualquer dia desses. Enquanto isso, acho que vocês dois deveriam almoçar juntos.

Marc a fitou com expressão confusa.

– Um almoço – repetiu.

– Sim – confirmou Lillian em um tom brusco e determinado, enquanto se levantava.

O movimento fez com que os dois homens também se erguessem. Jack decidiu se apiedar do oponente, antes que a dama de ferro da Bellagio lhe sugerisse um lugar onde poderiam tomar outro chá.

– Conhece algum lugar onde se pode comer um bom hambúrguer? – perguntou ele a Marc.

– Oh, sim, boa ideia. Lillian, foi um prazer revê-la – disse Marc, guiando-a apressadamente em direção à porta.

– Sim, foi um prazer, sra. Bellagio – acrescentou Jack.

– Obrigada. – Lillian alternou um olhar de aprovação entre ambos. – Sabem de uma coisa? São dois homens belos e inteligentes. Uma vantagem para a Bellagio.

– Obrigado – agradeceu Jack.

– Obrigado. – Marc se apressou em concordar, parecendo confuso. – Posso acompanhá-la até o andar térreo?

– Oh, não será necessário. Voltarei em breve – disse ela, deixando o escritório.

Com expressão feroz, Marc fechou a porta e girou na direção de Jack.

– Lillian gosta de você. O que fez com ela?

Jack gesticulou a cabeça em negativa.

– O que fez com ela?

– Lillian simpatiza com você, apesar de não ser um Bellagio. Deve ter feito alguma coisa. Por acaso a está chantageando?

– Não – respondeu Jack. – Lillian Bellagio é uma mulher ilibada. Que tipo de podre poderia ter?

Marc estreitou o olhar.

– Ninguém é perfeito ou imaculado. Deve ter descoberto algo. Lillian deve temê-lo.

– Com todo o respeito, você é um psicótico. – Jack se dirigiu à porta e girou a maçaneta. – Tenha um bom dia.

– Espere um minuto – disse Marc, antes que ele se retirasse.

Jack girou com um movimento lento.

– Não tenho a menor confiança em você. Continuo achando que há algo errado a seu respeito. E por trás do modo como Lillian o trata. Ela não prima pela simpatia com estranhos. Não confio em você – repetiu. – Mas aceito almoçarmos juntos. Comida italiana ou de lanchonete?

– De lanchonete – decidiu Jack.

– Quinta-feira, às 13 horas?

– Sim.

– Está bem. Eu lhe enviarei um e-mail de confirmação.

– Aguardarei ansioso – disse Jack.

– Não há necessidade – retrucou Marc. – Quero apenas me preparar para o que estiver planejando apresentar sobre a linha de calçados populares da Bellagio na reunião do conselho administrativo.

Jack suprimiu um suspiro.

– Tenha um bom dia, também – disse ele, antes de voltar ao pseudoescritório.

CAPÍTULO 18

JACK VERIFICOU mais uma vez o endereço que Amelia lhe passara por mensagem de voz. Sim, o número coincidia com o do velho prédio de três andares que abrigava o centro comunitário.

Com um movimento negativo de cabeça, enquanto estacionava o carro na rua, imaginou se encontraria os pneus do carro, quando retornasse. Aquele não era um dos melhores bairros de Atlanta.

Amelia o orientara a se vestir de modo informal para encontrá-la, enquanto ticava algo na lista que fizera. E lhe dissera para ir apenas se tivesse coragem. A mensagem soara demasiado sexy e convidativa para ser ignorada.

Aquela doce jovem sulista o havia enganado. Farejando alguma atividade beneficente, Jack contrariou o próprio instinto e decidiu se juntar a ela de qualquer forma.

Ao entrar, ouviu o som de vozes vindas de um ginásio, à direita. Então, penetrou no amplo espaço para se deparar com alguns adultos e um grande grupo de crianças na faixa etária do ensino fundamental.

Ao avistá-lo, Amelia acenou e se aproximou.

- Fico feliz que tenha conseguido vir.
- Quando mencionou algo relacionado à sua lista, imaginei outra situação
- retrucou Jack.
- O que é natural, já que acrescentou a palavra “nua” a todos os itens da minha lista. Mas, depois disso, adicionei mais alguns.
- Deveria me mostrar a versão atualizada – sugeriu ele. – Para que possa contribuir para o seu progresso.
- É isso que está fazendo esta noite – disse Amelia.

– Veremos – retrucou ele. – Estou meio desconfiado. Parece haver mais meninos do que meninas aqui.

– Eles estão desesperados por voluntários masculinos – informou Amelia.

– E pensou em empurrar um voluntariado goela abaixo deste trouxa aqui.

– Eu não colocaria nesses termos. Fiz-lhe um convite, esperando sensibilizar sua boa índole.

– E foi por isso que mencionou a lista? – perguntou Jack, duvidando daquela aparente boa intenção.

Ela negou com um gesto de cabeça evasivo, mal conseguindo disfarçar o sentimento de culpa.

– Garanto que não lhe fará mal algum.

– Não posso dizer o mesmo do meu carro – resmungou Jack. – Vamos negociar. Ficarei se permitir que eu vá ao seu apartamento para lhe preparar um café da manhã no sábado.

Amelia lhe voltou um olhar desconfiado.

– Café da manhã? A que horas? Esse desjejum inclui passar a noite de sexta-feira para sábado em meu apartamento?

– Que mente poluída! – resfolegou Jack. Mas não teria recusado o convite para dormir no apartamento de Amelia. – Trata-se apenas de um café da manhã. Preparado por mim.

Amelia piscou várias vezes.

– Nunca nenhum homem preparou um café da manhã para mim. A não ser que eu leve em consideração os cereais que meu pai me servia em uma tigela, quando mamãe estava no hospital, após dar à luz minhas duas irmãs mais novas.

– Aí está você, citando mais uma “primeira vez”.

Amelia esboçou um sorriso, surpresa.

– Sabe mesmo cozinhar?

– Desjejuns são meu forte e também me viro no restante. Fechado?

Ela pensou por um instante e, em seguida, concordou.

– Sim.

– Qual é o plano de atividades?

A expressão de Amelia se iluminou.

– Exercícios físicos intensos durante os primeiros trinta minutos. E nos restantes, artesanato.

– Acha mesmo que conseguiremos despertar o interesse desses meninos com artesanato?

– Não. Por isso precisamos de alguém para mantê-los em atividade na outra metade do tempo.

– E, no caso, esse alguém sou eu.

Amelia exibiu um sorriso e, em um impulso, o abraçou.

– Obrigada. Significa muito para mim.

Jack inspirou o perfume dela e percebeu algo se agitar em seu interior. A mesma sensação que tivera quando dormira com Amelia na casa de Ian. Ficara tão incomodado que partira da cidade no dia seguinte. Mas sua imagem continuara a assombrá-lo e aquele *frisson* não o abandonou. E por esse motivo estava disposto a lidar com os pequenos selvagens reunidos naquele ginásio.

Durante a hora seguinte, Jack teve de apartar quatro brigas, confiscar três canivetes e dar lições de cavalheirismo a um menino que achava muito natural dar rasteiras em uma das meninas.

Ele deu dicas de como arremessar a bola na cesta e prometeu gomas de mascar às crianças que demonstrassem mais espírito esportivo. Ao final, levou três crianças, cujos pais não vieram buscá-los, para as respectivas residências. Encontrara o carro intacto, afinal.

Quando retornou ao centro comunitário, deixou-se afundar em uma cadeira ao lado de Amelia e se recostou à parede.

– Que tal me saí como trouxa?

– Deveria se sentir recompensado pelo que fez. Aqueles meninos o amaram.

– Ainda bem que costume me exercitar.

Amelia conseguiu dissimular um sorriso.

– Sim. – As luzes do recinto piscaram. – Oh, estão fechando o ginásio. Está na hora de sairmos.

Jack a acompanhou até o carro. Antes de escorregar para o banco do motorista, ela ergueu o olhar para fitá-lo.

– Obrigada – agradeceu. – Você poderia ter dado as costas ao projeto.

– Café da manhã no sábado – lembrou ele.

Amelia assentiu, hesitou por alguns instantes e, em seguida, se colocou nas pontas dos pés para lhe beijar o rosto.

– Boa noite.

Jack sentia as mãos formigarem com o desejo de abraçá-la, mas, em vez disso, cerrou os punhos. Em breve a teria outra vez. Muito em breve.

MORRENDO DE curiosidade sobre as verdadeiras habilidades culinárias de Jack, ela abriu a porta para recebê-lo. Ele carregava duas sacolas de mantimentos.

– Bom dia, raio de sol.

Amelia sentiu o coração dar uma cambalhota no peito, enquanto fitava aqueles olhos azuis arrasadores tempo suficiente para lhe afetar o equilíbrio.

– Bom dia para você, também – respondeu ela. – A cozinha é por aqui. Essas sacolas parecem estar lotadas. Pretende cozinhar para quantas pessoas?

– Para nós dois apenas – disse Jack, retirando uma caixa de ovos, queijo ralado, presunto, tomates, uma cebola, frutas, leiteiro...

– Posso ajudá-lo?

Jack fez que não com a cabeça.

– Quero apenas que relaxe e observe.

Embora fosse contra a natureza de Amelia, ela se sentou e obedeceu. Observar Jack não era tarefa árdua. Ficava ótimo usando jeans, smoking, terno ou roupas esportivas. Sem mencionar, nu. Aquele homem era deslumbrante despido, pensou ela recordando aquela noite, na piscina. Um peito fabuloso, músculos peitorais perfeitos...

Jack assobiou alto.

– Alô! É a segunda vez que lhe faço a mesma pergunta.

Amelia piscou várias vezes, dizendo a si mesma para não corar. Ele não poderia lhe adivinhar os pensamentos.

– Desculpe. Estava distraída. O que perguntou?

– É alérgica a algum alimento?

Amelia fez que não com a cabeça, observando-o preparar legumes *sauté* em uma panela e fritar batatas e cebolas em outra. Em seguida, Jack misturou a massa das panquecas e retirou a tampa de um frasco de xarope de bordo, antes de levá-lo ao micro-ondas.

Tantas preparações poderiam transformar a cozinha em um caos, mas ele lavava os utensílios à medida que os utilizava.

– Estou pasma – confessou ela. – Onde aprendeu a fazer tudo isso? Trabalhou em alguma lanchonete, preparando desjejuns?

– Foi um dos meus empregos, na adolescência, mas aprendi antes disso – respondeu ele, enquanto vertia pequenas porções de massa da panqueca misturada com mirtilo sobre uma chapa quente. – Muito antes dessa época, meu tio me ensinou o que ele chamava de “a fina arte de preparar um café da manhã”. Dizia que era um recurso de sobrevivência e que, mais tarde, as meninas iriam adorar.

Um sorriso curvou os lábios de Amelia.

– Seu tio parece ser uma figura e tanto.

– Sim – confirmou Jack.

– Por que não o visita com mais frequência?

– Acho que lhe trago lembranças da irmã que ele não conseguiu salvar. Quando eu era menino e ela ainda era viva, meu tio sempre alimentava esperanças de que minha mãe teria salvação, mas agora ela se foi.

Aquela explicação a perturbou e fez seu peito apertar.

– Tem certeza de que...

– Não tente encontrar uma solução para esse problema – disse Jack, antes que ela pudesse concluir. – Sei que se sente compelida a encontrar uma saída satisfatória para tudo, mas não pode fazer nada nesse sentido. Hora das omeletes – anunciou ele, quebrando alguns ovos. Em seguida, ergueu uma espátula desgastada pelo uso. – Minha arma secreta – disse. – É o melhor utensílio para virá-los.

Dentro de minutos, Jack lhe serviu mais comida do que ela consumiria em um mês. Balançando a cabeça, Amelia observou o prato abarrotado com uma omelete de três ovos, batatas fritas com bacon, várias panquecas de mirtilo e frutas.

– Estou admirada. Só faltou o mingau de milho.

Jack a fitou com expressão cautelosa.

– Milho? Você não come isso, certo?

Amelia deixou escapar uma risada.

– Qualquer dia desses vou prepará-lo para você.

– Não há necessidade.

– Oh, não me diga que descobri algo que você fará pela primeira vez? Uma novidade? Agora faço questão de lhe preparar um belo mingau de milho.

– Não, obrigado – dispensou ele. – Estou falando sério.

– Humm. Eu o desafio.

A garfada de panqueca que Jack levava à boca estacou no meio do caminho, enquanto ele lhe dirigia um olhar sombrio.

– Não faça isso. Não me desafie.

– É o que faz o tempo todo comigo.

– Não a desafiei a comer mingau de milho.

– Pois eu dobro o desafio.

– Está bem – concordou ele, derrotado. – Comerei mingau de milho.

Mas não vamos arruinar a refeição insistindo nesse assunto.

Quando Amelia estava se entupindo com a última garfada de panqueca de mirtilo, a campainha tocou. Ela arriscou um olhar ao relógio de pulso.

– Quem poderia ser a esta...

A campainha soou outra vez. Com um olhar a Jack, ela deu de ombros.

– Com licença. Voltarei em um minuto. – Amelia caminhou em direção à porta da frente e perscrutou pelo olho mágico.

– Ah, Deus! – Não estava preparada para aquele momento. Talvez dentro de mais uma semana. Ou duas. Ela abriu a porta devagar.

– Surpresa! – exclamaram a mãe e a irmã mais nova, Gwendolyn.

Os olhos da mãe brilhavam, determinados. O semblante da irmã irradiava nervosismo. Alguma coisa estranha estava acontecendo.

– Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé – disse a mãe em um tom alegre, puxando-a contra o corpo quente e rechonchudo. – Senti falta da minha garotinha. Tem noção de que faz três meses que não nos visita? – A mãe recuou, examinando-a com olhar minucioso da cabeça aos pés. – Emagreceu – decretou, com o cenho franzido. – Mas estou sentindo o cheiro de xarope de bordo, o que é um bom sinal.

Gwennie deu um passo à frente e também a envolveu nos braços.

– Senti muito a sua falta.

– E não conseguimos deixar de nos preocupar com você – acrescentou a mãe. – Ainda mais desde que... – Ela se calou, levando a mão ao peito. – Bem, não vamos discutir esse assunto agora. Eu e Gwennie queremos conhecer seu apartamento novo.

Amelia tinha a impressão de estar assistindo à iminência de uma catástrofe.

– Uh... mãe, adorei vê-la, mas...

– Parece-me um excelente bairro. O porteiro só nos deixou passar quando lhe dissemos que queríamos surpreendê-la. E, me desculpe,

querida, mas tive de lhe dar uma de suas tortas. Deixei as outras no carro. Daqui a pouco as buscaremos.

Amelia sentiu uma pontada de preocupação. Sabia que a mãe assava tortas quando estava aborrecida.

– Algo errado com o papai?

– Não. Ele precisa perder um pouco de peso, mas diz que não o ajudo com a comida que faço.

– E Rose e Valene?

– Estão bem.

– E as crianças?

– Crescendo como ervas daninhas, mas como pode saber se não aparece para nos visitar?

Amelia tentou ignorar o sentimento de culpa.

– Sei que estão crescendo. Costumo lhes enviar presentes quando aniversariam.

– O que é muito gentil, mas não substitui sua presença. Agora, mostrem-nos o restante do apartamento.

Amelia pensou em Jack, na cozinha. Não havia como escondê-lo ou se esquivar das perguntas que lhe fariam. Era melhor acabar logo com aquilo.

– Tenho uma visita. Ele está na cozinha.

– Uma visita? – repetiu a mãe, com as sobrancelhas arqueadas.

– Visita masculina? – perguntou Gwennie.

Suprimindo um gemido, Amelia seguiu na frente em direção à cozinha, onde Jack se encontrava parado diante da pia, lavando uma frigideira.

– Jack, mamãe e minha irmã decidiram me fazer uma visita surpresa. Shelley e Gwennie Parker, este é Jack O’Connell.

– Ele lava louça! – disse a irmã, admirada.

Jack pousou a frigideira e secou as mãos em uma toalha.

– Prazer em conhecê-las – disse ele, caminhando na direção das duas com a mão estendida. Se estava se sentindo constrangido em conhecer seus familiares, disfarçava bem. – Senhora Parker, Gwennie, ouvi falar muito de vocês duas.

– É mesmo? – perguntou a mãe, trocando um aperto de mão com Jack ao mesmo tempo que voltava um olhar inquisitivo a Amelia. – Nunca ouvimos falar de você.

Um sorriso oblíquo ergueu um dos cantos dos lábios de Jack.

– Amelia sempre menciona a família. É fácil perceber o quanto os ama.

– Bem, é verdade – concordou Shelley. – Ela nos ama muito. Desculpe se estamos interrompendo.

– Sem problemas. Acabamos de tomar o café da manhã que preparei.

A mãe e Gwennie o fitaram, aturdidas, antes de a irmã mais nova voltar o olhar a Amelia.

– Ele também cozinha?

– Faz café da manhã. – Amelia se apressou em esclarecer, para em seguida notar a desconfiança estampada nos olhos da mãe. – E, talvez, cachorros-quentes à moda de Chicago, já que ele é de lá.

– Oh! – exclamou Gwennie.

A mãe clareou a garganta.

– Está de passagem em Atlanta? – perguntou ela a Jack.

– Não. Moro aqui – respondeu ele. – Ao menos, temporariamente.

– Uh-huh – disse Shelley. – Aqui perto?

Amelia sabia aonde a mãe queria chegar com aquelas perguntas e decidiu poupá-la, assim como a Jack, daquele clima constrangedor.

– Ele veio me visitar hoje para fazer o café da manhã. Ele não dormiu aqui, mãe.

Shelley colocou uma mecha de cabelo para trás da orelha e assentiu.

– Claro que não. Ouça, por que você e Gwennie não vão até o carro buscar tudo que lhe trouxemos? Ajudarei Jack com a louça.

– Não é necessário – disse ele.

– Bobagem. Posso ajudá-lo a limpar tudo em um instante. Vão, meninas.

A ideia de deixar a mãe a sós com Jack não a agradava nem um pouco. Amelia arrepiava-se só de pensar nas perguntas que ela faria, mas Gwennie a puxou pelo braço.

– Venha, Me-Me – estimulou a irmã mais nova, e Amelia se deixou guiar até o carro de Shelley. – Mamãe fez três tortas para você. Demos a de maçã, mas você pode ficar com a de chocolate e a de cereja. Trouxemos seu gel de banho favorito e hã... eu lhe trouxe um urso de pelúcia – acrescentou, segurando um ursinho colecionável, vestido com babados e segurando uma sombrinha.

Amelia sentiu o coração apertado no peito e envolveu a irmã mais nova em um abraço.

– Oh, ela é linda. Não precisava ter se dado ao trabalho. Você é tão querida!

– Estávamos mesmo muito preocupadas com você – prosseguiu Gwennie, afastando uma mecha do cabelo loiro e liso, que lhe chegavam à altura dos ombros, para trás da orelha com certo nervosismo. – Queria conversar com você, mas todas as vezes que ligou lá para casa coincidia de eu não estar.

Amelia observou a irmã mais nova morder o lábio inferior e soube que havia algo de anormal.

– Querida, está parecendo nervosa. O que há de errado?

Gwennie soluçou e cobriu o rosto com as mãos.

– Eu sinto muito. Sei que o momento não poderia ser menos propício – disse ela, deixando escapar outro soluço.

Enquanto envolvia a irmã em um abraço, alarmes soaram na mente de Amelia.

– O que está acontecendo?

– Vou me casar – guinchou Gwennie.

Amelia ficou confusa.

– Com Robert? – Gwennie assentiu. – Você o ama? Quer se casar com ele?

– Sim – respondeu a irmã mais nova com a voz embargada.

– Então, deveria estar feliz. Por que está chorando, querida?

– Porque você deveria estar se casando com Will.

– Oh! – disse Amelia, só então entendendo a tristeza da irmã. Era óbvio que Gwennie se sentia culpada por estar se casando em vez dela. – Ouça, Will e eu não podíamos casar. Eu não quero me casar – afirmou ela, descobrindo, para seu alívio, que estava dizendo a verdade.

Gwennie a fitou, surpresa.

– Não?

– Teria de ser maluca para querer casar com um homem que *não* deseja se unir a mim.

– Mas e se ele quisesse se casar com você?

– Ele não quer – afirmou Amelia, prendendo o urso debaixo do braço para segurar uma das tortas e fechar a porta do carro com um empurrão do quadril. – Portanto, é inútil discutir e até mesmo pensar sobre o assunto. Em parte, essa é a razão por que estou adiando voltar para casa.

Carregando o gel de banho e a outra torta, Gwennie caminhou ao lado dela na direção do apartamento.

– Por quê?

– Porque já é difícil o bastante ter de superar o término do meu relacionamento com Will sem ter de ajudá-los a fazer o mesmo.

Gwennie a fitou.

– Bem, é uma maneira diferente de ver a questão – retrucou, no momento em que Amelia fechou a mão sobre a maçaneta. – Há algo mais que quero lhe dizer – acrescentou a irmã, sem disfarçar o nervosismo na voz.

Amelia girou na direção dela.

– O que é?

– O casamento é no mês que vem.

– Uau! – Aquilo fez Amelia estacar. – Está grávida?

– Não. Apenas não quis lhe contar que ia me casar, quando você estava arrasada por causa de Will.

Amelia assentiu.

– Está bem. Posso entender. Mas gostaria de saber a data para anotá-la em minha agenda, se não se importar.

– Claro – concordou Gwennie com um sorriso. – Estava até mesmo esperando que aceitasse ser minha madrinha. Foi você quem me estimulou a concluir a faculdade, antes de me casar.

– Que amável de sua parte – disse Amelia, emocionada por ter exercido uma influência positiva sobre a irmã mais nova.

O sorriso de Gwennie secou.

– Uma última notícia.

– Qual seria? – perguntou Amelia, desconfiada.

– Robert insiste em convidarmos Will para o casamento. Os dois são grandes amigos e...

Amelia meneou a cabeça.

– Não há problema algum. Vocês devem ficar à vontade para convidar quem quiserem para o casamento.

– Tem certeza? – perguntou Gwennie, insegura.

– Claro. E também tenho certeza de que preciso colocar em ação os planos para o chá de panela e a despedida de solteira.

– Não quero nada muito ousado – disse Gwennie.

– Claro que não – concordou Amelia, embora, à luz das recentes experiências, se sentisse compelida a garantir que a irmã mais nova guardasse ao menos algumas lembranças picantes das comemorações. Mas

aquele era um assunto para depois. No momento, tinha de se focar em resgatar Jack das garras da mãe.

Amelia se encaminhou direto para a cozinha e encontrou os dois sentados à mesa, parecendo muito à vontade. Quando Jack olhou para ela, sorriu.

– Eu contei a Amelia – anunciou Gwennie.

– E como ela reagiu? – perguntou a mãe.

– Da melhor forma possível. Acho que deveríamos ter lhe contado antes.

Shelley deixou escapar um suspiro de alívio.

– Graças a Deus!

– As tortas foram uma evidência reveladora – disse Amelia. – Sempre assim quando está preocupada.

Shelley não conseguiu conter um sorriso.

– Você faz o mesmo. Quantas vezes quando você e Will terminaram?

– Muitas – respondeu Amelia, arriscando outro olhar a Jack. – Mas isso pertence ao passado. Preciso procurar um vestido para o casamento?

– Já o encomendamos – informou a mãe.

– Parece-me que será o casamento do ano na cidade onde moram – disse Jack. – Mal posso esperar para ver.

Amelia o fitou. Ele ostentava uma expressão divertida e levemente arrogante.

– O que disse?

– Sua mãe me convidou. Se não me engano, esse será o primeiro casamento sulista a que assistirei.

– Então, não sabe o que está perdendo – retrucou Shelley, alternando o olhar entre ele e Amelia. Estaria a mãe bancando a alcoviteira? Que Deus a ajudasse. – Mamãe, acho que Jack não está interessado em comparecer ao casamento de pessoas que ele não conhece.

– Mas eu as conheci, Me-Me – respondeu ele, lançando mão do apelido que apenas os membros da família usavam. – Através de todas as histórias familiares que me contou. Lembra-se quando lhe dei uma carona até os correios para que pudesse enviar uma encomenda para o seu sobrinho, Ricky, de três anos? Eram livros que estava mandando de presente.

– É com o que ela sempre os presenteia – comentou a mãe. – Amelia sabe escolhê-los muito bem.

– Sei também que seu pai tem gota e joga golfe. O maior desejo dele é assistir ao Master's Golf Tournament em Augusta, certo?

A mãe assentiu.

– Um sonho a se tornar realidade.

– Também comentou várias vezes o quanto se orgulhava de Gwennie ter concluído a faculdade, antes de se casar. Você a fez acreditar que era possível.

– É verdade e, se Will não tivesse desfeito o noivado de vocês, então... – A irmã mais nova se calou e mordeu o lábio inferior.

– Então eu não a teria conhecido e seria uma pena – completou Jack.

– Oh! – exclamou Gwennie com voz suave.

Amelia voltou um olhar furioso a Jack, percebendo-lhe a intenção. Ele estava seduzindo Shelley e Gwennie.

– Você tem uma excelente memória – disse ela, em um tom que acabou soando acusatório.

– Ora, você me impressionou desde o primeiro instante em que a vi.

Claro! Porque me encorajou a desembuchar tudo que sabia sobre a Bellagio. E, se não bastasse, eu o beijei como se não houvesse amanhã.

Jack se ergueu.

– Acho que está na hora de eu ir embora para deixá-la à vontade com sua mãe e irmã. Prazer em conhecê-las.

– O prazer foi todo nosso – disse Shelley, erguendo-se para abraçá-lo.

Gwennie murmurou uma concordância.

– Não vejo a hora de reencontrá-las no casamento, se não antes. – E, escorregando a mão pelo comprimento do braço de Amelia, disse: – Telefone-me mais tarde, querida.

Querida. Aquela situação estava fugindo ao controle, pensou Amelia.

– Deixe-me acompanhá-lo até a porta.

Amelia saiu com ele e fechou a porta.

– Perdeu a cabeça? *Querida?* Não tem noção do que significa a palavra pressão até ver minha mãe tentando casar as filhas.

– Oh, ela é uma senhora adorável. Acho que está exagerando.

– Não tem ideia de onde está se metendo. E no que já me meteu – retrucou Amelia. – A partir de agora, todas as vezes que eu falar com minha mãe terei de suportar um interrogatório sobre como nosso relacionamento está progredindo. Ela é uma mulher à moda antiga e só acreditará que cumpriu sua missão quando me vir casada. – Amelia deixou escapar um suspiro. – Por que fez isso?

– Não fiz nada. Ela me convidou. Deveria ter recusado?

– Sim – respondeu Amelia, sem titubear.

– Você também não ajudou em nada – disse ele.

Amelia o fitou, parecendo perdida.

– Que diabos está dizendo?

– Tive de suborná-la para que passasse mais do que 5 minutos comigo, desde que voltou para Atlanta.

– Porque você me iludiu. Assim como está iludindo minha mãe e Gwennie com toda essa bajulação e falso interesse.

– Não estou fingindo interesse. As pessoas de sua família me parecem muito agradáveis.

– E são, mas você não está de fato interessado nelas. Da mesma forma que não tinha interesse verdadeiro em mim, na Flórida. E não estou reclamando. Aceitei isso, sem problemas.

– Está enganada – argumentou Jack com expressão irônica. – Está errada em pensar que não estava interessado em você e que não me interesse por sua família. E em aceitar minha suposta falta de interesse em você. Quantas tortas assou depois que eu parti?

– Apenas três – confessou ela.

– Vou com você ao casamento – disse ele em um tom paciente. – Will também irá. Minha presença servirá para acalmá-la.

Amelia entreabriu os lábios, mas nada disse porque o que ele dizia era verdade. Detestava a ideia de ter de amargar a piedade dos presentes pelo fato de Will tê-la dispensado.

– Foi por isso que aceitou o convite de minha mãe? Para tornar esse momento mais fácil para mim?

– Se eu dissesse que sim, estaria sugerindo que não sou um bastardo egoísta que só tem um objetivo: tê-la em minha cama.

– Certo. Portanto, seria uma tolice sequer considerar essa possibilidade – disse ela, embora não estivesse muito segura.

Jack baixou a cabeça e lhe capturou os lábios.

– Ainda está com gosto de xarope de bordo na boca. Isso me faz imaginar qual seria o sabor de outras partes de seu corpo cobertas com esse xarope.

Amelia sentiu uma descarga de adrenalina diante da sugestão erótica.

– Seria pegajoso.

– Sim, e talvez levasse muito tempo para remover todo o xarope com a língua – retrucou ele, com um sorriso malicioso. – Mas estou disposto a fazê-lo. E você?

Amelia sentiu as bochechas do rosto queimarem e o empurrou.

– Tenho de voltar lá para dentro. Obrigada pelo café da manhã.

– De nada. Ligue para mim mais tarde.

– Tenha um bom dia – respondeu ela, determinada a não se comprometer. Em seguida, retornou à cozinha, onde a mãe e Gwennie se encontravam sentadas.

– Ele é um gato – disse a irmã mais nova.

A mãe concordou com um gesto de cabeça.

– E muito agradável para um ianque.

Por mais que estivesse empanzinada com a quantidade de comida que consumira no café da manhã, Amelia decidiu que aquele era o momento perfeito para cair de boca nas tortas da mãe.

CAPÍTULO 19

– NÃO TENHO muito tempo – disse Marc, enquanto o garçom servia os hambúrgueres do almoço. – Já lhe disse que não acho a linha de calçados populares uma boa ideia para a Bellagio. Por que tanta insistência?

– Obrigado. – Jack agradeceu ao garçom, antes de desviar o olhar a Marc.
– Porque poderia ser bom para a Bellagio. Analisou os números?

– Pensou no efeito adverso que causaria na linha de alta-costura? – retrucou Marc.

Jack engoliu o primeiro pedaço do hambúrguer.

– Está ótimo. No ponto.

– Não é dos melhores, mas está bom – concordou Marc. – Mas... – O telefone celular tocou e ele atendeu. – Olá, querida, estou em um almoço de negócios. O que posso fazer por você? – Marc se calou com um sorriso. – Obrigado. É o melhor telefonema que recebi hoje. Também a amo. Passarei aí para vê-la depois do almoço. Está bem? – Ele fechou o telefone e olhou para Jack, o sorriso secando de imediato. – Quanto à sua ideia... – começou.

– Não pode ignorar o impulso financeiro que uma fatia maior de mercado daria à Bellagio. Pode dar outro nome a essa linha, colocá-la sob outra categoria. Diabos, dê um nome diferente. Não precisa nem mesmo imprimir a marca Bellagio. Basta confeccionar calçados com qualidade média e um design moderno e alavancará a empresa a outro patamar.

Marc franziu o cenho.

– Alfredo nunca concordará. O velho faz questão de oferecer a mais alta qualidade.

– A Bellagio continuará a oferecer alta qualidade. Apenas simplificariamos os designs. Até mesmo Jenny concorda comigo.

– Não envolva Jenny nisso. – Marc o preveniu.

– Por que não? – questionou Jack. – Ela é funcionária da Bellagio. Inteligente e criativa. Por que não levar em conta as opiniões dela?

– Jenny é minha esposa – retrucou Marc. – Não se atreva. Alfredo nunca concordará com essa ideia. – O telefone celular tocou outra vez. – Com licença – resmungou ele. – Marc Waterson. – Deixou escapar um suspiro. – Outra vez? Essa não! Diga ao pessoal dele que temos um contrato e que ele concordou em fazer aparições públicas. Nós o processaremos se não honrar sua parte no acordo. Converso com você mais tarde. – Marc pousou o telefone celular na mesa. – Era minha assistente. Uma das celebridades esportivas que fará a propaganda está nos criando problemas.

– Já concluiu todos os comerciais?

– Não. Por quê? – Marc deu uma dentada no hambúrguer.

– Os profissionais do esporte nem sempre são confiáveis.

– Não me diga!

– Sairia mais caro, mas talvez fosse melhor apresentar mais do que um desportista. Nesse caso, se um deles não honrasse o compromisso, restaria o outro.

– Pensarei nisso – disse Marc a contragosto, no instante em que o telefone celular tocou pela terceira vez. – Não consigo nem mesmo comer meu hambúrguer em paz – disse, abrindo o telefone. – Marc Waterson – atendeu, comprimindo os lábios em seguida. – Está bem. – Fechou o telefone. – Alfredo terá de fazer uma cirurgia de by-pass cardíaco. Estão pedindo doação de sangue, porque o tipo sanguíneo dele é raro.

– E qual é? – Jack quis saber.

Marc o fitou.

– Não fará nenhuma diferença saber. Não é um Bellagio. Não pode ajudar.

– Apenas para satisfazer minha curiosidade.

– AB negativo.

Jack anuiu, mas nada disse.

– Não é seu tipo sanguíneo – disse Marc. – Certo?

– Por uma estranha coincidência, sim – respondeu Jack, embora tivesse uma explicação bastante plausível para o fato. – Irei para o hospital assim que acabar de comer.

– Sei... – retrucou Marc. – Não confio em você.

– É um paranoico – devolveu Jack. – O que não é uma qualidade tão ruim no cargo que ocupa. Mas não deixe que isso o impeça de tomar a melhor

decisão para a empresa.

- Quem diabos é você para dar conselhos? – questionou Marc.
- Sou um membro do conselho administrativo – respondeu Jack em tom sereno. – E sua empresa me deve dinheiro.

APÓS o dia longo e difícil, Jack fechou as cortinas e se sentou na penumbra da sala de televisão, segurando uma cerveja em uma das mãos. Então começou a mudar os canais da TV de tela plana, à procura de um jogo de qualquer time, exceto os de Atlanta.

Naquele momento o telefone celular tocou e ele se surpreendeu ao ver o número de Amelia estampado no identificador de chamadas.

- Deixou sua espátula de virar panquecas aqui. Não quer vir buscar?
- Agora? Sua mãe e Gwennie não estão aí?
- Não. Voltaram para casa quando perceberam que eu não estava morrendo por ter sido abandonada. Estão muito atarefadas com os últimos preparativos para o casamento. O momento não é propício?
- O que tem em mente? – perguntou Jack. – Deixar a espátula dentro de uma sacola na varanda ou usá-la para me acertar a cabeça? Tenho de preveni-la que não estou disposto a sofrer agressões hoje.
- Teve um dia difícil? – perguntou ela, após alguns instantes de silêncio.
- Eu diria que sim.
- Quer vir para cá? – Amelia soava quase penalizada.
- Sim.
- Traga sua cerveja, porque não tenho nenhuma. Tudo que posso lhe oferecer é um vinho de mulherzinha.
- Está bem – disse ele, rindo da descrição de Amelia.
- Mas tenho duas tortas caseiras e posso dividi-las com você.
- Ah, então está me convidando para ajudá-la a se livrar das tortas? – perguntou Jack.
- Algo assim.
- Se eu me exceder nas tortas, acabarei me tornando obeso.
- Acho que não corre esse risco. Não com o corpo que tem – resmungou ela.
- O que quer dizer com isso?
- Não é preciso que eu lhe diga que tem um corpo escultural.

– Uma coisa é precisar, outra é querer, mas, às vezes, a linha entre os dois é muito tênue. Estou indo para aí, Me-Me.

AMELIA PEGOU a espátula de virar panquecas preferida de Jack e golpeou o ar. Talvez tivesse sido melhor deixá-la em uma sacola no escritório dele. A mãe diria que a educação mandava entregá-la junto com uma torta, em agradecimento ao café da manhã que ele lhe preparara.

A chefe do RH dissera-lhe algo naquela manhã que a deixara incomodada. Ela golpeou mais uma vez o ar com a espátula e franziu o cenho. Tinha algumas perguntas a fazer a Jack e queria observá-lo quando o questionasse. Podia ser difícil interpretar um tubarão.

Amelia se serviu de uma taça de vinho rosé e se sentou na sala de televisão, tentando se concentrar em revisar a aula de treinamento que estava planejando para o pessoal de apoio. Impaciente e incapaz de se focar no que fazia, lançava olhares constantes ao relógio. Quando, por fim, a campainha tocou, Amelia estava a ponto de explodir.

Em vez disso, se forçou a caminhar com passos controlados até a porta e abri-la. Jack se encontrava parado do lado de fora, com uma embalagem contendo seis cervejas, o cabelo revolto e os olhos mais perigosos do que de costume. Estava estonteante, trajando um jeans e uma camiseta preta que lhe enfatizava os músculos.

O coração de Amelia disparou.

– Olá.

– Oi. Trouxe as cervejas. Mostre-me a torta.

Amelia girou e se encaminhou à cozinha.

– Pensando bem, não sei se torta combina com cerveja.

– Tudo combina com cerveja – retrucou ele.

Amelia torceu os lábios.

– Uma frase masculina típica.

– O que uma mulher diria, Me-Me?

Ela experimentou uma pontada de irritação, enquanto retirava dois pratos do armário.

– Apenas meus familiares me chamam de Me-Me.

– Will a chamava assim?

Amelia parou para pensar.

– Não. Nunca.

– Eu poderia chamá-la de vários nomes. Amelia. Magnólia. Que tal Jezebel?

As bochechas do rosto de Amelia pareciam estar pegando fogo.

– Jezebel encontrou a morte na boca de um tubarão. Qual prefere? A de gotas de chocolate ou a de cereja?

– As duas.

– Que apetite! – murmurou ela, cortando e servindo duas fatias.

– Estou apenas tentando me igualar a Jezebel – disse ele.

– Se fosse um cavalheiro...

– O que já deixei claro que não sou – interrompeu Jack.

– Se fingisse ser um cavalheiro, esqueceria Jezebel.

– Nem em sonho – retrucou ele, afundando o garfo na torta de cereja. – Mas gosto da ideia de aumentar a sua lista de nomes. Então, como gostaria de ser chamada?

Amelia o fitou nos olhos.

– “Vossa alteza” seria uma mudança bem-vinda.

Jack soltou uma risada e ela sentiu a tensão entre ambos diminuir.

– Vossa alteza não respondeu à minha primeira pergunta. Se um homem diz que cerveja combina com tudo, o que diria uma mulher?

– Essa é fácil. Chocolate combina com tudo.

– Eu me lembrarei disso.

Amelia assentiu e se serviu de um pequeno pedaço da torta de chocolate.

– Podemos comer na sala de televisão. Há algo que quero lhe perguntar.

– Está bem. – Jack pousou a embalagem com as cervejas na bancada, abriu uma e a seguiu na direção da sala de televisão, onde se acomodou ao lado dela, no sofá. – O que é?

A intensidade no tom de Jack a deixou nervosa. Amelia pousou o prato com a torta na mesa de canto.

– Estava imaginando se você teve alguma influência na criação do cargo que estou exercendo.

Jack tomou um grande gole da cerveja.

– O que quer dizer com isso?

– Usou sua influência para que eu conseguisse o emprego que tenho agora?

Jack moveu a cabeça em um gesto que não era positivo nem negativo.

– Primeiro, está presumindo uma influência que não possuo. Todos sabem que Marc Waterson não confia em mim e suspeita de cada palavra

que profiro.

– Está sendo evasivo. Pode afirmar que não teve nenhuma influência na criação do meu cargo e na oferta que me fizeram?

Com um suspiro profundo, ele se recostou para trás e tomou outro grande gole da cerveja.

– Posso ter mencionado a ideia para a gerente de Recursos Humanos de uma forma que a induziu a pensar que a ideia foi dela. E algumas pessoas devem ter indicado você, quando ela perguntou quem teria o perfil ideal para esse tipo de cargo. Tanto é que essas pessoas não fizeram segredo do apoio que lhe deram.

Amelia não sabia se o esbofeteava ou...

– Você planejou tudo.

– Isso é um exagero descabido.

– Eles não teriam me oferecido o cargo, se você não tivesse mexido seus pauzinhos – disse ela.

– Mexido meus pauzinhos – repetiu ele com um sorriso. – Há muito que não ouço essa expressão, Magnólia. Se eles fossem espertos, teriam criado esse cargo e o oferecido a você há muito tempo. As pessoas que a têm em suas equipes brigam entre si para mantê-la. Não é bom negócio perder um colaborador dessa estirpe. – Jack pousou a cerveja e escorregou no sofá, aproximando-se e lhe segurando a mão. – Todos a queriam. Precisavam apenas descobrir qual seria o melhor cargo para você. Se não fosse tão eficiente no que faz, não teria acontecido.

– Tem certeza?

– Claro que sim.

– E *eu* tenho certeza de que não diria que tornou possível a criação desse cargo em consideração a mim – disse Amelia. – Mas que estava tomando essa iniciativa pelo bem da empresa e para proteger seu investimento.

– Certo.

– E que não havia motivação pessoal – acrescentou ela.

– Nenhuma, exceto que a queria em Atlanta.

– Acha mesmo que eu voltaria a fazer sexo com você?

Jack desviou o olhar, deixando escapar uma risada destituída de humor.

– Queria apenas voltar a vê-la, Magnólia. Senti sua falta – respondeu ele, fitando-a outra vez nos olhos e fazendo seu coração saltar uma batida.

– Então, por que não me visitou em Keys?

– Lá, eu era seu caso passageiro. Queria que nos encontrássemos em um lugar diferente.

A expressão no belo rosto de Jack a deixou apavorada.

– Não está dizendo que queria ter um relacionamento sério comigo, certo?

– E se quisesse? – perguntou ele, estudando-lhe a fisionomia.

O pânico a invadiu.

– Não estou preparada para nada sério e permanente. Estou melhor do que antes, mas não estou pronta para...

– Calma, Magnólia. Eu trouxe uma embalagem com seis cervejas, e não um anel de diamantes.

Inspirando superficialmente por não ter forças para levar ar aos pulmões, Amelia assentiu.

– Ótimo, porque li alguns artigos sobre término de relacionamentos e um deles sugeria que devemos esperar uma semana para cada mês que estivemos envolvidos na relação que terminou. Se eu seguir esse conselho à risca, estarei na idade de me aposentar quando puder me envolver outra vez. Acho que não esperarei tanto tempo, mas...

Ele pressionou-lhe os lábios macios com a ponta dos dedos.

– Quero apenas desfrutar de sua companhia. Está bem para você?

Um nó de emoção se formou na garganta de Amelia, mas ela decidiu analisar aquela sensação mais tarde. Não conseguia se lembrar de uma época em que se sentira tão segura e livre ao mesmo tempo.

– Sim – sussurrou ela.

– Ótimo – retrucou Jack, gesticulando com a cabeça na direção da taça cheia até a metade que descansava sobre a mesa de canto. – Precisa de mais vinho de mulherzinha?

Amelia sorriu.

– Sim, obrigada. Está na parte inferior do refrigerador.

Ela o observou pegar o vinho, admirando a graciosidade masculina com que aquele corpo exuberante se movia. Jack retornou com a bebida rosada e ela notou um curativo no braço musculoso.

– O que foi isso? – perguntou.

– Oh, doeí sangue hoje. A cirurgia de Alfredo Bellagio está marcada para amanhã. Ele tem um tipo sanguíneo raro, que, por acaso, é o mesmo que o meu.

– É mesmo?

– Sim. Ao que parece, os médicos acham que os stents não estão dando uma resposta positiva, portanto resolveram fazer a cirurgia de by-pass. Pobre homem.

– E você tem o mesmo tipo sanguíneo que ele?

– Sim. Precisava ver a reação de Marc quando mencionei essa coincidência, enquanto almoçávamos. Ele me olhou como se eu fizesse parte de uma trama conspiratória. – Jack ergueu as duas mãos. – Não fui eu quem escolheu meu tipo sanguíneo.

Amelia riu e tomou um grande gole do vinho.

– Acho que não.

Jack a puxou para perto.

– O que está fazendo? – perguntou ela, sentindo-se zozza outra vez.

– Preciso deixar claro que não farei sexo com você esta noite.

Ela piscou várias vezes, confusa.

– Não?

– Não. Portanto, não suplique para que a seduza. Não farei sexo com você.

Amelia não conseguiu conter o sorriso.

– Está bem.

– Mas vou beijá-la – disse ele, inclinando a cabeça para baixo.

O coração dela disparou.

– Vai?

– Aham. – Ele pressionou a boca de encontro à dela, prendendo-lhe o lábio inferior entre os lábios. – Vou beijá-la até que anseie para que eu lhe arranque as roupas e faça amor com você.

E assim o fez.

No DIA seguinte, Amelia atendeu uma chamada no telefone celular, embora não reconhecesse o número no identificador de chamadas.

– Amelia Parker.

– Aqui quem fala é Anna Jones, também conhecida como Brooke Tarantino, sua cúmplice no crime. Estou na cidade. Sua ideia de fazer uma viagem com Lillian deu certo. Fomos para a Califórnia. Ela visitou o filho e eu fiz compras. Encontrei com Ian três vezes. Em Omaha, Detroit e Boston. Almoce comigo hoje – ordenou Brooke.

Amelia não conseguiu conter um sorriso. Brooke estava em seu estilo natural naquele dia.

– Já são 12h30. Quando quer se encontrar comigo?

– Oh, por volta das 14h. Ou 15h. Poderíamos emendar com alguns drinques – respondeu Brooke com uma risada abafada. – Tenho algumas histórias para lhe contar.

Amelia fez que não com a cabeça.

– Tenho certeza que sim, mas há um pequeno detalhe. Estou trabalhando hoje.

Brooke deixou escapar um suspiro do outro lado da linha.

– Que chato! Então, vamos jantar juntas, mas tem de ser cedo. No segundo que sair do trabalho. Às 16h?

– Às 17h – corrigiu Amelia. – Será um prazer encontrá-la, mas por que tanta urgência?

– Na verdade, estou livre da prisão de Lillian faz algumas semanas, e o acordo era para que eu arranjasse um emprego ou me engajassem em um trabalho voluntário. Imaginei que pudesse me ajudar a descobrir qual.

– Está bem – concordou Amelia com voz arrastada, desejando que Brooke tivesse demonstrado um mínimo de interesse em encontrar algo por si mesma. – Deixe-me pensar no assunto e dar uns telefonemas.

– Obrigada – agradeceu Brooke. – Acha que pode me dizer o que encontrou na hora do jantar? Meu pai está começando a me pressionar.

– Farei o possível.

– Ótimo – retrucou Brooke. – O jantar é por minha conta. Eu telefonarei para você quando decidir aonde vamos. *Ciao*.

Amelia desligou o telefone e clicou em um site de entidades beneficentes locais. Lembrou-se da própria experiência no centro comunitário. Em sua opinião, Brooke poderia se beneficiar muito, passando um tempo com pessoas que não tiveram sequer um milésimo das oportunidades de que ela desfrutara enquanto crescia.

Amelia ouviu uma batida na porta.

– Sim?

Jack introduziu a cabeça pela abertura.

– Olá – disse ele, entrando no escritório e fechando a porta. – Não se preocupe. Sua reputação ainda está intacta. Ninguém me viu entrar.

O coração de Amelia disparou dentro do peito.

– Não pediu permissão para entrar – disse ela, embora exultasse de alegria em vê-lo.

– Deu-me permissão depois que bati. Disse “sim”. Estive pensando no assunto e cheguei à conclusão de que deveria tirar um dia de folga quando diz “sim”, em vez de “não”. E desfrutá-lo em minha companhia.

Amelia soltou uma risada.

– Você e seus pensamentos! Acho que está com tempo ocioso de sobra.

– Pode me ajudar nesse sentido – disse ele, inclinando-se sobre a mesa e permitindo que o olhar se detivesse naqueles lábios macios por tanto tempo que ela os sentiu queimar com a sensação de estar sendo beijada. – Pense em mim como um delinquente. Faça sua contribuição para a sociedade e tire-me das ruas esta noite.

– Muito tentador, mas já tenho compromisso – disse ela. – Brooke Tarantino me ligou. Escapou da prisão, está precisando de um emprego ou um trabalho voluntário e quer que eu a ajude.

Jack deixou escapar um assobio baixo.

– Ora, por que não faz algo mais fácil? Como escalar o Monte Everest, por exemplo?

– Obrigada pela força – disse ela em tom seco.

– Acha mesmo que Brooke é capaz de trabalhar? – perguntou Jack. – Quero dizer, ter emprego de verdade?

Amelia fez uma careta.

– Acho que sim, mas não consegue se motivar a se adaptar ao cronograma de ninguém, a não ser ao próprio. Ou ao de Ian “Cobra”.

– Eles ainda estão se vendo?

– Ao que parece, sim. Ela o encontrou algumas vezes, durante a viagem. Brooke parecia eufórica.

– Ela revelou sua verdadeira identidade a Ian?

– Tenho a impressão de que evitou lhe contar.

– Ian não gostará quando descobrir. Ele gosta de se cercar de pessoas que considera sinceras.

– Ele não gosta de ser enganado – acrescentou Amelia, identificando-se com o cantor. De vez em quando, ainda se ressentia do fato de Jack não ter lhe contado a verdade sobre ele ou suas intenções.

– Você sempre soube meu nome. – Jack se defendeu, em uma demonstração clara de que lhe havia lido a mente.

Amelia afastou aqueles pensamentos.

– Posso encorajá-la a lhe dizer a verdade, mas, no final, Brooke fará o que tiver vontade. – Ela relanceou o olhar à tela do computador e clicou no botão “imprimir”. – Encontrei um formulário sobre áreas de interesse em voluntariado que posso levar para ela. Também vou anotar o nome e o endereço de e-mail de alguns contatos.

– Apagando incêndios outra vez.

Amelia ergueu o olhar para fitá-lo.

– O que quer dizer?

– Alguém lhe apresenta um problema e você se sente compelida a solucioná-lo. Fez o mesmo em Keys. Sempre foi assim?

Amelia fez uma pausa para pensar por alguns instantes.

– Quase sempre – disse por fim. – Quando Gwennie deixou sua boneca favorita na chuva, eu lhe dei a minha. Um dia, minha irmã mais velha montou uma barraquinha para vender limonada e eu sugeri que ela distribuísse pequenas porções grátis de pipoca. Sempre que tínhamos febre, minha mãe nos dava pipoca salgada para que ficássemos com sede e bebêssemos muito líquido.

– Então, herdou os genes resolutivos de Shelley?

Amelia sorriu.

– Talvez. E de que tipo são seus genes?

– Briguentos. Sobreviventes. Bastardos – respondeu ele, com mais aspereza na voz do que de costume, enquanto enfiava as mãos nos bolsos da calça. – Pode me chamar se precisar de resgate de emergência para escapar do país das maravilhas em que vive aquela herdeira.

– Ela pagará o jantar, portanto ficarei bem.

– Reserve a noite de amanhã para mim – disse Jack.

– Eu não deveria estar me encontrando com você.

– Eu sei. O que torna tudo ainda mais divertido, certo? – perguntou ele, antes de fazer continência com dois dedos e partir.

Fechando os olhos, Amelia inspirou fundo e captou a fragrância remanescente da colônia pós-barba de Jack. Recordou como a beijara até quase lhe roubar os sentidos na noite anterior. Se ele fosse um pouco mais insensível ou possessivo... Se ao menos a estivesse pressionando para levar o relacionamento a sério ou determinado a não se comprometer, talvez ela conseguisse reunir forças para se afastar.

Mas reconhecia traços de vulnerabilidade em Jack, assim como um bom coração, embora ele negasse aquela generosidade até a morte. Ele a

desejava, mas jamais a pressionava... Ao menos na maior parte do tempo. Tinha quase certeza de que Jack não recusaria se o convidasse para dormir em sua casa, apesar de saber que fariam tudo, menos dormir. O que não seria nada mau, pensou Amelia, recordando a sensação daqueles lábios firmes contra os dela, o que sentira com os beijos ardentes em seus seios e mais abaixo... Lembrou-se das palavras ousadas que Jack lhe sussurrara ao ouvido, enquanto a penetrava, na Flórida. A forma como a elogiara, fazendo-a se sentir sexy.

E a excitação patética que estava experimentando naquele momento.

Inspirando profundamente, ela ergueu uma pasta para se abanar.

– Louca – resmungou para si mesma. – Totalmente louca. – Amelia se forçou a se focar na tela do computador, mas, para sua decepção, encontrar opções de voluntariado para Brooke não era nem de longe tão interessante quanto pensar em Jack.

BROOKE DECIDIU fazer uso do chofer. Portanto, buscara Amelia no trabalho e as duas haviam sido levadas a um restaurante sofisticado que era a tendência do momento entre as socialites.

– Está vendo? Optei por usar preto para não chamar atenção – disse a herdeira, afastando o cabelo longo para trás dos ombros. Os brincos de diamante faiscavam como duas bolas de discoteca.

A bainha do vestido preto colado ao corpo que ela usava lhe chegava bem acima dos joelhos, e as sandálias de salto alto eram tipo plataforma. O decote generoso revelava quase todo o colo.

– Tenho certeza de que esse vestido já causou um pandemônio.

– Acha mesmo? – perguntou Brooke, sem disfarçar a satisfação. – Ainda não usei nada desse tipo com Ian.

– Por falar nele – começou Amelia. – Já lhe disse seu verdadeiro nome?

Brooke tomou um gole do drinque.

– Não tive oportunidade.

– É melhor encontrar uma forma de lhe contar. Quanto mais esperar, pior será.

Brooke suspirou.

– Eu sei, mas é tão bom não ter de sustentar a imagem de Brooke. Encontrou algum tipo de trabalho voluntário para mim?

– Trouxe um formulário sobre disponibilidade para voluntariado e nomes de alguns contatos. – Amelia lhe entregou algumas folhas dobradas que imprimira.

– Preciso experimentar? – resmungou Brooke, observando os papéis. – Não pode simplesmente me dizer como é?

– Acho que é você quem tem de fazer essa escolha – retrucou Amelia. – Se escolher realizar o trabalho voluntário por vontade própria, o achará bem mais gratificante.

– Humm – disse Brooke, inclinando a cabeça para o lado enquanto analisava os papéis. Após alguns instantes, relanceou o olhar a Amelia. – O que está acontecendo com você? Está namorando outra vez?

– Mais ou menos – respondeu Amelia. – Estou me adaptando ao novo apartamento e à função que estou exercendo agora.

– Gosta do que está fazendo? E quanto ao seu “ex”? Teve notícias dele ou o viu?

Amelia fez que não com a cabeça.

– Ele mora longe, mas é provável que o encontre no casamento da minha irmã.

– Sua irmã vai se casar? Que idade ela tem?

– Vinte e dois anos.

Brooke fez uma careta.

– Que desperdício! Tão nova.

Amelia não conseguiu conter uma risada.

– Em minha família, o casamento tem grande importância.

– Mas para você não – retrucou Brooke. – Graças a Deus! Precisa se divertir um pouco mais, antes de se comprometer sério com alguém outra vez.

– E você?

– Encontrei minha alma gêmea. Não preciso de uma certidão de casamento para me sentir comprometida com Ian.

– Apesar de ele não saber quem você é?

Brooke franziu o cenho.

– Em um encontro de almas, os nomes perdem a importância. Além disso, Ian é divino na cama. Maravilhoso. Acredite em mim, ele não é chamado de “Cobra” à toa.

– Dispensar os detalhes.

Brooke soltou uma risada baixa.

– Está bem, e quanto a Jack? O amigo mais gato de Ian? Tem tido notícias dele?

Amelia não queria conversar com Brooke sobre Jack. Ou com qualquer outra pessoa. Aquele relacionamento não estava definido, e tentar explicar o que havia entre os dois seria complicado.

– Eu lhe disse que era algo temporário.

– Sim. Ian me contou sobre ele. Jack teve uma criação complicada, mas se tornou um homem bem-sucedido e não tem fama de ser mesquinho com a própria fortuna, embora não goste de fazer propaganda de sua generosidade. Ian disse que ele é um cara legal.

– A definição masculina de um “cara legal” é bem diferente da feminina.

– É verdade – concordou Brooke, fixando o olhar nas informações sobre voluntariado que Amelia lhe entregara. – Sempre achei que o “Habitat para a Humanidade” fosse algo legal, mas deve ser um inferno para encontrar uma manicure lá.

Amelia se limitou a suspirar. Certas coisas, ao que parecia, nunca mudavam.

CAPÍTULO 20

NA TARDE do dia seguinte, Jack passou no escritório de Amelia outra vez.

– Como conseguiu entrar escondido aqui? – Amelia provocou.

Jack fez um movimento negativo com a cabeça ao mesmo tempo que escorregava uma das mãos pelo cabelo.

– Desculpe, isso nem me ocorreu. Só queria lhe dizer que não poderei ir à sua casa hoje à noite. Terei de voltar para Chicago.

Amelia sentiu um aperto no peito.

– Oh! – exclamou ela, dizendo a si mesma que não deveria estar surpresa ou se incomodar. Jack não passava de uma distração, capaz de preparar excelentes panquecas e beijá-la até derretê-la como um xarope de bordo.

– Cansado da Bellagio e de Atlanta? – *E de mim?* Ora, de onde viera aquele pensamento?

– Não. Trata-se do meu tio. Ao que parece ele se envolveu em um acidente. Não está bem e há algum problema com o seguro dele. O fato de Cindy ter me telefonado é sinal de que está muito preocupada.

– Oh, sinto muito – disse Amelia, perturbada. – Tem alguma notícia do estado dele?

– Meu tio está estável, mas sofreu uma concussão e algumas fraturas. Está inconsciente, o que não parece um bom presságio.

– Há algo que eu possa fazer?

– Não, já reservei uma passagem. Passarei no meu apartamento para pegar algumas roupas e de lá irei direto para o aeroporto.

– Quer uma carona até o aeroporto?

– Não, obrigado. – Jack se inclinou na direção dela, lhe segurou o queixo com dois dedos e roçou os lábios na testa de Amelia. – Voltarei assim que

resolver tudo. Enquanto isso, deixei o contato do hospital em que meu tio está internado com a assistente de Marc Waterson. Não sei se poderei manter o telefone celular ligado enquanto estiver lá, portanto deixei todos os números fixos que pude, caso precisem entrar em contato comigo.

– Está bem – disse ela, mordendo o lábio inferior. Em um gesto instintivo, Amelia lhe envolveu o pescoço com os braços. – Pode me telefonar para dar notícias do estado do seu tio e como você está?

Jack pareceu surpreso com o pedido.

– Sim.

Amelia o observou se afastar, sentindo um aperto incômodo no peito. Nunca o vira tão transtornado. Sabia que o tio representara uma luz no fim do túnel escuro que fora a infância de Jack. Se bem entendera, Thomas era o único parente vivo que ele possuía. Por outro lado, Amelia tinha parentes de sobra e tentou imaginar como se sentiria se a única pessoa de sua família estivesse correndo risco de morte.

Jack quase sempre lhe dera a impressão de estar satisfeito com o fato de não ter compromisso sério com ninguém, mas, se isso fosse verdade absoluta, então por que ele memorizara todas as informações sobre sua família? Amelia podia jurar que o estava entediando com as histórias familiares que lhe contara, mas talvez tivesse se enganado.

Ela tentou voltar a se concentrar no trabalho, mas a mente insistia em vagar. Gostaria que Jack tivesse aceitado a carona que lhe oferecera até o aeroporto.

Naquela noite, Amelia se dedicou a mudar os canais da televisão, enquanto arriscava olhares intermitentes ao telefone celular, até não conseguir mais permanecer sentada. E então cedeu à ânsia e assou duas tortas.

Amelia não dormiu bem e teve de lutar contra a desatenção durante todo o expediente. Não lhe parecia certo que Jack tivesse de lidar com aquela crise sozinho. Ao fim da tarde, não resistiu e verificou os voos para Chicago, certa de que qualquer passagem àquela hora custaria uma pequena fortuna. Porém, uma das companhias aéreas estava oferecendo uma taxa de fim de semana reduzida.

Ela se descobriu insana a ponto de considerar aquela possibilidade. Jack não a havia convidado. Não dera nenhum sinal de que a desejava por perto. Mas ele não pediria, mesmo que necessitasse de alguém ao seu lado. Era

um cara durão, acostumado a enfrentar tudo sozinho. Jamais lhe ocorreria pedir ajuda.

Aquela batalha interna a irritou, enquanto encarava o cursor piscante na tela do site da companhia aérea. Os dois sequer tinham um relacionamento verdadeiro. O que estava havendo com ela?

Todas as células racionais de Amelia lhe diziam para erguer uma prece aos céus por ele, pelo tio e esquecer o assunto. Mas algum instinto tresloucado a fez clicar no mouse.

APÓS FICAR acordado durante 39 horas seguidas, Jack tinha a sensação de haver areia em seus olhos. Consumira um pacote inteiro de gomas de mascar para disfarçar o sabor residual de café requentado na boca.

Durante todo o dia, alternara-se entre ficar à beira do leito de Tom estimulando-o a acordar, confortar Cindy e reclamar tanto com os representantes da empresa em que o tio acabara de ser admitido quanto os da última firma em que ele trabalhara. Eles se recusaram a cooperar de todas as formas possíveis até Jack se ver forçado a ameaçá-los com ações judiciais. O jogo começou a virar quando a ex-empresa cedeu e admitiu que restara na apólice de Tom uma cobertura de 15 dias. E o mais importante: o tio recobrou a consciência por duas vezes na última hora. Ainda se encontrava incapacitado de falar devido à intubação, mas se mostrara lúcido o suficiente para piscar em resposta aos comandos do médico.

Cindy se encontrava sentada à beira do leito de Tom, enquanto Jack caminhava pelo corredor na direção da sala de espera. Detestava o ambiente hospitalar. Perdera a conta de quantas vezes se sentara e esperara, acompanhado dos chamados “amigos” de sua mãe, na expectativa de ela sobreviver a mais uma overdose. A lembrança lhe deixou um gosto amargo na boca, e Jack se forçou a substituir aquele pensamento soturno por outro mais agradável. Como Amelia. Fechou os olhos e teve a nítida impressão de lhe sentir a fragrância.

– Aí está você. – Jack a ouviu dizer e abriu os olhos, certo de que estava escutando coisas. Mas lá estava Amelia, diante dele, com o cabelo em desalinho e os olhos azuis arregalados pela preocupação. Vestida com as roupas de trabalho, carregava uma grande sacola de viagem e uma caixa. Era quase como se a tivesse conjurado com o poder da mente ou de outra

parte de sua anatomia, que ele julgava inexistente. Era como se o sol irrompesse por trás de uma nuvem densa.

Jack piscou várias vezes, ainda imaginando se a visão de Amelia não era fruto de uma alucinação.

– O que está fazendo aqui?

– Como está seu tio?

– Está começando a apresentar sinais de melhora. Necessitará de uma semana para se recuperar e não está fora de perigo, mas parece estar recobrando a consciência. É uma boa notícia. – Jack fez um movimento negativo com a cabeça. – O que está fazendo aqui?

Amelia mordeu o lábio inferior.

– Sei que parecerá loucura, mas percebi que nunca havia feito uma viagem impulsiva para lugar algum, principalmente para Chicago, e decidi que seria um item importante em minha lista... – Ela se calou, permitindo que a bagagem escorregasse para o chão. – E fiz tortas.

Algo no íntimo de Jack se partiu. Uma sensação que só conseguiu entender mais tarde por nunca a ter experimentado antes. Observou-a morder o lábio inferior e lhe percebeu o nervosismo. Puxando-a contra o corpo, escorregou as mãos pelas ondas macias do cabelo de Amelia.

– Não salvou apenas meu dia, mas meu ano inteiro.

Ela o fitou por um instante que se prolongou o suficiente para levá-la a uma espécie de território de alta periculosidade, que a forçou a inspirar fundo.

– Não sabia que gostava tanto de tortas – disse ela por fim, com um sorriso a lhe curvar os lábios.

Jack deixou escapar uma risada de alívio e a beijou no rosto.

– Há quanto tempo chegou? Pode se hospedar em meu apartamento.

– Tem certeza? Ficarei apenas até a manhã de domingo. Terei de pegar qualquer voo disponível.

– Claro. É um sala e quarto, que transformei em escritório com um sofá-cama. Ficarei com...

– Eu ficarei no escritório – insistiu ela, antecipando-se ao que Jack diria.

– De forma alguma. Terei de ficar aqui um pouco mais. Posso lhe dar a chave e colocá-la em um táxi se quiser ir...

– Não. Vim para ficar aqui – interrompeu ela. – Com você.

– Jack? – chamou a mulher de Tom da soleira da porta, dirigindo um olhar curioso a Amelia.

– Cindy, essa é Amelia Parker. Ela mora em Atlanta e veio até aqui nos trazer uma torta.

Cindy franziu o cenho em uma expressão confusa.

– Uma torta de Atlanta?

Com o rosto rubro, Amelia mordeu o lábio inferior.

– Queria me certificar de que Jack e o tio estavam bem. Como está passando?

– É uma experiência difícil, que não gostaria de repetir, mas Jack tem sido precioso – respondeu Cindy, encontrando o olhar do sobrinho. – Obrigada, mais uma vez.

– Tom sempre foi importante para mim – disse ele.

– Sim, dá para notar – retrucou Cindy, com um traço de tristeza no olhar.

– Pode descansar um pouco, se quiser. Passarei a noite com ele.

– Tem certeza de que é uma boa ideia? – perguntou Jack. – Precisa descansar, também.

– Acho que ficarei melhor aqui. Minha mãe está com as crianças e a enfermeira prometeu improvisar uma cama para mim. – Lágrimas banharam os olhos de Cindy. – Não conseguirei ficar longe dele.

Amelia deixou escapar um som consternado e se precipitou na direção dela.

– Passou por momentos difíceis, certo? O que acha de lhe trazermos alguns itens para tornar sua noite mais confortável?

Em seu estilo característico, Amelia conseguiu uma escova e uma pasta de dentes, esponja, toalha e outros artigos de higiene pessoal para Cindy. Convenceu uma auxiliar de enfermagem a providenciar uma camisola que não fosse aberta atrás e lençóis macios. Negociou a utilização do micro-ondas para aquecer a torta e alguém comprou alguns potinhos de sorvete de baunilha para colocar por cima. Por fim, ela conseguiu convencer Jack a comer um pedaço, também.

– Onde a descobriu? – Cindy perguntou a Jack, enquanto comia uma fatia da torta.

Ele voltou o olhar a Amelia e sorriu.

– Em um barzinho em Keys. Ela estava tomando um hurricane.

Amelia o fitou, furiosa.

– Obrigada por me ajudar a passar uma excelente primeira impressão.

– Não quero que Cindy se sinta intimidada. Ela sabe que você faz uma torta deliciosa e opera milagres com enfermeiras e auxiliares de

enfermagem – justificou Jack.

– É verdade – concordou Cindy, dirigindo mais uma vez o olhar a Amelia.

– Não é o tipo que eu esperava um dia ver com Jack.

– Não sabia que me conhecia o suficiente para criar expectativas – retrucou Jack.

Mais uma vez Cindy o fitou, deixando transparecer uma imensa tristeza no olhar.

– Tem razão. Não o conhecia. Desculpe-me por tê-lo mantido afastado de Tom. Ele ficou tão arrasado quando sua mãe morreu que tudo em que pensei foi blindá-lo de qualquer lembrança dela. Mas estava errada. – Ela deixou escapar um suspiro. – Gostaria de tentar mudar essa realidade.

– Podemos ter essa conversa outra hora – disse ele. – Tem preocupações suficientes no momento com Tom nesse estado. Tem certeza de que não quer que eu fique?

– Sim – afirmou Cindy. – Vou tentar dormir um pouco. Talvez possa vir me render pela manhã. Assim, poderei passar em casa para ver como as crianças estão.

– Não hesite em me telefonar se precisar.

Cindy sorriu e o envolveu em um abraço.

– Obrigada por ter vindo. Não sei o que faria sem você.

Surpreso com o abraço apertado que recebia da mulher do tio, Jack não teve outra opção, senão retribuir.

– Vejo-a pela manhã.

Após Cindy deixar a sala de espera, ele ergueu a sacola de viagem de Amelia.

– Está pronta?

– Tem certeza de que não se importa em me hospedar? – perguntou Amelia, enquanto o elevador descia para o andar térreo.

– Não admitiria que ficasse em nenhum outro lugar. – Jack a fitou mais uma vez, experimentando uma sensação de leveza após o fardo pesado daquele dia. Depois de fazer sinal para um táxi, informou o endereço ao motorista e deixou a cabeça pender para trás, no assento. – Não foi este cenário que imaginei quando pensava em nós dois fora de Atlanta.

– Não sabia que pensava nessa possibilidade.

– Sim, pensava.

– E que cenário imaginava?

– Algum lugar tropical.

– Como Keys?

Ele fez que não com a cabeça.

– Algo menos acessível. Mais como Caribe ou México. Algum lugar onde pudesse convencê-la a fazer topless.

– Esse lugar só existe em seus sonhos. Pode imaginar o que minha família diria...

– Eles não precisariam saber – retrucou Jack. – Poderia colocar mais esse item em sua lista e ticá-lo.

Amelia permaneceu em silêncio por um instante.

– Reparou que muitas das sugestões que fez para minha lista envolvem nudismo?

– Acho que é uma área que tem negligenciado. Estou tentando ajudá-la a recuperar o tempo perdido.

Amelia deixou escapar uma risada.

– Como você é generoso!

O táxi estacou diante do prédio de Jack. Após pagar a corrida, ele a ajudou a saltar do veículo e ambos subiram no elevador até o apartamento no décimo andar.

– Deve estar limpo. Pago a uma moça para fazer faxina a cada 15 dias, estando ou não aqui. Desculpe, mas acho que o refrigerador deve estar vazio, com exceção de refrigerante e água.

– Água está ótimo – disse ela. – Parece cansado. Por que não vai se deitar?

– Primeiro, tomarei um banho. Você fica com o quarto. Sem discussões – acrescentou Jack, quando a viu abrir a boca para objetar.

Encaminhando-se ao toalete, ele tomou um banho, escovou os dentes e pensou em beber uma cerveja, mas a exaustão o fez desistir.

Quando entrou no escritório, deparou-se com Amelia adormecida no sofá. Com um suspiro profundo, Jack a ergueu nos braços para vê-la descerrar as pálpebras no mesmo instante.

– O que está fazendo?

– Colocando-a no lugar onde deveria estar – explicou ele, carregando-a para a cama king-size. Gostava da ideia de vê-la dormindo em seu colchão. Seria agradável saber que Amelia se deitara ali, mesmo depois que ela retornasse a Atlanta.

Jack a deitou de costas na cama e puxou as cobertas para cobri-la.

– Tenha bons sonhos, querida – murmurou, antes de girar para partir.

Mas Amelia lhe segurou a mão.

– Fique.

O coração de Jack parou de bater. Não sabia ao certo para que ela o estava convidando, se para dormir ou para algo mais. Mas Amelia teria de ser louca para pensar que ele não desejaria algo mais.

– Não posso dormir com você na mesma cama.

– Aposto que pode – disse ela. – Esta noite.

Demasiado exausto para discutir, Jack apagou a luz e escorregou para baixo das cobertas.

– Esperarei dez minutos. Se não conseguir adormecer dentro desse prazo, vou para o sofá-cama.

Amelia se aninhou a ele, a parte frontal do corpo colada às costas largas. A mão fechada contra o braço musculoso.

– Adormecerá em menos de três minutos. – *Sem chances*, pensou ele, demasiado ciente dos seios firmes lhe pressionando as costas e da maciez do corpo de Amelia. Feche os olhos – sussurrou ela. – E pare de pensar.

Jack sentiu a tensão do dia abandoná-lo aos poucos e, diabos, ela estava certa. Bastou inspirar e expirar dez vezes para imergir no esquecimento do sono.

Na manhã seguinte, ele acordou ostentando uma ereção, mas sem a companhia de Amelia. Por certo, sonhara com ela.

Piscando várias vezes para dispersar a sonolência, sentiu o aroma de café fresco e comida. Incapaz de distinguir de que prato se tratava, ele se ergueu e rumou na direção da cozinha.

Completamente vestida, Amelia se encontrava próxima ao balcão da cozinha americana tomando goles de café de um copo descartável com o logo de uma rede de lanchonetes famosa. Outro copo idêntico se encontrava sobre o balcão, ao lado de um saco de papel.

– Bom dia – cumprimentou ela com um sorriso. – Quer café?

Jack ergueu o copo e tomou um gole, fitando-a por sobre a borda de papelão.

– Obrigado. A que horas acordou?

– Há uns 25 minutos. Você estava apagado, mas temi que acordasse enquanto eu estivesse fora. Comprei um sanduíche para você, mas, vou logo avisando, não chega nem aos pés de suas panquecas.

Jack enfiou a mão no saco de papel e de lá retirou um sanduíche de salsicha e ovo. Em seguida, deu a primeira mordida.

- Serve, mas é decepcionante. Planejava ter você como café da manhã.
- Estava muito cansado.

Jack lhe lançou um olhar penetrante. *Uma ova*. Talvez na noite anterior, mas não naquela manhã. O telefone celular tocou e ele ergueu o aparelho que se encontrava sobre o balcão da cozinha.

- Alô. - O que foi dito do outro lado da linha estampou um sorriso no rosto de Jack. - Que bom! Obrigado por me avisar. Irei para aí o mais rápido possível. - E, relanceando um olhar a Amelia quando interrompeu a ligação, ele disse: - Tom recobrou a consciência.

- Isso é ótimo.

- Sim. Vou para o hospital, mas não tem de me acompanhar.

Amelia o fitou como se ele tivesse enlouquecido.

- Sim, tenho. Foi para isso que vim.

- Tem certeza de que não prefere fazer algo mais divertido? - perguntou Jack. - Como fazer compras na Michigan Avenue?

- Posso fazer compras a qualquer hora.

Amelia passou o dia todo na companhia de Jack e de Cindy, trazendo-lhes café, suco e refrigerante. Encomendou algumas pizzas para o almoço e a mulher de Tom decidiu levar uma para casa e dividir com as crianças.

Quando Jack adormeceu e Tom se mostrou impaciente, ela o levou para dar uma volta no corredor e, quando retornaram ao quarto, emprestou-lhe seu aparelho de MP3.

- Não trouxe um livro de colorir e giz de cera para mim? - perguntou Jack, satirizando os esforços de Amelia para manter o tio ocupado.

- Havia alguns na loja de presentes. Você prefere as princesas da Disney ou o Bob Esponja Calça Quadrada? - perguntou ela, aderindo ao sarcasmo.

- Não se ganha recompensas pela ociosidade.

- Detesto hospitais - admitiu ele. - Passei muito tempo nesse tipo de ambiente quando criança.

- Por causa de sua mãe?

Jack assentiu.

- Acho que, desta vez, sua incursão pelo hospital terá um final mais feliz

- disse ela, dirigindo o olhar a Tom, que parecia imerso em um sono tranquilo.

- Sim. Acho que não é o tipo de pessoa que gosta de ficar sentada, sem fazer nada.

– Não, uma de minhas irmãs sofreu um acidente sério de bicicleta quando éramos crianças, e minha mãe, eu e minha irmã mais velha nos revezamos na beira do leito dela. Aprendi que, quando não se pode fazer mais nada, o simples fato de ficarmos ao lado de nossos entes queridos tem muito valor. – Amelia o fitou. – Posso ficar aqui, se precisar descansar.

– Não, ele é meu tio.

Ela assentiu.

– Posso pegar seu laptop no apartamento.

Distrair a mente com o trabalho, pensou ele, sem negligenciar ninguém.

– Não é má ideia.

Amelia abriu a mão.

– As chaves.

Cindy retornou à noite e lhes disse que só iria embora à meia-noite, portanto Jack e Amelia saíram do hospital logo após as 22h. No caminho de casa, ele comprou uma garrafa de “vinho de mulherzinha” para Amelia. Cansado, mas ainda assim agitado, fez uma corrida curta e tomou um banho.

Sentindo-se como um animal faminto, Jack a observou sorver goles de vinho enquanto ele tomava duas cervejas. Amelia estava sentada no sofá e ele ocupava uma cadeira.

– Você parece inquieto. Está preocupado com seu tio?

– Não muito. Tom está bem melhor.

– Então, o que há de errado?

– Você viajou até Chicago e eu sequer a levei para jantar.

– Esse não era o propósito desta viagem. Está tudo bem.

– Não para mim – resmungou Jack, erguendo-se da cadeira.

Amelia imitou-lhe o gesto, estudando-lhe o rosto.

– Terá de dormir sozinha esta noite. Não estou cansado o suficiente para não me aproveitar da situação.

Ela o encarou por um instante que pareceu se estender pela eternidade e, em seguida, lhe retirou a cerveja da mão e a pousou sobre o balcão da cozinha americana. Em seguida, segurou-lhe a mão e o puxou.

– Vamos para a cama.

– Amelia... – começou ele.

– Confie em mim.

Quando alcançou a cama, depositou-lhe um beijo no rosto e lhe acariciou o cabelo. Era uma sensação deliciosa, mas Jack queria mais. Quando Amelia

lhe capturou os lábios, ele escorregou as mãos por baixo da blusa do pijama que ela usava para lhe tocar os seios. No minuto seguinte, as mãos delicadas o ajudavam a livrá-la da peça.

Ao mesmo tempo que lhe sugava a língua para dentro da boca, Amelia baixou as mãos e as introduziu sob o cós da calça de Jack, e por dentro da cueca, até lhe tocar a masculinidade. Ele sentiu todo o sangue do corpo se concentrar naquele ponto. A combinação dos lábios macios e daquelas mãos ávidas o estava levando à loucura. Encontrava-se tão excitado que não sabia se seria capaz de se controlar...

Abandonando-lhe a boca, ela traçou uma trilha de beijos molhados pelo abdome definido dele.

Jack sentiu a excitação atingir um nível quase insuportável. Precisa avisá-la de que não estava conseguindo deter as reações do corpo. Que estava prestes a perder o controle.

Quando ela lhe escorregou a cueca pelos quadris, Jack praguejou baixo.

– Oh, Amelia...

– Confie em mim – sussurrou ela, fechando os lábios em torno da sua ereção.

O prazer e o erotismo o deixaram sem palavras. Jack amava a visão daquele cabelo macio e ondulado espalhado por suas coxas. E amava a boca macia que executava aquela carícia íntima com maestria.

A massagem excitante dos lábios macios em sua masculinidade excitada era demais. O clímax o atingiu como um trem desgovernado. Ele afastou a boca de Amelia, mas ela o surpreendeu, puxando-lhe os quadris contra o corpo e recebendo a seiva do seu prazer nos seios.

– Ah, meu De... – Ele lutou por ar enquanto fixava o olhar em Amelia, que parecia uma combinação de algo angelical com o sonho mais sedutor que um homem podia ter. Jack afundou no colchão, exausto.

Ela procurou-lhe o rosto.

– É a primeira vez que você...

– Não o ato todo – respondeu ele. – Mas o final...

– Oh – disse Amelia, um sorriso lhe curvando os lábios. – Bem, isso é meio divertido.

– Sou um cachorro egoísta.

Amelia fez que não com a cabeça.

– Deixarei que me compense outra hora.

Tomaria aquela dívida como uma missão, pensou ele, enquanto adormecia, minutos depois. Jack acordou antes do amanhecer e discutiu com Amelia sobre levá-la ao aeroporto.

– Não faz sentido perder seu tempo me levando ao aeroporto, ainda mais quando terá de passar o dia no hospital. Não me importo de pegar um táxi.

– Mas eu me importo – retrucou ele e a levou ao aeroporto, apesar dos protestos de Amelia. Quando se aproximava do ponto onde a deixaria, Jack girou para fitá-la.

– Obrigado – agradeceu ele, tocando-lhe o cabelo e sentindo algo se aprofundar dentro dele, como se imergindo em areia movediça.

– Não tem nada a agradecer. Você me telefonará para dar notícias?

Jack assentiu.

– Sim. – Após estacionar o carro, ele escorregou as mãos pela nuca de Amelia e a puxou para perto. Em seguida, se apossou dos lábios aveludados com um beijo profundo.

Quando o interrompeu, Jack captou uma mistura de emoções nos olhos azuis. Algo intenso, afetuoso... E medo. Suprimiu um xingamento ao reconhecer aquilo. Sentia-se receosa em relação a ele, concluiu, temerosa do sentimento que lhe devotava. E, permanecendo em Chicago enquanto ela retornava a Atlanta, não havia nada que pudesse fazer para tranquilizá-la.

CAPÍTULO 21

JACK PERMANECEU em Chicago por mais uma semana, embora telefonasse para Amelia todos os dias. Ela aproveitou a distância para se aferrar à sensatez, mas ainda assim se descobria pensando em Jack mais vezes do que deveria.

Não conseguia deixar de imaginar o que aconteceria entre os dois quando ele voltasse. Jack a levaria para a cama? E ela permitiria?

Ele devia ter percebido sua hesitação ou talvez se sentisse da mesma forma, porque não a pressionou para fazerem sexo quando retornou a Atlanta. Atitude que a fez, claro, questionar a própria habilidade de excitá-lo.

Jack os levou de volta aos beijos. Longos, excitantes, dados na medida certa para fazê-la perder a cabeça. Todas as vezes em que se encontravam, Amelia acabava louca de desejo, úmida, perturbada e ansiando por mais. Porém, por alguma razão, ambos resistiam a dar o próximo passo.

O fim de semana em que se daria o casamento de Gwennie chegou, e Amelia tirou a sexta-feira de folga e reservou a tarde de quinta-feira para as festividades. Jack a acompanhou, satisfeito com a tarefa de jogar golfe com o pai dela.

– Quero que fique sabendo – começou ela, enquanto Jack dirigia o carro a caminho da cidade natal de Amelia. – Que todos estarão ensandecidos.

– Todos? – perguntou ele, relanceando-lhe o olhar.

– Sim – confirmou Amelia com um gesto afirmativo de cabeça. – É um momento que mexe com o emocional das pessoas. Em que elas refletem sobre tudo que fizeram consigo mesmas, sobre o que possuem ou não.

– Você, também?

– Costumo ser a menos insana de todos, mas não posso lhe dar nenhuma garantia. Talvez você se surpreenda e enlouqueça, também.

– Tenho uma válvula de escape. Jogarei golfe. Não há nada de insano nisso.

– Certo – retrucou ela, cética. – Balançar um taco e tentar atirar uma bola minúscula em um buraco não muito maior, a centenas de jardas de distância, não é nem um pouco insano.

– Você não é uma jogadora de golfe.

– Sempre quis ser atleta, mas não aconteceu. Uma das minhas irmãs consegue ser mais veloz que o vento. Mas não eu.

– Tem de se conformar em ser a inteligente da família.

Amelia lhe voltou um olhar furioso.

– Essa é a forma que encontrou de dizer que sou uma nerd, não exatamente a irmã mais bonita ou sexy?

Jack diminuiu a velocidade do carro até parar no acostamento da estrada.

– Nada disso – retrucou ele. – Quer que lhe mostre o que penso? – A expressão no belo rosto de Jack era perigosa e mordaz. Durante a semana anterior, embora ele não exigisse nada além daqueles beijos inebriantes, Amelia tivera a impressão de que Jack estava prestes a seduzi-la e lhe violar o corpo. E ela, prestes a permitir.

– Por mais tentador que seja – disse ela ao ver um carro de polícia passar –, prefiro não ser presa, antes do casamento de Gwennie. Minha irmã nunca me perdoaria por estragar as fotos com um uniforme cor de laranja e um par de algemas nos punhos.

– Covarde – disse Jack, se juntando outra vez ao fluxo de carros da estrada.

Ela não podia discordar. Pelo menos não dessa vez.

– Não está nem um pouco preocupado com tudo isso, certo? – perguntou ela, admirada por pensar que a maioria dos homens estaria aterrorizada.

– E por que deveria estar?

– Por se tratar de um casamento e eu ter lhe dito que minha família estará enlouquecida. Meu ex-noivo estará presente. E todos o observarão para ver como me trata. Algumas das minhas tias lhe darão até mesmo indiretas relacionadas a casamento.

Um sorriso lento curvou os lábios de Jack.

– É mesmo? – Ele soltou uma risada. – Eu poderia ser Jack, o Estripador, e elas continuariam tentando casá-la comigo.

– É mais ou menos assim – disse ela. – Para uma Parker, casamento é a maior realização de uma mulher. E ficar solteirona é o maior fracasso. Embora estejamos no século XXI – resmungou ela.

– Humm. Quer fingir que estamos noivos?

Amelia negou com a cabeça.

– Seria ainda pior. No mesmo instante elas começariam a planejar o casamento, a reservar um lugar para a recepção, encomendar o bolo...

– Como conseguiu se livrar disso quando estava noiva de Will?

– Ele me pediu em casamento enquanto ainda estávamos na faculdade e eu deixei bem claro que iríamos nos formar e que ele teria de se estabelecer na profissão. O fato de eu morar a três horas de distância de casa também ajudou.

– Eu não gostaria de estar na pele de Will. É admirável a coragem que ele teve de aceitar comparecer ao casamento.

– Não sei se chamaria de coragem. Ele tem certeza de que é querido. Para ser sincera, aposto que meus familiares estão esperando que ele caia em si e volte para mim.

Jack permaneceu em silêncio por um longo instante.

– O que faria se ele lhe pedisse para voltar?

Amelia deixou escapar um suspiro.

– Isso seria muito desagradável, porque eu teria de assumir a responsabilidade pelo término. Do jeito que está, a culpa é dele e, embora eu não goste de ser objeto de piedade, lidar com a desaprovação de minha mãe seria um sofrimento ainda maior. – Amelia deixou escapar uma risada seca. – Quando Will terminou comigo pela terceira e última vez, nunca imaginei que me sentiria agradecida a ele.

Jack não fez nenhum comentário. Limitou-se a lhe erguer a mão e levá-la aos lábios.

– Então, que conselho tem a me dar?

– Elogie tudo e estará seguro.

– Sua mãe gosta de mim.

– Talvez – retrucou Amelia.

– Talvez? Ela me suplicou para comparecer ao casamento de sua irmã, apesar de me conhecer há apenas alguns minutos.

– Minha mãe é uma mulher complexa – preveniu ela.

– O que quer dizer com isso?

– Não se surpreenda se ela encontrar alguma forma diabólica de usá-lo para me juntar com Will outra vez.

– Shelley não faria isso – afirmou Jack.

– Se lhe fosse conveniente, faria. Considere isso um aviso.

Jack a fitou com olhar cauteloso.

– E quanto ao seu pai?

– Se conseguir afastá-lo de toda essa agitação para jogar golfe, ele beijará o chão que você pisar por toda a eternidade.

– E o que é necessário para conquistar sua mãe?

– Tempo e compromisso. Estar presente nos momentos difíceis.

– Como você fez por mim, em Chicago?

Fizera mais por ela, mas ela não saberia explicar isso a ele. Não fora capaz de suportar a ideia de Jack enfrentando o problema com o tio sozinho.

Amelia decidiu deixar aquele assunto de lado e voltar aos planos para as festividades que antecederiam o casamento.

– Os momentos mais difíceis para você serão esta noite e, talvez, o ensaio do casamento. Desculpe não poder lhe fazer companhia hoje à noite, mas considero minha obrigação proporcionar a Gwennie uma despedida de solteira de verdade, antes de ela se casar.

– Por que “de verdade”? – perguntou ele.

– Porque minha mãe costuma estragar as despedidas de solteira das filhas apelando à vaidade feminina. Insiste que a noiva precisa descansar para que não pareça um trapo no dia mais importante e mais fotografado de sua vida. O medo de ter centenas de fotos tiradas com os olhos empapuçados e a pele acinzentada foi o suficiente para fazer minhas outras duas irmãs irem para a cama cedo.

– Muito inteligente da parte dela – opinou Jack. – Mas você tem um plano para burlar Shelley. Será interessante ver se conseguirá despistá-la.

– Oh, eu conseguirei. Tenho o disfarce perfeito. Contatei as outras madrinhas, inclusive minhas irmãs, e disse a elas que deveríamos fazer uma festa especial para Gwennie, só com mulheres. Contei a minha mãe que haverá apenas bolo e ponche e que vamos nos encontrar na igreja.

Jack soltou uma risada abafada.

– Na igreja. Não tem medo do castigo divino?

– Não, porque de fato vamos à igreja. Utilizarei a van de Valene para nos levar a três bares ao longo da fronteira do estado.

– Como descobriu sobre esses bares?

– Tenho uma tia devassa. Tammy. Minha mãe sempre tentava supervisionar as visitas que fazíamos a tia Tammy porque ela não demonstrava nenhum pudor em divulgar suas aventuras. A parte que lhe cabe no plano é distrair minha mãe, se revelando um convidado exigente. Peça toalhas extras, diga-lhe que está com dor de cabeça e peça uma aspirina. Insinue qual seu prato favorito e ela se sentirá compelida a prepará-lo. E, quando não tiver mais nada para pedir, vá para a cama.

– Acho que sua mãe não se importaria se eu dormisse com você...?

Amelia quase se engasgou diante do comentário surreal.

– Se não se importar que minha mãe o persiga, empunhando o revólver do pai dela...

– Nunca fez sexo naquele quarto?

– Não. E acho que esse não é o final de semana adequado para estreitar.

– Poderia colocar mais esse item em sua lista...

Amelia experimentou uma descarga de adrenalina ultrajante.

– Minha lista está longa o suficiente. Precisa se concentrar em sobreviver a esta noite, com minha mãe.

– Fala como se fosse algo difícil de eu conseguir.

Amelia pensou sobre o assunto por um instante.

– Agora que mencionou, lembrei que você é excelente em guardar segredos e enganar as pessoas, portanto não será um problema.

– Dê-me um minuto para me recuperar da espetada – disse ele.

– O único problema é que minha mãe tem um sexto sentido sinistro no que se refere às filhas. Às vezes, a qualquer pessoa. Talvez ela tente lhe arrancar informações.

– Isso é fácil. Se ela ficar aborrecida por não conseguir me fazer falar, direi a Shelley o que digo a todos: sou um bastardo.

Amelia soltou uma risada, porque aquilo seria capaz de deter até mesmo Shelley Parker.

– Sabe de uma coisa? Acho que gosto disso em você. Afinal, é um bastardo assumido. É como se deixasse claro para as pessoas que elas não podem esperar decência de sua parte. O problema é que sob essa fachada de bastardo...

– Não diga “reside um coração de ouro”.

– Não, mas há um homem decente, como já pude constatar.

Jack deixou escapar um suspiro.

- Mas não espalhe essa informação por aí.
- O que não consigo entender é por que diabos concordou em participar de tudo isso.
- Já lhe disse. Para passar mais tempo ao seu lado.
- Mas você tem passado tempo comigo.
- Sua família pensa que estamos envolvidos. Só assim terei uma folga do papel de seu segredinho sujo.

O comentário a fez se sobressaltar.

- Você não é um segredinho sujo – protestou Amelia, embora se sentisse uma hipócrita. Ainda não contara a ninguém no trabalho que estava envolvida com Jack.

A maioria dos jantares que compartilhavam era encomendada em restaurantes e consumidos no apartamento de um dos dois.

- Não precisa se alterar tanto. Sou um bastardo – disse ele. – Sempre fui um segredinho sujo.

Mas aquilo a incomodava. De repente ocorreu-lhe que, com exceção da visita a Chicago, estivera totalmente focada nos próprios sentimentos, e não nos dele. Afinal, como Jack mesmo dizia, ele era um bastardo. Aquilo não combinava em nada com ela, e Amelia teve dificuldade em afastar o pensamento incômodo da mente.

Uma hora mais tarde, ele manobrou pelo caminho que levava à garagem da casa dos pais de Amelia. A visão da casa branca, de dois andares, onde passara a maior parte da vida, suavizou as arestas ásperas do nervosismo que ela nem se dera conta de sentir. No ano anterior, Shelley acabara atendendo ao pedido do marido para trocar o revestimento de vinil, e era óbvio que havia mandado lavar a casa e limpar as janelas. Carvalhos pontuavam o gramado que circundava a casa. Duas cadeiras de balanço e um sofá-balanço serviam de assentos na varanda da frente.

- É muito bonito – elogiou Jack, freando o carro. – Cresceu aqui? – Amelia assentiu. – Este lugar me faz lembrar uma pintura de Norman Rockwell – disse ele.

Ela imaginou o que Jack pensaria da casa da família. Afinal, era um homem abastado, ao contrário de seus pais.

- Tive uma criação maravilhosa.
- Sim, teve – concordou Jack, fazendo-a imaginar se ele estaria fazendo alguma comparação com o lugar onde vivera quando criança.
- Vamos entrar. Tenho certeza de que minha mãe já aprontou o jantar.

Jack consultou o relógio de pulso.

– Às 17:45h?

– Ela tem um sexto sentido em relação a essas coisas. Na verdade, em relação a muitas outras – acrescentou ela. – Por isso, precisarei que me ajude, distraíndo-a enquanto tiro Gwennie de casa.

– Ao seu dispor – retrucou Jack, enquanto entravam.

No momento em que a porta de tela se fechou, um dachshund pelo curto precipitou-se na direção dos dois, latindo.

– Esse é Priddy – disse Amelia, inclinando-se na direção do cão agitado.

Jack se juntou a ela.

– Priddy?

– Meu pai sempre dá um cachorro novo a mamãe quando o velho morre. Na verdade, este é Priddy Terceiro. O Priddy e o Priddy Segundo estão no paraíso canino.

– Bateram as botas – disse ele, acariciando o animal eufórico.

Amelia fez que não com a cabeça.

– Não fale desse jeito diante da minha mãe. Ela é muito sensível com seus cachorros.

Naquele momento, Shelley apareceu no corredor.

– Olá, raio de sol. Entre. Estava acabando de colocar o jantar na mesa. Oi, Jack, como vai? – E, gritando em outra direção: – George, entre. Amelia e o amigo chegaram!

Gwennie perscrutou para o corredor e gritou:

– Amelia!

Jack observou as duas irmãs se abraçarem.

– Está pronta? – perguntou Amelia.

– Acho que sim. Estou cruzando os dedos para que nada dê errado no último minuto, como uma das crianças adoecer. Ricky levará Emily em um carrinho. Rose prometeu orientá-lo, mas sabe como ele pode ser sapeca.

– Será lindo. Mal posso esperar para ver seu vestido. Jack, lembra-se de Gwennie?

– É um prazer rever a bela noiva.

Gwennie empertigou os ombros com o semblante iluminado.

– Obrigada. Fico muito feliz que tenha vindo.

Um homem de estatura média, com uma barriga um pouco protuberante e expressão sofrida no rosto, se aproximou.

– Olá, minha menina, há muito que não nos visita – disse ele, abraçando Amelia e a beijando no rosto. – É bom ver você. – E, girando na direção de Jack, disse: – Sou George. Pelo que entendi, devemos jogar golfe amanhã. Qual é o seu handicap?

E, dessa forma, Jack foi arrebanhado. Amelia e a mãe se encarregaram de supervisionar o prato dele durante o jantar, encarregando-se de repor o que ele consumia, mesmo quando não era necessário.

Ele absorvia a aparência e os sons de uma família de verdade. Em alguns aspectos, era como visitar um país estrangeiro.

Após o jantar, Amelia pediu licença para ajudar Shelley com a louça. George convidou Jack para dar uma volta pelo pátio e, em seguida, eles se sentaram na varanda dos fundos, tomando cervejas.

– Estive em Chicago algumas vezes – disse o pai de Amelia. – É frio. Sem mar ou montanhas. Por que optou por morar lá?

Jack deu de ombros.

– Cubs, Bears, os cachorros-quentes e as pizzas de Chicago.

George assentiu.

– Acho que posso entender. Nada como um bom cachorro-quente. – George fez uma pausa. – Há quanto tempo conhece nossa Amelia?

– Há alguns meses. Ela é uma mulher extraordinária. Tenho certeza de que tem orgulho de sua filha.

– Sim – concordou George. – Amelia é a mais ambiciosa das quatro. Um homem tem de ser forte e inteligente para conseguir acompanhá-la. Acho que Will sempre se sentiu ameaçado por ela. Talvez Amelia tenha tentado esconder, mas desde pequena era brilhante. Will não tem culpa, mas é um rapaz de inteligência mediana.

Os comentários de George o agradaram.

– Aposto que teve muito trabalho para criar quatro meninas. Como conseguiu?

– Ganhando dinheiro, dando-lhes abraços, permitindo que Shelley as educasse e percebendo que, após os 12 anos, exercia pouco controle sobre elas.

Jack soltou uma risada baixa.

– O senhor é um homem esperto. E diplomático, também, aposto.

– Em uma casa onde só há mulheres, pode apostar que sim. É necessário para garantir a sobrevivência.

Amelia espiou pela abertura da porta de vidro deslizante.

– Alguém está servido de bolo de coco ou torta de pêssgo com sorvete?

George fitou Jack com olhar astuto.

– Shelley fez o bolo de coco para mim. Ela acha que estou aborrecido com toda essa comoção em torno do casamento.

– E está?

– O suficiente para necessitar de um bolo de coco.

Jack deixou escapar uma risada.

– Optarei pela torta de pêssgo, então. Não quero me interpor entre o pai da noiva e seu bolo de coco.

– Permitirei que coma um pedaço – disse George. – O problema é que, depois da primeira fatia, corre o risco de se tornar ganancioso. Traga-nos um pedaço pequeno de cada – disse ele para Amelia. – Mas sabe o que quero dizer com “um pedaço pequeno de bolo de coco”, certo? – perguntou com uma piscadela.

Amelia sorriu para Jack.

– Sim, pai. Um pedaço pequeno significa que quer apenas um quarto do bolo em vez de metade – retrucou ela, antes de entrar.

– Menina insolente – protestou George, mas Jack percebia o amor transbordar em cada palavra. E também notou que aquele homem se regozijava por ser o pastor do rebanho de ovelhas, cercado de mulheres.

Amelia retornou com as sobremesas e conversou com o pai sobre o novo cargo e o desejo de trocar de carro. Em vez de tentar persuadi-la a não fazer a troca, George prometeu pesquisar os modelos mais adequados para ela.

Amelia lançava olhares furtivos ao relógio de pulso. Shelley e Gwennie se juntaram ao grupo, na varanda dos fundos.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela, em tom animado. – Acabei de me lembrar que preciso comprar o calçado do casamento.

– O calçado? – repetiu Shelley. – Mas você me disse que tinha sandálias prateadas.

– Sim, mas, quando as retirei do armário, descobri que uma das tiras estava solta.

– Seu pai poderia consertá-la.

– Não as trouxe.

A mãe a fitou com um misto de consternação e incredulidade.

– Amelia Louisa, perdeu a cabeça?

– Pensei em comprar um par aqui. No shopping.

Shelley estalou a língua.

– Não acredito nisso. Trabalha para uma empresa de confecção de calçados e não conseguiu um par de sandálias prateadas?

Gwennie mordeu o lábio inferior.

– Acha que conseguirá encontrar as sandálias? Os familiares de Robert, que moram fora da cidade, chegarão amanhã, e ficará um pouco tumultuado.

– Vamos sair para comprar agora – sugeriu Amelia.

– Agora? – interveio Shelley, consultando a hora no relógio de pulso. – São quase oito horas da noite.

– Aposto que, se nos apressarmos, Gwennie, conseguiremos encontrar algum par que sirva – sugeriu Amelia.

Gwennie mencionou que vira em uma loja um par de sandálias de um dos concorrentes da Bellagio que a agradara. Amelia aproveitou a deixa dizendo que adorava os calçados daquela grife.

– Cuidado para não dizer isso diante de Marc Waterson – murmurou Jack.

– Quem é Marc Waterson? – George quis saber.

– O vice-presidente da Bellagio – respondeu Jack.

O pai de Amelia sorriu, assentindo.

– Agora, entendi.

– Bem, não posso ir com vocês – disse Shelley. – Estou assando um pernil.

– Tudo bem. Gwennie me ajudará. Será nossa missão, certo? – disse Amelia, se erguendo.

– Bem, Gwennie não pode dormir tarde, hoje – disse a mãe.

– Isso não será problema – retrucou Amelia. – As lojas fecham às 21h. Gwennie estará na cama às 22h, sonhando com Robert.

Shelley inclinou a cabeça para o lado, torcendo o nariz como se algo não lhe cheirasse bem.

– Podemos ir no seu carro? – perguntou Amelia à irmã mais nova. – Não sei dirigir o carro de Jack.

– Claro – concordou Gwennie, também se levantando. – É melhor resolvermos isso esta noite para não termos de nos preocupar amanhã.

– Muito bem – começou Shelley. – Mas é melhor não ficar acordada até tarde.

– Certifique-se de que as sandálias sejam confortáveis para dançar – disse Jack, atraindo os olhares de todos. – Não se importa se eu dançar com

sua filha, certo, sra. Parker? – perguntou a Shelley.

Amelia escolheu aquele momento para puxar Gwennie pela mão e sair dali. Mas não sem antes dirigir a Jack um sorriso vitorioso de orelha a orelha.

– Acho que preciso de outro pedaço de bolo de coco – disse George.

– Você pode esperar. Jack me fez uma pergunta e pretendo responder.

– Oh, não – gemeu George.

Shelley dirigiu o olhar às filhas que se afastavam e voltou a fixá-lo em Jack.

– Depende do tipo de dança que esteja imaginando. Estou mais preocupada em como ela está sendo tratada, ainda mais quando teve uma grande desilusão amorosa há pouco tempo. Amelia é uma menina preciosa e merece ser tratada com carinho. Se um atrevido se aproximar, pensando em tirar vantagem dela e depois a descartar como o jornal do dia anterior, não terei outra alternativa, senão mostrar...

– Lá vai – resmungou George.

– ... que não só herdei o revólver do meu pai, como sei utilizá-lo.

APESAR DO aviso de Shelley, Jack se manteve fiel à sua palavra, empenhado em distraí-la. Ele a ajudou a fazer pãezinhos recheados com presunto durante algum tempo e, passada uma hora, fabricou uma dor de cabeça, seguida de um desconforto estomacal. Pediu um copo de leite morno que, de maneira discreta, verteu na pia.

Porém, pouco depois das 23h, Shelley telefonou para as irmãs de Amelia e constatou, para a própria consternação, que nenhuma delas se encontrava em casa. Jack aproveitou o momento para se recolher ao quarto.

À meia-noite e meia, o som do celular o fez despertar estremunhado. Ele pegou o aparelho no mesmo instante.

– É Amelia. Preciso de sua ajuda. Estamos presas na delegacia.

CAPÍTULO 22

Definição segundo o dicionário:

Língua (substantivo) – É a parte do calçado que fica entre o pé e os cadarços, tem a função de proteger o peito do pé da pressão dos cadarços, do sol e de raspões.

Definição segundo Amelia Parker:

Língua (substantivo) – Se mal utilizada, pode colocar uma garota em apuros.

DOIS MINUTOS depois, Jack estava fora da casa. A pressa fora sua aliada. Enquanto entrava no carro e dava a marcha à ré, ouviu a voz de Shelley chamá-lo repetidas vezes.

Telefonou para a delegacia que ficava do outro lado da fronteira do estado, para onde as irmãs Parker, dois outros membros do grupo que festejava a despedida de solteiro e vários clientes do The Red Eye Bar haviam sido levados.

Quando entrou no prédio pequeno, ouviu uma cantoria ao fundo e se aproximou do homem com semblante exasperado que se encontrava atrás da mesa.

– Xerife, estou aqui para acompanhar algumas senhoras da Geórgia para casa.

O homem esfregou o rosto com as mãos.

– Não sou o xerife. Quem está procurando?

– Seis mulheres que estavam festejando o casamento de Gwendolyn Parker, marcado para amanhã.

O homem o fitou com olhar cansado.

– Oh, *aquelas mulheres*. – O policial olhou para os papéis sobre a mesa. – As acusações incluem bebedeira em público, conduta obscena, atentado ao pudor e resistência à prisão.

– Posso falar com Amelia Parker, por favor?

– Vou trazê-la até aqui – disse o policial e, minutos depois, retornou, trazendo-a algemada.

Ela parecia extasiada em vê-lo.

– Oh, graças a Deus que está aqui! – exclamou, agitando as mãos na direção dele.

– As algemas são necessárias? – perguntou Jack ao policial, que lhe tornou um olhar desgostoso.

– Elas estavam fazendo arruaça.

– Tenho certeza de que pode controlar uma mulher desarmada – argumentou Jack, e o policial, relutante, removeu as algemas de Amelia.

Ela compunha uma imagem sexy com as mãos algemadas e Jack se viu tentado a pedir um par delas para uso futuro, mas se concentrou na tarefa imediata.

– Oh, Jack – disse ela, lhe envolvendo o pescoço com os braços.

A sensação era tão maravilhosa que o distraiu. Até ele perceber que, se acendesse um fósforo próximo à boca de Amelia, era capaz de incendiar toda a delegacia.

– Querida, o xerife me informou que há algumas acusações contra você e suas irmãs.

Amelia suspirou.

– Foi tudo um grande mal-entendido.

– Bebedeira em público – começou o policial.

Amelia deixou escapar um soluço.

– Bem, essa talvez proceda, mas quase todos os clientes no The Red Eye estavam embriagados.

– E por esse motivo estão presos – retrucou o policial. – Comportamento obsceno – acrescentou.

– Gwennie e as duas amigas de faculdade estavam cantando um rap.

– Proibido de ser veiculado nas estações de rádio – contrapôs o policial.

– Gwennie é a noiva – argumentou Jack. – E estou certo de que esse foi o primeiro delito que cometeu.

O policial deixou escapar um suspiro.

– Atentado ao pudor.

– Rose se empolgou um pouco mais – explicou Amelia. – Estava apenas tentando nos mostrar alguns movimentos que aprendeu no vídeo de pole-dancing que ela encomendou.

– Essa senhora é funcionária da associação de pais e professores, mãe de três crianças e dá aulas na escola dominical. – Jack repetiu as informações que Amelia lhe dera sobre a irmã mais velha.

– Resistência à prisão – continuou o policial, lendo a lista de acusações.

– Valene está grávida, portanto não estava bebendo – esclareceu Amelia.

– Ela se recusou a ser presa conosco.

Jack encontrou o olhar do policial.

– São todos delitos cometidos pela primeira vez.

– Ainda estão bêbadas. Olhe para ela.

– Assumo inteira responsabilidade de levá-las para casa. – Jack dirigiu o olhar a Amelia. – Diga-me que a van não foi apreendida.

As madrinhas foram liberadas, mas foram necessários vários minutos para acomodá-las na minivan. Gwennie e a amiga não paravam de cantar, enquanto Amelia tentava tapar a boca da irmã mais nova com a mão.

Rose deu vários abraços em Jack.

– Foi tão gentil em vir nos soltar.

Jack se ofereceu para dirigir a van, mas Valene insistiu em assumir a direção.

– Estou completamente sóbria. Além do mais, elas o levariam à loucura.

– Tem certeza? Já é tarde e você está grávida.

Valene se inclinou na direção dele com um brilho malicioso no olhar.

– A verdade é que eu não quero perder nem um minuto dessa ocasião. Poderei trocar de minhas irmãs durante anos. Está sendo muito divertido. E, pense bem, poderemos colocar a culpa toda na doce Me-Me.

Jack seguiu a minivan de volta à cidade e ajudou cada uma das madrinhas embriagadas a entrar em casa. No dia seguinte, elas teriam de voltar ao estacionamento da igreja para buscar os respectivos carros. A última parada foi na casa dos pais de Amelia. Ele ajudou Gwennie e Amelia a entrarem na casa. A irmã mais nova continuava tentando cantar raps obscenos e Amelia a se esforçar em calá-la.

Mas não havia chance de entrarem em silêncio com Priddy III lhes anunciando a chegada com latidos altos. Shelley precipitou-se pelo corredor trajada com um penhoar.

– Olá, mamãe. – Gwennie a saudou em tom melodioso, envolvendo-a em um abraço. – Nós nos divertimos muito esta noite. Sabe que eles deixam os clientes usarem o microfone para cantar no The Red Eye?

Shelley lançou um olhar furioso por sobre o ombro da filha.

– Você levou a noiva para o The Red Eye?

Amelia assentiu com um gesto exagerado de cabeça.

– Era meu dever de irmã.

Shelley revirou os olhos.

– Ora, já está muito tarde para um sermão. Acho que amargarão sofrimento suficiente pela manhã. Eu me encarregarei de acordá-la bem cedo, Amelia.

– Está bem – respondeu Amelia com um suspiro, antes de beijar o rosto da mãe. – Boa noite.

Shelley ergueu as mãos para o alto e, em seguida, guiou Gwennie até o quarto.

Amelia girou na direção de Jack.

– Obrigada por nos resgatar – disse com um sorriso. – Aposto que foi algo que nunca fez.

Ele a ajudou a encontrar o caminho do quarto.

– Infelizmente, já fui chamado à delegacia para soltar minha mãe.

Amelia exibiu uma expressão desgostosa.

– Desculpe. Não tive intenção de lhe trazer lembranças ruins.

– Acredite em mim, desta vez foi bem diferente das outras – afirmou ele, sorrindo, enquanto a levava para dentro do quarto.

Amelia se sentou na beirada da cama e se deixou cair para trás. Em seguida, sacudiu os pés para se livrar dos sapatos e exibiu outro sorriso.

– Quer dormir aqui comigo, esta noite?

– Sim, mas eu iria querê-la acordada e, dentro de alguns minutos, você estará dormindo.

Amelia fez que não com a cabeça.

– Não. Não vou dormir agora. Estou apenas um pouco zonza, mas logo passará.

– Voltarei dentro de um minuto. Vou buscar uma garrafa de água e um analgésico para você tomar pela manhã – disse Jack, para o caso de Amelia

dormir antes que ele retornasse.

Quando chegou à cozinha, retirou uma garrafa de água da geladeira e um analgésico da gaveta que Shelley lhe mostrara mais cedo, quando ele lhe pedira um remédio de que não precisava, apenas para distraí-la.

Quando retornou ao quarto, encontrou Amelia adormecida. Ele a colocou em uma posição mais confortável, com a cabeça apoiada no travesseiro, mas o pensamento do revólver de Shelley o fez resistir ao impulso de despi-la. Não havia necessidade de irritar ainda mais a anfitriã naquela noite. Ficariam na casa por mais um dia. Ainda teria chance de fazer sexo com Amelia no quarto em que ela crescera.

A MÃE mentira ao dizer que a acordaria cedo na manhã seguinte. Pouco depois das 9h, Amelia despertou com um péssimo gosto na boca, sentindo-se amarfanhada por ter dormido com a roupa que usava no dia anterior. Avistando a garrafa de água no criado-mudo, retirou a tampa e bebeu metade do conteúdo de uma só vez. Também percebeu a pequena pílula e a engoliu.

Incapaz de suportar a desagradável sensação de dormir maquiada e com roupas desconfortáveis, Amelia pegou o robe e cruzou o corredor para tomar um banho. Após uma ducha revigorante, sentiu-se melhor e retornou ao quarto para se vestir.

A mãe a aguardava com uma xícara de café, que empurrou para as mãos de Amelia.

– Não aprovo sua atitude de levar Gwennie para se embriagar, mas, se estava tão determinada a festejar, deveria ao menos ter escolhido fazê-lo dois dias antes do casamento, e não na noite anterior. – Amelia anuiu, pressentindo que a mãe tinha mais a acrescentar. – Mas o que mais me desagradou foi ter feito com que suas irmãs fossem presas.

– Não foi culpa minha. Gwennie estava cantando raps obscenos com as amigas no microfone do bar e Rose começou a se despir enquanto dançava pole-dance.

Shelley levou a mão à testa.

– Ah, meu Deus! Com todas em estado de embriaguez, foi uma sorte não ter acontecido nada mais sério.

– Na verdade, Valene não se embriagou, porque acabou de descobrir que está grávida.

A expressão de Shelley se iluminou.

– É verdade? Pressenti que algo estava acontecendo com ela. Outro netinho! – exclamou a mãe, exultante, mas logo em seguida pareceu se lembrar de que deveria estar lhe passando um sermão. – Fiquei surpresa com sua atitude. Geralmente, é bem sensata.

– Eu sei, mas às vezes preciso tirar uma folga da sensatez. Espero que, se um dia eu me casar, minhas irmãs façam o mesmo por mim.

Shelley torceu os lábios.

– Não sei se o The Red Eye será capaz de sobreviver às irmãs Parker outra vez. – A mãe clareou a garganta. – Decidi deixar sua irmã dormir um pouco mais. Você e seu namorado podem ir buscar o carro dela, depois que se vestir.

Amelia obedeceu, embora a tarefa demorasse um pouco mais do que o necessário, porque ela e Jack começaram a se beijar no estacionamento da igreja e se esqueceram do tempo. Algo no fato de ele tê-las resgatado na noite anterior e não se intimidado diante de Shelley a fez desejá-lo ainda mais.

No entanto, aquele era um dia agitado, repleto de atividades e obrigações para com a família. Jack e o pai de Amelia jogaram uma partida de golfe. Em seguida, ela e Jack se juntaram com o restante do grupo na igreja, para o ensaio geral do casamento. E foi então que tudo começou a despencar ladeira abaixo para Amelia.

Gwennie correu ao encontro dela, nos fundos da igreja, retorcendo as mãos de nervosismo.

– Juro que queria lhe contar mais cedo... – começou ela.

– Contar o quê? – perguntou Amelia, encaminhando-se às portas duplas que se abriam para a igreja.

– Não lhe disse quem é o padrinho.

Amelia sorriu.

– Geralmente é o pai ou irmão do noivo.

– Ou o melhor amigo – retrucou Gwennie, mordendo o lábio inferior.

Amelia sentiu uma pontada no peito.

– Will, não.

– Sinto muito, Me-Me, mas não consegui fazer Robert desistir da ideia. Acha que ficará bem?

Amelia inspirou profundamente. A estadia havia sido tão agradável até aquele instante. Sequer havia pensado em Will.

– Sim. Este é o seu dia. Não se preocupe comigo.

– Você é maravilhosa. Sabia que compreenderia. – Gwennie a abraçou e, quando recuou, um sorriso lhe curvava os lábios. – Se lhe servir de consolo, outro dia Robert me contou que Will não está mais namorando aquela garota horrorosa por quem ele a trocou. Sidney. Ao que parece, ela se apaixonou por outro e o colocou para escanteio. Que tal esse castigo?

Amelia percebeu que havia esquecido por completo a existência de Sidney. Mas uma parte dela ficou satisfeita por Will ter levado o troco, embora não estivesse ansiosa por encontrá-lo naquela noite.

Após a irmã retornar à igreja, Amelia esperou um longo instante, sentindo o olhar de Jack fixo nela.

– Que péssima notícia!

– Sim. Quer que eu a sequestre para que não tenha de enfrentar essa situação?

– Não – respondeu ela, sorrindo. – Estava tudo indo tão bem até agora.

– Quer que eu o faça desmaiar com um soco, para que ele não possa comparecer à cerimônia? – perguntou Jack.

Amelia torceu os lábios.

– E se eu respondesse que sim?

– Eu o faria, sem pestanejar. Lembre-se, sou um bastardo. Isso é o que sei fazer de melhor.

– Nunca vi mentira mais deslavada – retrucou Amelia. – E conversaremos sobre esse assunto mais tarde. Depois que eu passar por esse percalço.

– Vai me apresentar a ele, certo?

A pergunta a fez lhe voltar um segundo olhar.

– Quer mesmo conhecer Will?

– Sim – disse ele, ajustando a gravata.

Amelia lhe estudou a expressão, imaginando se o olhar bélico que via estampado no belo rosto de Jack era fruto de sua imaginação.

– Está bem. Após o ensaio...

– Agora – decretou ele.

Amelia piscou várias vezes, confusa.

– Agora?

– Sim.

Jack parecia obstinado, pensou ela.

– Está bem, vamos lá.

Amelia acionou o “modo fingimento”. Um jogo que aprendera para superar situações constrangedoras, como aquela em que tivera de fazer um discurso como oradora da turma, na formatura do ensino médio.

Ela fingira ser uma rainha e a plateia, os súditos, para que pudesse agir com extrema dignidade. Fora um fingimento insano, mas surtira efeito para Amelia.

Enquanto liderava o caminho pela nave em direção ao altar, ela sorria e acenava para os parentes de Robert. Will se encontrava parado ao lado do noivo e de duas outras madrinhas. Shelley e as irmãs de Amelia estavam posicionadas a pouca distância deles.

Amelia sentiu o olhar fixo da mãe, enquanto se encaminhava na direção do noivo.

– Olá, Robert – disse ela, abraçando-o. – Parabéns por fisgar a garota mais espetacular do município, estado, país. Espero que esteja ciente da sorte que deu.

Robert retribuiu o abraço.

– Sim, estou. Quero prendê-la em um compromisso, antes que ela tenha chance de voltar atrás. É muito bom revê-la, Amelia. Está com uma aparência ótima.

– Obrigada. Quero lhe apresentar meu amigo, Jack O’Connell. Ele é de Chicago, mas atualmente está morando em Atlanta.

Jack trocou um aperto de mão com Robert e o parabenizou enquanto Amelia cumprimentava as outras pessoas que estavam por perto.

Ao perceber que Will começava a recuar, ela inspirou fundo.

– Will, como vai? – perguntou, embora sem lhe dar tempo de responder. – Espero que esteja adorando seu novo emprego. Jack O’Connell, este é William Farley.

– Prazer em vê-la, Amelia. Está muito bonita. – Parecendo extremamente constrangido, o ex-noivo estendeu a mão a Jack. – Prazer em conhecê-lo.

– O prazer é todo meu – retrucou Jack. – Amelia me contou sobre você e devo dizer que lhe sou grato.

Will o fitou, confuso, ao mesmo tempo que o pequeno grupo de pessoas aos poucos silenciava.

– Por quê?

Jack envolveu a cintura de Amelia com um dos braços.

– Sua derrota é minha vitória.

Amelia mordeu o lábio para suprimir uma risada. Jack acabara de desferir o equivalente civilizado de um soco no nariz de Will. Ouviu um suave ofego, seguido da risada do pai. Jack se limitou a sorrir como a boa raposa que era.

Mesmo passado muito tempo do momento constrangedor, embora extasiante, Amelia se via incapaz de desviar os olhos de Jack e parar de sorrir. Não conseguia acreditar no que ele dissera a Will. Não poderia ter sido nada mais perfeito, quer estivesse sendo sincero ou não.

Após o ensaio, os pais de Robert ofereceram um jantar em uma agradável cantina italiana, na cidade vizinha. Amelia ergueu um brinde aos noivos e provocou Gwennie, pedindo-lhe para cantar um rap para o grupo. O rosto da irmã mais nova se tornou rubro.

Entre um prato e outro, Jack pousou um dos braços sobre o assento da cadeira que Amelia ocupava e ela se inclinou para perto, inspirando a fragrância da colônia pós-barba dele.

- Você tem um cheiro delicioso – sussurrou ela ao ouvido de Jack.
- Quantos drinques tomou? – perguntou ele.
- Uma taça de champanhe e meia de vinho. Está insinuando que estou bêbada?
- Não, mas está parecendo mais afetuosa do que o normal.
- É assim que estou me sentindo. Acha que não devo agir da maneira como me sinto?
- Não – retrucou ele, escorregando a mão pela nuca de Amelia e a acariciando com as pontas dos dedos.

O toque despertou os mais ousados pensamentos e desejos em Amelia. Foi invadida pela ânsia de deslizar as mãos sob o casaco que ele usava e se colar ao peito forte. Queria capturar aqueles lábios firmes com beijos longos, molhados e sensuais que deixassem os dois em chamas.

Com um suspiro profundo, ela lhe tocou o joelho sob a mesa. Os músculos definidos da coxa de Jack se contraíram no mesmo instante. Tomada pelo desejo insano de excitá-lo, ela permitiu que a mão vagasse mais para cima. Os dedos o massagearam de leve. Para surpresa de Amelia, aquelas carícias secretas começaram a afetá-la.

Os seios se tornaram sensíveis e túrgidos. Sentindo o impacto do contato com aquele homem em todos os seus poros, Amelia se viu afogueada. O desejo abrasador lhe aquecia o sangue. Não estava interessada na comida.

Mas aquela falta de apetite repentina não impediu os garçons de lhe servirem o prato principal.

Afastando a mão da coxa musculosa com certa relutância, ela enroscou o pé ao tornozelo de Jack.

Ele ergueu um camarão do prato de frutos do mar que havia pedido.

– Está ótimo. Quer experimentar?

– Sim – respondeu Amelia, provando o camarão quando ele lhe estendeu o garfo. Após mais algumas garfadas da própria comida, ela desistiu do jantar.

– Satisfeita? – perguntou ele em voz baixa.

– Estou cansada de comer – disse Amelia. – E de ficar aqui.

Jack lhe encontrou o olhar e ela percebeu que havia sido compreendida. Sabia que não estava conseguindo disfarçar a própria excitação. Mais uma vez, escorregou a mão pela coxa musculosa, relanceando o olhar à virilha de Jack, e se surpreendeu quando ele abriu as pernas com um movimento discreto.

Ela sabia que devia parar, antes que aquela situação insana fugisse do controle, mas a insanidade a havia contaminado, também. Após tomar um gole do vinho, moveu a mão até lhe tocar a masculinidade e o encontrar rígido. Uma descarga de adrenalina, causada pelo desejo sexual, tomou todo o seu corpo.

Jack ergueu o copo de água e tomou um grande gole.

– Espero que ninguém me faça uma pergunta que requeira uma resposta inteligente – murmurou ele.

Amelia ergueu a taça de vinho e removeu com a língua uma gota que se encontrava colada na borda.

– Quer que eu pare?

– O quanto acha que sua família ficaria chocada se eu deitasse você nesta mesa e a fizesse de sobremesa?

Amelia não conseguiu conter uma risada ofegante.

– Detestaria privá-lo do tiramisu desta cantina. É maravilhoso.

– Posso passar sem tiramisu – retrucou Jack, encontrando-lhe o olhar.

O coração de Amelia deu uma cambalhota no peito, enquanto uma onda de calor a invadia.

– Quero sair daqui – disse ela, em um tom de voz baixo que não disfarçava o desejo.

– Então, vamos.

– Precisamos de uma desculpa, mas meu cérebro está parecendo o de uma lesma. – Amelia fechou os olhos. – Seu tio. Como ele está?

– Tom está bem.

– Na verdade, a mulher dele telefonou para você e pediu para retornar a ligação. Devemos partir para que possa contatá-la. É o que direi a minha mãe. – Ela se levantou e caminhou na direção de Shelley, sentindo o olhar de Jack segui-la.

A mãe se mostrou tão compreensiva que ela não pôde evitar uma pontada de sentimento de culpa. Mas a sensação logo se dissipou quando Jack se ergueu e se juntou a ela. Após agradecer aos pais de Robert, os dois deixaram o restaurante. Tão logo entraram no carro, ele se apossou dos lábios de Amelia com um beijo ousado.

– Diga-me que não estava apenas querendo se exhibir para Will – murmurou ele, tocando-lhe o seio de maneira possessiva.

Um arrepio a perpassou.

– Que Will?

Jack deixou escapar uma risada rouca e a beijou outra vez.

– Para onde vamos?

– Para o meu quarto – respondeu ela, sentindo como se tivesse dito uma palavra mágica, a julgar pela rapidez como Jack ligou o carro e saiu cantando pneu do estacionamento.

Com a capota abaixada, o interior do carro se tornava mais intimista. A cada semáforo, Jack se inclinava, capturava-lhe os lábios e lhe invadia o interior da boca com a língua. Quando chegaram à casa dos pais, a excitação extrema fazia as mãos de Amelia tremerem ao destrancar a porta. Os dois passaram apressados por Priddy III, na direção do quarto. Quando entraram, Jack bateu a porta e a trancou.

Sem perder sequer um segundo, ela o puxou para perto e se apossou dos lábios de Jack com um beijo ousado, ao mesmo tempo que lhe afrouxava a gravata e lhe abria os botões da camisa.

– O que deu em você esta noite? – perguntou ele.

– Você – respondeu Amelia. – Quero você de todas as formas e em todos os lugares ao mesmo tempo.

– Que convite tentador! – murmurou Jack, enquanto lhe descia o zíper do vestido e o escorregava pelos ombros delicados. Em seguida, abriu o fecho do sutiã, enquanto a beijava e lhe acariciava os mamilos.

O toque erótico a deixou ainda mais enlouquecida de desejo. Amelia arrancou o blazer e desabotoou a camisa dele para desfrutar da sensação do peito musculoso contra os seios. Em seguida, escorregou a mão até lhe tocar a masculinidade.

– Estou com pressa, mas ao mesmo tempo quero que dure bastante.

– Se continuar me tocando desse jeito, não será possível durar muito. – Jack lhe afastou a mão.

– Mas...

– Nada de “mas”.

Jack empurrou-lhe a calcinha pelas coxas e a deixou escorregar até os pés de Amelia, onde, junto com o vestido, formou uma poça sobre as sandálias que ela calçava. Em seguida, a surpreendeu, erguendo-a nos braços e a carregando até a cama. As roupas pareciam ter se dissolvido e a boca experiente rumava pelo pescoço de Amelia, detendo-se na depressão da clavícula, antes de descer para um dos seios e lhe sugar o mamilo até enrijecê-lo.

Amelia não conseguia parar de se contorcer sob o corpo forte. Sentia-se ansiosa e excitada de todas as formas possíveis. Jack escorregou os lábios pelo abdome sedoso e mais abaixo, até surpreendê-la com um beijo íntimo. Ela se sentia seduzida, devorada e estimada. A língua ousada executava uma fricção deliciosa contra o ponto mais sensível de sua feminilidade.

Sentindo a espiral do desejo fugir do seu controle, Amelia experimentou um clímax alucinante que a deixou sem ar.

Jack ergueu o corpo o suficiente para retirar um preservativo do bolso, livrar-se da calça comprida e da cueca, antes de se enterrar dentro dela.

Desejando sentir cada centímetro daquele corpo rígido e quente contra o seu, Amelia enroscou as pernas em torno da cintura reta.

– Quero você dentro de mim – sussurrou ela.

Quando ele a penetrou ainda mais fundo, com investidas impetuosas, Amelia experimentou outro orgasmo. Jack escorregou as mãos sob as nádegas aveludadas e as apertou.

– A sensação de estar dentro de você é tão maravilhosa que mal consigo me conter.

Guiada por puro instinto, ela contraiu os músculos internos em torno da ereção, fazendo-o inspirar profundamente.

– O que está fazendo?

Amelia repetiu o movimento.

– Nada, eu...

Jack começou a se mover dentro dela, obliterando-lhe qualquer pensamento além dele, e ela se concentrou na sensação de tê-lo em contato com todos os pontos de seu corpo: o peito musculoso contra o abdome, as pélvis de ambos encaixadas, as coxas rígidas entre as dela... E ela se descobriu ansiando por mais. Dele, de si mesma, de ambos, a cada investida.

Amelia percebeu o clímax estampado no rosto de Jack, antes mesmo de senti-lo. O prazer intenso somado a algo mais. Uma conexão perfeita que ela jamais sentira e que ecoava nos recônditos de seu íntimo. A emoção a fez imergir naquele êxtase com Jack.

Durante vários segundos, tudo que conseguiu foi tentar levar ar aos pulmões. A respiração ofegante de Jack se misturava à dela. Ele rolou para o lado e a puxou contra a lateral do corpo.

– Por que quis fazer amor comigo no meu quarto de infância? – perguntou ela, quando por fim recobrou o fôlego.

Jack soltou uma risada.

– Além da descarga de adrenalina provocada pela possibilidade de sua mãe aparecer a qualquer momento, pronta para descarregar o revólver do pai em mim?

– Isso mesmo – respondeu ela, recostando a cabeça ao peito forte, diante daquela imagem pavorosa. – Por que outro motivo?

– Queria que tivesse uma lembrança diferente deste cômodo. – Amelia ergueu a cabeça e lhe procurou o olhar. – Passou anos sonhando com Will nesta cama. Queria lhe dar algo diferente com que sonhar, e sou bastardo o suficiente para desejar que esse algo seja eu.

Jack a ajudara a superar a “fase Will”. Algumas vezes, de maneira gentil e, em outras, com lições surpreendentes sobre si mesma. Uma das que mais a chocavam era a liberdade mesclada à segurança que era capaz de sentir ao lado dele.

Aliás, experimentava muitas sensações ao lado dele, em relação a ele. Uma delas era tão forte e complexa que a assustava.

– Está muito pensativa, Magnólia – disse ele. Jack devia ter captado o medo estampado em seu rosto. – Preciso distraí-la? – perguntou, escorregando as mãos entre as coxas macias.

No mesmo instante, Amelia foi invadida por uma descarga de adrenalina que a deixou chocada.

– Não temos tempo. Não há como...

Ele inclinou a cabeça para baixo e fechou os lábios sobre um dos seios de Amelia, sugando-o com força. Em seguida, deixou a língua brincar sobre o mamilo enrijecido, enquanto a penetrava com um dedo. Quando abandonou o seio que estimulava, dispensou a mesma atenção ao outro.

Não era possível, pensou ela. Havia acabado de atingir o clímax. Não era possível. Mas Amelia se sentiu mergulhando no abismo do êxtase mais uma vez, e ele havia acabado de levá-la a mais um clímax quando ouviram um carro cruzar o caminho que levava à garagem da casa.

O CASAMENTO de Gwennie transcorreu sem nenhum percalço. A cerimônia foi comovente e deixou Amelia com um nó na garganta.

– Sejam amáveis um com o outro – disse ela à irmã mais nova e ao noivo exultante.

Na recepção, Amelia dançou com quase todos os presentes, menos com Will. Porém, a dança mais romântica da noite foi aquela em que teve Jack como par, do lado de fora do salão de festas. A canção era “At Last”, e o modo como ele a fitava lhe fez o coração perder várias batidas.

Para a decepção da mãe e das irmãs, Amelia não fez parte do grupo de solteiras que concorreram pelo buquê. Desejou felicidades a Gwennie e soprou bolinhas de sabão junto com os demais convidados, quando a irmã mais nova e Robert partiram no carro pichado com creme de barbear e enfeitado com balões e latas.

Apesar dos altos e baixos daquele fim de semana, Amelia temia retornar a Atlanta. Ela e Jack haviam alcançado um novo patamar. Como poderiam manter aquele relacionamento em segredo agora?

CAPÍTULO 23

DOIS DIAS após retornarem a Atlanta, Jack apareceu no apartamento de Amelia, trazendo chocolates.

– Sobremesa – anunciou ele, observando os olhos azuis se arregalarem em antecipação.

– Oh! Mal posso esperar. – Amelia esticou o braço para pegar a caixa, mas ele a colocou fora de alcance, com um movimento negativo de cabeça.

– Oh, não. Sua mãe nunca lhe disse que a sobremesa só pode ser consumida após o jantar? Proteína e vegetais antes dos doces.

Amelia moveu os lábios, formando o beicinho mais sexy e gracioso que ele jamais vira. Aquela atitude era tão incomum nela que Jack quase lhe entregou a caixa. Em vez disso, se inclinou e roçou naquela boca sensual com a dele. Amelia era mais deliciosa do que qualquer doce.

– Permita-me levá-la para jantar – disse Jack.

Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu.

– É uma oferta tentadora – respondeu, esfregando um dedo no queixo de Jack. – Mas por que não ficamos aqui? Acabou de me ocorrer que nunca experimentei algumas coisas que podem ser feitas com chocolate.

– Essa é outra oferta tentadora, mas há um lugar que estou querendo ir. Tem ótima reputação. Quero levá-la comigo.

Amelia lhe encontrou o olhar, deixando escapar um profundo suspiro.

– Oh, não podemos manter nosso relacionamento em segredo apenas um pouco mais?

Jack experimentou uma estranha sensação no peito.

– Não o escondemos no casamento de sua irmã.

Amelia lhe tomou a mão e o guiou em direção à cozinha.

– É diferente. Por favor. Eu lhe prepararei qualquer prato que desejar. Ou pode me ensinar como fazer cachorro-quente à moda de Chicago. Que tal?

Jack não estava interessado nos cachorros-quentes de Chicago. Queria ter a liberdade de levá-la para jantar. Mas era óbvio que Amelia não estava preparada. E ele tinha o sombrio pressentimento de que nunca estaria. Afinal, Amelia era como uma princesa da luz, enquanto ele não passava do bastardo da escuridão.

– Não se sente preparada para ser vista com o bastardo? – provocou ele.

A expressão de Amelia se tornou séria.

– Não diga isso, por favor.

– Mesmo que seja verdade, Magnólia?

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes.

– Não é verdade – insistiu. – Só que... – Ela se calou. – É complicado.

– Sim – concordou ele, tentando engolir em seco o sabor amargo que lhe subia pela garganta. – Então, vamos fazer os cachorros-quentes à moda de Chicago. Espero que tenha tomates e sal de aipo.

Jack preparou os cachorros-quentes, enquanto Amelia se encarregava de não o deixar sem uma cerveja gelada à mão. A tensão zunia na atmosfera entre ambos como um fio em curto-circuito, mas ela estava determinada a ignorá-la. Havia momentos em que Jack sentia vontade de gritar para abafar aquela sensação.

Amelia lhe colocou um chocolate na boca e o beijou, mudando o doce de uma boca para outra. Aquela brincadeira erótica o excitou e, dentro de alguns minutos, ambos estavam se despindo e elevando a temperatura do ambiente. O chocolate que se derreteria foi esfregado sobre os mamilos de Amelia para, em seguida, ele o remover com a língua. Jack não sabia distinguir o que era mais doce, se o chocolate, os mamilos que ele sugava com avidez ou a forma como os quadris curvilíneos se erguiam na direção dos dele, como se ela não conseguisse se saciar daquelas carícias.

Mas não havia tempo para se deter naquele debate sensual, porque Amelia escorregava por seu corpo, deixando-lhe uma trilha de beijos molhados sobre o peito, o abdome e mais abaixo. E, então, a doce e pura Amelia mostrou incrível criatividade com o chocolate derretido em sua ereção...

Jack atingiu um clímax alucinante, mas aquilo não foi suficiente. Utilizando as mãos e a boca, virou o jogo contra Amelia e a fez experimentar dois orgasmos, antes de penetrá-la.

Aquela era a mulher mais sexy que ele jamais conhecera, mas, ao acordar, Jack se viu desejando mais.

Mais do que sexo. Oh, Deus o ajudasse, estava parecendo uma mulher.

Jack a observou por cinco minutos, antes de ela acordar. As pálpebras de Amelia tremularam e ela se enroscou ao corpo forte, como uma flor na direção do sol. O movimento instintivo o fez se derreter.

– Bom dia, raio de sol.

– Bom dia, bonito.

O cabelo ondulado parecia fios de seda contra o peito de Jack, e ele lhe tocou a cabeça.

– É melhor eu ir embora.

– Estraga-prazeres!

– Você ama seu trabalho – desafiou ele.

Amelia ergueu o olhar com um sorriso nos lábios.

– Obrigada pelos chocolates.

Jack retribuiu o sorriso, mas sentiu um nó na garganta por saber que precisava se afastar. Aquele relacionamento fugira de controle e o tornara patético.

– Não virei visitá-la por algum tempo, Magnólia.

Amelia ergueu o olhar e o fitou em silêncio por um longo instante.

– Está tomando essa atitude porque não quero me exibir em público com você.

Jack deu de ombros e se moveu para a beirada da cama.

– Não quero arruinar sua carreira na Bellagio. – Ele se forçou a sair da cama e se vestir. – Mas também não me interessa continuar como seu segredinho sujo. Quando decidir que podemos jantar em um restaurante, avise-me.

APÓS DAR um ultimato a Amelia, ele se descobriu mais irritado a cada dia. Marc Waterson ainda continuava paranoico como sempre e encontrava formas de protelar qualquer discussão sobre expandir a Bellagio para um mercado promissor. Ele e Amelia continuavam diante de um impasse. Embora entendesse a preocupação dela com o emprego, aquela insistência em manter o relacionamento dos dois em segredo o impacientava.

Se tivesse de escolher uma música que definisse a própria vida, seria aquela em que Mick Jagger gritava que não conseguia ter nenhuma

satisfação. Jack se viu tentado a abrir mão do restante do tempo que tinha a cumprir na Bellagio e voltar para Chicago. Ao menos lá não se sentiria como um aventureiro especulador do pós-Guerra Civil aos olhos de todos.

A amargura de Jack se intensificou. Por que estava pensando em desistir tão cedo? Por que se importava com o que Marc Waterson pensava dele? Aquele homem não era seu irmão, nem mesmo um membro da família que ele conhecesse há anos e gostasse. Que se danassem os Bellagio! Se não se importavam em arrancar a empresa do caminho da extinção, por que ele haveria de se incomodar? Desde que conseguisse recuperar o investimento que fizera, estava tudo bem.

E quanto a Amelia... Por que se deixara envolver? Por que se deixara afetar pelo fato de ela querer manter o relacionamento de ambos em segredo, se fazer sexo com ela era tão prazeroso? Jack se sentia um completo tolo por gostar, desejar...

O mau humor era tanto que quase o fez desistir de comparecer ao coquetel semestral denominado o “Reconhecimento às Chaves do Sucesso da Bellagio” que Lillian promovia semestralmente. Todos os membros do conselho administrativo, gerentes e pessoas importantes haviam sido convidados. Amelia ficara eufórica por ter sido convidada, mas não iria com ele. Após correr em volta do complexo de prédios onde morava temporariamente, Jack tomou uma ducha e decidiu chegar mais tarde na festa.

O evento era na casa de Lillian, em Atlanta. A residência constava da lista de registros históricos. Decorada de forma soberba, a casa o lembrava um museu. Artefatos da Guerra Civil e recordações dos Bellagio cobriam as paredes e abarrotavam armários antigos nas salas da frente e no corredor.

Um garçom trajado em preto e branco se aproximou de Jack.

– Deseja algo para beber, senhor?

– Uísque – respondeu ele, quando avistou um retrato enorme de Dario Bellagio com o filho pequeno sentado sobre um dos joelhos. Imaginou se o retrato teria sido pintado a partir de uma fotografia. O quadro capturava a felicidade transmitida no olhar que Dario fixava no filho pequeno. Um sorriso se estampava nas feições do homem. O menino estava com o rosto virado de lado, fitando o pai com um misto de respeito e admiração.

Como uma coroa de espinhos, a imagem lhe arranhou algo no íntimo. A alegria fora um bem escasso durante a infância de Jack, a não ser que

levasse em conta a euforia induzida pelas drogas que a mãe utilizava, o que estava fora de cogitação.

Jack se descobriu desgostoso consigo mesmo por desejar um pouco daquele contentamento. Afinal, a culpa era dele. Escolhera se envolver com a Bellagio, Inc., onde tudo que jamais tivera lhe era atirado no rosto diariamente.

Ignorando a dor visceral, desviou o olhar da pintura e entrou nas amplas salas conectadas, apinhadas de colaboradores da Bellagio. Parada ao lado de Jenny Prillaman, Trina Roberts o avistou e acenou. Jenny fez o mesmo, com um sorriso estampado no rosto. Jack retribuiu o aceno, com uma pontada de cinismo diante do fato de a mulher de Marc se recusar a permitir que a antipatia do marido por ele a impedisse de ser educada e amável.

Jack percebeu Amelia entrar no salão, vinda de um corredor dos fundos, e sentiu um aperto no peito diante daquela visão. Como se lhe pressentisse o olhar, ela ergueu a cabeça e o fitou, com uma miríade de emoções conflitantes. Emoções como paixão, frustração e a que ele mais detestava: medo. Jack ergueu o copo como que a saudá-la e observou um sorriso lento curvar aqueles belos lábios macios ao mesmo tempo que ela acenava para ele.

Lillian entrou no salão acompanhada de Marc Waterson. Trajada com um terninho cor creme, exalava riqueza e bom gosto. Ela usava óculos de leitura e segurava algumas folhas de papel em uma das mãos.

– Peço a atenção de todos. – A voz de Marc Waterson soou acima das demais. – Gostaria de agradecer à nossa generosa anfitriã em nome de todos por nos reunir esta noite – disse, puxando uma salva de palmas. – Lillian sorriu e assentiu com um gesto suave de cabeça. – Tornou-se um costume a Bellagio conceder reconhecimento especial aos colaboradores que excederam as funções de seus cargos nos esforços de contribuir para a melhoria de nossa empresa – continuou Marc. – Esses colaboradores representam a chave do nosso sucesso. Senhoras e senhores, passo a palavra a Lillian Bellagio.

O pequeno grupo irrompeu mais uma vez em aplausos, enquanto Lillian sorria.

– Antes de tudo, quero agradecer a presença de todos. Esta noite, tenho o prazer de presentear quatro colaboradores com um chaveiro em ouro 14 quilates com o logo da Bellagio. Obrigada por contribuírem para o sucesso

contínuo de nossa empresa. – Ela ergueu uma das folhas de papel. – William Foster, nosso representante de vendas no Reino Unido, que dobrou as vendas no último ano. Obrigada, William – agradeceu Lillian, puxando uma salva de palmas.

Outro presenteado com o chaveiro foi uma designer que havia trabalhado em um sistema contínuo de horas extras para redesenhar a linha de calçados esportivos. Lillian sorriu e relanceou o olhar ao papel mais uma vez.

– É um prazer ter esta jovem como minha assistente. – *Amelia*, pensou Jack, experimentando uma onda de orgulho. Ao lhe dirigir o olhar, reconheceu a surpresa e a satisfação estampadas no rosto de Amelia. Ela conseguira reconhecimento, mesmo preferindo manter uma atitude discreta. – Desde a primeira semana – prosseguiu Lillian – soube que não a teria comigo por muito tempo, porque ela estava destinada a galgar outros patamares na Bellagio. Mesmo quando trabalhava para nós em regime temporário, mostrava-se uma perita em solucionar problemas. Agora, ela se dedica a reformular o treinamento de nossos colaboradores para prevenção de problemas que possam interromper preciosas horas produtivas. Senhoras e senhores, Amelia Parker.

Os aplausos eclodiram com efusividade sincera e Jenny gritou um “viva”. As bochechas do rosto de Amelia pareciam duas rosas vermelhas. Jack sabia que ela estava extremamente envergonhada, enquanto trocava um aperto de mão com Lillian e, em um impulso, a puxava para um abraço.

Quando Amelia recuou, dirigiu o olhar a Jack e sorriu. Instantes depois, a expressão se tornou séria e ela fez mímica das palavras: *senti sua falta*.

Jack sentiu o coração se contrair dentro do peito diante daquela admissão e imaginou o quanto ela teria sentido sua falta. Um décimo do que ele sentira a dela?

Ao longe, percebeu Lillian clarear a garganta.

– O que eu vou dizer talvez soe surpreendente. – A dama de ferro da Bellagio se calou e deixou escapar uma risada suave. – Oh, estou usando de eufemismo. O que vou dizer certamente será uma surpresa. Há pouco tempo, admitimos um novo membro na Bellagio, Inc. Ele não foi recebido com muito entusiasmo por todos. Não é o tipo que se acomoda ao *status quo*. É um visionário, determinado e experiente, que cruzou um caminho pedregoso até vencer na vida. Temos sorte em ter esse homem se preocupando com o futuro da Bellagio, impondo novas formas de dar

continuidade à marca desta empresa. Embora ele não suporte esse nome, é de fato um Bellagio. – Jack fitou Lillian, incrédulo. *Que diabos... Por que ela está fazendo isso? Nós combinamos...* – Ela inspirou fundo e lhe encontrou o olhar. – Tenho prazer de lhes apresentar outro membro da família Bellagio. Jack O’Connell é filho do meu marido. O pai teria muito orgulhoso dele e eu também tenho.

O silêncio se abateu no salão. Jack sentiu todos os olhares se voltarem para ele e não conseguiu encarar Amelia. A perplexidade, a incredulidade e a desconfiança o atingiam em ondas gigantescas sucessivas. *Oh, Lillian, o que acabou de fazer?* Suspirando, Jack tomou um gole do uísque. Como poderia consertar aquela situação?

– Isso significa que ele receberá um chaveiro da Bellagio? – Amelia questionou de repente, e a pergunta ridícula, feita no mais doce dos tons, foi suficiente para quebrar a tensão.

– Talvez seja necessário fazer um teste de DNA, antes – disse Marc. A mulher dele ofegou e lhe desferiu uma cotovelada. – O que foi? – perguntou ele. – Como podemos saber se ele não enganou Lillian? Alguém tem de se preocupar com a verdade.

– Ele não me enganou – começou Lillian.

Jack percebeu o tom estridente da voz de Lillian e o início de uma discussão.

E, naquele momento medonho, quando todos os olhares se fixavam nele, Amelia se aproximou e o envolveu em um abraço.

Era como se Jack tivesse chegado ao paraíso.

– O que está fazendo? – perguntou ele.

– Achei que estava precisando de um abraço – respondeu Amelia, antes de surpreendê-lo mais uma vez com um beijo na boca. – E fique sabendo que terá muito que explicar sobre essa história.

ALGUNS DIAS depois, Marc Waterson entrou no escritório de Jack e fechou a porta, com expressão austera.

– Verifiquei a veracidade de sua história com Lillian e por meio de um detetive particular. Ao que parece você teve de percorrer um caminho pedregoso, mas conseguiu saltar todos os obstáculos.

– Eu diria que fugi deles – retrucou Jack, nem um pouco surpreso com o fato de Marc ter contratado um detetive para se certificar de que de fato ele

era quem Lillian afirmara ser.

– Ouça, não estou esperando que seja mais agradável comigo só porque Lillian revelou que faço parte da família.

– Que bom – retrucou Marc. – Porque continuarei lutando com todas as armas contra você, se achar que suas ideias não são boas para a Bellagio. – Ele fez uma pausa. – No entanto, acho que lhe devo um pedido de desculpas. Minha mulher me disse que eu tenho me comportado como um idiota paranoico.

Os lábios de Jack se contraíram com o esforço de suprimir um sorriso.

– O que disse?

Marc clareou a garganta.

– Digamos apenas que reconheci que estava errado em alguns aspectos. E um deles foi a minha insistência em manter contrato com um jogador de beisebol que não consegue comparecer a nenhum compromisso.

– E quem é ele?

– T.J. Benson, do...

– Detroit Pistons. Sim, eu sei – disse Jack. Em seguida, apertou um botão no telefone para fazer uma ligação rápida. – T.J., Jack O’Connell falando. Como vai?

– Olá, cara. Estou ótimo. Obrigado pela dica que me deu. Comprei mais algumas unidades de armazenamento e está tudo ótimo. – O carisma e o entusiasmo do armador, uma estrela do beisebol em ascensão, não podiam passar despercebidos do outro lado da linha.

– Que boa notícia! Ouvi dizer que fechou um acordo publicitário com a empresa de confecção de calçados Bellagio?

– Sim, isso me renderá uma grana – disse T.J.

– E uma boa grana, certo? Então, por que diabos não comparece aos compromissos? – perguntou Jack.

– Estou com uma namorada nova. É atriz. Tenho de lhe dedicar algum tempo se quiser mantê-la satisfeita.

– E por que não a leva a essas aparições públicas? Ela também conseguirá publicidade com isso.

– Bem, não é má ideia. Mas por que está interessado nesse assunto?

– Agora faço parte da diretoria da Bellagio. Vai fazer as aparições públicas ou não?

– Claro. Estarei lá. Não quero que fique aborrecido comigo.

Jack fez que não com a cabeça.

– Cuide-se, garoto – disse, antes de interromper a ligação. Em seguida, ergueu a cabeça para se deparar com o olhar admirado de Marc Waterson.

– Acho que agora ele entrará nos eixos. Se tiver qualquer outro problema com T.J., é só me dizer.

– Tem o telefone dele no modo de discagem rápida?

Jack deu de ombros.

– Eu o conheci quando estava bebendo em um bar de Detroit, com um dos ex-treinadores dele. Dei-lhe algumas dicas de investimento, que se provaram lucrativas.

– Obrigado – agradeceu Marc.

– Não há de quê. E quanto à minha proposta de lançarmos uma linha de calçados populares Bellagio?

Marc exibiu uma careta.

– Está bem. Você está escalado para a próxima reunião do conselho administrativo. Mas ainda não simpatizo com essa ideia.

– Vou levantar alguns números que despertarão seu interesse.

– Lillian quer que criemos um novo cargo para você.

Jack soltou uma risada breve.

– É mesmo? E qual seria?

– Pedra no sapato – disse Marc, mas um leve sorriso lhe curvava os lábios. – Vice-presidente na área de planejamento a longo prazo.

– Pensarei no assunto. Acha que conseguiremos trabalhar juntos?

– Se não acabarmos nos matando, acho que sim.

– Seria melhor se conduzíssemos nossas reuniões entre hambúrgueres e cachorros-quentes.

– Concordo. – Marc se calou e, em seguida, lhe estendeu a mão.

Surpreso, Jack se levantou e aceitou o cumprimento do primo.

– Seja bem-vindo à família Bellagio. Jenny costuma dizer que somos todos meio malucos.

– Acho que conseguirei lidar com isso – retrucou Jack.

– Também acho.

EPÍLOGO

UM MÊS mais tarde, após vários jantares em restaurantes, Jack levou Amelia para Key West. Enquanto estavam de mãos dadas, assistindo ao pôr do sol, ela se viu invadida por uma nostalgia tão agradável que a fez experimentar uma pontada de dor no coração.

Após aquela noite, na casa de Lillian, ela dissera a Jack que seria capaz de surrá-lo se ele guardasse mais algum segredo dela. Em resposta, ele lhe mostrara fotos dos pais. Quanto mais ela se inteirava da infância de Jack, mais se condoía pelo menino que ele fora e admirava o homem que se tornara.

Mas Jack estava determinado a deixar os dias difíceis para trás, e ela se descobriu desejando lhe proporcionar um futuro o mais maravilhoso possível.

Às vezes, a aterrorizava o fato de Jack conseguir fazer seu coração parar e voltar a bater, mas ele fazia o medo valer a pena.

Amelia sentiu o queixo áspero lhe roçar o topo da cabeça e girou na direção dele, envolvendo-lhe o tronco com os braços.

– Isso é tão bom!

– Preparada para aquela competição de camiseta molhada? – brincou ele.

Amelia lhe deu um beliscão leve, entrando na brincadeira.

– Estraga-prazeres. O que faremos agora?

– Estou pensando se a embebedo para convencê-la a fazer uma tatuagem nesse traseiro maravilhoso.

Amelia fez que não com a cabeça.

– Isso está virando uma obsessão.

– Não, quero que você concorde – murmurou ele, guiando-a até um banco de ferro, a alguns passos de distância. O sol havia se escondido no horizonte e as pessoas começavam a se afastar da cerca.

O vento a fustigou, fazendo-a se colar a Jack.

– Está com frio?

– Não. É que adoro a sensação de me encostar em você.

Jack a envolveu com um dos braços e Amelia sentiu o suspiro de pura satisfação que ele deixou escapar.

– Comprei um presentinho para você outro dia.

– Muito gentil de sua parte. Não era necessário, mas ainda assim muito gentil. Chocolates?

Jack soltou uma risada abafada.

– Não exatamente.

– Outra tornozeleira?

– Não.

– Ingressos para algum jogo a que não quero assistir?

Jack soltou outra risada.

– Não. – Ele inclinou a cabeça para trás e a fitou.

– Eu a amo, Magnólia – disse ele.

– Eu também o amo, Jack – respondeu Amelia, sem nenhuma dificuldade em pronunciar aquelas palavras, porque o sentimento pulsava forte e livre em seu coração.

Jack ergueu uma das mãos e lhe tocou o rosto.

– Você é tudo que pensei nunca poder ter na vida. – Ela experimentou um aperto no peito diante da força da emoção refletida no olhar de Jack. – Às vezes chego a pensar que a conjurei de um sonho, mas acho que não teria sido tão ousado em meus desejos.

Os olhos de Amelia ardiam com as lágrimas contidas.

– Oh, Jack...

– Deixe-me concluir. Vou lhe dar algo e você decidirá o que fazer com seu presente. O que decidir estará bem para mim.

Quando ele retirou uma caixa de joias pequena do bolso, o coração de Amelia pareceu parar. *Oh, não.* Era cedo demais para um anel de noivado. *Oh, sim,* uma voz interna suave lhe sussurrou ao ouvido. Ela nunca imaginara que pudesse amar alguém tanto assim.

– Abra. Com cuidado – acrescentou Jack.

Amelia obedeceu e encontrou um saquinho de veludo dentro. Quando o abriu, deparou-se com algo brilhante e retirou uma pedra solta. Um diamante. Ela o colocou na palma da mão. Era uma gema grande e bela.

– Pode colocá-lo de volta no saquinho e pensar no assunto. Ou pode usá-lo como pingente em um cordão. – Jack fez uma pausa. – Ou em um anel.

Amelia foi invadida pelo nervosismo, mas do tipo delicioso.

– Então, deixe-me entender. Está me dando este diamante para eu fazer o que quiser e quando quiser?

– Exato.

– Então, não está me pedindo em casamento – disse ela.

Jack lhe acariciou o queixo outra vez.

– Quis lhe dar algo que expressasse meu desejo de ficar com você para sempre e esperarei até que esteja preparada.

– Oh, Jack... – Amelia colocou o diamante de volta ao saquinho de veludo, guardou-o na caixa e, em seguida, envolveu-lhe o pescoço com os braços.

– Acabou de me dar tudo que há de mais romântico no mundo.

– E o que foi?

– Você e algum tempo. – Amelia inspirou a fragrância masculina inebriante, experimentando uma sensação de segurança e muito mais. Em vez de se sentir pressionada, foi assolada por uma maravilhosa combinação de liberdade e comprometimento. Era algo raro e precioso. Assim como Jack. E então, ela soube.

– É uma linda pedra – disse ela, com os olhos mareados de lágrimas. – Acho que ficaria melhor em um anel, mas talvez na próxima primavera? – perguntou, erguendo o olhar para fitá-lo.

– Quando quiser, Magnólia – respondeu Jack, fitando-a com o sorriso malicioso que ela tanto amava. – E em qualquer lugar. – Ele inclinou a cabeça e se apossou dos lábios de Amelia com um beijo longo. – Mas quanto àquela tatuagem...